

ROMANCE DA SÉRIE
"AMÉRICA INDOMADA"

LIVRO I

OS SELVAGENS
CAMINHOS DO
Amor

*Seu sonho lhe custará o
que ele mais valoriza?*

DOROTHY
WILEY



Os Selvagens Caminhos do Amor

Dorothy Wiley

Traduzido por Maria Regina Barbuto

“Os Selvagens Caminhos do Amor”

Escrito por Dorothy Wiley

Copyright © 2020 Dorothy Wiley

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Maria Regina Barbuto

Design da capa © 2020 Erin Dameron-Hill

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Sumário

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[OS SELVAGENS CAMINHOS DO AMOR](#)

[Dedicatória](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[EPÍLOGO](#)

[FIM](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

OS SELVAGENS CAMINHOS DO AMOR

LIVRO UM
ROMANCE DA SÉRIE “AMÉRICA INDOMADA”

DOROTHY WILEY

Os Selvagem Caminho do Amor é uma obra de ficção, e não se apresenta como uma narração precisa, mas sim como um romance de ficção, inspirado pela História. Exceto por personagens historicamente importantes, os personagens são fictícios e os nomes, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais, é mera coincidência. Cada livro da série pode ser lido de forma independente.

Por uma questão de compreensão, o autor usou a linguagem de seus personagens voltada para o leitor moderno, em vez de refletir rigorosamente os padrões de fala e escrita muito mais formais do século XVIII.

Dedicatória

*Para o “Meu Herói”, cujos antepassados corajosos
inspiraram este romance.*

CAPÍTULO 1

New Hampshire, primavera de 1797

Sim, seria perigoso, até mesmo mortal.

Mas, pelo menos, ele poderia viver a sua vida como Deus desejou e construir um futuro melhor para a sua família. Não seria muito pior se esconder da vida — e terminá-la sem fazer nada significativo? Escolher apenas aquilo que não é importante.

Não é a morte que um homem deve temer. É não ter vivido.

Já estava quase escuro, e Stephen Wyllie observou a mais ousada das estrelas da noite abrir caminho pelo púrpura majestoso de um céu sem nuvens. Ele resistiu ao impulso de correr de volta para casa. Precisava pensar. Às vezes, era mais fácil pensar claramente montado em um cavalo. Poderia o ditado “duas cabeças pensam melhor do que uma” incluir um cavalo? Talvez pudesse, se fosse um corcel de confiança como George. O garanhão negro era de longe a melhor montaria sobre a qual ele já jogara a perna — alto, forte e calmo.

Passando por densos campos arborizados, ele olhou para o oeste, em direção às escarpadas montanhas escuras.

— Está na hora de ver o mundo além daqueles cumes, George.

Ele acabara de confiar em seus quatro irmãos, dizendo-lhes aquilo que não havia discutido com mais ninguém, nem com Jane. Partiria para o oeste. Loucura ou glória? Por meses, a sua mente havia girado em torno da questão repetidas vezes — como uma espécie de pião dentro de sua cabeça. Mas agora tinha a resposta.

Desejava levar a família para Kentucky.

Não ficou surpreso quando o irmão do meio, Edward, zombou da ideia. O homem não tinha sequer um osso aventureiro no corpo. Stephen havia aberto o coração, apenas para ser recebido com extrema negatividade. Isso fez com que os seus ânimos se inflamassem. Aquela já era uma decisão difícil o suficiente, sem Edward a tornando mais ainda. Seu cínico irmão do meio riu da ideia de ir para Kentucky e previu que as suas cabeças estariam

balançando na mão de um selvagem, como havia acontecido com o irmão decapitado de Daniel Boone.

Mas os seus outros três irmãos apoiaram a ideia. Na verdade, os pés de Sam já estavam coçando para partir. E John e William queriam sair de New Hampshire por suas próprias razões.

Ir para o oeste seria uma chance de se testar — de saber exatamente do que era capaz de enfrentar. Ele acolheu a ideia com agrado. A fronteira o colocaria, assim como seus irmãos, diante de inúmeros perigos — quilômetros e quilômetros de vida selvagem, os elementos naturais em seu pior aspecto, animais ferozes e homens selvagens — todos tentando roubar as suas vidas. Eles deixariam a civilização para trás. Suas vidas estariam em suas próprias mãos. As vidas de sua amada esposa Jane e de suas quatro filhas pequenas estariam em suas mãos. O pensamento quase paralisou o seu coração. Poderia mantê-las em segurança?

Poderia e as manteria. Teria que manter.

Deu um tapinha no pescoço de George, querendo compartilhar a sua emoção com alguém, mesmo que pudesse ser apenas o seu cavalo. A perspectiva de oportunidades de terra, que lhe permitissem criar bons cavalos e gado, fez o seu ânimo se elevar. Pela primeira vez, acreditou que poderia chegar ao lugar onde os seus sonhos já o haviam levado.

Ele engoliu o nó que crescia em sua garganta, percebendo o quanto aquilo significava para ele.

As terras pastoris em New Hampshire e no resto das colônias eram difíceis de encontrar, e caras. E, maldição, ele pagava impostos sobre quase tudo, até sobre a posse de seu cavalo. E o montante arrecadado subia todos os anos, sem falta.

Montanhas e colinas de granito, abundantes florestas de pinheiros, abetos e madeira de lei, e numerosos riachos cintilantes e rios prateados tornavam o Estado pitoresco, mas desencorajador para os homens que precisavam de área para a sua subsistência. Mas a nova fronteira oferecia aos colonos pastagens abundantes e ricas. O único problema era chegar lá... bem, talvez não fosse o único obstáculo. Ele apertou os lábios e depois limpou a testa franzida.

E quanto a Jane? Estaria disposta a deixar o seu aconchegante lar? A maioria dos homens não se preocupava excessivamente com o que as mulheres de suas casas queriam. Ele não pensava assim.

Precisava de Jane para compartilhar o seu sonho.

Ele inalou profundamente o ar frio da noite. Como poderia fazê-la entender? Deus sabia que ela poderia ser mais do que obstinada e não hesitaria em desafiá-lo. Ficaria apreensiva por causa das meninas e do bem-estar delas. Ele não a culpava. Sentia também o seu estômago se apertar de preocupação com a segurança de suas filhas.

Mas o irmão mais velho, Sam, sempre disse que o perigo tem um jeito de nos encontrar, não importa onde estejamos. Sendo um antigo capitão na Guerra Revolucionária, o perigo havia sido, e muitas vezes ainda era, uma parte constante da vida de Sam. Ele nunca hesitou em enfrentar o perigo. Só naquela noite, Sam havia dito ao irmão Edward que não podemos passar pela vida em segurança mimada.

Ele concordava. Mas, e Jane? Não queria nem mesmo mencionar a ideia de se mudar até ter certeza de que era a coisa certa a fazer. Foi por isso que procurou primeiro o conselho dos quatro irmãos mais velhos. Se não conseguisse convencê-los, não teria chance de fazer com que Jane concordasse. Ela poderia ser mais teimosa do que todos os quatro juntos.

Em sua opinião, era uma das mulheres mais belas de New Hampshire, e ele nunca se cansou de dizer à esposa exatamente isso. Ela ria e dizia que ele só falava isso porque New Hampshire era um estado muito pequeno. Seu parentesco escocês havia lhe proporcionado olhos tão verdes quanto folhas recém-nascidas em uma noqueira na primavera e abundantes cachos vermelhos e brilhantes, nos quais ele adorava passar os dedos enquanto a beijava. A pele clara de Jane quase brilhava, sem defeitos, exceto pelo começo de algumas rugas em ambos os lados de seus lábios deliciosos.

George levantou a cabeça e então assumiu o seu trote. Stephen riu. Sua fazenda ficava logo depois da colina seguinte e a expectativa de se alimentar impulsionava o sempre faminto cavalo para a frente.

Logo ele descia do estribo e conduzia George para o estábulo, enquanto estudava a lua cheia brilhando através de enormes árvores de bordo. Sam disse uma vez que as tribos algonquianas tinham um nome especial para cada lua cheia. Qual seria aquela? Talvez Lua Cheia da Fome, porque a comida ficava muito escassa no final do inverno e começo da primavera. Os estoques de comida de inverno há muito haviam acabado e era hora de plantar novas colheitas.

A égua de Jane relinchou, dando boas-vindas a George, fazendo com que ele voltasse os seus pensamentos para a esposa. Sendo uma excelente amazona, ela insistia em ter a própria montaria, não satisfeita em se limitar a uma carroça ou carruagem, como a maioria das mulheres locais. Essa era apenas uma das muitas coisas que ele amava nela. Certamente não era uma mulher frágil, como algumas que ele conhecia. Quando se conheceram, o espírito indomável de Jane o impressionou. Talvez essa mesma ousadia a fizesse querer ir para o oeste também. Ou talvez não. Ele franziu a testa. Ficou irritado ao admitir que não podia prever a reação dela e percebeu que essa era a razão pela qual ainda não lhe contara o plano. Mas contaria em breve. Só precisava encontrar o momento certo.

Ele retirou a sela de George e colocou o alimento dele em um balde de madeira. Engolindo o grão, o cavalo bufou, satisfeito, e relaxou as orelhas, em sinal de gratidão.

— De nada — disse Stephen. Ele acariciou o longo e musculoso pescoço do cavalo, quente e úmido após a cavalgada.

Enquanto seguia em direção à sua casa, bem iluminada pelas velas e lareira, o familiar cheiro suave de fumaça saindo da chaminé lembrou-lhe o quanto a sua família amava a confortável residência. A pequena moradia de tijolo vermelho de dois andares, construída com a ajuda de seus irmãos e vizinhos, erguia-se acima dele como um santuário acolhedor. Jane já teria colocado as filhas no andar de cima, enfiadas em suas camas e cobertas com colchas coloridas, bordadas por ambas as avós, afastando o frio da noite de início de primavera.

Cada uma das quatro garotas ocupava um lugar distinto em seu coração. Com o nascimento de cada uma, seu coração parecia

crescer. Queria lhes dar o melhor que a vida podia proporcionar. Poderia fazer isso com mais terra.

Mas se pedisse a Jane para deixar aquela bela casa, iria se arrepender? Ela se arrependeria? Isso seria pior. Ele poderia conviver com as próprias decepções, mas não com as dela. No entanto, a ideia de lutar para conseguir renda suficiente para a sua família, fora de sua mísera fazenda, fazia o seu coração se apertar e seu estômago queimar. Não poderia cuidar delas, como poderia lá. Precisava de uma mudança.

Como lhe contaria?

Jane aproximou-se pelo caminho para recebê-lo. Seu sorriso caloroso e olhos cintilantes preenchiam a distância entre eles, e nem mil palavras poderiam descrevê-la. Quando se encontraram, ela deslizou os braços sob o seu manto e abraçou a sua cintura. O gesto de afeição fez com que uma quente pulsação o percorresse.

Quando olhou nos olhos cor de esmeralda dela, a felicidade voltou para ele. Ele faria qualquer coisa para mantê-la feliz. Passou o braço sobre os ombros dela e a sentiu estremecer. Despiu o manto e envolveu a longa e pesada capa de lã, ainda quente do seu corpo, em volta dos ombros dela.

— Não há necessidade disso, estamos a apenas alguns passos da porta da frente — protestou ela.

— Ainda não estamos lá — disse ele, com um sorriso.

Jane inclinou a cabeça, olhando para o céu. Os raios suaves da lua banhavam-na com um brilho radiante, fazendo com que o seu cabelo irradiasse como o halo de uma vela.

Uma sombra passou repentinamente por seu rosto voltado para o alto. Ela parecia perturbada.

Ele segurou o rosto macio com a palma da mão e ela virou os olhos pensativos para ele.

— Há algo errado? — perguntou ele.

— Tive uma sensação estranha quando olhei para a lua cheia. Como se algo não estivesse certo. Não comigo, algo por aí, em algum lugar.

Ele passou o braço em volta dos ombros dela.

— Não há nada de errado. Está tudo bem. Estamos juntos.

Jane sacudiu a cabeça, como se quisesse afastar o sentimento, e o olhou.

— Você só precisa ser amada, isso é tudo. — Tomando a mão dela, ele a levou aos lábios e então beijou suavemente cada um dos nós dos dedos dela. Eles tinham um sabor delicioso, e o deixavam querendo provar mais dela.

Entraram em casa e ele a ajudou a tirar a sua capa, deixando-a cair no chão. Ele levou a sua boca até a dela. O frio da noite logo deixou o seu corpo, enquanto cada centímetro dela reagia. O calor, tanto dele quanto dela, penetrava em suas roupas. Mas aquela barreira não duraria muito.

Jane despiu-lhe a casaca e começou a brincar com a *cravat* no pescoço dele.

— Senti a sua falta. — Ela lhe ofereceu um sorriso que insinuou os seus desejos.

— Só fiquei fora por algumas horas — disse ele.

— Ainda assim senti a sua falta.

— Quanto? — provocou ele. — Um pouco ou muito? — Ele esperava que fosse muito.

Então, ele obteve a sua resposta. Ela desamarrou os cordões de sua camisa e passou os dedos longos e delgados lentamente pelo seu peito. Uma sensação de formigamento percorreu o seu torso, enquanto ela segurava o seu queixo na mão e acariciava o lóbulo de sua orelha, antes de traçar um rastro de beijos suaves ao longo de seu pescoço, por sua face e, por fim, até sua boca. Depois que ele a beijou com intensidade, ela mordiscou, travessa, o seu lábio inferior, fazendo o seu estômago vibrar e ondas de calor percorrerem as suas veias. Então, ela separou os lábios em um beijo apaixonado, que acariciou o seu corpo inteiro.

Ela recuou para respirar e o fitou com os olhos brilhando, maliciosos.

De fato, havia sentido falta dele. Ele também sentiu falta dela. Sempre sentia, mesmo quando trabalhava no campo, nas proximidades. Às vezes, dava uma pausa em seu trabalho apenas para ouvir a voz sensual dela. Era um som que sempre renovava a sua energia e fortalecia o seu coração.

Ele abaixou os lábios para a doçura de sua boca e envolveu as suas madeixas sedosas nas mãos. Os lábios dele recapturaram os seus e ele a envolveu em seus braços, puxando-a contra o coração disparado. O beijo escaldante provocou uma onda de paixão que atravessou o seu corpo, como uma tempestade repentina.

Pronto para unir a sua fome à dela, ele fitou os olhos luminosos e o olhar dela se fixou nele, transmitindo o mesmo desejo que o preenchia. Desejava penetrá-la e satisfazer aquela necessidade, de tal maneira que não deixaria dúvida de quanto a amava. De quanto desejava protegê-la.

— Sinto a sua falta em todos os momentos em que você não está nos meus braços — sussurrou ele, com os lábios em suas madeixas.

— E eu sinto a sua falta em todos os momentos em que você não está na minha cama — disse ela com voz rouca e o rosto corando graças à paixão que crescia dentro dela.

Uma parte secreta, quase mágica, do seu casamento era a paixão que unia seus corações, cada vez mais, a cada união conjugal. Para surpresa dele, a fome que um sentia pelo outro só se tornou mais ardente a cada ano que passava. Aquela noite não foi exceção. Somente a proximidade dela excitava os seus sentidos e os fazia saltar para a vida. O desejo dele ardia com um intenso anseio, e o ar ao redor deles parecia esquentar cada vez mais.

Mas a intensidade de seu desejo era mais do que mera atração física, embora o fascínio dela fosse inegável e total. O relacionamento deles estava enraizado em um amor tão profundo e tão completo, que só agora ele entendia o que as escrituras queriam dizer com “duas pessoas se tornado uma só”. Era mais do que uma única carne — era um único espírito. Jane até brincava dizendo que eles acabariam se tornando uma única pessoa se ambos vivessem até ficarem velhos.

Naquela noite, porém, eles eram jovens e cheios de desejo um pelo outro.

Ela recuou de seus braços e, brincando, o arrastou para o quarto deles, sorrindo calorosamente. Não precisou puxar muito forte. Aquele sorriso lindo o fez querer correr para a cama. Quando

vislumbrou as curvas do traseiro dela, os seus dedos arderam de vontade de tirar as roupas restantes... e as dela.

Trancando a porta do quarto, ele a levantou sem esforço nos braços e a levou para a cama.

Casados há oito anos, ela ainda o fazia sentir capaz de conquistar o mundo.

Mas poderia ir para o Kentucky?

E Jane concordaria em ir?

CAPÍTULO 2

Montanhas Brancas, New Hampshire, primavera de 1797

A forte brisa chicoteava o cabelo loiro e imundo do seu rosto inchado. Parecia ao Chefe Wanalancet que até o vento a machucava. Enquanto Bomazeen conduzia a égua que a jovem cavalgava, ela olhava para a frente, concentrando-se em nada, alheia à lotada aldeia de Pennacook.

Ao verem Bomazeen, as criancinhas correram para se esconder atrás de suas mães, todas trabalhando duro, curtindo peles ou cuidando das plantações. As mulheres da tribo desviaram os olhos para evitar olhar para a mulher branca, embora o Chefe soubesse que não podiam deixar de ter pena dela. Elas entendiam o que a jovem sofrera, como ela mal sobrevivera, como cativa de um homem desumano e sem misericórdia, sem mesmo um pinga de consciência.

Conhecido por sua brutalidade descontrolada, a reputação arrepiante de Bomazeen se estendia muito além da tribo de Wanalancet. Os brancos pensavam nele como um fantasma cruel — surgindo do nada e fazendo com que as mulheres simplesmente desaparecessem, deixando para trás apenas o frio assombroso do medo à medida que a notícia sobre seu desaparecimento se espalhava.

Sua tribo sussurrava o nome de Bomazeen, chamando-o de Demônio Errante, porque ele deixava um rastro de violência por onde quer que andasse. Mesmo os jovens corajosos permaneciam longe do homem por causa da condição das cativas brancas e nativas que ele trazia para a tribo como comércio. Aquela não parecia diferente do resto.

Ele precisava conter a crueldade de Bomazeen ou encontrar outro comerciante de escravos.

Bomazeen desamarrou as tiras de couro cru que prendiam os tornozelos e os pulsos feridos dela.

— Para baixo, cadela — sibilou ele. Quando ela não se moveu, ele agarrou um punhado de seu cabelo e empurrou-a para fora do

cavalo.

Suas pernas se dobraram assim que ela colocou o seu peso sobre elas e Wanalancet a viu cair no chão.

Praguejando, Bomazeen meio arrastou, meio carregou a mulher até os mercadores da tribo e a atirou aos pés com mocassins dos homens.

Os comerciantes circundaram a jovem mulher, examinando o dano de Bomazeen.

Manchas escuras cobriam a frente do corpete da mulher. Um rasgo no tecido expunha um corte de faca. Além de suas feridas, lama e fuligem enegreciam o que restava de seu vestido azul e boina branca, tornando difícil para Wanalancet saber como ela havia sido apenas alguns dias antes.

A mulher estava em tamanha desolação que os comerciantes ofereceram a Bomazeen metade das habituais peles de castores pagas por um escravo.

Atrás do sangue e da lama, a jovem poderia ter sido graciosa, até mesmo bonita. Wanalancet imaginou se alguém a amava. Ele balançou a cabeça, com pena da jovem mulher. Quando Bomazeen aprenderia que ele pagaria um preço por sua crueldade? Algum dia, ele pagaria um preço ainda maior.

Resmungando uma maldição, Bomazeen a vendeu aos comerciantes.

— Tente escapar e eu vou voltar e cortar os seus seios. Então os seus bebês morrerão de fome. — Ele terminou a sua ameaça com um chute rápido em suas nádegas, enviando o rosto dela para a terra.

— Chega! — vociferou Wanalancet para Bomazeen. Então, ele ordenou a um de seus comerciantes que a entregasse aos curandeiros da tribo.

Lágrimas rolavam pelo rosto dela, umedecendo o sangue seco que cobria os numerosos arranhões e cortes. Ela abaixou a cabeça, seus longos cabelos escondendo o rosto inchado. Custaria o seu melhor remédio e muitas semanas para consertar a obra cruel de Bomazeen. Wanalancet se certificaria de que as mulheres da tribo curariam aquela mulher antes que um de seus guerreiros a tocasse. Ele se ajoelhou ao lado dela.

— Qual é o seu nome? — perguntou ele e Bomazeen traduziu.

— Lucy — disse ela, com voz trêmula.

Enquanto os comerciantes a punham de pé, Wanalancet viu a luz deixar os olhos dela ao mesmo tempo em que a esperança deixava o seu coração. O seu olhar apático e entorpecido era típico de alguém que sabe que o resgate é impossível. Provavelmente ela queria morrer. Era um problema comum entre os novos escravos que achavam que o cativeiro era pior que a morte.

Os comerciantes a levaram embora. Lucy agora era uma escrava.

Entre as tribos Pennacook, o Demônio Errante intimidava todos, exceto Wanalancet. O homem desprezível precisava de seus negócios. E, embora ele odiasse admitir, além dos escravos para substituir os mortos levados pela varíola, Bomazeen fornecia itens com os quais o seu povo se acostumara — tabaco, bebidas alcoólicas, cobertores, chaleiras de cobre, armas, machados e *wampum* — miçangas coloridas, usadas para decorar as suas roupas.

Como troca, Bomazeen negociava couros e peles de todos os tipos, recebendo muito mais pelas peles vendidas do que o valor das mercadorias trocadas com seu povo. Wanalancet lembrava-se de muitos outros que lucraram às custas de sua tribo. Comerciantes franceses de duas caras, distribuindo doenças juntamente com uísque e armas, quase acabaram com os Pennacook. Outros saquearam as suas pequenas aldeias e muitas vezes fugiram com os seus estoques de alimentos na véspera de invernos rigorosos. Enquanto a população diminuía, Wanalancet lutava para controlar seu mundo em mudança.

— Seu Demônio, você traz mulher de pouca idade dessa vez, mas ela está muito maltratada — disse Wanalancet. Ele puxou o manto de guaxinim com mais força para proteger-se contra o vento frio da montanha, cobrindo os longos cordões de pérolas pendurados no peito nu. — Quero escravos. Não quero doentes. Não traga mais para mim quem sofreu na sua mão, como esta mulher.

Bomazeen grunhiu.

— Eu a cortei um pouco — respondeu ele em algonquiano, a língua nativa do Chefe. O mal vagava por trás dos olhos escuros do homem.

Wanalancet permaneceu em silêncio, não revelando o seu desgosto.

Um sorriso de escárnio cruzou o rosto de Bomazeen.

— Ela mostrou muito ânimo. Mas não vai incomodar agora.

— Por que você rasga os corpos de escravos com seu ódio? Um homem não deve envenenar o seu coração com ressentimento. Algumas pessoas novas em nossa terra são meus inimigos, mas o ódio não rouba a minha mente até a hora de lutar.

— Minha mente é como uma pedra. Não há pontos fracos aqui — respondeu Bomazeen, enquanto lentamente passava uma longa unha amarelada na testa encardida.

O coração de Bomazeen também era de pedra. Wanalancet lhe disse:

— Os brancos andam no mundo dos brancos. Meu povo anda no mundo de Pennacook. Você, um *métis*, vaga entre os dois.

— Sim, sou *métis*: meu sangue é meio índio e meio francês. Mas o meu espírito não é nem um nem outro. Para o índio eu sou diferente, mas existo. Mas para os brancos sou um pária, sem existência, como um cão vadio em quem se atira pedras para fazê-lo fugir. — Os olhos de Bomazeen escureceram ainda mais. — Eles me tratam como um animal, então ataco como um.

As observações amargas quase fizeram o Chefe ter pena do homem. Bomazeen nunca conheceria o amor de uma mulher. O homem sem coração estava condenado a uma vida de solidão fria.

Wanalancet entendia a solidão. Ansiava por sentir a carne quente de uma mulher que amava contra o seu corpo. No verão anterior, sua esposa, junto com muitos outros, morreu de varíola. Ele a honrou na Festa dos Mortos com ofertas de sepulturas e muitos presentes. Mas agora era hora de voltar a sua honra para uma mulher viva — cantar para ela o canto das estrelas.

— Na sua próxima viagem ao mundo do homem branco, encontre-me uma ótima mulher. Eu lhe darei muitas peles em troca, mas sem cortes, surras ou violação — avisou ele. — Ela deve ser grande entre as mulheres porque será a mãe do nosso povo.

— Conheço uma mulher assim. Mora perto de Barrington Town. Muitas pessoas moram lá agora. Mas, para a mulher de um grande chefe, eu irei lá. Seu rosto vai atrair a inveja de outros chefes. Seu cabelo é da cor do sol quando se eleva da borda da terra. Há muito tempo, eu a observei de longe: ela não é como nenhuma outra mulher. É alta e forte. Vai custar muito. Seus guerreiros deverão caçar três vezes mais do que os couros e peles usuais de castores — negociou Bomazeen. — E suas mulheres deverão limpar e curtir as peles.

O interesse de Wanalancet aumentou. Ele quase podia imaginar a sua nova esposa.

— A troca será como você diz. Venha, vamos beber e fumar. — Ele esperou que Bomazeen retirasse o tabaco e o licor da parte de trás da mula e entraram na tenda cheia de fumaça de Wanalancet. Feitas de cascas e peles, numerosas cestas tecidas com pedras especiais, mica, conchas e outros itens valiosos se alinhavam no seu interior. Eles se sentaram no chão coberto de peles e Wanalancet apanhou seu *calumet*, o longo cachimbo ornamentado dos índios norte-americanos. Feito com uma rara pedra vermelha de catlinita, o cachimbo tinha um longo eixo oco feito de cana-de-açúcar envolto em camurça adornada com miçangas, penas de aves de todas as cores e mechas de cabelo de mulher, tanto escuras como loiras.

Sempre que ia mediar pela paz, Wanalancet carregava o cachimbo cerimonial com orgulho. Ele tinha o sangue do grande Chefe Passaconaway e de seu filho, Chefe Wanalancet, de quem recebeu o nome, dado por seu pai. Como era costume de seus nobres ancestrais, mostrar esse precioso emblema de comércio e confiança significava que ele poderia andar em segurança mesmo entre inimigos. Ele também usava o cachimbo, como faria agora, para concluir pactos e celebrar as importantes decisões da vida com o Grande Espírito.

Wanalancet encheu cuidadosamente o *calumet*, depois acendeu o tabaco. Quando as primeiras emanações cinzentas subiram em espirais, ele pediu à fumaça sagrada que alcançasse o espírito daquela mulher e se juntasse a ela. Este ato santificado faria com

que a força vital dela fosse sua. Logo, o corpo dela também lhe pertenceria e aqueceria seu coração e sua carne.

Através da névoa cinzenta suave, Wanalancet novamente viu em sua mente a mulher com cabelos da cor que ele mais apreciava. Cabelos da mesma cor que a pedra de seu cachimbo. Ele começou a amar o espírito dela naquele exato momento, mas teria que esperar até que Bomazeen cumprisse sua promessa.

Silenciosamente, Wanalancet prometeu sonhar com ela naquela noite e em todas as noites até que ela compartilhasse sua tenda.

Enquanto segurava a pedra vermelha polida de seu cachimbo, esculpida com ranhuras em homenagem às quatro direções, norte, sul, leste e... oeste, ele enviou a fumaça sagrada na direção da lua cheia.

CAPÍTULO 3

Jane sentou-se com suas filhas, tentando ser paciente o máximo que podia, enquanto as ensinava a costurar. Stephen descansava ali perto, sentado em sua cadeira, lendo seu livro de aventuras favorito mais uma vez. O fogo na lareira lançava luz apenas o suficiente para iluminar o ambiente e a proximidade do marido aquecia seu coração como nenhum fogo poderia fazer.

Ele havia lido aquele livro tantas vezes que já deveria tê-lo memorizado, sorriu ela para si mesma. Decidiu comprar-lhe um livro novo no aniversário dele.

Ela analisou o belo rosto dele, notando a testa franzida e o ar preocupado que atravessava as feições de vez em quando. Algo o incomodava e era hora de descobrir do que se tratava.

Jane colocou o bordado sobre a mesa.

— Meninas, hora de dormir agora. Digam boa noite ao seu pai, depois lavem os rostos e se preparem para dormir — ordenou ela, enquanto pegava a bebê Mary do berço.

— Sim, mamãe — respondeu Martha, obediente. A filha mais velha levantou-se. — Vamos, Polly e Amy, vamos lá. — Depois que as três garotas depositaram vários beijos no rosto de Stephen, Martha pegou a pequenina mão de Amy.

Jane sorriu ao ver o gesto de Martha. A menina de sete anos nunca perdia uma oportunidade de assumir seu papel de irmã mais velha.

Sem discussões, porque ela não permitia nenhuma, as crianças começaram a subir as escadas. Jane seguiu as três, carregando a bebê, e notou o quão alto o som dos seus passos soava nas escadas de madeira. Suas meninas cresciam a cada dia, incluindo seus pés.

Eles dizem que é um paraíso, tudo o que tenho que fazer é levar todos para lá.

Deixando de lado sua cópia usada de *As Aventuras de Daniel Boone*, Stephen balançou a cabeça. O que ele havia acabado de dizer para si mesmo desmentia a dura verdade. Mudar-se para lá seria o empreendimento mais difícil e perigoso que qualquer um deles já havia experimentado. Assim como o verdadeiro paraíso, morrer poderia ser o preço. Mas seu coração estava quase explodindo de necessidade de terra e uma oportunidade de obter uma vida melhor para sua família. E sua alma ansiava pela excitação e aventura de uma viagem que o oeste tinha para oferecer.

Apesar desses fortes argumentos para partir, sua mente lógica demais continuava fazendo as mesmas perguntas. Ele adorava Jane e suas quatro filhas pequenas. Poderia ele renunciar à felicidade atual e colocar a vida daquelas a quem amava sob os perigos de uma viagem de mil e seiscentos quilômetros para satisfazer sua ambição? A maior parte da jornada seria através de selva inóspita. Muitas coisas poderiam ocorrer em uma viagem como aquela — uma grande parte delas, nada agradáveis. Algumas, terríveis mesmo.

Confuso, ele vagou inquieto pelo aposento. As paredes pareciam limitantes, aprisionadoras, enquanto ele tentava pesar os prós e contras. Mas o exercício mental não ajudou. Estava preso em uma areia movediça onde todas as decisões e ações pareciam impossíveis.

Seu peito se apertava à medida que a indecisão roía sua confiança. Ele apoiou um braço na cornija da lareira e abaixou a cabeça.

A guerra entre fazer o que era seguro para sua família e o que ele acreditava ser o seu destino aumentava. Mas encontraria uma maneira de vencer essa guerra. Ele se endireitou e empurrou os ombros para trás. De alguma forma, seguiria seu coração. Pegou o livro mais uma vez e abriu na sua parte favorita:

“...contudo, no devido tempo a misteriosa vontade do Céu é desdobrada e contemplamos nossa conduta, quaisquer que sejam os motivos que a animaram, operando para responder aos importantes desígnios dos Céus”.

Jane retirou o livro das mãos ásperas de tanto trabalhar de Stephen e o colocou sobre uma mesa próxima. Ao fazê-lo, notou as palmas calejadas dele. Com certeza, ela não havia se casado com um homem preguiçoso. Como de costume, ele havia trabalhado de sol a sol, tentando preparar o terreno pedregoso para o plantio. Descansar era algo que ele fazia apenas no sábado mas, mesmo assim, de má vontade.

Stephen flexionou os músculos das costas e revirou os ombros largos.

— Incline-se para frente, deixe-me esfregar suas costas. Sei que deve estar doendo depois de um dia inteiro no campo — ofereceu ela.

Ele sorriu, em expectativa.

Ela massageou os ombros dele e ele se recostou ao sentir seu toque. Stephen gemeu de prazer, lembrando-a dos sons similares da noite anterior. A lembrança a aqueceu por dentro, enquanto ela se recordava de tentar abafar seus próprios sons de êxtase conjugal. Como ele conseguia tornar o ato de amor melhor a cada vez, era inexplicável para ela.

Ela sentiu os músculos dele começando a relaxar, enquanto seus dedos aliviavam a fadiga.

— Você parecia preocupado enquanto lia.

— Oh, estava apenas me concentrando — respondeu ele.

— Não, não estava — acusou ela. — Você ficou olhando o livro e pensando em outra coisa. O que foi?

Ele não respondeu. Em vez disso, agarrou o pulso dela e puxou-a para seu colo.

Instantaneamente, o coração dela acelerou.

Stephen a olhou por um momento. Ela detectou um lampejo nos olhos intensos dele e uma hesitação antes de dizer:

— Estou pensando em algo, só isso. Mas não é nada para se preocupar.

— O que é? — pressionou ela. Ele estava evitando responder às suas perguntas.

— Eu lhe disse que não era nada, então deixe assim. — Ele levou a mão dela até os lábios e beijou a palma.

Jane gemeu enquanto ele mordiscava uma das pontas de seus dedos, fazendo-a surpreender-se pelo fato de que até seus dedos reagiam com tanto fervor ao toque dele.

Ele correu a mão suavemente pelo lado do pescoço dela.

— Ah Jane, você sabe o quanto a amo — disse ele —, e o quanto também amo nossas meninas. — Seu olhar era tão terno quanto a carícia.

— Agradeço ao bom Deus todos os dias pelo seu amor. — Naquele momento, ela colocou de lado sua curiosidade para se concentrar no que Stephen estava fazendo com ela: beijando a palma da sua mão de novo, depois seguindo uma trilha de beijos pelo braço. Ondas de excitação percorreram o corpo dela. Depois de trabalhar no campo o dia todo, teria ele o vigor para amá-la duas noites seguidas?

— Certifique-se de que as meninas estão dormindo. Eu acenderei o candeeiro no quarto — disse ele, com um meio sorriso travesso, e ela não precisava mais se questionar.

Jane levantou-se e ele a olhou sedutoramente. Já sentindo um formigamento nos seios e um desejo insistente que apenas Stephen poderia aliviar, ela ansiava por sentir o calor do corpo dele contra o seu. Estendeu a mão e entrelaçou os dedos em uma das mãos dele. Os dedos dele eram quentes e fortes, e ela os apertou. Relutante e soltando a mão dele, ela subiu correndo até o quarto das filhas, satisfeita por encontrá-las já sonhando. Colocou o cobertor sobre os ombros delas, trancou as janelas e desceu as escadas tão rápido que quase tropeçou nas próprias saias.

Jane diminuiu o passo enquanto entrava no quarto deles e parou o suficiente para trancar a porta atrás de si.

Stephen já estava na cama, puxando um lençol de linho sobre as longas pernas musculosas e o peito esculpido. Ele a olhou, ansioso, enquanto se recostava no travesseiro.

De repente, as roupas dela pareciam pesadas e quentes. Ela começou a despir o vestido e ainda podia sentir os olhos dele sobre ela. Ele costumava lhe dizer o quanto gostava de vê-la se despir. Então, ela se demorou para retirar as camadas de anáguas,

espartilho e o resto de suas roupas de baixo, e guardou tudo antes de apanhar uma camisola de dormir macia.

— Não é preciso. Você só vai ficar com ela um minuto — brincou ele, então levantou a mão para abafar um bocejo.

Jane riu e começou a desembaraçar o cabelo. A tarefa era quase uma batalha toda noite, enquanto o pente e escova lutavam para domar os cachos. Mais de uma vez ela havia se sentido tentada a levar a tesoura até as abundantes tranças. Mas Stephen gostava de seu cabelo comprido e, apesar da moda atual, ela o usava descoberto a maior parte do tempo. Ela o arrumou o melhor possível em uma longa trança e depois lavou o rosto na bacia sobre a cômoda.

Depois de passar água de rosas em suas mãos e pescoço, ela inspirou profundamente. Stephen adorava a doce e suave fragrância, e ela sempre a ajudava a relaxar após o longo dia de afazeres. Mas era o conforto do abraço e o calor do toque dele que a acalmavam como nada mais poderia.

Ansiosa pelos braços fortes de Stephen envolvendo-a mais uma vez, ela se virou para a cama deles. Seu coração despencou. Apesar da ânsia anterior dele, ele estava pesadamente adormecido, a exaustão vencendo o desejo.

Ela encostou a testa na cabeceira esculpida da cama e liberou seu desapontamento com um suspiro pesado. Estudou o belo rosto bronzeado, o cabelo preto brilhando na luz fraca do candeeiro. O amor que sentia por ele encheu seu coração e substituiu a frustração.

Ela apagou o candeeiro e subiu na cama. O suave luar pintava o quarto de cinza.

Iria deixá-lo dormir, mas apenas por um tempo, e depois o acordaria no meio da noite.

De seu celeiro, Stephen viu a luz do amanhecer se irradiar sobre as Montanhas Brancas, iluminando o esplendor da natureza. Os picos elevados emergiam de uma tela colorida, pintada, com pinceladas selvagens, por um ousado nascer do sol. Pinheiros altos, destinados

a se tornarem prédios robustos ou mastros de navios, aguardavam estoicamente seus futuros. Árvores em madeiras de lei acrescentadas em toda extensão, o progresso lento de cada ano registrado no bater de seus corações. A grama do início da primavera brilhava com o orvalho intenso, como um campo de esmeraldas vivas, cada folha refletindo o sol do novo dia. Ele ouviu um tentilhão roxo cumprimentar a manhã com seu cantar barulhento, como se o belo dia fosse criado apenas para o pássaro. Dias como aquele também agitavam a alma de um homem.

Ele queria passar o dia apenas pensando em sua difícil decisão. Porém, naquela manhã ele teria que ir até Durham para adquirir suprimentos. Estavam completamente sem estoque de diversos itens básicos e ele precisava comprar sementes de grama antes que as ervas daninhas tomassem conta do campo recém-arado. Relutantemente, ele parou de refletir sobre o futuro.

Depois de atrelar a parelha à carroça e colocar o mosquete sob o banco, Stephen enfiou uma pistola e uma faca no cinto e passou a correia de chifre de pólvora sobre o pescoço. Enquanto colocava o manto sobre o assento, não pôde deixar de sorrir, lembrando-se de como Jane ficara ao vesti-lo. O dia todo ele usaria o seu chapéu de feltro de castor, com os dois lados inclinados, e vestiria o manto para proteger-se do frio da noite.

Sem perceber, voltou-se para o oeste. Ansiava por deixar sua marca nesse jovem país. Esse desejo parecia se tornar mais forte a cada dia e provocava uma inquietação que exigia um esforço cada vez maior para conter. Quando os governantes assinaram a Declaração naquela primeira semana quente de julho de 1776, ele tinha dez anos de idade. O espírito e coragem deles tornaram-se parte não apenas daquele documento histórico, mas também das almas de jovens como ele. Agora, com trinta e um anos, ele entendeu que havia alcançado a idade em que não podia mais esperar para ser o homem que desejava ser. Se não vivesse seu sonho agora, ele o perderia.

Mas da mesma forma que suas pegadas no orvalho da manhã, sua determinação desapareceu rapidamente. Enquanto suas três meninas mais velhas corriam em sua direção, ele quase podia ver seu sonho se evaporando diante dos olhos. Não podia deixar de se

preocupar com a segurança delas. Ele se ajoelhou até o nível delas e abriu bem os braços. Ao passá-los ao redor delas e as puxar contra o peito, ele percebeu que tinha que fazer as duas coisas — encontrar terras e mantê-las seguras na viagem para Kentucky. E deveria encontrar uma maneira de convencer Jane de que poderia fazer as duas coisas. Não havia sentido falar com ela até que tivesse as respostas para si mesmo.

— Vocês, garotas, fiquem perto de casa enquanto eu estiver fora. Não vão além da cerca e mantenham os olhos bem abertos — avisou ele.

— Sim, papai, e vou tomar conta dessas pequeninas — disse Martha, parecendo mais velha que seus sete anos.

— Não se preocupe, papai, mamãe pode atirar e acertar a uma distância de cem metros — disse Polly.

Stephen riu, lembrando-se de que, recentemente, se vangloriara de que Jane poderia atirar com precisão a uma distância de cem metros. Ele não tinha certeza de que, aos cinco anos, Polly fazia alguma ideia do que era “metro”, mas gostava de ouvi-la se gabar de que a mãe dela poderia acertar a uma centena deles.

Amy, a terceira irmã, que acabara de fazer três anos, agarrava-se ao avental da mãe, franzindo a testa.

Stephen a levantou. Imediatamente, um sorriso feliz substituiu sua expressão triste. Ela agarrou o rosto dele com as duas mãos gordinhas e deu um beijo no nariz dele. Seu gesto efusivo o fez rir. Deus, como ele amava as filhas.

— Sua mãe é realmente uma ótima atiradora. Ainda assim, eu me sentiria melhor se vocês ficassem por perto.

Ele rezou para que Jane e as meninas ficassem em segurança até que ele voltasse para casa com os suprimentos. Odiava partir, mas não havia escolha. Ainda que Jane fosse forte, ele ainda se sentia desconfortável em deixá-las sozinhas. Faria uma viagem rápida.

Deu a um abraço e um beijo no rosto em cada uma das três garotas. Virou-se para Jane, enterrou as mãos no cabelo farto dela e deu-lhe um beijo suave e demorado. Então, forçou-se a subir no assento do vagão. Dando um último e longo olhar para a esposa, ele partiu.

— Não se esqueça do meu tecido, as meninas e eu precisamos de novos vestidos — gritou ela, indo atrás dele — e escolha algo bonito, não apenas prático.

Normalmente, a própria Jane escolhia os tecidos, mas três garotas e um bebê lactante dificultavam a viagem. Desta vez, ela teria que confiar nele.

— Não vou esquecer. Essa é a principal razão pela qual estou indo para Durham, não para Barrington. Vou escolher uma cor que combine com esses seus olhos verdes — respondeu ele. Todas as cores, percebeu ele. Desejou poder comprar-lhe belas sedas, ou melhor ainda, comprar vestidos de loja. Ela merecia mais do que ele poderia lhe proporcionar agora, com sua renda escassa. Mas ele tinha planos. Tinha sonhos. Algum dia, seria bem sucedido.

Ele se virou para olhar para trás mais uma vez. Jane deu adeus e sorriu, alegre. Mas ele sabia que o coração dela não estava sorrindo. Ela havia lhe dito muitas vezes que odiava cada momento que passava longe dele. Disse que havia um grande buraco dentro dela, que não acabava até que estivessem juntos novamente, como se metade dela estivesse faltando de repente.

Ele entendia o que ela queria dizer. A cada virada das rodas tortas, ele deixava uma parte de si mesmo para trás, substituída por uma crescente solidão. A solidão iria apertar seu coração e não o soltaria até que Jane estivesse em seus braços, até que ele também se sentisse completo de novo.

Talvez isso seja o que se chama de amor, pensou ele. Encontrar a sua outra metade.

CAPÍTULO 4

À medida que as costas de Stephen ficavam menores, o vazio que Jane sentia aumentou. Ouviu o rangido das rodas da carroça até desaparecerem. Virou-se para a casa, sentindo-se sozinha mesmo com suas filhas. Relutante em começar suas tarefas, não sentia sua energia normal e ilimitada naquele dia. Desejou poder sentar-se na varanda e costurar, ou até mesmo ler. Com quatro garotinhas, o tempo de leitura era raro, mas ela adorava ler e escrever em seu diário. Aquilo a fazia se conectar com um vasto mundo além de si mesma. Mas o jardim precisava que ela capinasse as primeiras ervas daninhas da primavera, para prepará-lo para o plantio, e as roupas deveriam ser lavadas. Como a maioria das mulheres, ela sempre tinha mais o que fazer do que conseguia em um dia.

— Mamãe, podemos fazer um piquenique hoje? — implorou Polly.

— Que ideia esplêndida — respondeu Jane. — Mas nós temos nossos afazeres e...

— Apenas um pequeno piquenique. Não iremos longe — implorou Martha.

Os olhos dela se abriram mais ao pensar na ideia. Parecia muito mais atraente do que capinar e lavar roupa. Mas algo a fez hesitar e ela voltou para a casa.

— Não, quando seu pai voltar, faremos um grande piquenique no domingo, depois da igreja. Você ouviu seu pai, devemos ficar perto de casa.

As meninas a seguiram, a contragosto. Passaram pelas roseiras de Jane, que começavam a brotar. Ela aguardava ansiosamente a floração de suas gloriosas rosas, iluminando o jardim da frente.

Lá dentro, ela foi ver como estava Mary, a mais nova, agora com quase um ano. Ainda dormindo pacificamente no berço, a bebê parecia angelical. Jane gentilmente puxou um pequeno cobertor sobre ela, então saiu na ponta dos pés, tomando cuidado para não despertá-la.

O dia passou devagar enquanto ela executava seus afazeres, parando de vez em quando para orar por Stephen. A viagem levaria o dia inteiro e o começo da noite chegaria antes de ele alcançar Durham. De todas as suas tarefas, a que ela mais odiava era o dia de lavar roupa. No entanto, como sua mãe a aconselhou com firmeza, ela se obrigava a manter a roupa limpa. No casamento de Jane, sua mãe lhe deu uma “Receita para Lavar Roupa”. Ela a guardou em sua Bíblia, valorizando a ortografia original da mãe e suas palavras de sabedoria. Jane havia memorizado a lista:

1. Acenda uma fogueira no quintal para aquecer a panela de água da chuva. Tampe os potes para que a fumaça não sobre nos olhos se o vento estiver forte. Coloque um pedaço inteiro de sabão na água fervente.

2. Faça três pilhas, roupas brancas, coloridas e trapos.

3. Para engomar, agite a farinha em água fria até ficar homogênea e, em seguida, misture com água fervendo.

4. Esfregue as manchas sujas sobre uma mesa, esfregue com força. Tire as peças brancas da chaleira com o cabo da vassoura e depois torça, assopre e engome.

5. Abra os panos de prato sobre os arbustos e pendure a roupa de cama na cerca e as roupas em árvores.

6. Derrame a água de enxague no canteiro de flores e lave o alpendre com a água com sabão.

7. Coloque um vestido limpo — alise o cabelo com prendedores laterais — prepare uma xícara de chá — sente-se e descanse, e afaste as maldições e conte bênçãos.

Ela gostava especialmente do último conselho e praticava fielmente esta parte das instruções. Definitivamente, tinha muitas bênçãos para contar. Ter um marido como Stephen sempre esteve no alto de sua lista. Ele a fazia feliz e trouxe alegria à sua vida de muitas maneiras, uma das quais era o imenso prazer que encontrara na cama. Só de pensar nisso, o seu rosto ficava vermelho. Sem entusiasmo, ela se concentrou em torcer a água de uma das camisas de linho de Stephen mas, ao sacudi-la, até mesmo a camisa a fazia se lembrar do peito musculoso do marido e a desejar o conforto dos braços dele.

Quando terminou de lavar, preparou o chá enquanto trocava a roupa de trabalho por um de seus vestidos diários favoritos, um vestido listrado, azul e amarelo, com renda branca no pescoço e nos punhos. Fez uma tentativa indiferente de modelar os cachos, que ficaram rebeldes pelo vapor quente da água da lavanderia, mas logo desistiu e se dirigiu para o seu bule de chá. Derramou a bebida em uma xícara e um prato de porcelana delicados, apreciados pelas mulheres de sua família por gerações. Ela sentia uma conexão com seu passado toda vez que usava o conjunto precioso. Toda semana, depois de lavar roupa, o ritual era sua recompensa para si mesma após realizar uma tarefa tão tediosa.

— Martha, tome conta de suas irmãs enquanto eu descanso na varanda — instruiu ela, enquanto pegava o xale. Por fim, alguns minutos pacíficos para si mesma em sua cadeira de balanço. Desfrutaria de seu chá e do ar fresco da noite. Ela apreciava esses raros momentos serenos, um elixir para a alma atormentada de uma mãe.

Jane abriu a porta da frente e congelou. Um puro terror negro a percorreu.

O homem mais hediondo e repugnante que já vira estava na varanda, olhando-a ameaçadoramente. Ele agarrou o braço dela.

Sua preciosa xícara de chá escorregou das mãos e se quebrou, enquanto ela pulava para trás e gritava. Virou-se para correr em direção às filhas, mas o homem se lançou para cima dela instantaneamente. Ela sentiu uma dor lancinante no couro cabeludo quando a mão dele agarrou um punhado de seus cabelos e a puxou para trás.

Ela lutou para se libertar, mas cada movimento apenas o fez puxá-la para mais perto, arrancando mais cabelos de sua cabeça. Ele cheirava tão mal que ela começou a vomitar. A náusea subiu até sua garganta.

As três garotas se amontoaram em um canto, gritando, mas a bebê Mary ainda dormia pacificamente no berço.

— Pare de lutar ou vou começar a matar a sua ninhada — sussurrou ele no seu ouvido.

Imediatamente, Jane parou de lutar. Ela forçou sua mente a se recuperar do choque inicial e do terror; do contrário, o medo a

paralisaria rapidamente.

Ele a empurrou sobre as tábuas do piso de madeira; então, como uma enorme cobra, lentamente deslizou para dentro de casa. Ela escorregou para trás, rapidamente se levantou e o encarou. Ela o reconheceu imediatamente. Sabia quem ele era, o que era. Durante anos, Jane ouvira descrições vívidas sobre ele e as histórias de suas matanças.

A maioria dos colonos o considerava meio humano, meio demônio. Ele ganhava a vida roubando cativos brancos e índios, e negociando-os. Embora Bomazeen não fosse visto localmente há algum tempo, no passado ele havia massacrado muitas pessoas na área, sempre escalpelando-as primeiro antes de executá-las com uma baioneta. Às vezes, ele também lhe cortava a garganta. Geralmente, escalpelava as crianças mais novas e os idosos, levando apenas aqueles que podiam suportar a longa e brutal jornada pelo deserto e sobreviver com pouca comida. Havia rumores de que ele atravessava florestas densas, evitando estradas e trilhas, uma tática destinada a iludir os homens que o perseguiam e tentavam prendê-lo.

Enquanto permanecia diante dela, ele parecia ainda mais aterrorizante do que ela havia imaginado. O meio de seus longos cabelos negros e encaracolados apontava para os olhos escuros. Um queixo pronunciado, traços fortes que pareciam incapazes de emoção. Como a víbora que o usava, parecia um rosto que nunca ria e nunca chorava. Somente sua voz refletia seu espírito — uma voz banhada de veneno. Numerosos brincos perfuravam sua orelha esquerda, estirando severamente o lóbulo, mas sua orelha direita estava sem adornos, exceto uma cicatriz horrível. Suas roupas manchadas de sangue, uma mistura de trajes de índios e de brancos, pareciam que, uma vez vestidas, nunca haviam deixado o seu corpo.

Algumas manchas de sangue pareciam frescas, e um couro cabeludo, com longos cabelos brancos, pendia do cinto. Ela estremeceu ante a visão horrível, lutando contra as náuseas mais uma vez.

Com o coração batendo forte no peito, ela respirou fundo, tentando controlar os nervos trêmulos e o medo crescente.

Bomazeen examinou a casa lentamente com os olhos gelados de uma fera faminta. Viu um pedaço de pão e presunto em cima da mesa e não perdeu tempo devorando-o como um cachorro faminto.

As meninas agacharam-se no canto, choramingando penosamente.

Bomazeen as ignorou, pelo menos naquele momento. Por causa disso, Jane sentiu-se agradecida.

Sua mente corria quase tão rápido quanto sua pulsação selvagem. Poderia fazer com que aquele monstro fosse embora?

Não lhe demonstre medo.

Ela esforçou-se para manter o autocontrole, determinada a impedir que sua voz tremesse.

— Meu marido e seus irmãos voltarão em breve da caça — mentiu ela.

Muito devagar, e enfatizando cada palavra, ele disse:

— Se mentir de novo, cortarei sua língua. Eu o vi sair hoje de manhã, sozinho, naquela velha carroça barulhenta. Ele tomou a estrada para Durham. — Suas palavras ferviam com raiva mal contida.

O coração dela quase parou quando ela percebeu que Bomazeen sabia que Stephen estava bem longe. O demônio deveria ter ficado do lado de fora o dia inteiro, observando-a, esperando a cobertura da escuridão antes de as sequestrar. Mas Bomazeen nunca levava crianças pequenas. Ele as mataria violentamente e sem piedade.

Oh, Deus, oh, Deus. Stephen, por favor, volte.

Seus joelhos enfraqueceram, sua garganta se apertou e ela mal conseguia respirar. Mas sua mente tinha que permanecer firme. Stephen havia saído.

Ela teria que proteger as filhas.

Determinada a salvá-las, ela se esforçou para permanecer ereta e se concentrar nas meninas, em vez do demônio diante dela. Olhou diretamente nos olhos de Martha, tentando dar força à filha mais velha.

Martha a olhou, tanto com raiva quanto medo nos olhos e suas mãozinhas tremiam, mas ela ainda segurava as duas irmãs mais novas. Jane sabia que Martha lutaria contra Bomazeen para

protegê-las. A coragem demonstrada em seus sete anos de idade a impressionava. Naquele momento, ela percebeu o que tinha que fazer.

Ela se colocou entre as meninas e Bomazeen.

— Precisa de água?

Bomazeen grunhiu, continuando a devorar avidamente o pão e o presunto.

Ela se moveu lentamente para o balde de água. Ao avistar a faca de cozinha no balcão, ela a pegou, esperando que ele não tivesse notado. Ela tentaria aquilo primeiro. Ela apanhou um pouco de água e a levou para ele. Sua mão tremia tanto, que um pouco da água derramou.

Bomazeen arrancou a caneca dela, mas depois agarrou seu outro pulso.

— Você acha que pode me derrotar com uma velha faca de cozinha? Mulher estúpida. Fui cortado muitas vezes, mas ainda estou caçando vocês, brancos. Você não pode me matar. A magia índia me protege. — Ele jogou a faca no fogo antes de bater com força no rosto dela, quase a derrubando. A marca da mão dele queimou a pele dela, mas o nojo pelo toque do demônio foi o que realmente a fez arder.

Então ele a alcançou, apertando seu braço dolorosamente, e se preparou para esbofeteá-la de novo. De repente, parou. Ele gemeu algo que parecia desapontamento e retorceu os lábios contraídos.

Ela recuou diante dos punhais do mal que os olhos estreitados dele lhe lançavam. Então, olhou para as filhas e seu coração se fortaleceu novamente. Com raiva por tê-lo deixado perceber que pegara a faca, ela ignorou a face ardente. Seu temperamento escocês veio à tona, reprimindo o medo.

— Senhor, somos protegidos pelo Senhor Todo-Poderoso, que é mais forte que suas superstições pagãs. Ele vingará rapidamente qualquer sangue que você derramar sobre esta família.

— Não tenho medo do seu Deus. Matei brancos e índios muitas vezes. Ele nunca me machuca.

— Ele o fará... no inferno.

Bomazeen bufou alto.

— Uma história para crianças fracas.

Em vez de irritá-lo ainda mais, ela controlou seu gênio.

— O que quer?

— Sua filha mais velha será boa escrava. — Ele apontou para Martha. — E o Chefe precisa de uma mulher. Eu vi você uma vez perto da cidade quando eu seguia para as tribos do sul. Soube então que poderia obter um bom preço por você. O Chefe vai gostar dos cabelos ruivos. Ele já fumou o cachimbo para fazer de você a esposa dele e comemorou a união com o seu espírito.

— Vou morrer primeiro — jurou Jane.

Bomazeen enfiou um dedo sujo no rosto dela.

— Então vai morrer.

Ao ouvir isso, os soluços repetidos de Polly congelaram seu coração como mil invernos frios.

Stephen, se eu nunca mais voltar a lhe ver, lembre-se de que o amei.

CAPÍTULO 5

Stephen parou em Durham quando o sol estava se pondo por detrás do lado oeste das Montanhas Brancas. A primavera ainda não havia eliminado o frio da noite, e havia esfriado o suficiente naquela noite para que eles pudessem até mesmo acordar com uma leve geada. Compradores bem vestidos, escravos, criados, cavalos, cães e vendedores ambulantes variados enchiam as ruas movimentadas da cidade. Ele estacionou sua parelha no estábulo e depois atravessou a praça de paralelepípedos até a Taverna e Pousada do Harry, onde planejava fazer uma boa refeição e passar a noite.

Enquanto caminhava, seus pensamentos se voltaram para Jane, e não para a comida. Como sempre, já sentia falta dela.

Como sempre, a estalagem popular estava lotada e barulhenta, e seu cheiro característico, uma mistura de comida aromática, perfumes masculinos e carvalho queimando na enorme lareira, invadiu suas narinas assim que ele entrou. Além de beber e comer, a maioria da clientela masculina usava a taberna para relaxar, fumar cachimbos, ler os jornais mais recentes, jogar bilhar, compartilhar fofocas, discutir incessantemente sobre política e, ultimamente, saber notícias de viajantes que haviam ido para o oeste. Ele observou uma das bebidas mais populares de Harry em muitas das mesas. Chamada de “Flip”, era uma mistura potente de cerveja e rum da Nova Inglaterra, adoçada com melaço. O dono da taberna mergulhava um ferro em brasa na bebida, dando a ela o sabor de açúcar queimado.

Vários homens que ele conhecia desde a juventude gritaram ou deram as boas-vindas quando ele entrou. Procurando um lugar para sentar, localizou Bear, que havia ganhado esse apelido porque era grande como um urso. O porte e o cabelo acobreado claro do seu melhor amigo e irmão adotivo tornavam o homem difícil de passar despercebido.

— Stephen, é uma ótima surpresa vê-lo. Acabei de chegar — disse Bear em seu estrondoso sotaque escocês. Ele se levantou para apertar a mão de Stephen, elevando-se sobre ele.

Stephen apertou a mão forte de Bear, um homem que tinha quase o dobro do seu tamanho, depois sentou-se.

— O que está fazendo em Durham? Você odeia grandes cidades e pensei que estivesse caçando. Se soubesse que você planejava vir, poderíamos ter viajado juntos.

— Tive que vir ver o médico por causa de um dente que, de repente, me fez querer chorar como um bebê pequenino. Ele o arrancou e me disse para vir beber algumas cervejas de açafrão para aliviar a dor. Bom médico, esse. Ele sabe como é o gosto de um bom remédio. — Bear engoliu a cerveja com prazer. — Eu deveria ter passado para lhe contar antes de partir, mas estava com dor, então não queria ver ou falar com ninguém, nem você.

— Que bom que você está aqui. Isso nos dará a chance de conversar. — Stephen valorizava a opinião do amigo. O intelecto apurado de Bear tinha uma maneira de chegar ao cerne da questão. E, apesar de sua aparência grosseira, ele possuía as qualidades de um estudioso, tendo adquirido uma excelente educação quando criança, ao lado de uma fogueira de turfa, em um vale solitário das *Highlands*.

— *Aye*, e uma chance de beber algumas cervejas, se estiver disposto.

— Depois daquela carroça percorrer aquelas montanhas varridas pelo vento, estou pronto para uma boa refeição e um pouco da cerveja do Harry. Isso me fez apreciar aquela velha história sobre vovô Thomas.

— Seu avô era um Samuel.

— O avô do meu pai. Aquele que era um covenanter escocês e teve que deixar a Escócia em 1685 porque se recusou a jurar lealdade ao rei inglês. Diz a tradição que, mesmo aos oitenta anos, o vovô Thomas conduzia com frequência sua parelha de bois até a cidade mercantil mais próxima, e nenhum dos outros fazendeiros podia chegar lá mais rápido do que ele. Ou descarregar suas carroças mais rápido do que ele.

— Sim, esse parece ser mesmo como um dos seus parentes — riu Bear. — Jane e as pequeninas estão bem agora?

— Bonitas e teimosas, todas elas. — Ele sorriu ao pensar em como Jane parecia encantadora à luz do luar na noite anterior,

depois que ela o acordou. Ele queria pensar no resto do que ela fez com ele, mas Bear estava fazendo uma pergunta.

— Então, o que o traz a Durham?

Stephen pigarreou.

— Jane precisava de tecido para fazer algumas roupas novas para as meninas. Elas já perderam quase todas. Eu também precisava de suprimentos e ouvi dizer que há novas sementes de grama de primavera — explicou ele. — Mas acho difícil pensar em plantar.

Bear riu, concordando.

— Não, você é muito inclinado a cultivar.

— Verdade, Deus sabe, mas esse não é o motivo.

— Bem, não me faça adivinhar, o que é então?

— Estou pensando em ir para o oeste. Para Kentucky.

As sobrancelhas acobreadas de Bear se levantaram e seus olhos se arregalaram no rosto corado.

— Verdade? É uma mudança ousada. Eu mesmo considerei isso. Ouvi dizer que é o paraíso dos caçadores. Tentador.

— Como você bem sabe, meu sonho é encontrar terras melhores. O perigo pessoal parece apenas uma consequência menor em comparação com a oportunidade de garantir terras ricas. Mas eu me preocupo com Jane e as meninas. Como posso colocar as vidas delas em risco? — perguntou ele, já sentindo sua mandíbula se contrair.

— Bem, a chave para segurança será viajar em um grupo grande e bem armado. Se você decidir ir, ficarei feliz em fazer parte disso — ofereceu Bear.

A oferta de Bear não o surpreendeu e sua família estaria mais segura com o irmão adotivo.

— Se decidirmos ir, não há homem que eu preferisse mais que se juntasse a nós.

— Estou honrado. Seus irmãos também estão dispostos a ir para Kentucky?

— Sam, com certeza. Como você, ele não tem uma família com que se preocupar e anda inquieto nos últimos tempos. Precisa de um desafio. William, um cara livre, iria a qualquer lugar que o resto de nós fosse. Depois de perder Diana, John precisa de um lugar

para começar de novo. Mas Edward não está disposto a tentar uma viagem tão difícil. Não sei se ele está sendo cauteloso ou covarde. Sam o acha um covarde.

— Não, ele não é covarde; apenas não é aventureiro como Sam. Edward fica desconfortável sem quatro paredes ao seu redor. Acho que ele seria um fardo para você, se não se importa que eu fale livremente.

— Espero que você fale livremente.

— Sinto que você ainda tem algumas dúvidas.

— E se a terra não for tudo o que dizem ser? Talvez seja apenas um paraíso de caçadores. E se eu não conseguir viver de maneira decente lá? Não quero ser um fracasso.

— *Och*, você não é capaz de falhar. Pior é não tentar. Aqueles que não tentam o que é difícil são os verdadeiros fracassados e covardes. Sempre se perguntam o que poderia ter sido, o que poderiam ter feito. Vão se arrepender no final da vida. Você não é homem de fugir de um desafio ou ceder ao medo.

— Mas devo ser lógico sobre esta decisão.

— Sim, Stephen, com certeza. E é compreensível estar dividido. Mas algumas decisões exigem mais do que razoabilidade. Um homem corajoso não faz uma grande ação porque é razoável. Como arremessar troncos na Escócia, este é um teste para sua força. Um homem corajoso age com fé e coragem, e arremessa o tronco o mais longe que puder.

Stephen olhou para seu grande amigo. A sabedoria de Bear às vezes parecia tão grande quanto seu tamanho físico. Como havia feito com Sam, ele deixou as palavras de Bear se assentarem, e novamente sua coragem se fortaleceu.

— Você está com fome ou apenas com sede? — Harry colocou uma caneca de cerveja na frente de cada um deles.

— Harry, conheça o meu irmão adotivo Daniel McKee. Nós o chamamos de Bear — disse ele.

— Ouvi falar de você. Você é aquele caçador de lobos e ursos — disse Harry, limpando rapidamente as mãos molhadas no avental coberto de manchas antes de apertar a mão estendida de Bear. Harry virou-se para Stephen. — Há quanto tempo você conhece Bear?

— Desde que ele era um filhotinho^[1] — respondeu ele.

Bear e Harry riram.

— Esse é um... interessante adorno de pescoço que você usa, Bear. — Harry fitou, com os olhos arregalados, o pescoço de Bear.

O impressionante cordão de dentes e garras, enormes e variados, com mais de dez centímetros de comprimento, assustava quase todos que o viam.

Stephen lembrava-se de um homem que literalmente se assustou. O homem havia parado na taberna Barrington, enquanto viajava por New Hampshire. Ficou curioso sobre o adorno incomum do pescoço de Bear, e perguntou sobre sua origem. William, que costumava contar histórias fantasiosas, especialmente para estranhos inocentes, entrou na conversa e explicou por que Bear o usava. William disse ao homem, quase embriagado, que seu irmão adotivo era órfão e havia sido criado por uma urso. William disse que Bear era tão parecido com seu apelido e sabia tanto sobre eles, que era provável que o gigante fosse meio urso.

Bear, que estava gostando muito do aprimoramento que William fazia de seus ancestrais e infância, embora já tivesse tomado muita cerveja, rugiu exatamente como um urso, olhando furiosamente para o homem minúsculo.

Foi demais para o homem. Ele se apressou em fugir, tropeçando nas cadeiras na tentativa de escapar. Bear e William riram por uma hora depois que ele saiu.

— Mantive um dente e uma garra de cada urso que matei, como homenagem a eles — disse Bear a Harry, que ainda estava olhando para o adorno fixamente, claramente hipnotizado pela coleção intimidadora.

— Sei que as pessoas daqui agradecem por você ter diminuído um pouco a quantidade deles — disse Harry. — Ursos e pessoas não se misturam bem.

— Mas eles são os reis inconfundíveis da floresta — disse Bear, inflexível. — Exigem respeito tanto por sua discrição misteriosa quanto por sua coragem. Aprendi a respeitá-los e compreendê-los. Eu os vi escalar uma árvore de trinta metros em segundos e há um velho ditado dos índios: “uma agulha cai na floresta, a águia a vê, um cervo a ouve, mas o urso a cheira”. Sim, ele sente cheiro do

medo também. Para ser um bom caçador ou um bom lutador, você nunca pode deixar seu adversário sentir cheiro de medo.

Palavras sábias, pensou Stephen. Seu estômago roncou. Fazia muito tempo desde que tomara o café da manhã.

— Vou comer sua torta, Harry — pediu ele. — O que há de novo em Durham?

A expressão de Harry ficou séria.

— Nada de mais, exceto aquele demônio do Bomazeen.

O nome pairou pesado entre eles, uma súbita ameaça sombria. Stephen olhou para Bear, que também parecia consternado ao ouvir o nome.

— Ele voltou? — perguntou Stephen, incrédulo.

— Onde? Quando? — Bear quase exigiu.

— Lamento dizer, perto de suas bandas. Acabei de ouvir a respeito. Ele deixou seu cartão de visitas habitual: escalpelou uma viúva chamada Andrews e cortou sua garganta. Como se não bastasse, ele a furou com uma baioneta. Roubou seus poucos objetos de valor. Algo trouxe o demônio de volta. Provavelmente procurando roubar escravos para negociar. Ela era velha demais para lhe ser útil, pobre alma, então ele acabou com ela. Agora, as pessoas acham que ele deve ter roubado a jovem Lucy MacGyver.

— A Sra. Andrews... ela morava a não mais de oito quilômetros da minha fazenda — disse Stephen. Sua mente e seu coração dispararam e seus nervos ficaram tensos. — Meu Deus. Esqueça a torta, Harry. Estou indo embora. — Ele pulou da cadeira de madeira, derrubando-a.

— É perigoso viajar à noite — protestou Harry, enquanto endireitava a cadeira. — Espere até de manhã.

Um pressentimento tomava conta de Stephen, enquanto ele reunia suas armas. Jane. Suas filhas. *Por favor, Deus, mantenha-as seguros*. Precisava ir naquele momento.

Estou indo, Jane.

— Você precisa comer — disse Harry. — Leve este pedaço de pão com você.

— Meus agradecimentos — murmurou Stephen, apressado, enquanto começava a correr em direção à porta.

— Vou com você — ofereceu Bear, jogando dinheiro em cima da mesa e seguindo Stephen para fora.

— Não, vou precisar do empréstimo do seu corcel. Minha carroça será muito lenta — gritou Stephen por cima do ombro, enquanto avançava pela taberna barulhenta.

— Sim. Meu novo cavalo é um bom e forte castrado. Mantenha-o em um galope devagar e você poderá cavalgar a noite toda — disse Bear, quando começaram a atravessar a praça.

— Bear, preciso desses suprimentos. Você poderia pegá-los para mim e depois ir o mais rápido possível?

Stephen começou a correr e Bear conseguiu acompanhá-lo.

— Sim. Entregue-me sua lista. Amanhã de manhã estarei na porta deles e depois a caminho.

Em instantes, ele e Bear estavam correndo para dentro do estábulo, iluminado com uma pequena lamparina a óleo pendurada. Ele devorou o pão enquanto Bear rapidamente selou o cavalo grande e encurtou os estribos. A comida fez seu estômago parecer como se ele tivesse engolido uma pedra, mas ele se forçou a devorá-la, já que não havia comido o dia inteiro. Quando Bear lhe entregou as rédeas do cavalo, o olhar ansioso no rosto de seu amigo lhe disse que ele entendia a apreensão de Stephen.

— Boa sorte, meu amigo — disse Bear, enquanto Stephen montava e disparava.

Ele cavalgou a noite toda, através de uma brisa forte e um frio úmido. Mas a preocupação impedia sua mente de perceber o frio. Ele alternava entre pensar no que poderia estar na floresta escura à sua frente e rezar desesperadamente por sua família. O rosto de Jane continuava penetrando sua mente. Normalmente a visão lhe trazia pura alegria, mas naquela noite cada imagem fazia o nó em suas entranhas se apertar mais. Ele não suportava a ideia de perdê-la.

Cada quilômetro através do silêncio negro da noite o deixava mais desconfortável. Sua mandíbula estava tão contraída a ponto de doer, e seus músculos das costas, já cansados da viagem de carroça naquele dia, pareciam rígidos como pedra. Ele se concentrou tão intensamente na trilha escura que seus olhos começaram a doer. Não pôde deixar de se lembrar das dezenas de

vidas desaparecidas e recordar os trágicos testemunhos dos poucos sobreviventes dos ataques de Bomazeen. Se ele soubesse que Bomazeen estava em qualquer lugar perto de sua casa, nunca teria deixado Jane e as meninas sozinhas.

Vislumbrando um cavalo e um cavaleiro subindo a bifurcação à sua direita, ele controlou o cavalo grande com força, puxando-o até uma parada abrupta.

— Quem vai aí? — gritou, com a pistola puxada. Embora estivesse quase amanhecendo, ainda estava escuro e difícil de ver.

— Stephen, sou eu — gritou Sam, em resposta.

Alguns momentos depois, seu irmão alinhou o cavalo alto ao lado de Stephen.

— Bomazeen está de volta. Ele matou novamente. Acabei de avisar John. Eu estava indo avisar você. Não o reconheci nesta montaria parda — explicou Sam.

— Peguei emprestado de Bear para que eu pudesse voltar de Durham mais rápido.

O cavalo de Bear bufou, o ar quente de suas narinas enviando sopros de vapor no ar frio. O cavalo de Sam, que também havia cavalgado intensamente, fez o mesmo, enchendo a escuridão entre os dois homens com uma névoa fantasmagórica.

— Bear está trazendo minha parelha e os suprimentos. Deixei Durham assim que soube do Bomazeen. Cavalguei a noite toda — explicou ele, tentando controlar suas emoções.

— Armas carregadas? — perguntou Sam.

— Sim. Ambas.

— Ótimo. Não se preocupe, estaremos lá em breve.

— Deus, não deixe que seja tarde demais. — Stephen chutou o cavalo grande e soltou-lhe as rédeas.

Sam cavalgava perto dele.

Os cascos de ambos os cavalos trovejavam no mesmo ritmo que o coração acelerado de Stephen.

CAPÍTULO 6

Demorando-se o tempo que achava necessário, Bomazeen aproximou-se lentamente de Jane.

Ela viu a luxúria vil aumentando no rosto dele, enquanto a olhava como um lobo pronto para devorar sua presa. Aquilo fez com que seu estômago embrulhasse, de nojo.

Os lábios dele se separaram, revelando uma língua estreita e pontiaguda. Ele se tocou e seus olhos lascivos nublaram-se de desejo animalesco. O pensamento daquele homem tocando-a fez sua pele arrepiar.

Assustada, ela deu um passo para trás até sentir a parede pressionando suas costas. Procurou freneticamente por algo para se defender. Espiou o mosquete perto da porta e correu na direção dele.

Mas estava muito longe.

Bomazeen rapidamente a seguiu. Ela sentiu a mão dele agarrar sua nuca. Ele a empurrou para o chão, e depois a rolou. Uma mão ainda segurava sua garganta enquanto agarrava o espartilho dela, rasgando a roupa até a cintura e expondo seus seios. Os olhos dele se arregalaram e a boca se abriu, revelando dentes podres.

Ela se encolheu quando suas longas e imundas unhas viajaram lentamente por seus seios e sentiu sua pele se rasgar sob seu toque sórdido.

Ela gritou quando ele agarrou seu cabelo com uma das mãos, usando-o para prendê-la no chão. Enquanto resistia e chutava, lutando com toda as forças que podia reunir, ela sentiu os cabelos sendo arrancados do couro cabeludo, as raízes se rasgando.

— Pare de brigar ou vou arrancar esse cabelo da sua cabeça e acabar com isso — ameaçou ele.

Não era uma ameaça vã. A evidência estava pendurada no cinto dele. Ela se forçou a parar de resistir, pelo menos naquele momento. Mas sua raiva continuou a crescer.

Então ele soltou os cabelos dela, agarrou seus pulsos e, com uma mão, os colocou firmemente acima da cabeça, antes de

alcançar as amarras de seus calções de couro.

Ela queria vomitar pela repulsa que explodia dentro dela. *Isso não pode estar acontecendo*, gritou, em seus pensamentos. *Não pode. Não vou deixar*. Ela se contorceu e se virou debaixo do peso dele.

Bomazeen enfiou a mão debaixo do vestido dela. A mão dele se moveu rapidamente. Rápido demais.

Jane liberou seu choque e horror em um grito estridente.

A pequena Mary acordou e começou a chorar alto. O choro do bebê parecia reverberar através do terror na sala, fazendo o som ficar quase ensurdecedor.

Ela lutou contra a pressão do corpo dele tentando forçar as suas pernas a se abrirem. Ela nunca havia sentido raiva com tanta intensidade. Então sua fúria aumentou ainda mais.

Obviamente distraído pelos guinchos intensos da bebê, Bomazeen rosnou como um animal zangado e se levantou, mantendo o aperto sobre os pulsos dela. Ele se virou em direção ao berço, um olhar de puro ódio contorcendo seu rosto enquanto pisava duro em direção ao bebê, arrastando-a ao lado dele.

Um pavor extremo a encheu instantaneamente. Aquela fera mataria Mary para silenciá-la? *Deus, ajude-nos*, implorou, em silêncio.

Ela resistiu com todas as suas forças e peso tentando detê-lo, mas o homem era forte e segurava seu pulso com um aperto mortal. Mas ela precisava detê-lo. Quando Bomazeen se aproximou do bebê, ela se levantou, arrebatou Mary com seu braço livre e apertou sua bebê de forma protetora contra os seios expostos.

— Deixe meu bebê em paz — gritou ela, ferozmente.

— Cadela — Bomazeen soltou Jane e arrancou o bebê de seus braços.

— Não! — gritou ela, atacando-o com um frenesi selvagem enquanto tentava tomar a filha de volta, com lágrimas de raiva queimando os olhos.

Bomazeen colocou a mão em volta da garganta do bebê e segurou a criança com o braço estendido, longe dela.

Ela se debatia loucamente, tentando alcançar a filha, mas Bomazeen mantinha o bebê fora de seu alcance. Sua garganta se

apertou enquanto o desespero a preenchia. Precisava salvar sua bebê.

— Por favor — implorou ela.

As perninhas de Mary balançavam como as de uma boneca de pano, enquanto o demônio apenas zombava dela e continuava a provocá-la com a criança que chorava.

Ela atacou, mas ele agarrou o braço dela no ar, depois o torceu dolorosamente até as costas. Ele içou Mary no ar como um troféu. Quando levantou o braço para trás, preparando-se para jogar o bebê, as três garotas gritaram alarmadas e Jane sentiu o coração parar.

Parecendo ter um grande prazer em assustar as meninas, o escárnio maligno de Bomazeen aumentou. Ele apertou mais a garganta de Mary e espremeu. Ele a balançou novamente, atormentando as irmãs.

Dessa vez, a raiva superou o medo e Martha correu em sua direção, com os braços estendidos, claramente com a intenção de agarrar Mary e afastá-la de Bomazeen.

— Não, não, não — gritou Martha.

Bomazeen soltou uma gargalhada sinistra e deu um passo para trás, mais perto do berço, mantendo Jane firme, e quase destroncando o braço dela. Tudo o que ela podia fazer era assistir, impotente, enquanto Martha lutava para alcançar a irmãzinha.

Bomazeen balançou o bebê logo acima da cabeça de Martha, zombando dos esforços desesperados da criança, elevando Mary ainda mais toda vez que Martha quase tocava a irmã. Ele sorriu para a filha mais velha.

— É isso que você quer? Você é um pouco selvagem, como sua mãe.

As ações do louco deixaram Jane furiosa, mas pior, ela temia que ele se cansasse de seu jogo cruel e matasse Martha.

— Deixe minha irmã em paz! — gritou Martha. Sua filha mais velha repetiu o pedido lamentável várias vezes.

Jane viu sua chance. O ato de bravura de Marta lhe proporcionou uma distração necessária.

Enquanto Bomazeen continuava com sua cruel provocação, ela lentamente esticou o braço livre em direção ao berço. Cada

centímetro de movimento causava extrema agonia no outro ombro, mas ela não parava, por mais que doesse. Procurava desesperadamente a pistola que sempre escondia embaixo do colchão do berço quando Stephen saía. Ela a encontrou! Apertando a mandíbula, respirou lentamente para acalmar sua fúria. Era canhota e segurava a pistola com a mão direita. Ela rezou para que sua pontaria fosse certa ao engatilhar a arma.

Bomazeen virou-se ao ouvir o som, para enfrentar o cano da arma de fogo.

Naquele instante congelado, sua expressão maliciosa mudou, como se seu rosto se transformasse em pedra.

Ela queria desesperadamente disparar, mas Bomazeen colocou Mary na frente dele e mantinha Jane presa em um ângulo estranho, fazendo a dor em seu ombro se tornar excruciante.

Então, a expressão dele mudou novamente. A pedra ganhou vida com o frio sangue do mal.

— Sua cadela. Não pode me matar. — Ele se virou para ela e se preparou para lançar Mary na direção da arma.

Horrorizada, a mãe que existia em Jane se ergueu acima do próprio medo. Quando o braço dele voltou, ela atirou.

O impacto da bala jogou Bomazeen para trás.

Mary voou da mão de Bomazeen. Através da fumaça da pólvora, ela viu sua bebê cair no que parecia ser câmera lenta.

Martha pulou para frente para segurar a irmã.

O bebê caiu nos braços de Martha, interrompendo sua queda. Enquanto Martha e Bomazeen caíam no chão, Jane ouviu um baque alto quando a cabeça do demônio bateu no chão de madeira.

Ela pegou Martha e uma Mary aos berros nos braços, soluçando, e ficou consternada ao ver sangue salpicado em sua bebê. As mãos dela percorreram rapidamente o rosto e a cabeça de Mary, depois os braços e pernas, limpando desesperadamente o sangue, procurando ferimentos. Mary não estava sangrando. Era o sangue de Bomazeen.

Às pressas, ela colocou Mary de volta nos braços de Martha e se levantou. Agarrando Bomazeen com ambas as mãos, ela o arrastou em direção à porta, mas a dor aumentava em seu ombro estirado. Só podia usar um braço para puxá-lo. Ela se esforçou por algum

tempo contra o peso morto dele, mas finalmente conseguiu, alguns centímetros de cada vez, tirá-lo de casa. Olhou para a cabeça que sangrava, enquanto ele permanecia imóvel na varanda.

Ela piscou com força e sacudiu a imagem revoltante de sua cabeça. Tropeçou ao redor do corpo dele, embaralhando-se na saia, e caiu ao lado da coleção malcheirosa de escalpos de Bomazeen. Um fragmento quebrado de sua xícara de chá cortou seu braço. Segurando o corte sangrando contra o coração aos pulos, ela correu para dentro.

Colocou o ferrolho na porta e trancou todas as janelas e persianas da casa. Com as mãos trêmulas, ela recarregou a pistola e a enfiou dentro do avental. Só então chamou Martha, Amy e Polly para o seu lado. Chorando, elas correram até a mãe, agarrando as dobras do vestido com as mãozinhas.

— Mamãe, mamãe — choraram em uníssono.

Martha enterrou o rosto em lágrimas na saia de Jane enquanto esta gentilmente levantava Mary dos braços da filha.

— Minha corajosa Martha — disse, ternamente, enquanto acariciava a cabeça da menina.

Incapaz de suportar outro momento, Jane caiu de joelhos e as meninas se amontoaram ao seu redor, enquanto ela abraçava cada uma intensamente. Beijou os rostos riscados de lágrimas, misturando as delas com suas próprias lágrimas. Precisava chorar com elas, precisava deixar as lágrimas lavarem o terror de seus corações.

Então, seu sangue congelou ante a constatação do que poderia ter sido o destino delas — o horror que Stephen teria, quando voltasse para casa. Ela começou a tremer. Seus joelhos enfraqueceram, as mãos tremeram e o coração disparou. Queria falar, tranquilizar as filhas, mas o queixo tremia. Ela lutou para se recompor, pelo bem das meninas.

Então, enxugou as lágrimas do rosto com as costas da mão trêmula.

— Obrigada, Senhor, obrigada — conseguiu murmurar, por fim.

Gradualmente, suas mãos se firmaram e a respiração voltou ao normal. Colocou Mary nos braços de Marta de novo e se levantou com as pernas bambas.

— Estamos bem agora. Estamos bem. Estamos bem agora —
repetiu várias vezes.

Mas Bomazeen viera sozinho?

CAPÍTULO 7

A casa, banhada pela luz da manhã, logo apareceu. Todas as janelas pareciam fechadas e trancadas. As entranhas de Stephen se apertaram. Algo estava errado. Os dois homens impulsionaram seus cavalos a toda velocidade.

Momentos depois, ele pulou do lado do cavalo, com o mosquete apontado para a porta da frente.

Sam desembainhou a faca e desceu da montaria em um único movimento suave.

— Jane. Jane, você está bem? — gritou Stephen, rezando para que ela abrisse a porta e o repreendesse por gritar e acordar as crianças. Ele empurrou a porta, mas ela não se mexeu, trancada por dentro. — Jane!

A porta se abriu.

— Stephen!

Jane pulou nos braços dele, com a pistola na mão. Ela nunca se sentiu tão bem nos braços dele. Ele nunca precisou abraçá-la mais. Ele a abraçou intensamente, o coração ainda batendo com violência.

— Sam, ela está aqui. Está bem — gritou ele, o alívio enchendo o coração.

Sam dobrou a quina do lado da casa.

— Graças a Deus. Estava prestes a arrombar a janela do quarto. — A longa lâmina que ele ainda segurava brilhava ao sol da manhã, refletindo como um espelho altamente polido.

Stephen guiou Jane de volta para dentro. Segurou o rosto dela e fitou os olhos dela. Ele viu uma dor que nunca havia visto antes. Notou o espartilho rasgado, preso com alfinetes na frente do vestido e sangue em sua saia. Os lábios e queixo dela tremiam. Seu coração se apertou com a visão dela.

— Conte-me — ele conseguiu dizer.

— Ele está morto — chorou ela. — Ele está morto. Ele estava prestes a...

Jane não pôde continuar. Ela apontou para fora com a mão trêmula e depois colocou os dedos sobre a boca. Parecia estar se esforçando para conter as emoções que ameaçavam ser despejadas dela. Passou por ele e seguiu para a varanda.

Stephen e Sam a seguiram.

— Onde ele está? — exigiu Jane.

— Quem? — perguntaram os dois homens, em uníssono.

Pela primeira vez, Stephen notou o sangue espalhado na varanda.

— O que aconteceu aqui?

— Não... ele tem que estar aqui. Eu o matei! — gritou ela, com os olhos percorrendo freneticamente o redor deles.

Stephen gentilmente a agarrou pelos ombros e a virou para encará-lo.

— Quem você matou?

— Bomazeen. — Ao som do nome, um medo silencioso ganhou vida nos olhos dela.

Sam pulou da varanda e começou a estudar o chão.

— Se ele estiver aqui, vou encontrar o bastardo. Vou dar uma olhada nas redondezas.

Ainda bem que seu irmão estava lá, Stephen podia se concentrar em Jane. Sam tinha os olhos treinados de um soldado e, se algo estivesse errado, ele descobriria.

— As meninas? — perguntou Stephen, prendendo a respiração até que ela respondeu.

Jane apontou para o andar de cima.

— Finalmente estão dormindo. Passava da meia-noite quando as pobres queridas pararam de chorar. — Ela olhou para cima. — Oh, querido Pai Celestial, obrigado por sua misericórdia sobre nós.

Ele fechou os olhos por um momento e silenciosamente também disse uma palavra de sincero agradecimento.

— Stephen, ele quase... matou Mary — soluçou ela. — Ele ia me levar ao Chefe Wanalancet. Ele disse que o Chefe me queria para sua esposa e se casou com meu espírito com seu cachimbo da paz. E que ele faria de Martha uma escrava — disse ela, com a voz embargada, quase incapaz de pronunciar as palavras.

— Mary está bem? — exigiu ele.

— Ela terá hematomas no pescoço, mas o choro dela parecia normal e finalmente dormiu, então eu acho que ficará bem.

— Bomazeen machucou você? — Ele prendeu a respiração, preparando-se para o que estava por vir.

Jane tocou a face. Um hematoma azul apareceu em sua pele pálida.

— Ele tentou. Chegou perto. Tão perto.

Stephen observou quando ela fechou os olhos. Beijou as pálpebras dela com ternura, querendo tirar a imagem da mente dela, e depois deitou a cabeça dela em seu peito.

— O que aconteceu com o seu braço?

— Abri a porta e o vi, parado ali, seus olhos maus me encarando. Deixei cair minha xícara de chá. Mais tarde, quando o puxei para fora, caí e cortei meu braço nos cacos. Mãe de Deus, ele quase matou Mary. — A voz e os lábios dela tremiam.

Sam se juntou a eles novamente.

— Há uma trilha que leva à floresta. Jane, como você conseguiu atirar nele?

— Ele ficou com raiva porque o bebê estava chorando. Eu a peguei. Ele agarrou Mary para longe de mim e a balançou pela garganta. Martha ficou furiosa e o atacou. Ela foi tão corajosa. Ela continuou tentando puxar Mary para longe dele. — Jane fez uma pausa por um momento para recuperar o fôlego. — Enquanto ela o distraía, consegui pegar a pistola que mantenho embaixo do colchão do bebê e atirei nele. Tive que atirar de um ângulo estranho, porque ele tinha um dos meus braços preso nas minhas costas, mas a bala atingiu o lado de sua cabeça.

Ele se virou para Sam e disse:

— É um truque que o pai dela lhe ensinou. Ninguém espera que uma arma esteja embaixo de um bebê. As meninas sabem que não devem tocá-lo, e o bebê não é forte o suficiente para levantar o colchão.

— Seu pai lhe ensinou bem. Coisa boa. Ele salvou a vida de três de suas garotas, e você e Martha do indescritível — disse Sam. — Alguém ajudou Bomazeen na floresta. Ele estava meio andando e meio cambaleante. Deve ter sido quem escondia as montarias.

— Ainda está vivo? — Jane ofegou e pressionou a mão contra a boca.

— Seu tiro deve ter roçado a cabeça dele e o nocauteado. Alguém ajudou o bastardo a seguir através das árvores e a montar no cavalo.

— Esse homem não é humano. É um demônio maldito — praguejou ela.

Stephen só pôde abraçar Jane contra o peito, onde seu coração ainda batia forte. Não podia acreditar que aquele monstro havia entrado no santuário de sua casa. Sua família deveria estar segura ali. Seu bebê deveria estar seguro. Ele deveria ter ficado ali. Seu corpo inteiro estava tenso pelo esforço para controlar a raiva. Mas agora, precisava ajudar Jane.

— Acabou agora. Vamos levar você de volta para dentro — sugeriu ele.

Jane levantou a cabeça e assentiu. Ela permitiu que ele a introduzisse na casa, mas depois parou, apertou os braços firmemente em volta da cintura dele e soluçou em seu peito. Provavelmente, ela havia mantido suas emoções sob controle rígido a noite toda. Mas agora, com ele ali, estava livre para soltar um pouco da dor.

Stephen acariciou gentilmente o topo de sua cabeça, dando-lhe tempo para chorar. Melhor deixar o veneno sair. A provação a havia traumatizado compreensivelmente.

— Você está segura. Estou aqui agora.

Depois de vários minutos tremendo em seus braços, ela fungou e secou os olhos com o avental.

— Eu estava tão assustada. Graças a Deus você finalmente está em casa.

— Jane, sua bravura me surpreende. Estou tão orgulhoso de você. — Ele beijou sua testa. — A maioria das mulheres não teria coragem de reagir.

— Aqui, beba isso — disse Sam, oferecendo-lhe água.

Jane olhou para a concha de água, depois balançou a cabeça e enterrou o rosto no peito de Stephen novamente.

— Depois de garantir que Martha e a bebê não estavam gravemente feridas, de alguma forma o arrastei para a varanda e

depois tranquei as portas e janelas. Não queria me arriscar a sair. Tudo o que podia fazer era ficar acordada e manter minha pistola apontada para a porta da frente.

— Você fez tudo o que precisava fazer. Sente-se agora e descanse. Está exausta — disse-lhe Stephen, guiando-a para sua cadeira favorita.

— Vou atrás deles — disse Sam.

— Você não deve ir atrás deles sozinho. Mas não posso deixar Jane e as meninas. Espere por Bear. Ele deve estar aqui em breve — sugeriu ele.

Sam foi para a porta.

— Não há tempo. A trilha já está esfriando.

— Farei com que Bear vá atrás de você quando chegar — gritou Stephen quando Sam saiu.

— Como você chegou em casa tão cedo? Não foi a Durham? — perguntou Jane.

Stephen se abaixou ao lado de Jane e segurou as mãos dela.

— Sim, eu estava na taberna do Harry, onde encontrei Bear. Harry nos disse que Bomazeen matou a viúva Andrews. Assim que ouvi, peguei emprestado o cavalo de Bear e saí imediatamente. — Ele lhe contou sobre o resto da noite.

— Oh, a Sra. Andrews, a pobre alma — disse ela, com voz rouca. — Ele deve tê-la matado no caminho para cá. Querido Deus.

Ele não queria lhe contar os detalhes do assassinato. Ela já havia passado pelo suficiente e os nervos dela ainda estavam muito feridos. Ao se levantar, percebeu que seu coração ainda martelava no peito. Respirou fundo para acalmar os próprios nervos abalados.

Depois de acender o fogo e ter certeza de que Jane estava bem, ele saiu e examinou a floresta em torno de sua casa, quase esperando localizar o bastardo. Se colocasse as mãos em Bomazeen...

Jane limpou vigorosamente o sangue nas pranchas de madeira da varanda com uma escova de cerdas e um forte sabão de lixívia. O sol da manhã a banhava enquanto ela trabalhava, a boa luz

ajudando-a em seus esforços de limpeza. Querendo livrar a casa dos últimos vestígios de sua provação, ela esfregou como nunca havia esfregado antes. Gotas de suor se formaram em sua testa.

Desejou poder limpar sua mente dos pensamentos sobre Bomazeen tão facilmente. Afastou um longo fio de cabelo, para poder ver com mais clareza. Parou abruptamente. *Cabelo*. Os cabelos brancos no cinto de Bomazeen pertenciam à viúva Andrews. Ela ofegou, horrorizada. Sufocando soluços, lembrou-se do quão adorável aquele cabelo branco prateado havia sido. Podia vê-lo claramente em sua mente enquanto se lembrava da Sra. Andrews.

— Seu filho de... — sussurrou em voz alta e atacou a varanda com a escova molhada. Ela desejou ter matado Bomazeen. — Você merece queimar no inferno. Queimar para sempre. Queimar sem morrer. Espero que a primeira coisa a queimar seja o cabelo na sua cabeça.

Com a tarefa desagradável concluída, ela se levantou e olhou para os cacos espalhados de sua estimada xícara de chá, achando difícil se concentrar neles através das lágrimas. Lentamente, juntou os pedaços maiores no avental, depois encontrou uma pá e enterrou os cacos quebrados embaixo de sua árvore favorita.

Voltando ao balde, jogou a água suja o mais longe que pôde, com lágrimas quentes e raivosas escorrendo pelas faces. Ela as enxugou com as costas da mão.

As meninas, exaustas pelo trauma, ainda dormiam no andar de cima; assim, ela aproveitou o tempo para se lavar, pentear os cabelos e trocar de roupa e avental. Ainda inquieta, e com Stephen no celeiro, ela colocou a pistola de volta sob o colchão da bebê e enfiou uma faca no avental.

Em seguida, limpou a bagunça que Bomazeen havia feito da mesa e lavou o balde de água e a concha. Pegou água fresca da cisterna e apanhou um bule de café antes de sair para o galinheiro, alimentar as galinhas e depois recolher os ovos. Apreciava ver como as galinhas comiam os insetos do lugar e os transformavam em refeição para sua família.

Seu saco de batatas ainda estava pela metade e ela descascou uma dúzia e começou a fritar na frigideira de ferro. Fazer essas

coisas comuns mantinha a mente ocupada e fora de seu calvário. Havia subestimado essas tarefas simples no passado, mas agora essas pequenas atividades tinham mais significado. Percebeu o quão perto estivera de não poder fazê-las para sua família.

Jane terminou de amassar biscoitos e os colocou em seu forno de ferro Franklin. Sempre que usava o fogão, agradecia silenciosamente a Benjamin Franklin, que havia inventado o novo estilo de fogão. Tinha um compartimento em forma de capuz e uma caixa de ar na parte traseira, permitindo uma chama que usava um quarto da madeira usada pelos fogões de ferro fundido. Ela sorriu. Stephen havia economizado por um ano e encomendou ao fogão para ela ao comemorar o quinto aniversário do casamento deles.

Ela se sentou em sua cadeira de balanço de madeira para amamentar Mary. Enquanto o leite descia, um profundo alívio a encheu lentamente. Sua bebê estava segura, aconchegando-se firmemente contra ela. Apenas o arranhão que Bomazeen fizera em seu seio permanecia para entristecer aquele momento. Mas a ferida sararia em breve. Ela abraçou Mary contra ela e beijou suavemente a cabeça da bebê enquanto a alimentava. Jane queria chorar de novo, mas desta vez de alívio e gratidão.

O cheiro delicioso dos biscoitos assando e batatas fritando com cebola encheu a casa. As meninas logo acordaram, chamando por ela. Ela percebeu o medo na voz de Martha e não podia culpá-la. Mas as crianças têm sua maneira de se recuperar e ela rezou para que logo esquecessem as provocações da noite anterior.

— Está seguro, garotas. Desçam agora. — Ela afastou uma Mary bastante satisfeita do peito e deitou-a de volta no berço.

As meninas desceram lentamente as escadas. Martha segurava as mãos das duas irmãs. Elas espreitaram com olhos arregalados, olhando cautelosamente ao redor da sala.

Jane foi até elas, abraçando e beijando cada uma.

— Não se preocupem, seu pai voltou esta manhã com o tio Sam. Está no estábulo agora, alimentando o gado — disse Jane. Deliberadamente, não mencionou Bomazeen ou que Sam o estava rastreando.

— A senhora está bem, mamãe?

Martha fez a pergunta de forma tão doce que Jane sentiu vontade de chorar de novo. Ela se afastou das filhas para que elas não pudessem ver seus olhos brilhando com as lágrimas.

— Sim, querida. Só estou cansada. Vocês vão me ajudar com a bebê Mary? As fraldas dela precisam ser trocadas e eu acabei de amamentá-la. — Ela esperava que cuidar da irmã caçula ajudasse as meninas a voltar ao normal. Precisava conversar com elas sobre a provação que haviam passado, mas ainda não estava pronta. Em breve, mas não agora.

Quanto tempo levaria para superar a ferida que Bomazeen infligiu em sua mente? Talvez acabasse sendo apenas uma cicatriz feia. Era a ironia de tudo aquilo. Os ferimentos físicos costumam se curar com pouco ou nenhum dano permanente. Mas os traumas da mente não são tão facilmente apagados. Alguns nunca vão embora. Eles ficam ali para sempre, logo abaixo da superfície, capazes de retornar espontaneamente com nova intensidade e dor. Ela mexeu as batatas e bateu a colher de pau na lateral da panela com tanta força que ela rachou.

Stephen tirou a sela do cavalo de Bear. Após a longa jornada, a montaria exausta precisaria de um bom descanso. Mantendo a expressão fechada enquanto trabalhava, ele puxou os couros da sela de forma mais agressiva do que o necessário, liberando a cilha. O cavalo escapou e ele percebeu que estava deixando nervoso o pobre e cansado animal. Ele acariciou o pescoço do cavalo com suavidade e, em seguida, conseguiu uma porção generosa de ração e água fresca.

Ele andou pelo celeiro, enquanto uma apreensão gelada girava em torno de seu coração. Não estava preocupado com Sam. Era improvável que seu irmão pudesse alcançar Bomazeen e, se o fizesse, era Bomazeen quem precisaria se preocupar.

O que causava um nó no estômago foi que Jane apenas havia ferido Bomazeen. O demônio provavelmente voltaria para buscá-la. A ameaça não havia terminado. Estava pior agora. Homens como Bomazeen não desistem.

Bem, ele também não. Encontraria uma maneira de mantê-la segura.

CAPÍTULO 8

Enquanto o sol começava a se pôr, Bear chegou, e a parelha da carroça estava coberta de suor e respirando com dificuldade.

— Eu os forcei tanto quanto ousei. Está tudo bem aqui? — gritou Bear.

Stephen estava sozinho, esperando por Bear na varanda, pensando na situação deles. Não queria preocupar Jane. Ela já havia suportado o suficiente.

— Jane e as meninas estão a salvo, mas não está tudo bem — disse ele, descendo os degraus da varanda. — Explicarei mais tarde. — Felizmente, Bear não o pressionou.

Eles descarregaram os suprimentos — sementes, café, farinha, fubá, mel, sal, queijo, aveia e o tecido para Jane.

— Espero que ela goste do tecido. Foi a primeira vez que comprei pano. E, com certeza, espero que seja a última — disse Bear.

Stephen fez uma careta, lembrando o vestido rasgado de Jane e o que quase aconteceu com sua esposa. Ela precisaria do novo tecido para substituir o vestido rasgado. As galinhas cacarejantes se dispersaram quando os dois homens pegaram a carroça e se dirigiram ao celeiro, e depois colocaram os sacos em pilhas arrumadas. Seu celeiro era mais organizado do que a maioria, e Stephen se orgulhava de sua manutenção.

— Estou em dívida com você, Bear, por trazer nossos suprimentos e emprestar seu cavalo — disse ele, quando terminaram de desatrelar e cuidar da parelha da carroça.

— É um prazer ser útil — disse Bear. — Diga-me o que aconteceu então. Posso dizer que você está preocupado.

— Bomazeen — rosnou Stephen. — Ele esteve aqui e tentou roubar Jane e Martha. — As palavras o fizeram querer sufocar. — Ele quase conseguiu o que queria com minha esposa e pretendia levá-la para o Chefe Pennacook. Ele teria matado as três mais jovens. Jane conseguiu pegar sua pistola às escondidas e atirou no maldito bastardo.

— Ela o matou? — perguntou Bear, arregalando os olhos.

— Ela pensou que ele estava morto, o arrastou para o lado de fora, mas a bala deve ter apenas passado de raspão. Alguém o ajudou e eles partiram a cavalo. Sam foi atrás deles. Ele se foi desde o início desta manhã. Ele queria que você o seguisse, mas você terá que esperar até amanhã de manhã. Vai escurecer em menos de uma hora, é impossível seguir as trilhas deles.

— *Och!* Os homens deste estado tentam rastrear aquela fera pela floresta há anos e Jane consegue atirar nele — maravilhou-se Bear.

— Tenho medo que ela esteja em perigo. Bomazeen vai voltar para buscá-la.

— *Aye.* A doença dizimou muitos dos Pennacooks. Poucos permanecem nas Montanhas Brancas. A varíola matou a maioria das mulheres da tribo no ano passado. Acabei de ouvir em Durham, ontem, que eles começaram a atacar, daqui até a fronteira canadense, levando mulheres em cativeiro. Eles são difíceis de parar porque infiltram-se e saem rapidamente, não deixando nada para segui-los. Esses nativos gostam de mulheres fortes. Elas fazem a maior parte do trabalho e cuidam das colheitas. Sim, a ameaça é real. O Chefe poderia enviar Bomazeen e mais outros índios guerreiros atrás dela de novo. Ficarei com você até sabermos que está seguro — ofereceu Bear.

Stephen tinha pouco respeito por algumas das tribos algonquianas. Ouvira muitas histórias que Sam havia contado. Em mais de uma ocasião, Sam os viu lutar ao lado dos britânicos durante a Revolução. Durante uma batalha no vale de Mohawk, tropas continentais dizimadas sofreram mais de quatrocentas baixas, muitas nas mãos dos nativos. Sam não havia esquecido, nem ele. Mas ele também sabia que outros nativos haviam ajudado muitos colonos. Alguns construíram relações de confiança com eles e até deviam suas vidas à ajuda fornecida por índios amigáveis. Mas os britânicos destruíram propositalmente esses laços de confiança e mantiveram as tensões elevadas, dificultando as relações pacíficas com as tribos. E o irritava o fato de que homens como Bomazeen mantivessem a panela aquecida, às vezes até fervendo.

— Não tenho certeza de que algum dia será seguro — disse Stephen. — Os britânicos continuam a armar esses nativos e a incentivá-los a nos opor resistência. Você está certo, eles são extremamente difíceis de combater; agarram as mulheres rapidamente e desaparecem sem deixar rastro. Bomazeen marcou Jane para o Chefe. O fato de ela ter atirado em um homem como Bomazeen só a tornará mais desejável para o Chefe. O orgulho ferido de Bomazeen fará com que ele a persiga assim que puder.

— Eles admiram força. Concorde que há motivos para acreditar que eles voltarão.

— Deixe que venham. Melhor ainda, vamos lutar contra eles — rosnou Stephen, com dentes cerrados. — Podemos obter outras pessoas para ajudar. Vamos partir de manhã.

— Você não está pensando corretamente, homem. Está se deixando levar pela raiva — disse Bear. — Isso seria suicídio. Eles saberiam que estaríamos chegando a um quilômetro de distância. Criariam armadilhas para nos pegar. Tentar lutar contra eles na floresta e nas montanhas é quase impossível. Seria como alces tentando caçar um leão da montanha.

— Malditos. Defender minha família é meu trabalho, não o de Jane. O bastardo quase a estuprou. Ela é minha esposa. É meu dever protegê-la.

— Então, comece. — Silenciosamente, Sam havia se escondido atrás dos dois.

— O que aconteceu? Você os encontrou? — exigiu Stephen.

— Descobri onde eles pararam para descansar suas montarias.

Stephen e Bear esperaram que Sam continuasse.

— Parece que Bomazeen está a caminho da vila de Pennacook. Perdi o rastro dele nas rochas. Procurei algum sinal deles por horas, mas sem sucesso. Estava ficando tarde e teria sido desaconselhável continuar, então voltei.

— Como um homem pode ser tão cruel? — perguntou Bear.

— Alguns dizem que é o sangue francês dele, outros dizem que é o índio. Costumo pensar que ele é apenas um bastardo doente e malvado — disse Sam.

— Odeio dizer isso, mas acho que Bomazeen virá atrás de Jane de novo. Ela o fez parecer fraco para o Chefe — disse Stephen.

— Concorde, mas receio que, na próxima vez, ele não apenas tente sequestrá-la, ele queira torturá-la. Ele a fará pagar e não desistirá até que o consiga — disse Sam.

— Isso não vai acontecer — retrucou Stephen.

— Nós a manteremos segura e suas pequeninas também — jurou Bear. — A questão é: como?

— Tenho tentado descobrir isso a tarde toda — disse Sam. — Já lidamos com levantes índios antes e o faremos mais uma vez, se necessário. Mas este não é um levante. Este é Bomazeen. Ele é imprevisível e cruel.

Stephen passou os dedos pelos cabelos.

— O problema é que não sabemos quando o demônio sorrateiro atacará ou tentará pegar Jane de novo. Não quero que ela viva com medo a cada minuto da vida e não posso ficar aqui em casa o tempo todo. Mas agora também não posso deixá-las sozinhas.

— Nós poderíamos nos revezar vigiando — sugeriu Bear.

— Mas, por quanto tempo... uma semana, um mês, seis meses? — perguntou Sam.

— Ela poderia ficar com parentes? — perguntou Bear.

— Os pais dela já morreram e ela não tem outros parentes por aqui — disse Stephen.

— Você poderia se mudar para Barrington, perto de Edward — sugeriu Sam —, mas não há garantia de que ela estaria segura lá também. E como você cuidaria do seu gado ou impediria alguém de roubá-lo?

O coração de Stephen bateu mais rápido. Ele percebeu o que eles precisavam fazer.

— Existe uma maneira de mantê-la segura ou, pelo menos, afastá-la dessa ameaça. Vamos para o oeste. Vocês dois queriam ir de qualquer maneira. Talvez essa seja a maneira de Deus nos dizer que é a hora. O jeito dele de nos estimular.

— Peço que não se ofenda, homem, mas é possível que você esteja usando isso como desculpa para partir? — perguntou Bear.

— Teria decidido ir mesmo assim? Você me disse que estava preocupado com os riscos. Sobre ser razoável.

— Maldição, Bear, o que você gostaria que eu fizesse? — Stephen tentou controlar a raiva. — Foi você quem me fez perceber

que uma decisão como essa deve ser tomada com fé e coragem, e não com o que é racional e seguro.

— Sim, eu disse.

— E estava certo — disse Sam. — Agora, está ainda mais certo.

Stephen esfregou os dedos nos olhos cansados e no rosto áspero. A falta de sono dificultava pensar com clareza. Eles consideraram tudo? Uma coisa ainda o incomodava.

— O que os impedirá de nos seguir?

— Se o fizerem, acho que seguirão apenas até o rio Merrimack. Depois de atravessarmos em Manchester, deveremos estar seguros. Os nativos raramente são vistos por lá — disse Sam. — Depois de atravessar o Merrimack, viraremos para o sul em direção a Springfield. É claro que poderíamos ir até Pittsburgh e depois pegar uma canoa em direção a Ohio, mas não poderíamos levar muito conosco. Acho que seria melhor irmos por terra, para termos mais provisões quando chegarmos a Kentucky. Dessa forma, podemos levar comida, ferramentas, cavalos extras e alguns de seus melhores animais.

Stephen sabia que, para Sam, uma viagem para Kentucky seria uma aventura gloriosa, apesar dos perigos. Sam costumava falar sobre se mudar. A maioria das tribos da região havia se deslocado para o Canadá ou para o alto das Montanhas Brancas, e a vida não o desafiava como antes. Desde a Revolução, Sam ganhava a vida como caçador, rastreador e, às vezes, cartógrafo. O trabalho lhe proporcionava um meio de vida razoável, mas Stephen poderia dizer que aquilo não despertava a chama na alma de Sam. O fogo dentro de seu irmão mais velho estava apagado, sufocado por alguma dor oculta que Sam se recusava a reconhecer, mesmo para ele.

Gentilmente, Stephen acariciou o focinho de George e coçou a parte inferior do topete da crina. Tocar o cavalo o fez se sentir um pouco mais calmo.

— Concorde, e uma carroça fornecerá abrigo para as crianças. Depois de Springfield, para onde iríamos? — perguntou Stephen a Sam, já ansioso para planejar a viagem. Sam estudara mapas a vida inteira e conhecia a rota para Kentucky de memória.

— Para o sul, através de Hartford, em direção a Nova York e depois Filadélfia, contornando as cidades maiores o máximo que

pudermos.

Aquilo não era surpresa. Sam odiava grandes cidades, especialmente a Filadélfia, com mais de trinta mil pessoas, e Nova York, com cerca de vinte e cinco mil. Ele costumava dizer que esses lugares movimentados o faziam se sentir como se não conseguisse pensar com clareza. As cidades tinham muitas distrações e muito potencial para causar problemas. As poucas vezes em que os negócios ou a necessidade de suprimentos forçaram Sam a ir até uma cidade grande, ele entrou e saiu o mais rápido possível.

— Então, viramos para sudoeste no *Great Indian Warpath*^[2], que nos leva pelo sul da Pensilvânia, a borda leste da fronteira. Depois disso, continuaríamos para o sul, passando pela Virgínia, até Bristol. Nesse ponto, atravessaremos o *Cumberland Gap* e seguiremos para o norte, em direção a Kentucky. Não sei muito sobre a rota depois disso, mas podemos descobrir mais com os habitantes locais.

— Quando partiremos? — perguntou Bear.

— Não podemos pedir para você ir — disse Stephen. — Este é um problema nosso e não espero que você abandone tudo.

— Você não me pediu. Quero fazer a viagem. Durante o caminho até aqui, pensei sobre a nossa conversa na taberna. Decidi que queria ir com você, se você for para o oeste. Sua família é minha única família. Seus problemas são meus problemas — disse Bear.

Stephen sabia há muito tempo que Bear se sentia assim. Quando jovem, Bear viajou da Escócia para as colônias com o pai e a mãe, mas ambos morreram durante o trajeto no navio. Jogados no mar, deixaram ao filho órfão uma quantia modesta de dinheiro. Sem família nas colônias, Bear se tornou caçador e construtor de armadilhas, usando as habilidades que seu avô lhe ensinara quando menino nas *Highlands* escocesas, para livrar a área da ameaça de predadores. O pai de Stephen fez amizade com o jovem, muitas vezes comprando carne fresca dele para sua grande família. Sua mãe insistia com Bear para que ficasse com eles de tempos em tempos, para que frequentasse a igreja e recebesse educação com seus próprios filhos. Ambos foram como pais para Bear.

— Além disso, haverá mais ursos para eu caçar lá. Essas florestas estão sendo destruídas, não?

— Sam e eu gostaríamos de receber sua ajuda. Então, está resolvido. Você vai se juntar a nós, é claro. — Stephen fechou a porta do celeiro. Ele acabara de fechar a porta de sua antiga vida?

Eles voltaram para a casa.

— Mas, e Jane? Ela tem vontade de partir? — perguntou Bear.
— Se a conheço, ela não deixará Bomazeen levá-la de sua bela casa.

— De fato. Na verdade, ela é tão teimosa que provavelmente ficaria apenas para provar que ele não poderia levá-la. Antes que isso aconteça, gostaria que ela se sentisse da mesma maneira como me sinto em relação a Kentucky. Não gostaria que ela fosse apenas por lealdade a mim.

— Ela vai? — perguntou Sam.

— Ainda não lhe perguntei — admitiu Stephen com relutância, esfregando a barba por fazer.

Sam e Bear, ambos parecendo incrédulos, encararam Stephen, fazendo-o sentir-se bastante tolo.

— Como você pode ter ido tão longe com seus planos sem falar com ela? — perguntou Sam.

— Você está pedindo uma tempestade, ao esconder isso dela — acrescentou Bear.

Bear estava certo. O temperamento de Jane poderia se inflamar mais rápido que as folhas secas.

— Eu não estava escondendo isso dela. Planejei conversar com ela depois de tomar uma decisão. Até eu ter certeza de que queria ir, não havia motivo para preocupá-la com isso. Além disso, ela apoiará o que eu quero fazer — disse ele, tentando parecer mais confiante do que se sentia. Ele admitiu para si mesmo que deveria ter levantado a possibilidade com ela antes, mas o momento certo nunca parecia se apresentar.

— É melhor esperarmos aqui e fumarmos antes do jantar — disse Sam.

Bear rapidamente assentiu, concordando.

— Covardes — murmurou Stephen. Ele engoliu em seco, e depois virou-se para a casa.

CAPÍTULO 9

À medida que Stephen chegava na varanda, o aroma da refeição o recepcionava, mas isso pouco fez para estimular sua falta de apetite. Ouviu as meninas brincando no andar de cima, rindo agora. Mais uma vez, agradeceu a Deus em silêncio por poupar as filhas.

Jane abriu a porta, prestes a jogar fora a água da louça e quase colidiu com ele. Ela estudou os olhos dele, mas não disse nada, depois deu um passo para trás, deixando-o pegar a água suja antes de voltar para dentro.

Ele jogou fora a água e deu um passo para trás na varanda.

— Inspire-me com as palavras certas — sussurrou, em voz alta.

Sua bota esmagou um pequeno pedaço quebrado da xícara de chá de Jane e a sensação sob a sola da bota o fez morder com força o lábio inferior, tentando controlar a raiva.

Ele observou Jane se movimentar na cozinha, fazendo ensopado e biscoitos, o suficiente para alimentar três homens famintos, meninas em crescimento e seu próprio apetite saudável. A receita, usada por sua família por gerações, era uma de suas favoritas e igualmente adequada para todos os tipos de carne de caça. Enquanto ela descascava alho selvagem e batatas, ele passou os braços em volta da cintura dela e gentilmente pressionou os lábios na parte de trás da cabeça dela. Ela inclinou a cabeça para a frente e ele afastou seus longos cabelos para beijar-lhe suavemente a nuca até senti-la tremer.

— Era disso que eu precisava — disse ela, e afundou-se no abraço dele.

Stephen conseguiu dar um leve sorriso. A reação física óbvia de Jane a seu carinho aqueceu seu coração, deixando-o ainda mais determinado a protegê-la.

Ele a virou para encará-lo e, com ternura, traçou a linha de sua mandíbula.

— Jane, estou tão agradecido por você ter sido capaz de proteger a si mesma e a nossas meninas. Tenho orgulho da sua coragem. Mas, infelizmente, esse não foi o fim do perigo.

— Por quê? — Ela o encarou, com os olhos arregalados de preocupação.

Ele hesitou e engoliu em seco, buscando coragem.

— Sam localizou Bomazeen. O demônio seguiu em direção à vila dos Pennacook nas montanhas, mas rastreá-lo é quase impossível, e ele já teve um longo avanço. A tribo provavelmente curará a ferida dele. Mas você também lhe feriu o orgulho. Isso não vai sarar. Ele voltará e tentará de novo.

Jane abriu o punho e largou a faca da cozinha.

— Stephen, admito que foi por pouco, muito pouco. Este evento abalou a todos nós, mas você deve ter fé que Deus nos protegerá de todo o mal.

Ela dirigiu-se à mesa e acendeu algumas velas, iluminando o aposento consideravelmente, mas não o humor de Stephen.

— Não é tão simples assim. Os selvagens massacraram muitas pessoas de fé — disse ele.

— Então estaremos prontos para eles. Os homens desta região já lutaram contra os nativos antes. O que é diferente agora? Sei que você não tem medo deles.

— A diferença é que no passado eles só roubavam cavalos ou gado durante um ataque. Mas agora eles estão roubando mulheres, e Bomazeen quer capturá-la. Os nativos precisam de esposas para substituir suas mulheres que morreram de varíola e precisam de escravos para suas colheitas. Bear diz que eles começaram a invadir de novo, desta região até o Canadá. Bomazeen está ajudando-os. É quase impossível resgatar uma mulher ou criança, uma vez roubada. Uma das garotas roubadas recentemente, Lucy, tinha apenas dezesseis anos. — Stephen quase engasgou com as palavras. Ele tinha pena da pobre jovem. Seu coração se apertou quando pensou no quão perto Jane e Martha haviam chegado do mesmo destino. — Sam e Bear concordam que você está em grave perigo. Nossas meninas também estão em perigo. Não tenho medo de lutar, mas é minha responsabilidade mantê-las seguras. Acredito que a melhor opção é partir.

Pronto, ele finalmente disse.

Jane ficou paralisada.

— Partir? Mas esta é a nossa casa.

Stephen começou a andar de um lado para o outro.

— Esta fazenda é remota e isolada. Quando construímos aqui, ninguém pensou que os nativos seriam uma ameaça de novo. E provavelmente não seriam agora, se a doença não tivesse exterminado suas esposas. Eu morreria lutando para impedir que alguém a levasse. Mas nem sempre posso estar aqui para vigiar. E se, que o Senhor não o permita, eu morrer em uma briga com Bomazeen, não poderia mais proteger você e as meninas. Não vou deixá-la se tornar uma escrava. Para ter certeza de que isso não acontecerá, tenho que manter nós dois em segurança. Estive pensando em ir para o oeste, para Kentucky, antes disso acontecer. Agora, tenho certeza de que é o que precisamos fazer. Às vezes, é preciso coragem para tomar uma decisão sábia. Precisamos tomar uma decisão sábia agora.

Jane colocou as mãos nos braços dele para interrompê-lo. Ela o olhou, com o rosto corado.

— Como pode estar tão disposto a desistir de nossa casa? Sair não nos manterá seguros. Existem inúmeros perigos na trilha para Kentucky. Perigos provavelmente piores. Já pensou nisso?

— Isso é tudo em que tenho pensado nos últimos tempos. Meus irmãos e Bear se juntarão a nós, então teremos cinco homens, seis se Edward for, e não apenas eu para protegê-la. E não estaremos sentados aqui, esperando o perigo chegar até nós. Não vou morar aqui, com sua vida em risco, ou preocupados que as meninas desapareçam toda vez que saírem para brincar. Por que deveríamos, quando tanta oportunidade nos espera lá? Daniel e Squire Boone chamam Kentucky de um segundo paraíso. Os lenhadores de Boone abriram uma trilha até o rio Kentucky. Dizem que a grama ali é incrivelmente exuberante.

— Pastagens... então é disso que se trata. Eu deveria saber. — Jane largou a toalha que estava em sua mão.

— Não! Não se trata apenas de terras. É sobre oportunidade.

— E os índios no Kentucky?

— Os Shawnee, nos termos do armistício, concordaram em não prejudicar os colonos brancos. Quando chegarmos a Fort Boonesborough, será seguro. — Stephen realmente acreditava que isso era verdade. Ele se manteve informado das notícias da

fronteira, lendo tudo o que caía em suas mãos, e os contatos de Sam com os militares e outros caçadores e construtores de armadilhas forneceram informações confiáveis. Eles também souberam bastante através dos jornais. Stephen retirou um recorte de jornal da gaveta da escrivaninha. — Estava para lhe mostrar isso antes mesmo de Bomazeen vir. É da *New Hampshire Gazette*, 15 de dezembro de 1796. — Ele leu em voz alta para ela: — “A estrada pelas florestas de *Cumberland Gap* até os assentamentos de Kentucky está concluída. As carroças carregadas com uma tonelada de peso podem passar com facilidade, com quatro bons cavalos. Os viajantes não encontrarão dificuldade em suprir suas necessidades necessárias na estrada; e a abundante colheita que agora cresce em Kentucky proporcionará aos emigrantes a certeza de receberem tudo que é indispensável para a vida, nos termos mais convenientes. Joseph Crockett, James Knox, comissários.

Ele guardou o recorte e continuou.

— Onde quer que eu vá, Jane, os homens conversam animadamente sobre a bela grama de Kentucky, tão rica em cores que os colonos chamam de *bluegrass*.

Ele se lembrou da grama abundante que o pai havia cultivado em sua casa, mas um enorme deslizamento de rocha, lama e neve, proveniente da montanha, enterrou toda a casa de tijolos de três andares dos pais e a maioria de suas propriedades. Tragicamente, seu pai, mãe e irmã morreram, enterrados para sempre na base do que as pessoas chamariam mais tarde de Montanha dos Wyllie.

Jane voltou a fazer o jantar, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Estou mais preocupada com a segurança de minhas filhas do que com uma abundância de pastagens. — Ela bateu na massa de biscoito com mais força do que o necessário.

— Eu também. É por isso que quero ir embora — insistiu ele, o cansaço o tornando ainda menos paciente que o normal.

— Bem, eu não. Não acredito que seus irmãos concordaram com essa loucura.

— Todos veem o potencial e concordam que é hora de mudar. Bem, todos menos Edward. — disse ele, laconicamente, admitindo para si mesmo que queria que seu irmão teimoso fosse. Os cinco

irmãos, apesar das diferenças, sempre foram íntimos e ele queria que continuasse assim. Ainda tinha esperança de que Edward mudasse de ideia. Ele colocou um tronco no fogo e o atitou repetidas vezes.

— Precisamos pensar sobre isso. Você esperou tanto tempo, isso pode durar até que tenhamos certeza.

— Maldição, tenho certeza. Tenho certeza de que precisamos partir agora.

— Bem, eu não tenho! — Ela bateu o pé e o olhou. Um rubor vermelho subiu por seu pescoço enquanto a raiva explodia.

Ele estava ficando sem opções. Precisava fazê-la entender.

— Se ficarmos, e se aquela cria do diabo agarrar uma de nossas meninas, você será capaz de viver com isso? Isso aqui é apenas uma casa. Nós podemos substituí-la. Não podemos substituir uma delas. Se ele voltar, o que você acha que ele fará com você? Garanto-lhe que o estupro seria a parte mais fácil.

— Não me ameace com o que Bomazeen pode fazer. Sei como ele é. Senti seu hálito quente e malcheiroso no meu rosto e meu seio ainda tem sua marca suja. Ele quase matou minha bebê — gritou ela. — Mas não vou dar as costas e correr como um coelho assustado. Esta é a nossa casa. — Ela sufocou um soluço.

— Acalme os nervos. As meninas irão ouvi-la. Elas já passaram o suficiente. E você também. Não quero que repita isso.

Ela abaixou a voz, mas não a raiva evidente.

— Você teria decidido ir se isso não tivesse acontecido... se Bomazeen nunca tivesse vindo aqui? — Ela o olhou, e seus olhos verdes ardentes estavam quase abrindo um buraco nele.

Parecia que todos tinham a mesma pergunta para ele.

— Sim. Já havia decidido que queria ir. Acho que é algo que meu pai desejaria para mim. E eu esperava que você desejasse também.

— Quando você planejou conversar comigo sobre sua intenção de perturbar nosso mundo inteiro? Não me importo com o que seu pai desejaria.

— Mas eu me importo — disse ele, simplesmente. Ele engoliu a frustração. — E me importo com o que você deseja também.

Stephen decidiu tentar acalmá-la.

— Você está certo, é claro. Com o nosso futuro em jogo, devemos decidir isso com muito cuidado. Só haverá uma chance de tomar a decisão certa. — Ele pegou a mão dela e a apertou. Sabia que ela estava longe de se comprometer a partir. Havia pouca convicção quando ela segurou a mão dele.

Ele soltou a mão dela e começou a andar novamente de um lado para o outro, mas depois parou abruptamente e a encarou.

— Quero sua felicidade Jane, mais do que a minha. Você significa tudo para mim.

— Então pense sobre isso. Fomos tão felizes aqui. Seria um sacrifício terrível deixar a nossa casa, tudo o que trabalhamos tanto para construir. Pode não ser muito, mas é nossa.

Ele apertou a mandíbula e se aproximou dela.

— Nossos antepassados fizeram sacrifícios e suportaram infortúnios para vir para o Novo Mundo. Eles não procuraram facilidade e conforto ao vir para cá. Esperavam privações e desânimo. Não acho que fizeram isso apenas por eles mesmos. Fizeram por nós. Enfrentaram exatamente a mesma escolha que enfrentamos, ficar ou partir. Deixaram que a vontade de Deus os guiasse.

Ela agitou as mãos no ar e olhou para cima.

— Como alguém realmente sabe qual é a vontade de Deus?

— Não sei — admitiu ele. Ele considerou a pergunta dela por um momento e depois disse: — Sei que não estamos aqui apenas para existir, apenas para sobreviver. Estamos aqui para realizar o que Ele coloca em nossos corações, mesmo que seja difícil. Acho que aquelas centelhas, aquelas ideias que nos dão esperança, que nos fazem querer abrir uma nova porta, vêm Dele. Se não realizarmos nada, por que estamos aqui? Devemos sempre tentar, mesmo que nem sempre tenhamos sucesso. Sei que prefiro morrer tentando do que morrer sem nunca ter tentado.

Ela pareceu confusa.

— Kentucky oferece uma chance para uma vida melhor. Não devemos isso às nossas filhas? — Exausto pela discussão e falta de sono, ele desabou em sua cadeira favorita e arrancou as botas. Percebeu que precisaria ir ao sapateiro para comprar um par novo e resistente antes de partirem para Kentucky. — Você passou por uma

provação e pode não querer pensar nisso agora. Mas, pelo menos, antes de decidir, considere quanta oportunidade existe esperando por nós.

Jane não respondeu. Em vez disso, ela pegou um bule de café no fogão e serviu uma xícara para cada um.

— Stephen, se fôssemos apenas nós, eu não hesitaria. Não se trata do que é certo ou errado, trata-se de escolher entre duas coisas certas. — Ela caminhou de volta para a cozinha para voltar a cozinhar naquele momento.

Ele esperava que a bebida o restaurasse, enquanto refletia sobre o que ela havia dito sobre duas coisas certas.

A cabeça de Jane girava com dezenas de perguntas, uma infinidade de dúvidas. *E se chegarmos lá e ele não conseguir encontrar o tipo de terra que deseja? E se a boa terra já estiver tomada? Como saberemos onde procurar? E se Stephen se machucar ou pior, morrer?*

Eram diversas emoções se agitando dentro de sua cabeça, e ela não conseguia pensar com clareza. Seu mundo sereno havia desaparecido. O futuro se aproximava como uma avalanche destruidora e estrondosa, não a chuva fina e suave com a qual ela se havia acostumado. Era muita coisa, que havia chegado rápido demais. Ela não conseguia acompanhar.

A confusão a enviou à beira do pânico. Lágrimas brotaram em seus olhos. Ela não queria que seu mundo mudasse. Queria que tudo continuasse do jeito que estava.

Ela derrubou a massa de biscoito e caminhou até ficar na frente de Stephen.

— Maldição, só precisamos ficar aqui. Você nunca vai me convencer de que vale a pena pôr em risco as nossas meninas. E nunca vai me convencer de que precisamos partir para termos segurança.

— Jane, há um novo lar para nós, em algum lugar. Confie em Deus para nos manter a salvo em nossa jornada.

— Confio que Ele nos manterá a salvo aqui. — Ela bateu o pé. — Isso é mais do que impossível. Não irei! — gritou ela. — Não podemos deixar a nossa casa.

— Podemos e iremos. — A voz dele era intransigente, porém gentil.

A declaração direta a esvaziou. Ela gemeu e sentou-se à mesa, quase incapaz de suportar o peso do que seu marido estava pedindo. Ela conhecia o coração de Stephen — ele estava apenas tentando mantê-los todos seguros. Mas, a que custo?

Estaria certo? Ela queria confiar em seu marido. Mas a mudança era assustadora. Ela levou os dedos aos lábios e esfregou a boca lentamente, um hábito que tinha quando estava preocupada.

Stephen simplesmente não estava pensando com clareza. Todo aquele incidente com Bomazeen o abalara profundamente. Uma viagem a Kentucky soaria como uma maneira conveniente de escapar desse problema. Provavelmente, ele os imaginava cavalgando pela floresta, lado a lado, dormindo juntos sob as estrelas. Ela não tinha tanta certeza. Ali era onde queria dormir com o marido. Teve seus bebês naquela cama. Estava feliz ali, tão contente.

Até Bomazeen. Ela fechou os olhos e estremeceu.

Ela poderia esquecer o horror que aconteceu ali? As meninas se lembrariam do terror que ele infligiu toda vez que passassem pela sala? O demônio voltaria para buscá-la? Ou, que Deus não permitisse, buscar Martha? Precisava admitir, o pensamento a aterrorizava.

Talvez devesse deixar aquela casa. Construir novas memórias em uma nova casa, em outro lugar. Um lugar seguro e longe de Bomazeen.

Ela olhou para Stephen. Os olhos dele continham a mesma faísca esperançosa que ela vira quando ele voltou do celeiro. Ele estava olhando para o futuro, enquanto ela ainda se agarrava ao passado, desesperada para segurá-lo. Estaria na hora de olhar para o futuro também?

Ele partiria de qualquer maneira, não importando o quanto ela se opusesse? Não, ele a amava demais. Mas a ambição de seu

marido, se frustrada, faria dele um homem que sempre se perguntaria o que poderia ter sido.

A vida de um homem tinha que ter um propósito maior do que apenas alimentar a si mesmo e à sua família.

Talvez pudesse, ao menos, considerar a proposta dele. Talvez estivesse errado duvidar dele.

— Se eu concordar com isso, e ainda não tenho certeza se concordo, será contra a minha vontade. Não o farei porque estamos correndo do perigo. Mas será para o nosso futuro, o seu, o meu e o das meninas — disse Jane, com cautela.

O rosto de Stephen se iluminou de imediato.

— Manter você segura é o meu futuro. Não tenho futuro, nem no oeste nem em nenhum outro lugar, se você não fizer parte dele. Sei que lá poderemos construir um futuro melhor para nossa família.

Ela respirou fundo.

— Não acredito que você esteja de fato pronto para fazê-lo.

Ele se aproximou dela, olhando-a com intensidade e segurou as mãos dela.

— É avassalador pensar nisso — disse ele, com a voz transmitindo emoção. — Não apenas mudará as nossas vidas, mas as vidas de nossas filhas e de todos aqueles que virão depois de nós. New Hampshire não será o lar de nossos descendentes. Quero construir um futuro do qual eles se beneficiem. Algum dia, eles saberão que o fizemos e ficarão agradecidos por isso. Espero que amem a terra como eu amo. Um dia, este será um ótimo país; talvez até além de Kentucky. Por Deus, poderíamos até ir além de Kentucky.

O sangue dela congelou ao ouvir as palavras dele.

Jane só podia encará-lo, imaginando se poderia ultrapassar as suas dúvidas.

CAPÍTULO 10

Com Sam e Bear ali para manter uma vigilância constante, Stephen sentiu que poderia sair por um tempo para conversar com os outros irmãos. Queria falar com os três ao mesmo tempo, se pudesse; então, decidiu ir até John primeiro e depois seguir para Barrington, onde Edward e William moravam.

Enquanto cavalgava, Stephen pensou em sua discussão com Jane. Estava maravilhado com a mente perspicaz dela. Tê-la como esposa e confidente era sua maior bênção, mas a teimosia dela ultrapassava os limites do tolerável, às vezes. E ela o chamara de cabeça-dura. Sam havia prometido falar com ela enquanto ele estivesse ausente. Talvez ele pudesse fazê-la entender o quão importante isso era para todos e quão séria uma ameaça de Bomazeen realmente era.

Ao chegar, encontrou John selando seu alazão e o velho pônei cinza do filho, o pequeno John, ou Johnny, como o chamavam. O cavalo de John tinha mais de um metro e meio, para acomodar as longas pernas do dono. A crina e a cauda vermelho acobreado do cavalo brilhavam ao sol da manhã, fazendo-o se lembrar dos cabelos de Jane. Ele faria o que fosse necessário para proteger aquela mulher e seus adoráveis cabelos.

— Para onde você vai? — perguntou a John, sem desmontar ou cumprimentá-lo.

— Bom dia para você também — disse John, sorrindo. — Vamos até Barrington para verificar o progresso da nova escola. Quero ter certeza de que os carpinteiros e pedreiros estão seguindo meus planos corretamente. — Ele jogou a sela sobre um cobertor e ajustou seu peso nas costas do cavalo.

Sendo um excelente construtor, John havia projetado e construído várias casas, pontes e igrejas da área. Naquele momento, John estava trabalhando na primeira escola de Barrington, algo que a cidade estava sentindo falta.

Naquele dia, porém, a mente de Stephen não estava na educação de suas filhas, mas no futuro delas.

— Descubra quem pode assumir o seu lugar. Estamos partindo para Kentucky — disse ele.

John parou e o olhou.

— Porque tão cedo? Pensei que ainda estávamos decidindo. E, se decidíssemos ir, acho que não iríamos partir até o início do verão, depois das fortes chuvas da primavera. Não posso largar a construção da escola pela metade.

— Termine de selar. Conversaremos em Barrington com Edward e William — respondeu ele.

— Tudo bem. Sobrou um pouco de café, se estiver interessado — ofereceu John, agarrando a correia do cinturão e puxando-a.

— Só quero chegar a Barrington. Vamos!

John o olhou de novo.

Stephen suavizou o tom. Não se importava em ser abrupto, mas não queria ser rude.

— Por favor, depressa.

Em questão de minutos, os cavalos e o pônei os levavam em trote constante, através da trilha sinuosa do vale até Barrington. Uma brisa fresca da manhã, carregando o perfume da primavera, soprou em seu rosto e ele inalou profundamente.

— Qual é a pressa, tio? — perguntou Johnny.

— Você verá em breve. — A mente dele disparou, percorrendo as inúmeras tarefas que deveriam ser executadas antes que pudessem partir. Teriam que vender suas propriedades ou entregá-las a alguém para alugar. Ele leiloaria a maior parte de seu gado. Precisariam de suprimentos essenciais para seis meses, muita munição e armas, cavalos adicionais e uma carroça espaçosa. Quando chegasse a Barrington, já teria muitos detalhes planejados em sua cabeça.

Ele induziu George a parar em frente à casa de William. A moradia simples de dois cômodos era adequada para um homem solteiro. William mantinha tudo limpo, mas faltava o calor do toque de uma mulher. Como seria sua vida se ele não tivesse Jane?

Quando ninguém respondeu à batida de Stephen na porta, eles entraram e encontraram William ainda dormindo, deitado de bruços, vestindo apenas suas roupas de baixo.

Johnny marchou até a cabeceira da cama.

— Acorde, tio Will. Tio Stephen precisa falar com você.

William levantou a cabeça, grunhiu e conseguiu dar um sorriso fraco para o sobrinho.

— O que está fazendo ainda dormindo, quando já se passou metade da manhã? — perguntou Stephen. — Juro que a única razão pela qual você queria ser xerife era para se manter fora do trabalho de verdade.

— E fora da cadeia — disse John. — É provável que tenha imaginado que, se fosse xerife, não poderia ser preso.

— Ótimo argumento — disse Stephen, olhando para John.

— Tive uma longa noite — disse William, passando as pernas compridas por cima da beirada da cama e se levantando devagar. — Primeiro, havia duas jovens que precisavam de companhia e, em seguida, aqueles caçadores começaram a tentar laçar minhas adoráveis damas. Tive que dar um jeito neles. Provavelmente estão com suas mandíbulas doloridas esta manhã. — Ele tirou os cabelos compridos do rosto com as duas mãos.

— Você mesmo parece um pouco machucado — disse John. — O que não é incomum para você.

— Bem, havia três deles — disse William.

— Vista-se. Vamos conversar com Edward sobre a mudança para Kentucky — ordenou Stephen.

— Não vou a lugar nenhum sem um café — disse William, vestindo seus calções.

Stephen entregou-lhe a camisa.

— Você pode tomar um café na casa de Edward. Vista-se.

— Vou selar seu cavalo — disse John, enquanto se afastava.

Stephen se afastou alguns metros, mas não a uma distância onde não pudesse ouvi-lo.

Johnny permaneceu por perto, observando seu tio se vestir.

— Ficou mais apertado que correia de relógio novo — disse William a Johnny. — Só preciso jogar um pouco de água no rosto. Você pode me passar minha *cravat*?

— Claro, e aqui estão suas perneiras e botas — respondeu Johnny. — Acho que tio Stephen quer lhe contar uma coisa importante.

— De fato, quero — disse Stephen.

— Vamos ver o que o deixou tão agitado — disse William, pegando a pistola e a pólvora.

A cavalgada até a bela casa de Edward era apenas até o outro lado da cidade; então, em poucos minutos, eles estavam reunidos em torno da mesa de refeições altamente polida da casa. A esposa e os filhos de Edward haviam ido ao açougue, então eles tinham a enorme casa só para si.

Enquanto Edward pegava xícaras e servia café, Stephen observou Johnny subir no colo de seu pai. Aos cinco anos de idade, o menino gostava de se sentar no joelho do pai. Como John, ele seria alto, pois já era mais alto uma cabeça do que outros meninos da idade dele. Seus cabelos loiros avermelhados caíam tão lisos quanto uma régua e emolduravam um doce rosto de querubim. Talvez por não ter mãe, todos os quatro tios deram a Johnny muita atenção e amor.

— Onde está Sam? — perguntou Edward. — Se precisamos conversar, ele também deveria estar aqui.

— Vou explicar — disse Stephen e, em seguida, começou a contar as notícias aos três irmãos. Johnny também ouviu em silêncio e com atenção, arregalando os olhos quando soube que Bomazeen quase levava a tia e a prima.

— Não acredito que esteja disposto a fazer uma jornada tão perigosa — disse Edward.

— Ficar aqui é um risco maior. Todos concordamos que Bomazeen voltará para buscá-la. Ele a mirou especificamente. Como a defenderemos contra alguém que é esperto e mau? Ele é um tipo de demônio sobrenatural. É como tentar defendê-la contra um maldito fantasma.

— No caminho, estaremos mais vulneráveis a ataques. O que faz você pensar que ele não irá atrás de nós? — perguntou William.

— Podemos minimizar os riscos se viajarmos em grupo. Somos fortes juntos. Sam, Bear, e todos vocês são altamente qualificados com armas. John e eu somos atiradores competentes. Somos praticamente um pequeno exército. Estou confiante de que seremos capazes de lidar com ameaças em potencial, desde que fiquemos juntos. — Ele caminhou até a janela e olhou para fora, já visualizando o grupo viajando para o oeste.

Edward soltou um suspiro longo e audível.

— Um homem como Sam pode permanecer vivo em Kentucky. Mas você não, Stephen. Se perder a vida ou a vida daqueles a quem ama, o que ganhou? Entendo o desejo de perseguir um sonho, mas os sonhos podem rapidamente se tornar pesadelos.

Stephen bufou. Ele era mais parecido com Sam do que com Edward, isso era certo. Talvez Edward não tivesse entendido porque não podia. Edward sempre apreciou as criações dos homens mais do que as criações de Deus. O homem simplesmente não entendia que a terra é o fundamento da própria vida. Ele se virou, afastando-se da janela e marchou até parar ao lado de Edward.

— Tentei tirar o máximo das minhas terras. Os invernos aqui testam tanto o homem quanto o animal. Vi minhas vacas ficarem tão rígidas quanto pedras, enquanto congelavam até a morte, sob a ação de ventos fortes e violentos. As restantes estão tão doentes quando chega a primavera que não se reproduzem. Nossos cavalos têm que patinar na neve, ou ficam presos no gelo, tentando se alimentar da grama murcha e seca. O gado e os cavalos precisam de boas pastagens para manter seus corpos vivos. Não posso ficar sentado aqui, como um maldito idiota, esperando que cresça grama do granito — disse ele. Ele se afastou de Edward e encarou os outros irmãos.

— Acabei de passar um mês trabalhando duro, retirando madeira e rochas pesadas de apenas um hectare da minha fazenda, trabalhando até minhas mãos ficarem feridas e ensanguentadas. E para quê? — perguntou Stephen. — A cada pedra que jogo em uma pilha, minha vida está se esvaindo pelas minhas mãos. Preciso olhar para além da minha porteira, se quiser vislumbrar uma vida melhor.

Edward examinou suas próprias unhas bem cuidadas e o anel de ouro brilhante que havia comprado com os lucros do mês anterior. Sua lucrativa loja era um dos maiores estabelecimentos da região e sua mente voltada para os negócios garantia que ele não precisava quebrar os nós dos dedos como os irmãos.

— Kentucky está de fato bem além da sua porteira — escarneceu Edward —, a mais de mil e quinhentos quilômetros daqui, metade deles atravessando regiões inóspitas e selvagens.

Stephen se afastou dos irmãos para olhar através da janela novamente e estudou o céu da manhã, sem nuvens e sereno.

— Imagine como seria: um vale amplo, um riacho lento e claro, brilhando, percorrendo-o. Grama crescendo verde e farta, mesmo quando Deus nos manda muita chuva. O clima é ameno e a terra é tão fértil que a grama faz cócegas nas barrigas das vacas. — Porém, mesmo quando sua alma se deleitava com essa visão celestial, sua mente o empurrava de volta à realidade. Precisava voltar para o lado de Jane. Ele se virou para encarar os irmãos.

— Edward, você pode morar em sua casa grandiosa e vender mercadorias, ano após ano. Ou pode vir conosco. Você pode morrer ou pode experimentar a grandeza de sua vida — disse Stephen.

John falou.

— Talvez Edward experimente a grandeza da vida onde ele está. Mas não podemos deixar o medo nos manter aqui.

Sendo um homem quieto e pensativo, o construtor existente em John amava a música de martelos e serras, mais do que tudo. Stephen entendia por que John nunca havia se recuperado completamente da morte da esposa Diana, no parto. Uma casa cheia de lembranças dificultava a recuperação. Talvez isso também tornasse a mudança mais fácil para ele. A lembrança mais importante de Diana estava ao lado de John, com seu pequeno braço em volta do cotovelo do pai.

— Sinto Deus me chamando para uma nova vida. Em um lugar tão novo quanto Kentucky, sei que teremos oportunidade e nossos filhos também — disse John. — Só preciso de alguns dias para cuidar dos meus projetos de construção e colocar meus negócios em ordem.

— Maldição, John, o futuro do seu filho é exatamente o que me preocupa — gritou Edward. — O território selvagem é implacável. Você quer ver Johnny enfrentando pagãos cruéis? Ou alguns dos homens brancos, rudes e depravados, daqueles assentamentos fronteiriços? Ouvi dizer que a maioria deles não reconhece nenhum ser superior na terra, e duvida-se se reconhecem algum no céu.

Stephen ouvira a mesma coisa, mas não estava disposto a dizê-lo.

Edward continuou a reclamar.

— Vocês querem que seus filhos fiquem expostos aos elementos, meses a fio? A fronteira não é lugar para homens civilizados, muito menos para crianças. Stephen, pense em sua linda esposa. Ela não ficará mais segura durante o percurso. E suas quatro filhas pequenas. Uma delas ainda está no berço, pelo amor de Deus. É impensável. Todos vocês já ouviram falar dos assassinatos brutais e da tortura de mulheres e crianças na Trilha Selvagem. Até o próprio filho de Boone foi torturado, antes de morrer com grande sofrimento. Quantos de vocês não conseguirão? Quem você enterrará ao longo do caminho, em sepulturas solitárias que nunca mais visitará? Vocês dois podem sacrificar seus filhos, mas será preciso que o inferno congele primeiro, antes que eu faça o mesmo.

O rosto de Stephen se contraiu de fúria e confusão. Esmurrou a mesa, fazendo os castiçais de estanho e Johnny pularem. Ele se inclinou sobre a mesa e olhou para Edward, querendo fazê-lo calar a maldita boca. O que mais o irritou foi a verdade existente nas palavras do irmão. A verdade geralmente gera mais raiva do que a mentira.

Quase sufocando de raiva, ele não conseguiu falar. Era irritante de se admitir, mas Edward estava certo. Ele colocaria a vida de jovens inocentes em perigo, mas ainda pensava que partir seria a melhor maneira de proteger Jane e Martha. Seu estômago se apertou e ele caiu em uma cadeira. Viu John abraçar o filho e depois abaixar a cabeça nas mãos grandes. As palavras de Edward claramente afligiram John também.

Em meio ao desconfortável silêncio, Stephen se forçou a imaginar o horrível “e se”... a perda de uma de suas filhas. A imagem assustadora e repulsiva o fez engolir em seco. Balançou a cabeça, mas não a imagem não desapareceu. Como se acordasse de um pesadelo, percebeu que não era real, mas o pensamento horrível permanecia para deixá-lo desconfortável.

— As pessoas morrem aqui também — disse Johnny.

Stephen levantou o olhar. Um por um, seus irmãos reconheceram o que a criança havia dito. A vida era frágil onde quer que estivessem. Tragicamente, todos haviam perdido a família ali.

Primeiro, seus pais e a irmã mais nova, soterrados pelo deslizamento de terra. Depois, a jovem mãe de Johnny.

— Johnny tem razão. Também há perigo aqui. Alguns dias atrás, a jovem Lucy MacGyver desapareceu. Provavelmente, é uma escrava dos índios agora. A milícia, Sam e eu tentamos segui-la, mas tivemos que abandonar a perseguição quando os rastros evaporaram nas montanhas — disse William. — Receio que nunca a encontremos.

— Não há esperança para ela — concordou John. — Ela pode estar em qualquer lugar, daqui até Montreal.

— Todos nós morremos quando é a nossa hora, nem antes nem depois — disse William. Ele agarrou Johnny, deu-lhe um abraço carinhoso e, em seguida, levantou o garoto no ar, ganhando um grito de alegria da criança. — Quanto a mim, partirei amanhã. Quero dizer, vamos antes que as melhores terras sejam tomadas. É suficientemente seguro; li que os índios assinaram um tratado após a Batalha de *Fallen Timbers*^[3]. Além disso, seria divertido para todos nós ficarmos juntos novamente.

Ao contrário de Edward, a perspectiva de mudança nunca preocupou William. O belo irmão de Stephen a acolhia, não por causa do desafio que ela representava para Sam, mas porque William nunca havia encontrado seu lugar na vida. William sempre viu tudo em sua vida como temporário. A única coisa permanente era seu amor pela lei. Mas a atitude displicente de William o enfureceu tanto quanto a de Edward. Havia tanta coisa em jogo — a vida de sua família e de seus irmãos.

William era o próprio previsível e impulsivo “preparar, disparar, apontar”.

— Vou conversar com o prefeito e avisá-lo que a cidade precisará eleger um novo xerife, depois farei as malas do que precisarei, irei ao banco e estarei na sua casa no início da tarde.

— Nem preciso dizer que minha família não irá — disse Edward, enfático. — Muitos riscos. Riscos demais. — Ele balançou a cabeça de um lado para o outro. — Isso é mais que tolice. Partir não manterá Jane e as meninas em segurança.

Seu tom de desprezo despertou a raiva de Stephen de novo.

— Você está cometendo dois erros, chamando tudo isso de tolice e ficando aqui.

— Você é quem está cometendo dois erros — gritou Edward, em resposta. — Colocando sua esposa e seus filhos em risco.

Stephen levantou-se da cadeira e olhou para Edward, sentindo suas mandíbulas se apertarem.

John ficou entre eles.

— Esta discussão é inútil. A decisão foi tomada. Precisamos da sua ajuda para gerenciar nossas propriedades, pois precisamos partir o mais rápido possível.

— Claro. Cuidarei de todas as suas propriedades. Posso alugá-las ou vendê-las, como queiram. Digam-me o que precisam que eu faça. E podem adquirir todos os seus suprimentos às minhas custas na minha loja — ofereceu Edward. — Vou enviar uma carroça até Durham para buscar o que vocês precisam e que eu não tenha em estoque. Apenas entreguem-me suas listas. Sam deve ter uma boa noção do que é necessário, ele fez tantas viagens com o exército.

— Sam e eu elaboramos uma lista — disse Stephen, deixando de lado a raiva para se concentrar no que precisava ser feito. — John, você cuidará de garantir uma carroça e uma parelha de bois? Faça as mudanças que achar mais confortáveis para Jane e mais eficientes para a viagem. Será necessário ter uma cobertura durável para proteger as crianças das tempestades. Precisamos do máximo de espaço de armazenamento possível, um barril de água grande de cada lado e uma ou duas rodas extras. Apronte-o para quando Edward tiver os suprimentos. Sam garantirá as armas e munições que deveremos levar. Vou arrumar alguns bons cavalos de reserva. Ouvi falar de alguns castrados à venda aqui em Barrington. E William, se preferir, cuide de todos os documentos legais envolvidos para venda ou aluguel de nossas propriedades. — Como William desejava se tornar advogado, ele estudava a lei há anos, e Stephen estava confiante de que ele teria habilidade para arrumar todos os papéis necessários.

À tarde, os planos que os irmãos haviam feito apressadamente estavam em andamento. Depois de toda aquela agonia, Stephen percebeu que a decisão havia sido tomada. Até que enfim, estava acontecendo. Sorriu e seu coração inchou de alegria quando os

olhos de sua mente imaginaram pastos extensos, seus rebanhos de gado e cavalos pastando contentes na exuberante grama de Kentucky sob o sol quente. Jane e as crianças, em segurança, em uma grande casa nova.

Ele poderia fazer tudo aquilo acontecer. Ele o faria acontecer.

CAPÍTULO 11

Enquanto Stephen estava fora, Jane convidou Sam para entrar e fumar seu cachimbo ao lado da janela aberta. Bear estava ocupado, alimentando os cavalos e os outros animais. O doce cheiro da fumaça do tabaco se misturava ao agradável aroma dos biscoitos sendo assados.

Ela já havia começado a difícil tarefa de selecionar o que levar para Kentucky e o que deixar para trás. Seu coração ainda não estava completamente comprometido com a ideia, e ela achou difícil se concentrar, vagando de um item para outro.

— Jane, você parece inquieta. Não tem certeza de que essa mudança é o melhor para você e Stephen? — perguntou Sam.

Ela pensou por um momento antes de responder.

— Não tenho certeza. Estou extremamente preocupada. Tenho medo de estar cometendo um erro. Será que partir é o melhor plano, Sam? Você realmente acha que Bomazeen voltará? — Ela apertou as mãos no avental para impedir que tremessem.

— Acho. Não há como dizer quando ele virá. Mas virá.

— Admito que o pensamento de enfrentar aquele animal novamente me aterroriza.

— Deveria mesmo. Ele não é humano.

— Mesmo que Bomazeen não volte, entendo por que Stephen quer partir. Você não pode enjaular uma águia em um curral. Se ele não for, nunca será completamente feliz. E, se não estiver feliz, como posso estar? Como ele pode ser um bom pai e fazer suas filhas felizes se está se sentindo preso em uma vida que não é o seu destino?

— Eu o observei a vida toda. Mesmo quando criança, ele ansiava por mais do que via aqui. Tem a mesma visão que nossos ancestrais tiveram. Vê o horizonte em todos os lugares para onde olha.

— Não, Stephen vê além do horizonte. Está determinado a partir. Sua vontade de ir é mais forte do que meu desejo de ficar.

Ambos concordaram que era a decisão correta para Stephen. No entanto, ela ainda estava preocupada se era para as filhas. Perguntava-se se o marido havia percebido completamente o que as meninas enfrentariam. O que ela enfrentaria. Ela não era, de modo algum, uma mulher delicada, mas a selva testava a coragem até mesmo dos homens mais fortes. Ele realmente entendia o quanto ela estava abandonando?

— Mas, e você? Você percebe o quão difícil será essa viagem?

— perguntou ele.

— Sei que será a coisa mais difícil que já fiz. Talvez a coisa mais difícil que eu possa fazer. Mas meu pai me ensinou a não me esquivar de algo só porque é difícil... porque quase tudo o que é importante é difícil. É assim que a vida é. Não é isso que está me segurando. Estou preocupada com as meninas. Como eu poderia conviver com isso se algo acontecesse com elas na viagem?

— Elas não estão fora de perigo aqui. Bomazeen é tão inteligente quanto Lúcifer. Encontrará uma maneira de retribuir o que você fez, talvez roubando mais de uma de suas filhas. Que os céus não permitam que morram na Trilha Selvagem, mas seria melhor do que ser escrava.

Ela desviou o olhar rapidamente, depois se moveu inquieta pela sala, finalmente pegando o livro favorito de Stephen. Ela o adicionou à pilha de itens que eles levariam.

— Talvez você esteja certo. Pensar nele tentando roubar Martha de novo faz meu coração estremecer. Até a vida mais difícil é melhor que a escravidão.

— Eles irão? — perguntou Sam, no momento em que Stephen voltou mais tarde naquele dia.

— William e John se juntarão a nós — respondeu Stephen, desmontando do cavalo —, mas não Edward. Ele pensa que estamos cometendo um erro.

— Esse é o problema de Edward — rosnou Sam —, ele pensa demais.

— Se você e Bear estiverem dispostos, partiremos em dois dias — disse Stephen, enquanto levava George ao celeiro.

— Ótimo. É hora de parar de se ensaboar e começar a se barbear — disse Sam.

Stephen se perguntou se Sam estava tentando parecer confiante ou se realmente não tinha dúvidas.

Enquanto voltavam para a casa, ele ouviu Jane gritar:

— O ensopado está pronto e os biscoitos estão quentes. Por favor, cavalheiros, tirem as suas botas antes de entrar.

— Não deixe Bear comer meus biscoitos — gritou Sam, acostumado a competir por comida com seus irmãos.

— Fiz uma panela adicional, totalmente cheia, só para você — respondeu Jane.

Foi inteligente da parte dela. Ele viu Sam comer uma dúzia de biscoitos em um único jantar.

— Jane, você é um anjo aqui na terra — disse Sam, subindo os degraus da varanda, dois de cada vez, e depois abrindo a porta.

— Se ela é um anjo, então Deus deve ter trabalhado bastante — disse Stephen, limpando um pouco de farinha do rosto dela. Mesmo vestindo um avental coberto de manchas de comida, ela era uma visão.

Jane o golpeou com o pano de prato, mas ainda assim lhe deu um grande sorriso.

Stephen sentou-se à cabeceira da velha mesa de pinho, a visão tentadora de ensopado fumegante, biscoitos quentes, manteiga fresca e um bolo de frutas, tudo lhe dando água na boca.

— Bear, sente-se aqui ao lado de Stephen e Sam, em frente a Bear. Vamos colocar as meninas aqui, ao meu lado. Martha, coloque a manteiga ali, ao lado do tio Sam. Você sabe como ele gosta de passar manteiga nos biscoitos — disse Jane.

— Não sei por que você precisa ter um biscoito empapado com manteiga antes de poder comê-lo — reclamou Stephen. — Você deveria apenas comê-los da maneira que Deus os fez.

— Deus não fez os biscoitos, foi Jane quem fez — disse Sam.

— Lembro-me de comer alguns dos pequenos biscoitos de Stephen em uma de nossas primeiras viagens de caça. Tão duros e

achataados como ferraduras — disse Bear, e então jogou a cabeça para trás e riu.

— Por que você acha que me casei com Jane? Não foi apenas porque ela era a mulher mais bonita de New Hampshire, eram os seus biscoitos — disse Stephen.

Todas as meninas riram, até a pequena Mary.

— Mamãe, Bear deixou que eu cavalgasse com ele em seu novo cavalo hoje. Ele se parece com o camelo no desenho da Bíblia — disse Amy.

— Quem? O cavalo ou Bear? — perguntou Stephen, em tom de brincadeira.

— O cavalo, seu bobo — respondeu Amy.

— Camelo. Sabe, seria um nome adequado para aquele baio grande — disse Sam.

Stephen pensou que o cavalo tinha uma cabeça estranhamente grande, mas não havia dito nada a Bear. Um homem pode ser sensível quando se trata de seu cavalo.

— Vamos chamá-lo de Camelo. Tudo bem para você, Bear? — perguntou Amy.

— Sim, princesinha. Vamos chamá-lo de Camelo, mas apenas porque foi você quem deu o nome — disse Bear, olhando para Sam.

— A Bíblia diz que os camelos carregavam homens sábios — disse Martha.

— Isso torna o nome ainda mais ideal — disse Stephen.

— Stephen, quero que Sam e Bear levem as meninas para a cidade até termos certeza de que é seguro. As palavras de Bomazeen sobre Martha ser uma boa escrava para os índios continuaram me assombrando o dia inteiro. Elas podem ficar com a família de Edward. Sei que Anne não se importa. Manterei Mary comigo.

Stephen concordou, balançando a cabeça.

— Boa ideia, mas quero que Sam e Bear as levem para a cidade antes do anoitecer. Arrume as coisas delas.

Jane procurou uma sacola pequena e a encheu com uma muda de roupa para as meninas e, em seguida, fez com que elas tivessem

o rosto lavado, as tranças feitas e colocado os sapatos de viagem.

Em pouco tempo, elas estavam prontas para partir.

— Tio Sam e Bear estão nos levando para a casa do tio Ed. — Alegre, Polly informou seu pai quando ele entrou no quarto delas. — Mamãe disse que estamos atrasadas em fazer uma visita para os nossos primos.

Ele deu um abraço em Polly.

— De fato, sua mãe está certa. Agora, vamos descer e encontrar o tio Sam e Bear. — Ele pegou Amy e a bolsa das meninas.

Quando chegou ao pé da escada, ele gritou para Jane apanhar os casacos das meninas.

Bear e Sam saíram e começaram a apertar as cilhas em seus cavalos já selados.

— Sam, Bear, por que vocês não retornam amanhã depois de cuidarem de suas próprias casas? Sei que vocês dois saíram delas de repente — sugeriu Stephen.

Jane beijou e abraçou cada uma das meninas de acordo com a ordem de nascimento, como era seu costume.

— Sejam boazinhas e cuidem de sua tia e tio — disse ela.

— Seria bom cuidarmos de algumas coisas antes de partirmos para Kentucky — disse Bear. — Mas mantenham os olhos abertos.

Stephen não precisava do aviso, mas sabia que Bear se sentia melhor aconselhando-o.

Depois de tratar de George e dos outros animais, Stephen entrou, trancou todas as portas e fechou as janelas. Espiou pela janela da frente antes de trancar a última veneziana.

— Provavelmente Bomazeen ainda não se curou o suficiente para viajar e não é costume dos Pennacooks atacar à noite, mas não vou me arriscar.

— Vou alimentar Mary e colocá-la na cama; depois, vamos sentar ao lado da lareira e conversar um pouco — sugeriu Jane, esperando ter uma última chance de demovê-lo de seus planos.

Depois de colocar o mosquete e a pistola carregados por perto, Stephen arrastou uma cadeira até a lareira e sentou-se ao lado de

Jane. Por vários minutos, nenhum dos dois falou, enquanto ele acariciava a mão dela e os dois olhavam para as chamas. O crepitar tranquilo do fogo era o único som na sala.

Stephen a olhou, compartilhando seus sentimentos com um único olhar. Ela viu tanto amor nos olhos dele, tanto, que não ele precisava ser expresso em voz alta. Seus olhos falavam a linguagem silenciosa, mas expressiva, do amor.

Mas havia muito mais que precisava ser dito. Perguntas demais. Tantas falhas em sua confiança. Mas ela não conseguiu se permitir destruir o sonho dele. Não foi possível expressar as palavras para movê-lo.

— Seus olhos são ainda mais belos quando refletem a luz do fogo — disse ele. — Venha, sente-se no meu colo para que eu possa vê-los ainda melhor.

Ouvindo a voz calorosa e terna, ela não conseguiu resistir. Adiantou-se para o colo dele, perdendo a esperança de compartilhar seus reais pensamentos. Em vez disso, ela disse:

— Não são os meus olhos que você deseja ver.

— Seus olhos e todas as outras partes suas — respondeu ele, com honestidade. Suas mãos fortes seguravam a cintura e os quadris dela perto dele.

— Todas as partes?

— Todas — repetiu ele.

Jane sentiu o rosto aquecer enquanto passava os braços sobre o peito e as costas dele, sentindo a força sólida sob a camisa dele. Parecia impossível, dado o fardo que pesava em sua mente, mas a sensação dos músculos rígidos a fez arder com um profundo desejo por ele. Cedendo às exigências de seu corpo, ela beijou a testa, as faces e os olhos dele com ternura, antes de saquear, de forma não tão terna, a boca de Stephen. Sentiu o corpo dele reagir com uma onda de desejo, mas sabia que ele se contería, deixando-a apreciar o seu afeto sem pressa antes que o fogo do amor consumisse os dois.

Ela deveria resistir à tentação, pelo menos por enquanto. Precisava de um tempo sozinha com ele para fazê-lo entender por que ela queria ficar em sua casa. Mas não conseguiu se defender

da terna investida de Stephen ao corpo dela. E não tinha proteção contra os sonhos dele. Ela não conseguiria se conter, nem ele.

Ela arrancou a camisa de Stephen, revelando os poderosos ombros e o abdômen musculoso dele. Apesar da estatura média, seu marido era forte e ela achava que a constituição dele era exuberante. Ela acariciou o peito largo, uma parede de músculos firmando-se sob seu toque. As pontas dos seus dedos formigavam enquanto ela os deslizava lentamente sobre os pelos sedosos do peito dele. Até aquele simples toque lhe dava prazer. Um delicioso arrepio de paixão a percorreu.

Stephen tocou levemente uma mecha de cabelo solta sobre a face de Jane, depois afundou as mãos entre os cachos dela e pressionou os lábios nos dela por um longo momento, sem pressa.

O beijo repercutiu em seu coração. Os lábios dele eram macios e quentes — sempre a melhor coisa que ela já provara — e provocou um formigamento de prazer que percorreu seu peito. Beijar era sua parte favorita quando faziam amor e ele se esforçou bastante para garantir que ela gostou. Ele se demorou beijando-a, provocando os lábios dela suavemente, sem pressa, até que ela abandonasse todas as preocupações da maternidade. Transportada para uma nuvem suave e diáfana, até que a única coisa que ela queria era ter mais dele.

Então, ele voltou sua atenção para o resto dela, como fazia agora. Os lábios dele deixaram os dela para morder o lóbulo de sua orelha. Então ele abriu caminho pelo pescoço, pelos ombros dela. Seus lábios capturaram os dela, desta vez mais urgentes e exploradores. Sua mão deslizou sob o vestido dela e percorreu a coxa levemente.

O movimento suave da mão dele provocou uma onda de desejo dentro dela. Ela se enroscou contra o peito dele.

Com uma chama ardente nos olhos, Stephen segurou a mão dela para levá-la para a cama. Arrepios de desejo a fizeram tremer de expectativa.

Ele os levaria até aquele mundo particular, onde o êxtase tocava suas almas.

Depois disso, ela sabia que Stephen sonharia — sonharia com o que os esperava além do horizonte.

CAPÍTULO 12

Stephen retirou suas economias do banco e resolveu seus assuntos financeiros. As terras em Kentucky estavam sendo vendidas por um mínimo de um dólar por acre e ele precisaria de tudo o que havia herdado e economizado, embora todos esperassem obter concessões de terra e poupar dinheiro para adquirir gado, equipamentos e para a construção de casas. Ele também encontrou um comprador para seu gado, para todos menos seu melhor touro jovem e duas novilhas com bom aspecto. Ele os levaria também. Ele havia alimentado o touro com milho, separado do restante do gado, para que pudesse domá-lo e fazê-lo se acostumar a ir comer ao balde de alimentos. Ainda jovem demais para procriar, o touro jovem seria fácil de se lidar. Ele seguia Stephen e a ração para qualquer lugar e as novilhas seguiam o touro. Eles seriam o começo de seu novo rebanho.

Concluídas as suas tarefas financeiras, ele se juntou aos irmãos, ainda trabalhando duro carregando a carroça parada em frente à loja de Edward.

— Vocês ainda não terminaram?

— Você poderia arrumar alguém que conhece para ajudar — resmungou John.

— Poderia, mas quem garantiria que vocês carregariam tudo corretamente? — disse Stephen, em tom de brincadeira.

Ele verificou duas vezes a longa lista de suprimentos com detalhes meticulosos, sabendo que provisões adequadas poderiam fazer a diferença entre sucesso e fracasso na selva. E ele não tinha intenção de fracassar.

John e Bear carregaram o último dos suprimentos. Barris de carne de porco salgada, meio barril de farinha de trigo e meio barril de farinha de milho, um barril de banha, rifles, munição, velas e outros suprimentos que Stephen havia pedido, enchiam a carroça. Stephen podia ver que eles haviam organizado tudo com cuidado. O espaço era precioso, para que pudessem levar apenas o essencial.

O pouco espaço que ainda restava quando terminaram seria aquele permitido a Jane para colocar os seus baús. Ela havia se debatido por horas sobre o que levar e o que deixar ali. No final, ela escolheu apenas o que não poderia substituir, alguns itens de forte valor sentimental e necessidades absolutas, como cobertores, meias de lã, tesouras, agulhas e linhas. Ela e as meninas estavam passando a tarde com a esposa e os filhos de Edward. Seria a última oportunidade de ficarem juntos, o que também daria a Jane a chance de dar muitas de suas coisas para as sobrinhas. O que restasse iria para as famílias necessitadas da região ou seria vendido pelo seu valor.

Edward foi para o fundo do seu lotado armazém e depois voltou para a varanda da loja.

— Quero que você leve esse uísque e essa caixa de vinho. Quando estiverem sentados ao redor da fogueira em uma noite fria, talvez brindem em minha homenagem.

— Eu preferia que você estivesse brindando conosco — disse William, pegando o uísque.

Os olhos de Edward encontraram os de Stephen.

— Edward, vamos entrar enquanto eles terminam — disse Stephen.

O ar dentro da loja bem abastecida transbordava de cheiros exóticos — canela e pimenta, rum e vinho do Porto, chá e laranjas. Outras mercadorias brilharam para os dois enquanto eles passavam: garrafas, copos de vinho, bandejas de prata, estanho, facas, caixas de rapé e fivelas de latão para sapatos.

Quando chegaram à sua mesa, Edward arrancou o casaco e jogou sobre uma cadeira.

— Nem comece, Stephen. Sei que você e Sam me consideram o covarde da família, mas é a minha vida, não a sua. Decidirei o que é melhor para mim e para os meus. Não você. — Ele quase gritou, amassando a lista de suprimentos e jogando-a no grande fogão.

— Não penso mal de você porque decidiu ficar. Deus leva os homens a diferentes destinos. O seu será diferente do nosso. E agradecemos por você cuidar de nossas propriedades. Eu teria relutado em confiá-las a mais alguém.

Edward pareceu perplexo.

— Obrigado. Você aliviou minha mente. Sei que Sam me acha um fraco. Comparado a Sam, quase todos os homens podem ser chamados de covardes.

— De fato, os padrões dele são altos.

— Mas há uma diferença entre covardia e cautela. A imprudência mata homens.

— Ele é um homem difícil de se igualar. Sempre foi. Sam é apaixonado por tudo que significa coragem e honra. Já você, pela família e segurança. No fundo, Sam entende isso — disse Stephen.

— Creio que um homem não pode deixar de tentar se igualar ao irmão mais velho, especialmente se este é um homem como Sam — admitiu Edward. — É hora de parar de tentar.

Stephen tinha a mesma opinião, mas não disse nada porque concordava por um motivo diferente. Edward nunca poderia estar à altura de Sam.

— Percebi que meu sonho não precisa ser o seu sonho. Talvez você já esteja vivendo o seu sonho. Só sei que não estou vivendo o meu — disse Stephen. — E tenho que construir um futuro melhor para minha família. Devo fazê-lo.

— Acho que finalmente entendi — disse Edward.

— Acho que ambos entendemos. — Ele deu um tapinha nas costas do irmão. — O que você diz de chamarmos os outros e tomarmos uma bebida de despedida?

— Esplêndida ideia. Brindaremos à sua nova casa no oeste.

Na saída, Edward apanhou um rolo de corda de trinta metros e uma serra.

— Você só pediu oito metros de corda em sua lista. Pensei que você poderia usar esta, de trinta metros. Você não estaria levando muita corda, e talvez esta nova serra seja útil quando for construir sua nova casa. Aquela que você tem é tão antiga que provavelmente foi do nosso avô. E este é o melhor cobertor de lã já feito.

— Se não sairmos logo daqui, você vai mandar toda a sua loja conosco — disse Stephen, com um sorriso. — Então, terá que ir também.

A bebida de despedida foi a primeira de muitas despedidas difíceis, tanto para quem ficava quanto para quem partia. Depois de saírem da taberna, sentindo-se especialmente sentimentais com a ajuda do uísque, eles cavalgaram para a montanha que guardava seus pais, irmã e lar de infância em sua base. Os quatro posicionaram suas montarias lado a lado, olhando para o local do grande deslizamento de montanha. Para Stephen, parecia um túmulo enorme com uma imensa lápide. Juntos, em silêncio, eles se lembraram de sua mãe e pai — os pais que os criaram para se tornarem os homens que eram.

O som suave da brisa passando por seus ouvidos acalmou a tristeza das lembranças de Stephen. Ele observou que agora os arbustos e as árvores jovens cresciam onde ficava a casa da família. A montanha enterrou parte dele também naquele dia. O futuro de Stephen estivera ali, com seu pai, trabalhando na fazenda que ambos amavam. Ele ainda lutava contra o peso terrível daquela perda.

Ele examinou a bela montanha, onde havia explorado e brincado quando criança, e caçado quando rapaz. Lembranças calorosas encheram sua mente. Seu amor pela terra vinha de seu pai. Stephen sentia falta dele.

Ele lembrou os irmãos sobre uma das frases favoritas do pai: “Esteja sempre disposto a lutar por seu vizinho e a matar por seu irmão”.

— Um homem sábio — disse Sam.

Stephen desmontou e entregou suas rédeas a William. Puxou um saco que cabia no bolso de seu casaco. Andou alguns metros e ajoelhou-se no chão, apanhando um grande punhado de terra. Encheu cuidadosamente o saco com a terra fria e escura da montanha que servia de túmulo para o pai. Depois, amarrou-o com força antes de colocá-lo dentro do colete, no bolso ao lado do coração. Ele permaneceria ali até que chegassem à sua nova casa.

Ele montou novamente e olhou para o alto da montanha. Havia chegado a hora de escalar novas montanhas e compartilhar novas lembranças.

E, para Stephen, de dar uma chance de um lar melhor para sua família.

Eles teriam que viver de acordo com o lema de seu pai para chegar a esse lar. Logo se tornariam parte de uma nova fronteira que o velho Sam não conhecia. Mas eles haviam sido criados para serem não apenas homens bem-educados, de fé e coragem, mas também para serem resistentes, tenazes e fortes. Crescer durante uma guerra os preparou para lidar com desafios à sua coragem. Estavam prontos para enfrentar o futuro — um mundo de promessas infinitas e perigos incalculáveis.

CAPÍTULO 13

26 de abril de 1797

Hoje começamos nossa jornada. Partimos para Kentucky — tomamos o nosso caminho. Paramos para descansar a cerca de dezesseis quilômetros de casa. Stephen está nos levando para um novo lar. Apesar de todas as razões para ir, achei muito difícil partir. Espero que estejamos fazendo a coisa certa, mas parte de mim continua gritando “pare”. Partir foi agonizante. Quando as rodas da carroça giraram pela primeira vez, carregando os poucos pertences preciosos que eu poderia trazer, minhas mãos tremiam e senti como se alguém estivesse chutado o meu estômago.

Jane leu o que acabara de escrever. Respirou fundo antes de continuar.

Mas não me arrependo. Pelo menos, ainda não. Com a graça de Deus, todos alcançaremos com segurança o paraíso e um novo lar.

Ela sublinhou “todos” três vezes.

Já era tarde, quando Sam se virou para Stephen e disse:

— Sinto o cheiro de chuva no ar. Vamos acampar aqui, antes que ela comece. Vou caçar carne.

Antes de partir a pé, Sam verificou a carga do seu rifle do Kentucky^[4]. Excelente atirador, Sam poderia acertar uma bala em um cervo a quase trezentos metros de distância e perfurar um buraco na cabeça de um inimigo a pouco mais de duzentos metros.

Os armeiros alemães e suíços da Pensilvânia projetaram a arma longa e esbelta, mas batizaram-na com o nome do estado que inspirou seu projeto. Os caçadores que percorriam as densas florestas do Kentucky exigiam o cano longo e preciso, e o menor peso na coronha esguia e munições. O rifle mais leve combinava bem com os atiradores do Kentucky porque estes caçavam em grande parte a pé, assim como Sam.

Assim que sua família estivesse viajando além das áreas densamente povoadas, os assentamentos ou postos comerciais seriam poucos e distantes entre si, de modo que eles precisavam ser autossuficientes. Seu sustento viria em grande parte de animais, o único suprimento consistente de alimentos. Precisariam conservar balas e pólvora, nenhuma facilmente disponível. Para o viajante faminto, o primeiro tiro de um caçador tinha que valer porque, se ele errasse, assustaria outros animais nas proximidades.

— O que aquele armeiro fez para tornar o rifle do Kentucky tão preciso? — perguntou Bear. — Meu velho mosquete Bess não consegue atingir nada além de sessenta metros.

William e John se aproximaram para que também pudessem ouvir a resposta de Sam.

— Ele estendeu o cano para um pouco mais de um metro, diminuiu o tamanho do furo para meia polegada e aumentou o tamanho das miras. Canos longos disparam uma bala com mais precisão. E balas de menor calibre permitem canos muito mais leves, não apenas reduzindo o peso da munição, mas também o rifle — explicou Sam. — Eu trouxe um para cada um de vocês. Vamos abrir o caixote hoje à noite. Vocês precisarão atirar um pouco para que se acostumem. Como não há duas armas iguais, cada um de vocês deve deixar sua marca no seu rifle, de forma que use apenas ele e se familiarize com a forma como ele funciona. Façam dele um terceiro braço: nunca longe do seu corpo — aconselhou Sam.

— Um rifle do Kentucky parece diferente, muito mais leve do que um mosquete de cinco quilos. É uma belezinha de arma, que faz um homem sorrir — disse William. Ele já havia atirado com um deles, pertencente a um amigo, mas até então não possuía um igual.

— Essa Bess nunca me faz sorrir — disse Bear —, mas às vezes ela me faz praguejar como um marinheiro de Barbados.

Stephen mal podia esperar para usar o rifle. Ele seria capaz de atirar de mais longe, uma vantagem distinta ao caçar ou combater índios.

— É uma sorte que a arma seja tão precisa; precisamos ser ótimos atiradores para economizar munição.

— Ou para permanecer vivo — disse Sam, rigidamente, enquanto marchava para caçar.

Quando estava prestes a sair da clareira, Sam voltou-se para Stephen e gritou:

— Não use nada além de lenha seca. Menos fumaça para chamar a atenção sobre nós.

Stephen e Bear descarregaram os utensílios de cozinha de Jane e os suprimentos necessários para acampar.

Depois de reunir várias braçadas da madeira mais seca que conseguiu encontrar, Stephen apanhou o machado de cabo longo preso com tiras na lateral da carroça. Começou a cortar as peças maiores da maneira que seu pai havia lhe ensinado, com ritmo tão suave que os golpes pareciam quase musicais.

— William, pare de afinar o violino e acenda o fogo — disse ele, enquanto carregava uma braçada de lenha para Jane.

— Só estou afinando para hoje à noite — disse William, sorrindo. — Planejo manter todos vocês entretidos nesta viagem. Só porque estamos indo para um território selvagem não significa que temos que deixar a cultura para trás.

— Você está nos entretendo muito bem — disse Stephen —, mas não porque é um violinista tão talentoso. — Ele marchou para pegar galões de água.

Jane notou Martha, Polly e Amy logo atrás de Bear, enquanto ele descarregava suprimentos da carroça. Ele precisava prestar atenção para não pisar nelas. Suas filhas passaram a gostar muito de seu grande amigo.

— Bear, como sabemos para que lado é o Kentucky? — perguntou Martha.

— Kentuk — repetiu Amy.

Bear largou as pesadas panelas de ferro de Jane e se ajoelhou ao lado das três meninas.

— Bem, princesinhas, muito antes de os homens da Europa chegarem às colônias, os animais selvagens e índios nativos moravam aqui. Os animais abriram caminhos muitos bons, que

levavam à água ou a outras coisas de que precisamos, como depósitos de sal. Os índios seguiram os mesmos caminhos da caça e os alargaram até que formassem trilhas, e os homens brancos seguiram as trilhas dos índios e as tornaram ainda mais amplas, em estradas. — Bear desenhou estradas imaginárias na terra para mostrar a Martha. — As tribos de índios do norte e do sul viajavam por uma trilha chamada Grande Caminho Indígena de Guerra, usada para comércio ou guerra. Esta trilha percorre terrenos pedregosos ou vegetação densa de arbustos e árvores. Os homens brancos transformaram muitas dessas trilhas de índios em estradas para carroças, que agora chamam de Trilha Selvagem. Seguiremos essa trilha sempre que pudermos. Enquanto viajamos para Kentucky, Daniel Boone e seus homens já abriram uma boa estrada para seguirmos para os territórios selvagens.

— O que é um território selvagem? — perguntou Martha.

Jane podia ver Bear pensando, tentando encontrar uma resposta que elas entendessem.

— É o lugar onde apenas Deus tocou a terra, que permanece como foi criada — disse ele, por fim.

— Vamos nos perder? — perguntou Polly.

— *Nae*, pequenina. Seu tio Sam viajou por todas essas colônias uma vez ou outra. Ele não vai nos deixar nos perder.

— Bear, por que papai queria que saíssemos de nossa casa grande? — perguntou Martha.

A pergunta de Martha surpreendeu Jane. Stephen havia dito às meninas que eles estavam indo para um lugar onde haveria mais terra. Martha obviamente não entendeu por que seu pai achava que a terra era tão importante.

— Doce mocinha, seu pai deve fazer o que acha melhor. Não apenas por ele, mas por sua mãe e pelas meninas dele também. Ele é um homem sábio. Ele está fazendo o que deve, o que sua mente forte e bom coração lhe dizem para fazer — tentou explicar Bear.

Ela rezava para que essa viagem fosse o melhor para sua família. Queria ter fé em Stephen. Era tarde demais para questionar a decisão dele agora.

— Haverá índios nessas trilhas? — perguntou Martha, timidamente.

Marta ainda tinha pesadelos vívidos sobre Bomazeen. Jane pensou que os pesadelos provavelmente continuariam até que eles estivessem longe de casa. Seu coração se apertou. Se ao menos ela pudesse ter feito algo para poupar as filhas do terrível encontro.

Em vez de responder, Bear olhou para Jane e esperou que ela assentisse, antes de continuar.

— Sim, moça. Mas não se preocupe com isso agora. Nem todos os nativos são hostis, mas seu tio Sam e eu estamos bem acostumados a lutar contra índios, se necessário. Com esses novos, longos e belos rifles, poderemos dispará-los quando os índios ainda estiverem a um quilômetro de distância.

— Ótimo — disse Martha.

Jane esperava que um quilômetro fosse o mais perto que um índio hostil pudesse chegar de suas doces meninas.

A primeira noite na trilha passou rapidamente. Depois que Stephen acendeu o fogo para Jane e a ajudou a começar a assar carne fresca, Sam abriu o caixote de rifles do Kentucky, dando um para cada um dos homens e um para Jane. As armas de calibre .40 custaram a ele mais de dois anos de salário, mas valeriam a pena. Os rifles delgados não eram apenas leves e precisos, eram rápidos para serem recarregados. Sam disse que poderia recarregá-lo em doze segundos enquanto em funcionamento, e que, depois de algum treino, os outros seriam capazes de fazê-lo também.

Stephen acariciou o material de carvalho liso e admirou suas linhas graciosas e acessórios de ferro habilmente fabricados, incluindo uma caixa especial de munição de estoque. Ele apontou a arma para as colinas distantes, satisfeito com a boa vista. Seu primeiro novo rifle, ele o valorizaria. Um rifle como esse poderia significar a diferença entre a vida e a morte ou entre uma barriga cheia e a fome.

Para praticar tiro ao alvo, Sam pregou um saco branco para alimentos em uma árvore a cem metros do acampamento. No momento em que Jane estava com o jantar quase pronto, o saco estava em farrapos.

— Deixe Jane tentar — sugeriu Stephen.

— Não seria justo — disse Bear —, restou apenas um pouco de farrapos para se atirar.

— Entregue-me esse rifle — exigiu Jane, claramente desafiada pelo comentário de Bear.

Com a ajuda de Stephen, Jane carregou sua nova arma. Ela a colocou com firmeza sobre o ombro, mirou e atirou. O que restou do saco de ração caiu no chão.

— Esses olhos verdes não são apenas bonitos, são tão aguçados quanto os de um falcão — gabou-se Stephen.

— Facilitei para vocês — disse Sam. — No próximo acampamento, colocarei a cento e cinquenta metros.

Ao pôr do sol, a previsão do tempo de Sam se tornou realidade. Houve uma longa sucessão de trovões, como se a tempestade estivesse tocando centenas de tambores e címbalos enquanto seguia pelos campos. As rajadas de vento aumentaram e gotas grandes e frias de chuva começaram a bater em seus rostos.

Jane rapidamente escondeu as meninas e Johnny dentro da carroça e começou a recolher os utensílios de cozinha.

Stephen juntou os novos rifles e os guardou junto com qualquer outra coisa que pudesse se levada pelo vento. Antes que ele e Jane entrassem na carroça também, ele a girou em seus braços. Colocando a mão na parte de trás do pescoço dela, ele puxou os lábios dela para os seus e gentilmente cobriu a boca de Jane. Ela retribuiu o beijo com abandono, deixando a chuva cair sobre os dois. Então ele se forçou a dar um passo para trás e a ajudou a entrar na carroça.

Enquanto subia atrás de Jane, William e John rastejaram sob a carroça em busca de abrigo.

Sam e Bear se esconderam nos abrigos que haviam feito anteriormente com galhos de árvores e peles, construídos em terreno alto.

Um raio ressoou no alto. Polly gritou e Amy pressionou as mãos minúsculas nos ouvidos. Johnny agarrou-se ao casaco úmido de lã de Stephen. Martha parecia apenas irritada por estar presa na carroça pelo resto da noite.

— Não se preocupem, o raio é apenas a maneira de o Todo-Poderoso nos lembrar o quão forte ele pode ser — disse Jane, envolvendo os braços em torno de Polly e Amy.

— Ele deve ser feroz — disse o Johnny. — Eu não gostaria de deixá-lo bravo.

— Muitos homens adultos não são inteligentes o suficiente para perceber isso — disse Stephen.

CAPÍTULO 14

Na manhã seguinte, Jane fez uma breve anotação em seu diário:

“A tempestade da noite passada acabou rapidamente, mas deixou o chão molhado, apenas o suficiente para tornar tudo lamacento. Stephen é tão cheio de energia e esperança. Ele nos inspira a todos. Oro para que Deus lhe dê a força de que precisa para esta jornada e que Ele nos faça fortes. Temo que venhamos a precisar disso”.

— Fizemos um bom progresso hoje, quase dezesseis quilômetros. Amanhã, devemos alcançar o rio Merrimack antes do anoitecer. Ficarei mais descansado depois que o atravessarmos — disse Sam, baixinho, para Stephen e Bear enquanto cavalgavam.

— Não vou descansar até Bomazeen estar morto — respondeu Stephen.

— Sim — concordou Bear. — O demônio ainda está a curta distância. Seríamos fáceis de rastrear. Estamos deixando uma trilha que até uma criança índia poderia seguir.

— Vamos acampar antes que escureça — disse Sam. — Estamos mais vulneráveis à noite, por isso precisamos caçar um pouco de comida e voltar antes do pôr do sol.

— Sim. Estou com tanta fome quanto o grande Camelo daqui — disse Bear.

— Eu também — disse John, e ele e William se juntaram aos dois.

Stephen esperava que pudessem encontrar peru ou porco selvagem. Sentia pontadas de fome no estômago também.

— Johnny e eu vamos pescar rio acima enquanto vocês dois caçam — disse John.

Bear e Sam seguiram. Cavalgariam alguma distância antes de desmontar e caçariam a pé, no restante do caminho.

Stephen virou-se para William.

— Você está um pouco rígido, irmão. — Embora William não tivesse reclamado, ele suspeitava que, depois de dois dias seguidos a cavalo, William estivesse se sentindo como ele: dolorido em alguns lugares muito particulares.

— Estou bem — rosnou William.

— Não há vergonha em admitir isso. Não estamos acostumados a cavalgar o dia todo, como Sam e Bear. Por que não vigia e recolhe lenha? Vou amarrar as patas desses cavalos para que eles possam pastar um pouco. Parece haver uma boa grama ali — disse Stephen, apontando para um prado não muito longe.

— Combinado — disse William.

Stephen removeu a sela de George e começou a escovar as costas largas do garanhão, onde os pelos pretos do cavalo estavam molhados e emaranhados devido à cavalgada do dia. Ele apreciava tratar do cavalo tanto quanto George gostava de ser tratado. Havia um toque puro e de terra no aroma do suor do cavalo, e a escovação parecia ajudar os dois a relaxar depois de uma longa viagem. Quando terminou, ele acariciou o longo pescoço e a traseira de George. O garanhão de constituição poderosa tinha uma conformação quase perfeita e Stephen se considerava sortudo por possuir uma montaria tão excepcional.

Ele amava o cavalo como um amigo querido. Montar George era muito mais que um meio de transporte — o fazia se sentir mais forte e mais vivo — como se a força do grande coração do garanhão e músculos poderosos passassem para ele toda vez que o cavalgava. Entre todas as criaturas de Deus, ele achava que o cavalo era a mais digna da admiração e devoção do homem. E George recebia grandes quantidades de ambas.

— Vou ao riacho lavar a poeira do rosto e do cabelo. Pegarei água para preparar o café e o jantar também — disse Jane.

Stephen olhou para cima e julgou a distância até o riacho. Estava a menos de cinquenta metros de distância.

— Tudo bem. Mas fique alerta e pegue seu rifle.

William empilhou a lenha, depois usou aço e pederneira para queimar as folhas e os galhos que colocou na sua base.

— Em breve, você deverá ter o calor suficiente para cozinhar, se quiser preparar alguns de seus famosos biscoitos no forno holandês — disse ele, com um sorriso.

— Obrigada — disse Jane. — Só preciso ver como as crianças estão e me refrescar primeiro.

William abriu o saco de dormir e esticou as pernas compridas.

As crianças estavam correndo em círculos ao redor da carroça, perseguindo umas às outras e gritando, alegres, liberando a energia reprimida por terem ficado confinadas o dia todo.

Jane carregou o rifle, pegou sabão e baldes, e desceu a encosta. Altas árvores de cipreste ladeavam a margem, seus galhos e folhas farfalhando como enormes carrilhões sob vento constante. O riacho, volumoso pelas chuvas da primavera, corria ruidosamente. A água agitada formava espuma branca em torno das pedras e rochas coloridas. Jane desejou que fosse verão e que pudesse se despir e se sentar nas rochas, deixando a água quente girar em torno de seu corpo nu.

Contornando algumas pedras grandes, ela caminhou até a margem do rio. Despiu o manto, depositou-o sobre as pedras com o balde, e desabotoou o corpete do vestido, puxando-o para baixo. Com apenas sua combinação cobrindo os seios, a brisa suave e fresca a fez estremecer e arrepiar a pele nua. Quando se inclinou na beira do riacho, sentiu o cheiro limpo da água.

Jane espirrou o rosto com a água limpa antes de afundar a cabeça. Tremendo, a água gelada não parecia agradável, mas era muito melhor do que a terra e sujeira da trilha. Depois de arrastar a barra de sabão pelo cabelo molhado, ela começou a esfregar e não parou até fazer um trabalho completo. Fechou os olhos, mergulhou a cabeça no riacho novamente e esfregou vigorosamente os cabelos na água fria.

Então, sentiu apenas o frio do terror. Todo o seu corpo estremeceu de medo quando grandes mãos fortes pressionaram sua boca e mantiveram sua cabeça na água. Jane lutou para levantar a cabeça, os olhos arregalados sob a água, mas não conseguiu. Precisava respirar! O que estava acontecendo? Alguém

estava tentando afogá-la! Então o homem a puxou violentamente pelos cabelos. Ela tropeçou e respirou fundo, engasgando-se com a água, quando um homem a puxou para trás. Ela tentou se afastar, mas não conseguiu.

— Faça um som e estriparei você como um peixe — rosnou uma voz rouca, enquanto ele pressionava uma lâmina de aço gelada na sua garganta. — Depois, vou roubar sua filha mais velha, no seu lugar.

Ela se sentiu amolecer de susto e deixou de lutar, com medo de que ele cumprisse a ameaça.

Ele a puxou para trás, arrastando-a entre as pedras, a mão ainda presa com força na sua boca. Seus cabelos pingavam nos olhos e ela não podia ver. Ela balançou a cabeça levemente para tirar o cabelo e a água dos olhos. Seu agressor a empurrou na direção de um cavalo escondido em um grupo de árvores próximas.

O pânico apertou seu peito, dificultando a respiração. *Querido Senhor, mande Stephen para me ajudar.*

Com a lâmina comprida pressionada sobre seu estômago, ele a ergueu na sela como se ela fosse um saco de grãos e subiu atrás dela. O tecido de seu vestido se abriu sob a faca e ela sentiu aço frio raspando sua pele nua. Ela não ousou se mexer ou gritar.

Ele cutucou o cavalo e eles partiram lenta e silenciosamente, seguindo dois índios guerreiros montados esperando nas proximidades. Logo, os cavalos dispararam e depois galoparam. Foi então que ela percebeu que os índios a estavam roubando.

Oh, Deus, isso não poderia estar acontecendo.

Então ela soube. Ela reconheceu o cheiro dele. O fedor penetrante de Bomazeen era algo que ela nunca esqueceria, mas não conseguiu olhar para o rosto assustador dele. Olhou para a faca, ainda pressionando firmemente seu estômago. A visão da lâmina e dos escalpos pendurados em seu cinto a fez querer vomitar.

Não podia deixar aquela cobra venenosa levá-la, mas não podia pular sem a faca cortar sua barriga ou perna. O risco era muito grande.

Bomazeen, agora ladeado pelos dois índios guerreiros, atravessou um grande prado, fazendo o cavalo galopar pela grama

alta. Em segundos, eles estariam novamente sob a cobertura das árvores e ela temia estar perdida para sempre para o marido, para as filhas, para a vida deles.

Stephen, me ajude.

Stephen amarrou as patas do último cavalo e retirou a guia, jogando-a por cima do ombro. Virou-se para olhar na direção de George. O garanhão não estava lá. Ele examinou as colinas circundantes e viu George no topo da subida seguinte.

— Maldição. Vou ter que amarrar as patas desse amigo com mais força — disse a si mesmo.

Ele começou a marchar os cerca de cem metros para alcançar George quando ouviu um tiro.

Olhou para cima e depois ofegou, horrorizado. A raiva, como nunca havia conhecido antes, brotou em seu peito. Um homem montado em um cavalo estava levando Jane para longe. Devia ser Bomazeen! A visão quase parou seu coração. Então, ele viu outro cavalo e um corpo caído no chão, nos rastros de Bomazeen.

Stephen correu a distância restante até George, puxou as amarras rompidas e rapidamente jogou a guia no pescoço do cavalo para fazer uma rédea. Pulou no garanhão, sem sela, virou-o e o chutou com força.

O garanhão respondeu ao comando, seus quadris poderosos saltando a toda velocidade, enquanto Stephen se curvava sobre a cernelha de George. Em segundos, eles correram livremente pelo prado em direção a Jane. Ele viu Sam e Bear a algumas centenas de metros. Sam havia atirado a partir dali?

À frente, um índio desapareceu na floresta, mas George alcançou facilmente a outra montaria que carregava as duas pessoas. Stephen instou que George permanecesse atrás de Bomazeen e apontou sua pistola, mas não atirou, por medo de atingir Jane.

Assim que Jane o viu, mordeu com força o braço que a segurava. Quando Bomazeen puxou o braço, Jane pulou do cavalo pelo outro lado, caindo como uma boneca de pano no chão.

Stephen disparou sua pistola, mas Bomazeen se afastou do caminho da bala, agarrando-se ao lado do pescoço do cavalo. Stephen disparou uma segunda vez e desta vez a bala roçou o braço de Bomazeen.

Seu coração se apertou pela necessidade de retornar até Jane, mas ele se forçou a manter o foco em Bomazeen. Não permitiria que o homem escapasse mais uma vez. Não estivera presente na primeira vez em que Jane se viu em apuros mas, por Deus, estava desta vez. E se não matasse o homem agora, Bomazeen voltaria para buscar Jane de novo. Stephen não deixaria isso acontecer.

Aquele bastardo iria morrer.

Ele instou o garanhão e atingiu o flanco da montaria de Bomazeen, derrubando o demônio e seu cavalo, que era menor. Puxou George, fazendo uma parada derrapante, e girou o cavalo.

Como um gato que caíra, com olhos escuros estreitados e sibilando entre dentes, Bomazeen rapidamente se levantou e encarou Stephen. Brandindo uma faca de esfolar, Bomazeen eriçou-se belicosamente, com expressão assassina, pronto para atacar.

— Vou usar esta faca para estripar você. Então, vou usá-la para esfolar sua cadela depois que a estuprar — provocou Bomazeen, com voz cheia de veneno.

Bomazeen seria capaz de cumprir a promessa. Stephen tinha que matá-lo.

Ele desmontou de George em um pulo. Como ousava o bastardo tocar em sua esposa. Nunca mais! Rapidamente tirou o cutelo do cinto, mais confiante em usá-lo do que sua pequena faca de caça. Usava o cutelo desde menino. Pela primeira vez, ele o usaria para matar um homem.

A proximidade do monstro desencadeou algo dentro dele. Fervendo de raiva avassaladora, ele avançou, mantendo um olho na faca longa na mão de Bomazeen. Então, observou os escalpos pendurados no cinto de Bomazeen. A visão o deixou enjoado, especialmente o de cabelos brancos recentemente tirado. Sem dúvida, o da Sra. Andrews. Ele faria Bomazeen pagar por aquela ação horrível. Nada importava agora, além de matar a víbora que ameaçou Jane e quase assassinara suas filhas.

Mas não podia deixar sua raiva torná-lo imprudente.

Bomazeen o atacou como um raio, rápido e furioso, mirando o rosto de Stephen.

Stephen pulou para o lado e balançou a machadinha na cabeça de Bomazeen, mas o demônio se abaixou e procurou esfaqueá-lo novamente, desta vez apontando para o estômago.

Stephen arqueou as costas e conseguiu evitar o alcance do movimento da lâmina. Ele atirou o machado nas costas de Bomazeen, mas golpeou um braço.

O uivo de Bomazeen encheu o ar e a floresta além, enquanto o sangue derramava da ferida aberta do homem. Porém, como um animal ferido, o ferimento só pareceu tornar Bomazeen ainda mais feroz. Bomazeen rosnou para ele, levantando um canto da boca. Stephen nunca havia visto um homem parecer tanto quanto um animal selvagem.

Infelizmente, não foi o braço ferido que segurava a faca. Bomazeen ainda estava com a arma e mantinha a lâmina apontada maliciosamente para Stephen. De repente, Bomazeen saltou para ele, mas em vez de usar a faca, esticou a perna e jogou o pé no joelho de Stephen. A perna de Stephen dobrou e ele caiu.

Bomazeen zombou dele com sarcasmo e depois o golpeou novamente com a faca, mas Stephen rolou para o lado direito, escapando por pouco da lâmina.

Bomazeen colocou o pé em cima da machadinha, prendendo-a no chão.

Stephen teve que soltá-la quando a lâmina do homem rasgou o ar novamente, mergulhando na direção da sua cabeça. Stephen rolou no instante em que a faca atingiu o chão onde sua cabeça estava. Enquanto Bomazeen puxava a arma do chão, Stephen levantou-se desajeitadamente e então se afastou.

Bomazeen manteve um pé em cima da machadinha e soltou uma risada sórdida. Levantou uma sobrancelha e olhou com divertido desprezo.

Stephen ergueu o queixo e endureceu os olhos, enquanto a raiva percorria sua espinha. Olhou rapidamente ao seu redor, procurando por uma arma. Pegou uma pedra maior que sua palma da mão e depois a mirou na direção de Bomazeen, contraindo a mandíbula.

Com olhos arregalados, os cabelos negros e oleosos sobre o rosto suado, Bomazeen avançou, rosnando como um animal raivoso.

Enquanto a fera se aproximava, o coração de Stephen martelou no peito e seu corpo ficou tenso, de prontidão.

Bomazeen pulou, mas Stephen bloqueou a faca com o braço esquerdo, enquanto a mão direita batia com a pedra no lado da cabeça de Bomazeen. A faca do demônio cortou sua jaqueta e seu braço. Mas ele não sentiu dor, todo o seu corpo estava tenso de raiva.

O sangue escorreu pelo lado do rosto sujo de Bomazeen, mas ele não vacilou. Em vez disso, o homem dançou ao redor de Stephen, circulando-o continuamente, forçando-o a girar repetidas vezes para manter Bomazeen na sua frente. O silêncio entre os dois se tornou insuportável. Bomazeen estava tentando deixar o medo crescer dentro dele.

A estratégia foi mal concebida. Em vez de medo, a coragem cresceu dentro de Stephen. Apertando os lábios com mais força e preparando-se para terminar a batalha, ele impôs um controle de ferro sobre sua raiva e esperou em silêncio, com o rosto desafiando Bomazeen.

Bomazeen enrijeceu diante do desafio. Com os olhos em brasa, a expressão cruel do homem fez Stephen sentir o corpo queimar.

Então, como a cobra que era, Bomazeen rodopiou e investiu repetidas vezes, lutando para fincar a faca em seu peito.

Stephen manteve o peso centrado e equilibrado na ponta dos pés. Muitas e muitas vezes, ele saiu do alcance de Bomazeen, virando, girando, esperando o momento certo.

As tentativas impotentes de esfaquear Stephen fizeram Bomazeen tremer de raiva. A irritação do homem era evidente e a serpente logo o atacou mais uma vez, com os dentes à mostra, o rosto retorcido de raiva.

Stephen pulou para trás e então girou, quando Bomazeen mergulhou descuidadamente, perdendo o equilíbrio. Antes que Bomazeen pudesse se recuperar, Stephen rapidamente girou mais uma vez para o lado enquanto balançava poderosamente o braço

em um amplo círculo e esmagava a rocha na parte de trás da cabeça do homem. Ele ouviu o osso estalar.

— Agora você morre — fervilhou Stephen.

Bomazeen levantou-se, parou, depois a faca caiu de sua mão. O demônio cuspiu incoerentemente e seu rosto empalideceu antes de cair no chão como uma pilha amassada.

Totalmente perdido em sua raiva, Stephen montou em Bomazeen e golpeou a cabeça do assassino comerciante de escravos repetidas vezes. Precisava distribuir muito mais punição do que aquele homem demoníaco fizera em vida.

Por fim, conseguiu acalmar a raiva que fluía de sua mão. Levantou-se, desajeitado, exausto e sem fôlego. Permaneceu ali, a cabeça girando, olhando para baixo com desprezo e amargura.

Então, ele ouviu Bear subir apressadamente. Stephen levantou o olhar. Bear segurava as rédeas de George em uma das mãos.

— Bomazeen está morto — disse Bear, com firmeza. — Não fará mal a Jane de novo. Você precisa ir até ela agora.

CAPÍTULO 15

O nome de Jane tirou Stephen das profundezas da raiva.

— Jane? Onde está Jane? — perguntou, ofegando pesadamente, mal conseguindo falar. Lembrou-se vagamente dela caindo do cavalo.

— Ela ali embaixo, descendo um pouco a colina. Suba em George agora e iremos até ela — insistiu Bear.

— Ela está...?

— Está machucada, mas Sam está cuidando dela.

Seu coração quase parou e a bile subiu à sua garganta.

— Muito mal?

— Não estava se mexendo quando a vi, mas não sei.

Stephen olhou para Bomazeen deitado debaixo dele, e desejou matar o bastardo novamente por machucar Jane. Quase sem rosto, a cabeça dele era uma massa flácida e sangrenta. Os olhos de Stephen se voltaram para a rocha agora vermelha na mão direita. Ele segurava algo maligno. Atirou a pedra o mais longe que pôde jogá-la.

— Esqueça o bastardo de Satanás — insistiu Bear. — Jane precisa da nossa ajuda agora.

Bear entregou o garanhão ofegante de Stephen para ele e, em seguida, ofereceu-se para amarrar um pedaço de pano em seu braço que sangrava, mas ele acenou para Bear. Jane precisava dele. Ele pulou em cima de George e partiu a galope.

— Jane, meu Deus, Jane — gritou Stephen, correndo para o lado dela. Ele levantou o corpo flácido em seus braços com tanto medo que prendeu a respiração. Sua fúria rapidamente cedeu ao choque ao ver a aparência dela. Arranhões feios marcavam seu rosto e braços, e a sujeira e pedacinhos de rocha cobriam seus cabelos úmidos e em desalinho. Seu vestido estava imundo e rasgado em vários lugares e sua combinação mal cobria os seios, mas ele não viu sangue.

— Ela desmaiou devido à queda, é tudo. Vai acordar — disse Sam. — Verifiquei como ela está e ela parece intacta. Não sei dizer

se bateu com a cabeça ou a torção a deixou inconsciente.

Stephen gentilmente acariciou a cabeça dela, tentando sentir ferimentos, acrescentando seu sangue à bagunça do cabelo dela.

— Vamos levá-la de volta ao acampamento — sugeriu Bear.

Stephen a entregou a Bear enquanto montava George, e então Bear a ergueu até ele. Ele a embalou nos braços, abraçando-a com cuidado. Colocando o rosto ao lado do dela, ele gentilmente beijou sua têmpora. Então, olhou-a, horrorizado ao ver que havia sangue por toda parte. Tentou limpar o rosto dela com a mão, mas apenas a sujou mais.

— Vamos limpar vocês dois quando voltarmos para o acampamento — disse Sam.

— O outro índio guerreiro? Ainda está por perto? — perguntou Stephen.

— Ele se foi. Desapareceu nas encostas — explicou Bear. — Posso alcançá-lo.

— Não, deixe que aquele índio guerreiro retorne à sua vila — disse Sam. — Melhor para que Wanalancet saiba que matamos Bomazeen. Talvez então ele desista de seus projetos com Jane.

— Leve-nos de volta ao acampamento — ordenou Stephen.

Quando retornaram ao acampamento, Stephen viu John e Johnny voltando do rio com uma série de trutas de bom tamanho. Os dois estavam alegres, admirando sua captura até avistá-lo e Jane. John largou o peixe e a vara ao lado de Johnny e correu na direção dos dois, gritando:

— Stephen! Jane!

William acordou quando ouviu a comoção.

— Que diabos aconteceu? — exigiu William, claramente horrorizado com a visão dos dois.

— As meninas. Onde estão? — inquiriu Stephen. Quando William não respondeu imediatamente, Stephen incitou o garanhão para o outro lado da carroça. Elas estavam absorvidas em um jogo de damas. Aliviado, ele direcionou George de volta para perto dos outros.

— O quanto ela está ferida? — John perguntou a Sam.

— Está inconsciente, mas vai despertar. Bomazeen tentou arrebatá-la novamente. Agarrou-a no riacho. Nós os perseguimos e

ela caiu do cavalo do bastardo — explicou Sam. — O sangue que está nela é principalmente do ferimento da faca no braço de Stephen. Stephen matou Bomazeen. Havia dois outros índios guerreiros: eu matei um, o outro escapou.

Depois que Stephen desmontou, carregando Jane, ele passou por William enquanto seu irmão tentava ajudá-lo a carregá-la. Com gentileza, ele a deitou no palete que William acabara de desocupar e a cobriu com o novo cobertor de lã que John trouxe rapidamente da carroça. Ele se inclinou para beijar os lábios dela, depois se levantou e caminhou até encarar William.

— Onde diabos você estava quando tudo isso estava acontecendo? Não viu os três subirem o riacho?

— Deitei-me por apenas um minuto. Acho que cochilei... — respondeu William.

O punho de Stephen atingiu o rosto de William antes que seu irmão terminasse a frase.

Pego de surpresa, William caiu de costas.

Ele se inclinou sobre o irmão e agarrou um punhado de sua camisa.

— Seu maldito idiota. Ela poderia estar morta. Seu trabalho era vigiar o acampamento, não dormir, seu tolo preguiçoso. — Ele largou William, desgostoso, e se levantou.

— Stephen está certo — disse Sam, com raiva implícita na voz. — Nunca chegaremos a Kentucky se não ficarmos alertas. Não podemos nos dar ao luxo de sermos descuidados.

— Eu... eu nunca quis... — começou William, olhando para Stephen. — Não acredito que tenha acontecido e que dormi durante tudo isso.

Sam parou na frente de William. A raiva repentina iluminou seus olhos e endureceu o rosto de Sam.

— Não importa o que você queria. O que importa é o que aconteceu. Dentro de algumas semanas, estaremos fora dessas colônias tranquilas e a vida de cada um de nós dependerá de estarmos alertas. Mais alertas do que jamais estivemos em nossas vidas. Você tem que prestar atenção em tudo. Ouvir tudo. Nada é insignificante. Se houver o barulho de um galho se quebrando quando não deveria acontecer, se os pássaros não estiverem

cantando, se os insetos se aquietarem. Se algo não estiver como deveria, observe. Pode significar a diferença entre o desastre e a vida.

— Ouvi o tiro do rifle — disse John —, mas pensei que era apenas você ou Bear caçando.

— Não — explicou Bear —, quando vimos aquele demônio carregando nossa Jane, Sam pulou do cavalo e levou o rifle ao ombro. Eu lhe disse que ele não podia atirar. Deveria estar a duzentos metros. Mas ele atirou, com precisão letal. Atingiu o índio na dianteira, jogando-o para a frente, diretamente no caminho de sua própria montaria. O cavalo tropeçou no corpo, vergou e caiu. Bomazeen e o outro índio guerreiro manobram em torno do índio morto e de seu cavalo, mas Stephen logo alcançou Bomazeen e enviou o bastardo para onde ele pertence... para o inferno.

— Ela está morta? — perguntou Johnny, com o lábio inferior tremendo.

— Ela só bateu com a cabeça, é tudo — respondeu John. — Você pode ir correndo até o riacho, o mais rápido possível, e pegar alguns baldes de água? Vamos limpar a tia Jane e começar o jantar.

— Sim, senhor — disse Johnny, depois correu para executar sua tarefa. As meninas ainda brincavam do outro lado da carroça, alheias a todos os acontecimentos.

— Foi por pouco — disse Bear. — Aqueles demônios quase pegaram nossa Jane.

— Eu me sinto péssimo — disse William. — Que tipo de homem da lei eu sou? Deveria proteger os outros, especialmente minha família. Poderia ter evitado isso.

Stephen não respondeu, seu foco voltou-se para Jane e ele se ajoelhou ao lado dela, segurando-lhe a mão.

Bear colocou a mão no ombro de William e sussurrou:

— Nunca saberemos, hein? Seja grato por ela estar bem, porque ele não teria parado em um soco, se Bomazeen a tivesse levado. Stephen está chateado agora, mas vai superar isso quando sua cabeça esfriar e Jane tiver acordado.

— Espero que você esteja certo, mas não culparia Stephen ou Jane se eles nunca mais falassem comigo. Decepcionei todo

mundo. Sam está certo, não há desculpa. — William abaixou a cabeça.

Johnny voltou com a água e Stephen começou a limpar o sangue de Jane. Gentilmente, ele passou um pano úmido na testa e no pescoço dela. Ela tinha cortes e arranhões por toda parte. Ele tentou o melhor que pôde limpá-los, mas temia constantemente estar machucando-a. Sam ajudou, aplicando a pomada de Jane nos arranhões mais severos.

— Apenas deixe-a dormir — disse Sam, por fim. — O corpo dela vai se recuperar. Tire as roupas dela. Vamos lavá-las no riacho. Também quero dar uma olhada no seu braço. Não quero que essa ferida inflame.

— Bear e William, carreguem suas armas e a observem bem — ordenou Stephen.

Sam pegou algumas tiras de linho e pomada para fazer um curativo e eles caminharam juntos em silêncio até o riacho. Stephen continuou olhando por cima do ombro para Jane e o acampamento a cada poucos metros que andavam.

Quando chegaram ao riacho, Stephen tirou o casaco e camisa ensanguentados e os jogou na água.

— Infernos — praguejou, com raiva, enquanto começava a esfregar as roupas. A cada esfregadela do tecido, seu ferimento o fazia estremecer, mas ele continuou, quase satisfeito pela distração que a dor trazia. Sam pareceu entender e o deixou sozinho.

Quando terminou, Sam disse:

— Deixe-me ver esse corte no seu braço.

Ele estendeu o braço enquanto o irmão examinava a ferida de perto.

— É uma ferida superficial, não cortou o músculo. Lave-a bem e irei colocar pomada nela. Não se apresse, vou observar o acampamento. — Com o rifle na dobra do braço, Sam se posicionou para poder manter um olho nele e outro no acampamento. Stephen sentiu-se agradecido por isso.

Ele se lavou vigorosamente por algum tempo, removendo todo o sangue seco e pegajoso. A água gelada parecia parar o sangramento e refrescar sua cabeça quente. Ouviu o som suave da água correndo sobre as rochas e os pedregulhos — talvez por isso William não tenha ouvido Bomazeen agarrando Jane. Por fim, achou que seria capaz de pensar racionalmente. Poderia até perdoar William, de todo coração. Mas ainda não. Seu irmão precisava aprender uma lição valiosa.

— Essa é a segunda vez que cheguei perto de perdê-la. Tem certeza de que ela ficará bem? — perguntou ele. Sam já havia sofrido muitos ferimentos no campo de batalha e possuía um vasto conhecimento sobre feridas e sintomas.

— Sim, acredito que sim, mas ficará dolorida e machucada por alguns dias.

— Você acha que haverá mais deles?

— Meu palpite é que Bomazeen a prometeu ao Chefe e que pretendia manter essa promessa. Quando o Chefe descobrir que Bomazeen falhou novamente, já teremos ido embora. Não creio que ele mandaria mais índios guerreiros atrás dela de novo, não importa o quão bonita ela seja.

— Estou começando a achar que a beleza dela pode ser mais uma maldição do que uma bênção. — Ele se virou para voltar, levando sua camisa e casacos molhados. Sam o seguiu, alguns passos atrás dele.

William e Bear permaneciam de guarda e John preparava o jantar. O cheiro de café fresco e peixe frito enchia o ar. Embora não fosse tão bom quanto Jane, John havia se tornado um cozinheiro habilidoso desde que ficara viúvo, com um filho pequeno para alimentar. Estava marinando o peixe em água quente com cebola selvagem, banha, sal e outros temperos, antes de colocar os filés no fogo para cozimento.

— Esses peixes devem estar saborosos — disse John, carregando uma panela escaldante com um segundo lote de filés. — Você já viu uma truta tão gorda? Vamos alimentar as crianças primeiro, para que elas possam dormir.

Stephen parou e respirou fundo.

— Bear e William, vão até o corpo de Bomazeen — disse ele —, e peguem o escalpo branco pendurado no cinto. Pertencia à viúva Andrews. Nós o enterraremos.

Os dois inclinaram brevemente a cabeça para Stephen, em concordância, e se afastaram rapidamente.

Depois que Bear e William saíram, ele pegou uma camisa limpa e então conversou com as filhas. As meninas estavam preocupadas com a mãe, mas ele garantiu que ela ficaria bem. Depois que as crianças comeram, ele as colocou para dormir rapidamente. A emoção do dia havia esgotado todos.

Como sempre, Martha as conduziu na oração para dormir, e ele a observou com orgulho.

— Agora que me deito para descansar, rogo ao Senhor minha alma guardar. Se eu morrer antes de acordar, rogo ao Senhor minha alma levar.

Em 1781, o *New England Primer* imprimiu essa oração e ela rapidamente se tornou a favorita entre as crianças das colônias.

— E Deus, por favor ajude a mamãe — acrescentou Polly.

Com a palavra mamãe, a pequena Mary começou a chorar. Com fome e sentindo falta da mãe, Stephen levou algum tempo para fazê-la se acalmar, mas ela finalmente adormeceu.

Cansado, ele desceu da carroça, ansioso para verificar mais uma vez se Jane estava bem. Foi até ela e se ajoelhou ao seu lado. Ela dormia com sobressaltos, provavelmente sonhando com aquele demônio a raptando. Suas mãos se fecharam e ele desejou poder esmurrar o bastardo de novo.

Ele se levantou e se juntou aos outros ao lado da fogueira. Bear e William haviam retornado e Bear estava contando uma de suas histórias. Como a maioria dos escoceses, ele gostava de contar histórias e seu suprimento era inesgotável. Parecia que toda noite ele tinha uma nova.

— Em determinada ocasião, comia de tudo. Cobra, esquilo, até comi carne de cavalo algumas vezes — disse Bear. — Certa vez, fomos apanhados nas montanhas por uma terrível e uivante tempestade de neve. Não poderíamos caçar por vários dias. Não tivemos escolha. Era comer uma das montarias ou morrer de fome. Decidimos que ele não era tão boa montaria assim. Cortamos e

cozinhamos uma boa quantidade. Estávamos com tanta fome que decidimos que ele era muito melhor morto do que vivo. A outra vez foi quando um dos cavalos do meu pai, o velho Fumaça, quebrou uma pata e teve que ser abatido. Meu pai era um verdadeiro escocês e não deixava nada ser desperdiçado, nem mesmo um cavalo favorito. Nas duas vezes, foi saboroso, mais saboroso do que carne de veado e precisou de mais mastigação do que carne de boi, mas encheu a barriga muito bem.

Stephen ouviu apenas a metade da história de Bear. Alheio aos demais, ele se ajoelhou junto ao fogo, com os olhos focados nas chamas coloridas dançantes. Esperava que Bomazeen também estivesse vendo chamas agora. Stephen havia matado o homem selvagemmente, com mais brutalidade do que se julgava capaz. Mas havia resgatado Jane — isso era tudo o que importava. Rezou para que ela ficasse bem. Tinha que ficar. A vida sem ela não seria vida. Não podia imaginar seguir sem ela. Pela primeira vez, entendeu a preocupação e o sofrimento que John deveria ter experimentado antes de Diana morrer.

Deus, por favor, traga Jane de volta para mim.

Após a oração de Stephen, uma calma anormal o preencheu. Ele se levantou e olhou para Sam.

— Sam, você salvou Jane hoje. Aquele foi um tiro notável. Estarei em dívida com você para sempre — disse ele, com voz embargada.

— Eu também — disse Jane.

Em um segundo, Stephen estava ajoelhado ao lado de Jane, segurando as mãos dela.

Ela sorriu para ele.

— Meu herói.

— O herói é Sam. Se não fosse por aquele tiro, talvez não tivéssemos conseguido alcançá-la.

— Eu sabia que você me traria de volta — persistiu ela, com admiração nos olhos. — Estou tão dolorida e com tanto sono.

— Você precisa descansar. Durma, querida — disse ele, com voz quase embargada pela emoção. — E tenha apenas bons sonhos.

— Antes que durma — disse William, curvando-se no outro lado de Jane —, sinto muito, Jane. Adormeci. Eu deveria estar cuidando de você. Foi tolice e estupidez de minha parte. Imploro seu perdão.

— Todos cometemos erros — disse Jane, ainda olhando nos olhos de Stephen. — É por isso que Deus e nós devemos ser tão misericordiosos. — Ela fechou os olhos e cedeu ao sono arrebatador.

Stephen ponderou as palavras dela. Estava ela lhe dizendo que ele havia cometido um erro?

CAPÍTULO 16

Jane acordou antes da primeira luz. Stephen dormia profundamente ao seu lado, mas Sam estava de guarda a uma curta distância, com o rifle apoiado no braço. Eles deveriam ter se revezado, montando guarda.

Estava toda dolorida. Mas não era de se admirar, pelo que havia passado. Primeiro, o ataque na beira do rio, depois a queda do cavalo. Sua mente repassou tudo, desde o início, como se estivesse acontecendo repetidas vezes. Quando se lembrou da sensação da lâmina em seu estômago, parecia tão real que ela se movimentou, pressionando as costas no chão.

Ela fechou os olhos com força.

— Ele não me pegou — sussurrou, com respiração trêmula. Mas sua tentativa de se tranquilizar falhou. O terror se apoderou dela e apertou seu coração. Incapaz de reprimir as lágrimas, ela chorou, as gotas salgadas queimando os arranhões e cortes no rosto. Recusando-se a obedecer aos seus comandos para que parassem, as lágrimas continuaram descendo, uma mistura confusa de medo e alívio saindo dela. *Isso é intolerável*, decidiu, irritada consigo mesma pela fraqueza. Ela bateu com o punho fechado no chão. *Devo ser forte, pelas meninas, por Stephen*.

Os primeiros vestígios cinza-púrpura da luz da manhã começavam a dissipar a escuridão. Gradualmente, o humor de Jane melhorou também. Um pássaro começou a cantar alegremente e outros logo se juntaram a ele quando o laranja brilhante do sol coloriu o horizonte.

Deus, o senhor me deixou viver para ver este novo dia, rezou ela. *Dê-me forças para vivê-lo*. Imediatamente, sentiu-se calma e sua força interior retornou. Sentou-se, afastando o cobertor.

Stephen também se ergueu, segurando a arma na mão.

— Você está bem? — perguntou, com o rosto cheio de preocupação.

Ela entendeu o quanto sua segurança significava para ele. A provação deveria ter sido quase tão ruim para ele quanto foi para

ela. Talvez pior.

— Estou dolorida, mas, de resto, bem.

Ele se levantou.

— Você não deveria estar de pé — repreendeu ele, calçando as botas. — Descanse mais um dia ou outro. Nós esperamos. Você está coberta de arranhões e hematomas.

— Não há necessidade. Sou tão resistente quanto um desses bois. Alguns arranhões e inchaços não irão me derrubar. — Ela jogou os cachos vermelhos para trás e piscou os olhos verdes para ele. — Além disso, eu não gostaria de provar o jejum que vocês, homens, preparariam. Mas gostaria que você me trouxesse alguns baldes de água. Certamente, não quero ir àquele riacho de novo.

— Claro. Deixe-me ajudá-la a se levantar. — Ele colocou um braço em volta da cintura dela e a levantou. — Tem certeza de que quer se levantar?

— Tenho. Não estou doente, apenas um pouco machucada e dolorida. E certamente quero trocar essas roupas esfarrapadas.

Stephen a ajudou a subir na carroça e depois se apressou para buscar a água. Tentando não acordar as meninas, ela escovou os cabelos emaranhados, tirou as roupas rasgadas e cobriu a saia do vestido novo com um avental limpo, pronta para os desafios que aquele novo dia traria.

Ainda sentia-se dolorida mas, quando começou a se mover, a rigidez diminuiu gradualmente. Embora se movesse mais devagar que o normal, seguiu sua rotina matinal, preparando o jejum e cuidando da bebê Mary. Os biscoitos e os *johnnycakes*^[5] logo ficariam prontos e o cheiro de carne de porco fritando despertou aqueles que ainda estavam dormindo.

— Você é tão obstinada quanto bonita, e isso significa muito — disse Stephen, servindo o café que havia acabado de fazer para os dois. — Há cinco homens fortes a cercando e provavelmente você é a mais resistente de todos.

Quase da mesma altura do marido, agradava-lhe o fato de ter herdado a força física e a estatura atlética do pai. Ela costumava surpreender Stephen empunhando um machado com quase tanta habilidade quanto ele. O pai dela, J. R. MacMillan, havia incentivado a filha a aprender tudo o que podia, dentro e fora de casa. Para o

desgosto de algumas das mulheres locais, muito adequadas e dóceis, seu pai havia complementado seus estudos acadêmicos regulares com as próprias lições — equitação, caça, cultivo de alimentos e criação e tratamento de animais. Algum dia, naquele novo mundo, sua filha talvez precisasse se virar sozinha, dissera ele. Ele havia visto muitas mulheres, viúvas pela guerra ou doença, tornarem-se dependentes dos outros.

— Obrigada, meu querido — disse Jane, aceitando o café e dando um beijo na face de Stephen. Ela notou que ele estremeceu enquanto estendia o braço com a xícara. — Você foi ferido?

— Uma ferida superficial no meu braço.

— Tire sua camisa e deixe-me vê-la — disse ela, alarmada.

— Sam já cuidou disso. Não é nada.

Ela insistiu em verificar e aplicou mais pomada. Quando terminou, ela o abraçou e apoiou a cabeça no peito dele.

A mão dele a trouxe gentilmente para mais perto dele.

A força sólida dele parecia reconfortante e tranquilizadora.

Erguendo o queixo dela com um dedo, ele a observou com cuidado.

— Você está se sentindo melhor — provocou ele, depois a beijou ternamente.

Ela poderia dizer que ele estava tentando não machucá-la. Desejava senti-lo contra si, para se assegurar de que estava realmente ali e que ambos estavam bem. Mas não poderiam ir além daquele beijo, e ela engoliu seu pesar.

Stephen tomou a pomada da mão dela e cuidadosamente aplicou um pouco em cada um dos cortes e arranhões dela. A cada toque suave dos dedos dele, a dor da provação parecia diminuir, como se o toque dele tivesse o poder de curar não apenas o seu corpo, mas também seu coração.

O grupo estava preparado e os cavalos selados quando o sol passou de laranja avermelhado para amarelo dourado.

Os próximos quilômetros provaram ser os mais difíceis até então. Ao se aproximarem do rio, o terreno ficou rochoso e a estrada tornou-se estreita. A carroça, puxada por dois bois fortes, enchia a estrada. Jane apertou com força a corda-guia nas mãos

enluvadas. Os animais bem treinados respondiam aos comandos de voz.

— Puxem — gritou ela, para virar os bois para a direita quando a trilha apresentou uma curva brusca.

Suas meninas riam a cada solavanco. Toda vez que as rodas saltavam sobre uma grande pedra, Jane as ouvia gritar com o divertimento sem limites que as crianças encontram nos prazeres simples.

— Vá mais rápido — gritaram, uma após a outra.

A alegria das meninas entreteve Jane pelos primeiros quilômetros, mas agora ela desejava um passeio mais tranquilo, com paz e sossego. Cada solavanco percorria seus músculos machucados. Aquele seria um longo dia.

— Calem-se, minha cabeça está doendo com todo esse impacto — disse Jane, por fim, às suas pequenas.

— Quanto falta? — perguntou Martha.

— Nós só saímos há três dias, queridinha, e nesse ritmo provavelmente levaremos três anos. Você estará pronta para se casar e eu serei uma mulher já velha quando chegarmos lá — disse Jane, um pouco mais mal-humorada do que pretendia.

— Oh, mamãe, a senhora nunca será uma mulher velha, mas eu estarei pronta para me casar — disse Martha.

— E com que tipo de homem você quer se casar? — perguntou Jane.

— Um que seja tão inteligente quanto o tio John, tão corajoso quanto o tio Sam, tão bonito e engraçado quanto o tio William, tão forte quanto Bear, e tão... tão... como papai!

— Bondoso. Ele será um ótimo tipo de homem — disse Jane. — Mal posso esperar para conhecê-lo.

— Parem a carroça — gritou Sam.

Os cavalos começaram a empinar, dando um passo lateral e agindo como se mutucas gigantes tivessem atacado cada um deles. Stephen segurou as rédeas de George com firmeza enquanto o grande garanhão o empurrava para o lado. Os outros lidavam com problemas semelhantes com suas montarias.

— Calma — gritou Jane, parando os bois.

Sam pulou da sela e amarrou seu cavalo nervoso firmemente em uma árvore próxima. Bear fez o mesmo.

— Stephen e William ficam perto de Jane e das meninas. John, coloque esse garoto na carroça e apronte sua arma! — gritou Sam.

John seguiu as instruções do irmão. Johnny, que cavalgava atrás da sela de seu pai, saltou rapidamente do cavalo e subiu na carroça. Quando Sam emitia ordens usando seu tom do capitão, todos sabiam que ele esperava uma resposta imediata.

— São índios? — perguntou Jane, alarmada.

— Não, provavelmente um puma ou pantera por perto. Se estiver realmente com fome ou doente, atacará os humanos. Vamos lá, Bear, esse é o seu tipo de divertimento — disse Sam.

Bear partiu a pé, seguido por Sam.

Quase meia hora se passou sem sinal do grupo de reconhecimento. Embora os cavalos tivessem se acalmado, o humor dos outros permaneceu tenso. Jane fez o possível para manter a calma e tentou distrair as crianças com jogos e histórias.

— O que você encontrou? — perguntou Stephen, quando Sam e Bear retornaram.

Jane respirou fundo quando viu que os dois estavam ilesos.

— Um puma de bom tamanho por aí. Encontramos excrementos frescos a não mais de seis metros da trilha. Foi isso que assustou os cavalos. Ele fugiu e acho que não vai nos causar mais problemas — disse Bear.

— Ótimo. Gostaria de atravessar esses bosques com minha montaria embaixo de mim, e não o contrário — disse William. — Os cavalos com certeza não gostam de pumas.

— Você os culpa? — perguntou John. — Prefiro enfrentar índios ou cobras do que ser o jantar de um bicho.

— Provavelmente você terá seu quinhão dos três quando chegarmos ao Kentucky — alertou Sam.

Jane olhou para Sam, depois fez um movimento com a cabeça na direção das crianças. A última coisa de que elas precisavam ouvir eram histórias sobre serem comidas por animais ou mortas por índios.

Sam abaixou a voz.

— Os animais selvagens não são os únicos que têm apetite pelo sabor de um homem. Alguns índios gostam de comer humanos. Você não ouviu o que aconteceu com o chefe de Miami? Foi morto, cozido e comido pelos índios de Ottawa na vila índia de Pickawillany.

— E ouvi dizer que existem cobras, em algumas partes do mundo, grandes o suficiente para matar um homem e depois comê-lo inteiro — acrescentou Bear.

O rosto de John empalideceu e os olhos se arregalaram.

— Parem de tentar assustá-lo — disse Stephen.

— Não estamos tentando assustá-lo. Eu diria que conseguimos — disse Sam, rindo com Bear enquanto remontavam.

O prazer de provocar um irmão não era algo que um homem superava, pensou Jane.

Eles chegaram ao rio Merrimack, com seu fluxo lento, ao meio-dia. Atravessariam o rio em uma grande balsa. O operador, que pareceu a Stephen um sujeito agradável, disse que seriam necessárias duas viagens para atravessá-los. Apenas Sam e Bear haviam atravessado um rio em uma balsa antes.

Stephen pediu a Sam para ir primeiro com Jane, a carroça, o touro e as novilhas. Sam concordou, amarrou o cavalo e subiu ao lado de Jane. Sam segurou as cordas guia dos bois, enquanto Jane segurava a bebê Mary à medida que o operador da balsa partia lentamente. No meio do rio, a balsa balançou e a carroça sacudiu um pouco.

Stephen ofegou e o medo apertou o seu estômago.

— Não se preocupe, isso é normal — disse Bear. — A corrente é mais rápida no meio do rio.

Apesar da garantia de Bear, o coração de Stephen batia irregularmente e seu estômago ainda revirava.

A travessia pareceu levar uma eternidade.

Stephen soltou o fôlego que estava segurando e sorriu aliviado quando o grupo alcançou o outro lado com segurança e Sam guiou os bois para terra.

Na segunda viagem, as outras crianças seguiram com ele, Bear, William e John. Conforme instruções de Bear, os homens passaram a travessia acalmando os cavalos com afagos e sussurros. Durante toda a viagem, Bear acalmou John, que não era um bom nadador, e segurou a pequena Amy em um de seus enormes braços.

— Você está se preocupando por nada. É só um pouquinho de água — disse Bear. — Vi o capitão beber mais uísque do que isso de uma só vez.

— Ninguém nunca se afogou bebendo uísque — rebateu John.

— Sim, mas muito sofrimento foi afogado no doce néctar — respondeu Bear.

Segurando a mão de Polly, Stephen permaneceu ao lado de Martha e Johnny, que observavam uma cobra deslizar pela superfície lisa da água. Os dois estremeceram, como as ondulações na água deixadas pela cobra. Ambos concordaram que uma cobra na água era muito mais assustadora do que no chão. Ao contrário dos adultos e dos cavalos, as crianças claramente adoraram a balsa e, quando chegaram à margem oposta, disseram que desejavam poder viajar nela novamente.

Stephen ergueu Polly até a sela de George e conduziu o cavalo ao longo da margem do rio. George também pareceu soltar um suspiro aliviado agora que estavam em terra novamente.

Ele examinou como Jane estava e, endireitando as costas, virou o garanhão em direção à trilha seguinte.

CAPÍTULO 17

Já viajamos mais de cento e sessenta quilômetros, escreveu Jane. Comecei a me sentir mais calma. Estava preocupada que o Chefe mandasse mais índios guerreiros atrás de mim, mas Sam diz que estamos muito longe agora e que eles não vão mais nos seguir. Oro para que ele esteja certo.

Pergunto-me que novos perigos nos enfrentam.

— Fico feliz por ver novamente algum sinal de civilização — gritou William para Stephen, apontando para um aglomerado de construções não muito longe. — Faz muito tempo desde que uma mulher bonita prestou atenção em mim.

Com pouco mais de cem metros de extensão, a aldeia de Petersborough oferecia a variedade habitual de lojas e comerciantes — um ferreiro, sapateiro, moinho de grão, armazém geral, estábulo, três tabernas e duas igrejas. Como a maioria das cidades, o número de tabernas superava o número de igrejas.

— Não adianta procurar uma mulher bonita. Não ficaremos aqui por mais tempo do que o necessário para você tirar o chapéu para uma — disse Stephen.

— Agora espere. Não precisamos manter esse ritmo. Por que vocês estão com tanta pressa, de qualquer maneira? — perguntou William.

— Se você tivesse algo que não fosse mulheres nessa sua bela cabeça, poderia pensar com mais clareza — repreendeu John. — É final da primavera. Isso nos dá seis meses antes de começar a nevar. Se você não se importa em dormir no chão coberto de neve, pode ficar à vontade, mas eu prefiro ficar debaixo de um teto e não congelar as costas.

— Podemos ter algum tempo livre para uma cerveja rápida — insistiu William.

— Passei boa parte da minha vida adulta tentando mantê-lo fora das tabernas. Acho que nunca irei curá-lo dessa fraqueza — disse John.

— Você não terá dificuldade em me convencer e também Bear para nos juntarmos a você — disse Sam. — A pureza de John também não nos contagiou.

— Espero que nunca contagie. Não gostaria de beber sozinho — disse William.

Várias pessoas acenaram enquanto ele passavam lentamente pela vila. Os habitantes da cidade, sem dúvida, haviam se acostumado ao fluxo constante de pessoas que a atravessavam, seguindo seu caminho para o norte ou para o sul. Muitos deles dependiam dos viajantes para a maioria dos seus negócios.

— Antes que você saia em busca dessa bebida, William, precisamos acampar. — Stephen apontou para uma clareira no lado oeste da cidade, perto de algumas casas da vila. Enquanto montavam acampamento, ele nunca viu William se movimentar tão rápido.

Uma vez instalados, John ficou com Jane e as crianças, sentado à beira da fogueira, ensinando Johnny a ler. Sam, Bear e William pegaram suas armas e foram para a taberna, mas Stephen ficou para trás.

— Vá com eles, se quiser — disse Jane, passando os braços em volta da cintura dele por trás.

— Não quero deixar você e as meninas fora das minhas vistas — respondeu ele, sério.

— Ficaremos bem. Estamos em uma cidade cheia de gente e os índios não ousariam nos atacar aqui. Vá se juntar aos seus irmãos. Sei que você quer.

Ele se virou para encará-la e olhou fixamente nos grandes olhos verdes dela, iluminados com uma luz sensual. Seu coração pulou e o desejo o arrebatou.

— É melhor você ir, antes que decida me levar para a floresta em plena luz do dia.

— Você me conhece tão bem. — Ele beijou a testa dela. — Já lhe disse hoje o quanto a amo? — perguntou ele, pressionando os lábios levemente contra os dela.

— Sim, acabou de me dizer. Mas pode me dizer de novo, se insiste.

— Eu amo você. — Ele apertou as mãos dela e olhou em volta, procurando John. Ele estava sentado ao lado da carroça. — John, você está de guarda. Mantenha seu rifle à mão.

Depois que John concordou, Jane disse:

— Tenho alguma costura para fazer, mas vou ficar de olho também. Será um bom momento para Martha, Polly e Johnny estudarem em seus livros escolares. Agora, vá. — Ela o virou na direção da cidade. — Alguém precisa ficar de olho em seus irmãos.

Stephen pulou sobre George e apressou-se para alcançar os outros. Os homens decidiram pelo estabelecimento chamado *Patriot's Tavern* porque gostaram do nome.

— Fiquem de prontidão, homens. Vocês não podem afirmar que tipo de homem encontrarão em uma dessas tabernas à beira da estrada — disse Bear.

— É verdade, e tente não provocar ninguém, Bear — aconselhou Sam, enquanto alinhavam as montarias na frente do poste de amarração.

— Sim, estarei no meu melhor comportamento, capitão, mas não prometo nada. Se um homem precisa de disciplina, isso não deve ser adiado.

— Concordo — disse Stephen. — O castigo deve ser rápido e seguro.

— Fico feliz em saber que vocês têm uma filosofia tão profunda de justiça — disse William.

— A justiça tem um jeito de encontrar seu próprio rumo — disse Sam, abrindo a porta da taberna.

A acolhedora sala continha meia dúzia de mesas redondas, amontoadas em torno de uma grande lareira de pedra. O cheiro de cerveja velha, tabaco e fumaça enchiam a sala. Atrás do balcão, havia uma coleção de barris de uísque ao lado de uma pilha de jarros de cerveja.

Os quatro encontraram uma mesa vazia perto da lareira.

Uma mulher de seios fartos, particularmente acolhedora, serviu uma jarra de cerveja sobre a mesa sem nem perguntar o que eles queriam.

— Como você sabia que queríamos cerveja? — perguntou William, jovialmente.

— Se não está aqui para beber, então saia com seu mau cheiro — declarou ela, apontando para a porta.

— Sim, senhora, estamos de fato aqui para beber. Agradecemos o serviço rápido. Obrigado pela cerveja — disse William, rapidamente.

— Até mesmo sua boa aparência e voz suave não surtiram efeito sobre a disposição daquela mulher, William. Talvez você esteja perdendo o jeito — disse Stephen, abafando uma risada enquanto todos a observavam marchar em direção à cozinha murmurando algo para si mesma.

Depois que ela saiu, William disse:

— Essa mulher serviu muitos jarros de cerveja. Seu rosto seria capaz de azedar leite fresco. Você já viu uma mulher tão desagradável?

— Uma vez apenas — disse Bear. — Minha tia Finney. O rapé que ela cheirava, entre outras coisas, a tornava difícil de se ver. Mas vou lhe dizer, ela poderia cuspir mais do que qualquer homem que já conheci.

— Nunca conheci uma mulher que cheirasse rapé e cuspisse — disse William. — Isso deveria ser algo para se ver.

— Olhem para aquele sujeito agora. Ele parece ser muito estranho — disse Bear.

Stephen olhou na direção que Bear indicou. Uma longa cicatriz percorria o rosto envelhecido do homem, até uma barba grisalha que quase alcançava a cintura. Ele usava perneiras de couro oleosas e botas altas e velhas.

— O que está preso no chapéu dele? — disse William. — Vamos convidá-lo para vir aqui. Ele pode ser divertido. — William se levantou e caminhou até a mesa do homem.

Stephen balançou a cabeça, desaprovando, enquanto os outros acharam o comportamento típico de William divertido.

— Ele nunca aprenderá a cuidar da própria vida — resmungou Stephen.

— Senhor, meus irmãos e eu nos perguntamos se gostaria de se juntar a nós para uma bebida. Percorremos uma distância razoável

e achamos que o senhor poderia ter algumas notícias da fronteira — disse William.

— Obrigado, rapaz. Eu apreciaria a companhia de alguns homens educados — disse ele, e seus olhos cinza-azulados brilharam. Ele se levantou, sem endireitar as costas por completo e seguiu William lentamente até a mesa deles.

Apesar da idade, o homem parecia possuir força e portava um ar de autoconfiança. Stephen suspeitou que, embora o homem mais velho pudesse ter se tornado menos ativo, se pressionado, seria capaz de cuidar de si mesmo.

Sam puxou outra cadeira.

— Sente-se.

— Meu nome é Possum Clark — disse ele, sentando-se.

— O meu é William Wyllie. Este é meu irmão mais velho, capitão Sam, meu irmão mais novo, Stephen, e nosso irmão adotivo, Bear. Você provavelmente pode adivinhar por que o chamamos de Bear.

— Isso eu posso. Mas aposto que você não consegue adivinhar por que me deram o nome de animal tão malcheiroso quanto um gambá... mas ficou Possum Clark — gargalhou ele.

— Você gosta de comer gambá — arriscou Bear.

— Não.

— Você só sai à noite? — perguntou Sam.

— Não.

— Porque caça muitos gambás? — sugeriu William.

Gambá balançou a cabeça, sacudindo os cabelos.

Quando Possum se virou para ele, Stephen apenas balançou a cabeça e tomou um longo gole de cerveja.

— Está claro que vocês, rapazes, não vão entender isso, então vou precisar contar. Quando eu tinha mais ou menos a idade deste jovem — disse ele, movimentando a cabeça na direção de Stephen —, fui um dos primeiros homens brancos a oeste dos Apalaches. Talvez o primeiro cristão em algumas daquelas montanhas. A emoção de andar no chão sobre o qual nunca pisou o pé de um homem civilizado é incomparável, assim como caminhar no Jardim do Éden, exceto por não ter Eva. Embora não ter uma mulher como Eva, sempre se prestando à tentação, possa ser uma bênção... mas estou divagando. — Ele parou para tomar um longo gole de cerveja.

— Bem, em uma manhã nublada e nevoenta, comecei a colocar armadilhas para apanhar castores em um rio perto da base desta montanha. A água estava gelada e uma primeira neve cobria todas as árvores e arbustos. De repente, atrás de mim, ouço a madeira rachando, galhos estalando, árvores mortas caindo, como se fosse uma avalanche quebrando tudo em seu caminho, só que não havia avalanche. As árvores e os arbustos eram tão espessos quanto os cabelos de Bear, então não pude ver absolutamente nada. A próxima coisa que sei, foi um filho da mãe de um urso pardo me encarando, com uma expressão no rosto que espero nunca mais ver. Aquele velho urso tinha pelo menos dois metros e meio de altura e pesava tanto quanto cinco, talvez seis, homens. Ele abriu a boca e rugiu para mim como o rei da floresta. E acho que ele era o rei, porque com certeza me senti como um camponês humilde prestes a morrer naquele momento.

“Agora — prosseguiu ele —, eu havia ouvido muitas teorias sobre o que fazer se um urso pardo o confronta na floresta. Uma delas seria gritar para ele também e agitar os braços. Mas eu tinha medo que meu grito soasse mais como um maldito gemido. Não adianta tentar correr, eles podem percorrer trilhas mais rápido que um cavalo. Tentar atirar neles de tão perto assim é arriscado. Se não acertá-los entre os olhos, você só os deixará furiosos. Um sujeito tentou atirar no urso pardo que o pegou. Tudo o que encontraram dele foi seu rifle quebrado em dois, um machado ensanguentado e fezes de ursos. Outra teoria é se deitar e fingir de morto. Embora seja contrário ao que um homem normal se inclinaria a fazer, decidi por esse plano de ação, principalmente porque meus joelhos não estavam se mexendo tão bem naquela época. Então, eu me deitei e agi como um gambá se fingindo de morto. Aquele maldito patife cheirou-me de um lado e do outro. Eu podia sentir seu hálito quente na minha pele. A cada bufo das suas narinas, achei que podia sentir aquelas longas garras afiadas rasgando minha carne, seus dentes triturando meus ossos. Embora estivesse frio o suficiente para congelar bacon, eu suava dentro das minhas calças de camurça. Acho que ele decidiu que eu não era uma ameaça para ele, ou que ele não gostava do meu cheiro, ou talvez eu apenas tive sorte e ele já havia feito um bom desjejum, mas o fato é que ele

partiu em direção às colinas. — Gambá apontou na direção em que o urso aparentemente partiu, e todos pareceram respirar fundo ao mesmo tempo.

“E tive sorte de não ser uma fêmea. Uma urso parda atacará violentamente se tiver filhotes por perto. Claro, tive que contar a história de minha fuga milagrosa ao encontrar os outros caçadores naquela primavera. — Gambá parou para rir e tossir um pouco. — Eles me deram o nome de gambá depois disso.

— O que há no seu chapéu? — perguntou Stephen.

— É uma cauda de gambá, claro — disse Possum, rindo de novo. — Ela me lembra todos os dias a sorte que tenho de estar vivo. Seja feliz enquanto estiverem vivos, rapazes, porque não estão longe de morrer.

Após a história do velho rei da montanha, Possum Clark deu aos homens mais conselhos sábios, descrevendo as melhores rotas, condições das estradas e possíveis perigos. Tendo ido e voltado de Kentucky seis vezes desde que era caçador, ele conhecia a rota como um velho amigo. O capitão Sam havia aprendido há muito tempo a se orientar pelas estrelas, mas quanto mais informações eles tivessem, melhor, pois viajariam de dia.

Stephen pegou pena e tinta emprestadas do dono da taberna, que era muito mais cordial do que a esposa dele. Ele sentiu pena do homem atrelado a uma mulher tão azeda. Ele puxou o papel do bolso do colete e, com a ajuda de Possum, anotou os nomes das cidades, vilarejos e pontos de referência a procurar, fazendo uma lista cuidadosa para futuras referências.

Quando se levantaram para sair, William disse:

— Obrigado, senhor, pela conversa tão divertida.

— O senhor foi uma fonte valiosa de informação, Sr. Clark — disse Stephen, enquanto se despediam do caçador. — Nós lhe agradecemos muito, senhor.

— Que bom que pude ajudar. Retribua o favor algum dia a uma alma em necessidade — disse Possum. — A fronteira está cheia de oportunidades para ajudar seu próximo. Não as deixe passar. Você nunca sabe quando pode precisar de ajuda.

Quando todos se levantaram para sair, Possum disse:

— Um último conselho, rapazes. Há uma boa chance de um ou mais de vocês morrerem nesta viagem. O resto terá que continuar. É assim que as coisas são. Assim como esse belo país segue, a vida também. Continuem indo para o oeste, em direção ao pôr do sol. Alguns de nós chegam lá mais cedo que outros.

CAPÍTULO 18

À medida que a luz do dia se rendia à noite, a cada minuto que passava o céu mudava de tons de azul para uma suave variedade de violetas, conferindo uma qualidade sonhadora à noite. Uma lua crescente e luminosa brilhava no horizonte, enquanto uma brisa quente acariciava a sequência de pinheiros altos e árvores exuberantes, tocando uma melodia suave para o casal que passeava.

A beleza de Jane era a única coisa que desafiava o cenário deslumbrante. Para Stephen, ela parecia mais radiante do que nunca. Ele nunca se cansava de olhá-la.

Uma variedade aparentemente interminável de flores perfumadas, trepadeiras e samambaias enfeitava o caminho, entre cornisos, pinheiros e grandes rochas, pintando um primeiro plano colorido até as encostas e montanhas mais além. Ela se inclinou para pegar uma flor. As pétalas aveludadas lembraram os lábios dela.

— Você já viu um lugar mais tranquilo? — perguntou ela. — Poderia haver algum lugar no mundo mais deslumbrante?

— Seria inútil para um criador de gado: muitas árvores, pedregulhos e rochas. Eu não pagaria dez centavos por acre desta terra.

Jane se virou e levantou o queixo.

— Quem disse alguma coisa sobre gado? Estava apenas falando sobre a beleza deste lugar.

Perplexo com o motivo pelo qual seu comentário sobre a terra a aborreceu, ele soltou um suspiro rápido e depois deu de ombros. Ela era instável por natureza e, às vezes, ele lutava para entender as mudanças de humor dela.

— O que quero dizer é que a beleza está nos olhos de quem vê, mesmo quando se trata de terras. Admito, o cenário daqui é agradável, mas não é o que eu preciso.

— Às vezes, você se concentra demais no futuro e não aproveita o agora, apenas.

— Meu dever é pensar no nosso futuro. Um homem não pode fazer justiça ao presente se não fizer planos para o amanhã.

— O que quer dizer com “fazer justiça ao presente”?

— Acredito que cada pessoa tem um presente e um tempo ainda por vir. Se não nos prepararmos para esse tempo por vir, podemos perder agora.

— Por quê? — perguntou Jane.

— Cada momento do futuro está ligado ao que fazemos com nossas vidas agora.

— Não perca o presente enquanto cuida do que está por vir. O quão bom é um futuro sem o presente? Algum dia você olhará para trás e desejará ter ainda o passado que perdeu. Vamos aproveitar o dia de hoje.

Ela tinha razão.

— Tudo bem. Tudo bem. Deixe-me segurar sua mão. Vamos andar um pouco.

Eles caminharam em silêncio para mais longe do acampamento. A lua, agora mais alta no céu, brilhava com a suavidade da luz das velas.

— Você sente falta de casa? — perguntou Jane.

— Sinto falta da nossa cama confortável e do que fizemos nela.

— Ele levantou uma sobrancelha e sorriu. Não estava sendo muito sutil. Mas a verdade é que ele sentia falta mesmo. Alguns dos melhores momentos de sua vida foram naquela cama.

— Não podemos fazer muito a respeito da cama, mas talvez possamos conseguir fazer algo a respeito da outra parte. — Os olhos dela brilharam maliciosamente.

— Você estava certa sobre apreciar o agora — disse ele, rindo.

— Mas primeiro, você sente falta de casa? — Preocupado com o que seria a resposta dela, ele esperou, ansioso. Não tinha certeza de como se sentiria se ela estivesse realmente com saudades de casa. Ele poderia dar meia volta, retornar, se ela pedisse? Não, não poderia.

— Com honestidade, sim, extremamente. Como não poderia? Você tomou essa decisão e, embora eu tenha que viver com ela, às vezes sinto falta de nossa casa. Sinto falta de pequenas coisas. Como me sentar na varanda e beber chá na louça da mamãe.

Bomazeen me fez quebrar aquela xícara. Quando ela se quebrou, talvez meu futuro também tenha se quebrado. Isso agora faz parte do meu passado, enterrado para sempre. — Ela se aproximou e sorriu para ele. — Sim, sinto falta de tudo o que deixamos para trás, mas meu futuro lhe pertence. E o presente também. — Sua voz frisou a palavra "presente" enquanto ela largava o manto no chão.

Ela o beijou docemente e ele saboreou o calor e a suavidade dos lábios carnudos.

Jane puxou a correia de pólvora sobre a cabeça dele e encostou os rifles na árvore.

Ele assistiu, hipnotizado, enquanto ela retirava o vestido e o pendurava em um galho de uma noqueira próxima. Sua pulsação disparou e a respiração acelerou quando ela despiu o espartilho e as anáguas, revelando sua forma bem torneada.

Ele a olhou fixamente. Como ela parecia linda naquele momento. Seu cabelo brilhava sob um raio da luz suave da lua, seus lábios suntuosos falando sem palavras. Seus ombros macios, da cor do marfim e a plenitude de seus seios o convidavam. Ela era deslumbrante, fascinante.

— Você é tão linda — sussurrou ele, enquanto ela se aconchegava em seu abraço.

Com a ponta do dedo, ele traçou ternamente o contorno do rosto gentil, mas orgulhoso dela, guardando todos os detalhes na memória. Sua pele clara e suave parecia quase translúcida ao luar. Cachos vermelho-dourados ondulavam sobre a testa dela e seus cílios caíam sobre as maçãs do rosto rosadas. Então, ela levantou o olhar e ele olhou profundamente nas esmeraldas brilhantes dos olhos dela, brilhando de desejo crescente. Os lábios sedutores dela, cheios e rosados, se separaram ao seu toque. Ele beijou a ponta do dedo e passou-o pelo lábio inferior dela.

Ele acariciou o pescoço dela, adorável e longo, e beijou suavemente na cavidade abaixo da garganta dela. Então, percorreu o dedo lentamente pela curva farta de um seio e depois do outro. Eles pareciam firmes e macios ao mesmo tempo, e ele se maravilhou com o encanto deles.

Ela tremeu nos braços dele e soltou um suspiro suave.

Usando as duas mãos, a exploração íntima continuou. Ele acariciou suas costas, puxando-a para mais perto enquanto os dedos avançavam até alcançar sua cintura. Então ele passou as duas mãos por seus quadris e coxas, sentindo um tremor ondular dentro dela.

E todos os lugares em que seus dedos se tocavam esquentavam e produziam uma sensação agradável até a hora de ceder à paixão que os abraçava.

Stephen despiu a roupa sem que seus olhos a deixassem, enquanto ela espalhava o manto sobre uma camada de agulhas de pinheiro. A brisa suave, acariciando gentilmente a pele nua, parecia fria, mas não o suficiente para umedecer seu corpo quente.

Como precaução, ele colocou as pistolas carregadas ali perto e posicionou, ao lado delas, os rifles dos dois.

Então, juntou-se a ela sobre o manto e a abraçou. Envolveu-a com amor, de modo possessivo e protetor, querendo trazê-la para perto de seu coração. Saboreou a sensação de apenas abraçá-la.

Ela inclinou a cabeça para trás, abriu os lábios e ele a beijou — um beijo tão profundo e poderoso quanto seu desejo por ela. Ele sentiu a intensa fome no fervor do beijo dela e isso apenas atiçou seu desejo crescente.

Ele beijou ternamente o ponto sensível abaixo das orelhas dela antes de morder delicadamente o pescoço e depois o ombro. Quando seus lábios desceram até as curvas dos seios dela, ela gemeu de prazer. Mas ele se demorou ali, aproveitando cada minuto.

O corpo de Jane era delicioso e o gosto e o toque dela o atiçaram ainda mais. Ele desceu mais, alcançando o traseiro macio e redondo. Enchendo a mão com a carne macia, Stephen a pressionou contra ele. Outro gemido, desta vez mais profundo, mais urgente.

Ela passou as mãos pelos cabelos e pelas costas dele, depois agarrou seus quadris, puxando-o para mais perto, abraçando-o ainda mais.

— Meu amor — disse Stephen, sussurrando as palavras com um suspiro no rosto dela.

A paixão existente entre os dois era inegável e ficava mais ardente cada vez que se uniam — como um segredo perfeito que apenas os dois compartilhavam. Ele era dela e ela era dele. E isso nunca mudaria.

— Stephen, eu o amo tanto que chega a doer.

— Conheço apenas um jeito de curar.

— Sim — sussurrou ela.

Quando ele uniu seu corpo ao dela, ele o fez de forma lenta, saboreando a incrível sensação da pele dela.

Ela choramingou e se arqueou contra ele.

Ele fechou os olhos, deleitando-se com aquele sentimento extraordinário que havia quando eles eram um só — a única vez em que estavam completamente juntos — duas metades de um todo. Cada momento em que se unia a ela era um prazer perfeito e ele queria que cada segundo durasse para sempre. Que cada beijo fosse interminável.

O sabor irresistível dos lábios dela era sensual e reconfortante para o espírito dele. Não apenas o seu corpo ansiava intensamente pelo dela, mas também sua alma. Pois a necessidade que ela satisfazia não era apenas física, era algo urgente para que sua alma se ligasse à dela — para que criassem um elo tão forte que não poderia ser desfeito.

Ela agarrou os bíceps de Stephen, apertando os músculos dele, segurando-se nos braços dele enquanto seu corpo subia uma montanha de profundo prazer.

Quando ela alcançou o auge da montanha, o corpo dele se retesou, todos os músculos se submetendo a um poder estranho, capaz de dominar sua vontade, obtendo um controle total sobre ele, e ele não teve escolha a não ser ceder a esse poder. Ele deu a ela tudo o que tinha e se rendeu.

Então, um tremor quase violento a tomou, seguido lentamente por uma calma enternecedora. Seu corpo amoleceu por inteiro, como se ela não tivesse escolha a não ser descansar após a escalada excitante.

Ele a segurou com força, protegendo-a, até que a mente e o corpo dela retornassem do alto da montanha. Eles faziam jus ao presente e isso o fez esperar ainda mais do futuro.

CAPÍTULO 19

Stephen acordou com relutância, não querendo deixar seu sonho agradável. Olhou em volta, percebendo que todos dormiram mais do que o normal, já que o nascer do sol estava escondido atrás de uma barreira maciça de nuvens escuras. Havia sonhado com Jane. O gosto e o toque da pele dela na noite anterior o deixaram querendo mais, muito mais. Porém, à medida que a tempestade ameaçadora se aproximava em um amanhecer cinzento, as nuvens acabaram por ceder, e começou a chover de forma insistente e desanimadora, extinguindo rudemente o calor de seu desejo. Então as gotas frias acordaram os outros viajantes adormecidos, um por um.

Incapazes de preparar o desjejum sem fogo, eles decidiram comer frios, bolos de farinha de milho e água. Seria um longo dia, com cinco homens molhados que não tomaram seu café da manhã. De qualquer forma, não ter a bebida não pareceu incomodar Jane, pois ela não gostava de café. Preferia chá.

— Vamos agora. É melhor nos molharmos viajando do que ficarmos sentados aqui — disse Stephen, ainda mais impaciente do que o habitual.

— Tem certeza? — perguntou Jane, olhando as nuvens escuras e os relâmpagos ao longe. — Talvez devêssemos esperar um pouco.

— Se pararmos toda vez que chover, nunca chegaremos lá — disse Stephen. — Essa chuva não vai parar tão cedo.

— Não, não vai — concordou Sam. — Será um verdadeiro dilúvio, mas não temos cobertura decente aqui. Eu me molharia tanto montado em um cavalo quanto escondido debaixo de uma carroça.

Por várias longas horas, eles suportaram a tempestade, fazendo um progresso desprezível e lento. A manhã sombria parecia mais com a noite. A água fluía em correntes constantes através de todos os pontos baixos da trilha. Os bois arrastavam-se pela lama pegajosa, cada passo que davam tornava-se ainda mais difícil. Os

arrepios subiam pelos braços de Stephen enquanto a temperatura caía, deixando-os todos frios e molhados.

A trilha à frente tornou-se cada vez mais difícil de ver, enquanto a chuva se transformava em torrentes pesadas. Então o vento aumentou, soprando água da chuva horizontalmente e jogando pequenos galhos e folhas molhadas em todas as direções, como se a tempestade não pudesse decidir para que lado se virar.

Stephen cavalgou ao lado de Jane e notou suas mãos tremendo tanto, que ela tinha dificuldade em manter a parelha em movimento. Ele amarrou George ao lado da carroça e pulou no assento ao lado dela.

— Suba na parte de trás e se seque — ordenou ele.

Pela primeira vez, ela não discutiu. Concordou, entregou-lhe a corda-guia e o beijou antes de subir na traseira da carroça. Os lábios dela lhe pareceram maravilhosos ao fazer contato com o rosto frio dele, e ele desejou que ela pudesse ficar ali por mais tempo, aprofundar o beijo. Pelo menos aquele pensamento o aqueceu.

— Fiquem debaixo dos cobertores — disse Jane às crianças.

— Mas tenho medo — ele ouviu Polly reclamar.

— Lembre-se do que eu lhe ensinei: “o medo vê a tempestade, a fé vê Deus na tempestade” — disse Jane.

— Para mim, isso não se parece muito com Deus — ele ouviu Martha dizer.

Stephen teve que concordar com ela.

— Avancem — ele instou os bois. Por alguns metros, aquilo funcionou, e então eles diminuíram a velocidade mais uma vez, incapazes ou indispostos de melhorar seu ritmo sob o aguaceiro.

De repente, a chuva pesada diminuiu até se tornar uma garoa constante e ele se virou para olhar para dentro da carroça. Jane estava tentando se secar o melhor que podia, mas era inútil, seu vestido e manto estavam encharcados.

— Tire esse vestido molhado — sugeriu ele.

— Acho que vou precisar. Johnny, cubra a cabeça com esse cobertor, para que eu possa trocar de roupa.

Stephen olhou para dentro da carroça para ter certeza de que o garoto a obedecia, enquanto ela retirava um vestido seco de seu

baú de madeira.

— Ele está espreitando, papai — acusou Polly, apontando o dedo para o primo.

— Não estou, sua bisbilhoteira — gritou ele, aproveitando a oportunidade para abaixar o cobertor novamente.

— Johnny, se você não mantiver a cabeça debaixo desse cobertor, vou arrancar todo o cabelo da sua linda cabecinha — ameaçou Jane.

Todas as garotas riram.

— Melhor você fazer o que ela diz, garoto — disse Stephen e, em seguida, sorriu.

Johnny se aproximou de Stephen e jogou o cobertor sobre a cabeça.

— Há muitas garotas aqui.

Ele tinha que se solidarizar, quatro meninas, além de Jane. Não era de se admirar que Johnny se sentisse em menor número. Sabia exatamente como seu sobrinho se sentia.

Tão rapidamente quanto o dilúvio havia diminuído, uma forte chuva começou de novo.

Sam levou seu cavalo para o lado.

— Vou explorar mais adiante, ver se consigo encontrar um abrigo.

— Ótimo, esta carroça está começando a flutuar — respondeu Stephen, gritando.

Sam instigou sua montaria a trotar. O grande cavalo castrado reagiu, impaciente, sem dúvida ansioso por encontrar abrigo também. Sam manteve o cavalo em um ritmo acelerado até que a trilha lamacenta começou uma inclinação gradual ladeira abaixo. O caminho traiçoeiro continha numerosas rochas e frestas escondidas sob a água corrente. Ele diminuiu o passo do cavalo e rezou para que sua montaria não tropeçasse e quebrasse uma pata.

Um raio branco iridescente explodiu no céu como se fossem flechas ardentes, um tiro no céu escuro.

Sam sentiu seu cavalo ficar mais tenso a cada raio ameaçador. Precisava admitir, a terrível tempestade o deixava nervoso também.

A trilha fez uma curva e seguiu a encosta da colina e Sam esperava que isso sinalizasse uma chance de abrigo. Mas cada curva da estrada só revelava mais trilhas e cada seção da trilha levava a mais florestas. Sam começou a se perguntar se deveria voltar. Finalmente, ele viu uma clareira de grama e cascalho debaixo de uma grande saliência de rocha. O afloramento da pedra inclinava-se de modo acentuado a partir do lado da colina, e a chuva caía de sua beirada como uma cascata contínua. Parecia grande o suficiente para levar a carroça para debaixo dela e talvez também manter os cavalos fora do dilúvio. Ele se virou e instigou a montaria a seguir de volta pela trilha na direção dos outros.

No momento seguinte, um raio caiu tão próximo e com tanta força que o chão tremeu, quase derrubando Sam da sela. A reverberação do raio explodiu de forma dolorosa em seus ouvidos, como se alguém tivesse disparado artilharia pesada ao lado de sua cabeça. Sam tentou cobrir o rosto com os braços trêmulos, enquanto madeira queimada e casca de pinheiro voavam pelo ar. Pelo canto do olho, ele teve um vislumbre da enorme árvore começando a cair. Ele insistiu que o cavalo avançasse, em um esforço para escapar. Mas era tarde demais. Ele e o cavalo se viram acompanhando a colisão ensurdecedora da grande árvore com o solo. Caindo firmemente sobre a parte traseira de sua montaria, ele ouviu o som horrível do tronco do pinheiro quebrando as costas e os quadris de seu cavalo. Instantaneamente, seu cavalo estava morto e ele ficou preso sob galhos grossos e pesados.

Sam permaneceu imóvel, incapaz de ouvir ou pensar com clareza. Mas precisava se mexer. Balançou a cabeça para tentar clarear os pensamentos. Ofegante pela queda, esforçou-se para respirar devagar enquanto avaliava a situação. Podia sentir o cheiro da árvore em combustão lenta. Fogo? Ele não conseguia mexer o pé e o joelho, preso sob o cavalo e a sela. Seu tornozelo doía como se alguém o tivesse golpeado com uma machadinha. Um galho grande imobilizava seu braço direito, mas ele não achou que o braço estivesse quebrado, ainda podia mover os dedos sem dor.

Sam tentou mover o outro braço na direção da sela, mas só conseguiu alcançar o pito. Cada movimento trazia um desconforto agonizante na perna e no tornozelo. Ele empurrou o cavalo com a perna direita, mas o peso do tronco da árvore recaía totalmente sobre o quadril do cavalo.

A chuva fria o atingia incessantemente, mas ele podia sentir-se suando pelo esforço de se libertar. A cabeça latejava e os ouvidos não paravam de vibrar, e ele ainda achava difícil respirar. O ar tinha um cheiro de queimado e ardia em seus pulmões.

Sam contraiu o queixo por causa da dor e procurou o rifle Kentucky. Se conseguisse disparar, poderia mandar um sinal para os outros. Mas o rifle estava no chão, fora do seu alcance. Pegou sua pistola, embora percebesse que, provavelmente, os demais não seriam capazes de ouvi-la durante a tempestade. Mesmo assim, Sam apertou o gatilho, mas a arma não disparou. A pólvora estava muito úmida. Isso o fez se lembrar do motivo pelo qual ele preferia a faca à pistola. Mas mesmo sua faca não lhe ajudaria naquele momento.

O dilúvio golpeava seus olhos e fazia com que a água entrasse em seu nariz, engasgando-o. Sam virou o rosto para o lado, mas seu ouvido começou a se encher da água parada ao seu redor. Ele levantou a cabeça mas, depois de um minuto, deitou a cabeça para trás, fraco demais para continuar lutando. O que pareciam baldes de água, derramavam-se sobre seu rosto. A água da chuva continuou a acumular-se à sua volta, enquanto o tronco da árvore e o corpo do cavalo agiam como uma represa bizarra e retorcida, prendendo a água que subia. Mais tempo e ele se afogaria antes que alguém o encontrasse.

— Maldição — praguejou ele, quando a consciência começou a fugir.

Stephen, ajude-me.

CAPÍTULO 20

Stephen manteve o grupo em movimento durante a terrível tempestade, esperando que Sam voltasse a qualquer momento. Mas os minutos se tornaram intermináveis, sem sinal do irmão. O raio quase contínuo foi o pior que já havia visto. Um relâmpago de fogo atravessou violentamente uma nuvem negra mais adiante, percorrendo o céu em uma vertical perfeita. Atingiu algo por perto, porque o estampido explosivo do trovão seguiu-se quase que instantaneamente.

Stephen começou a se preocupar.

— Ele deveria já estar de volta agora — gritou para William, que cavalgava ao seu lado, caso ele precisasse de ajuda com a carroça e a parelha.

John e Bear trouxeram seus cavalos para o lado de William.

— Vamos explorar à frente, procurar por Sam — gritou John.

— Ótimo — disse Stephen. — Depressa, algo está errado.

Ele observou os dois começarem a trotar lentamente sob a chuva. Com sorte, eles manteriam um olhar atento na estrada pouco visível, agora coberta por um rio marrom de lama liquefeita. Eles só seriam capazes de ver a uma distância semelhante ao tamanho de alguns cavalos à sua frente.

Momentos depois, Bear voltou.

— Sam está preso debaixo de uma árvore, com a água subindo — gritou ele. — Precisamos de cordas e serras. Rápido!

Stephen amarrou instantaneamente as rédeas dos bois, desceu e abriu a caixa de suprimentos presa ao lado da carroça, entre as rodas. Pegou o machado, as serras e a corda que Edward lhes dera, e depois os entregou a Bear e William.

— Está muito machucado? — perguntou Stephen.

— Se não estiver, será um milagre. O cavalo dele está morto — disse Bear.

— Jane, segure a parelha aqui até voltarmos. Mantenha seu rifle carregado e seco, e as crianças dentro da carroça — instruiu ele. — Se precisar de nós, dispare o rifle.

Eles alcançaram Sam e John o mais rápido que puderam.

— Quão grave ele está? — gritou Stephen, enquanto desmontava de George às pressas.

John segurava a cabeça de Sam, fazendo o possível para manter os olhos e o nariz dele fora da água.

— Ainda está respirando. Depressa, a água está subindo — implorou John.

Stephen agarrou seu machado e os três correram para o lado de Sam.

— Ele está desmaiado. Pode ser ruim — disse John. — Não posso levantá-lo mais, seu braço está preso. A perna esquerda está embaixo do cavalo, provavelmente quebrada. É uma árvore pesada, mas o cavalo dele sustentou o peso dela. Temos que retirar o peso sobre a perna antes que ele prenda a circulação, do contrário irá perdê-la.

— William, use a serra para cortar este galho que prende o braço direito — ordenou John. — Bear, pegue a corda grande e faça um laço em volta do tronco, ali. Depois que William soltar o braço, use Camelo para arrastar a árvore. Stephen, use o machado para cortar todos os pequenos galhos ao redor dele, para que não o machuquem quando afastarmos a árvore. Vou dar mais uma olhada em Sam, para ver se algo mais está quebrado.

O construtor que existia em John havia concebido um plano eficiente para libertar Sam. Levou apenas mais alguns minutos até que estivessem prontos para mover a árvore.

Parado ao lado da cabeça de Camelo, Bear instigou o grande cavalo. O cavalo se esforçou com o enorme peso. A árvore não se mexeu. Lama escorregadia, folhas molhadas e agulhas de pinheiro dificultavam a tração do cavalo. Bear induziu Camelo mais uma vez.

— Vamos lá, você é um gigante entre os cavalos, meu amigo. Nosso Sam precisa de sua ajuda.

Camelo parecia reagir ao apelo de seu dono e os músculos do castrado de patas firmes se contraíram quando ele deu um passo à frente, depois outro.

— Sim, desse modo.

Stephen soltou um suspiro de alívio quando Camelo conseguiu mover a árvore apenas o suficiente para levantá-la de cima do cavalo de Sam. Ele e William amarraram as cordas nos flancos do cavalo morto e usaram suas montarias para levantar os quadris dele. John rapidamente libertou Sam.

— Eu o peguei — gritou John, acima de um trovão alto.

Eles correram para o lado de Sam. O tornozelo do irmão fazia quase em ângulo reto com a perna.

— Esse tornozelo está claramente quebrado. É melhor o colocarmos no lugar antes que ele acorde — disse John.

— Vou buscar Jane — disse Stephen. — Ela sabe mais sobre medicina do que todos nós juntos. — Quando bem jovem, o pai dela a fazia tratar dos animais e, quando moça, havia ajudado como enfermeira durante a Revolução. — William, venha comigo, para que possa proteger as crianças.

William se virou sem dizer uma palavra e pulou sobre sua montaria, já se dirigindo para a trilha. Stephen o seguiu.

Deus, poupe Sam, orou Stephen, enquanto cavalgava. Eles precisavam de Sam para que pudessem chegar em segurança em Kentucky, mas, mais importante, ele amava seu irmão. E, além do pai, Stephen o respeitava e valorizava mais do que qualquer outro homem que já conhecera. Não conseguia imaginar a vida sem o irmão mais velho ao seu lado.

Eles alcançaram Jane assim que terminou sua oração.

— Jane, Sam está ferido. Quebrou um tornozelo, talvez mais. Preciso que você coloque o tornozelo dele no lugar enquanto ele ainda está inconsciente. William cuidará das crianças e levará a carroça. Pegue o que você precisa. Monte no cavalo de William.

— O que aconteceu? — gritou ela enquanto eles cavalgavam lado a lado.

— Uma árvore enorme caiu sobre o cavalo. Ela prendeu Sam e sua perna ficou imobilizada debaixo do cavalo.

Jane ajustou com cuidado o tornozelo inchado, usando pedaços de casca, pano e couro trançado. Precisava ser ágil e fazer um bom trabalho, ou Sam mancaria para sempre. Isso poderia acontecer de qualquer maneira, mesmo se ela ajustasse corretamente o

tornozelo. Stephen observou, agradecido por Sam não acordar enquanto ela trabalhava. Mas seu irmão parecia dormir mal e, de vez em quando, gemia alto. Stephen temia que o tornozelo não fosse o pior dos ferimentos de Sam.

Enquanto Jane tratava de Sam, os outros tiraram a sela do cavalo morto e William os alcançou com a carroça. O vento havia diminuído e uma leve garoa era tudo o que restava da violenta tempestade. Estavam todos ensopados e gelados até os ossos, mas nenhum tão frio quanto Sam.

— A pele dele parece gelo — disse Jane.

— Precisamos levá-lo para um lugar quente antes que fique com febre — disse Stephen.

— Melhor ver se encontro abrigo à frente — disse Bear.

Bear não demorou muito para localizar o mesmo afloramento de rocha que Sam havia visto. Por volta do meio-dia, o grupo havia conseguido um abrigo tosco sob o penhasco e usou um tronco morto e folhas secas, enfiadas sob a saliência e fora da chuva, para acender rapidamente uma fogueira. Colocaram Sam em um palete ao lado das chamas quentes. Stephen e John tiraram as roupas molhadas de Sam para que Jane pudesse examiná-lo mais.

— Há lesões consideráveis, mas não há feridas abertas — disse ela —, e não vejo sinais de queimaduras provocadas pelo raio. Os ferimentos internos são desconhecidos. Podem ser graves. Gostaria que tivéssemos um médico para examiná-lo. — Jane aplicou pomada nos cortes e arranhões de Sam.

Stephen precisava ajudar Sam de alguma forma, mesmo que fosse algo insignificante. Ele apanhou um pano seco e secou o máximo possível da umidade sobre a pele de Sam. Todos precisavam se secar e se aquecer, mas Sam seria o primeiro. Ele cobriu o irmão com o cobertor de lã que Edward havia enviado, arrumando-o ajustado em volta do peito e dos pés.

— Ele vai acordar? — perguntou Polly, com suavidade, ajudando a ajeitar o cobertor sobre o tio.

— Devemos orar para que acorde — disse Stephen, colocando a mão no pequeno ombro da filha.

— Não quero que o tio Sam morra — disse Johnny, às lágrimas.

Stephen entendeu o quão inquietante era para as crianças verem seu herói em tal estado. Isso preocupava todos eles. Sam poderia ter ferimentos escondidos e nunca mais acordar.

— Ele não vai morrer, Johnny. O bom Deus sabe que precisamos dele para nos ajudar em nossa viagem — disse John. — Aposto que ele acorda amanhã de manhã tão firme como sempre.

Demoraria muito tempo até a manhã seguinte. Stephen iria dormir pouco, se conseguisse dormir, e, àquela altura, seu estômago estaria apertado, repleto de preocupações.

Amy se aproximou de Sam e se ajoelhou. Com gentileza, beijou a testa dele e depois o tornozelo enfaixado.

— Mamãe diz que beijos melhoram a dor.

Polly também se ajoelhou e o beijou. Então, Marta fez o mesmo.

Stephen examinou Sam, esperando desesperadamente que Jane estivesse certa.

CAPÍTULO 21

As orações e os beijos funcionaram. Sam acordou na manhã seguinte.

Jane examinou o braço e o joelho inchados de Sam. O tornozelo causava-lhe muita dor mas, por outro lado, ele parecia estar bem, exceto por numerosos hematomas e arranhões em quase todos os lugares que Stephen podia ver.

— Você me deu um baita susto — disse ele a Sam, entregando-lhe um copo generoso de uísque para diminuir a dor, depois que terminaram o desjejum. Ele suspeitava que Sam não iria saborear o uísque. O irmão estava com muita dor para aproveitá-lo lentamente.

— Farei o possível para não passar por isso de novo — disse Sam, engolindo um grande gole. — Foi difícil remover a árvore?

— De fato, mas graças à nova serra e à corda comprida que Edward nos deu, fizemos um trabalho rápido. Ainda poderíamos estar trabalhando, se não as tivéssemos.

— Este é para Edward — disse Sam, bebendo o resto do uísque com prazer. — Que pena o meu cavalo, ele era bom.

— Você acha que poderá cavalgar? — perguntou Stephen.

— Estou tão dolorido quanto um porco abatido, mas sim, se um dos nossos cavalos de reserva me deixar montar de lado, com o pé direito no estribo — disse Sam —, posso simplesmente deixar o esquerdo pendurado e cavalgar com um estribo, especialmente se puder continuar com este remédio. Que tal outro copo?

Stephen pegou o copo, mas o encheu de café. Precisava de Sam alerta o suficiente para atirar direito, se necessário.

— Vou lhe dar um copo mais forte daqui a uma hora.

O grupo decidiu descansar por mais ou menos uma semana e deixar Sam se recuperar.

— Vou começar a treinar um dos cavalos de reserva para permitir que você monte de lado. Cavalgar assim incomoda alguns cavalos, mas outros não ligam nem um pouco — disse Stephen.

Naquela tarde, ele escolheu o maior dos dois cavalos de reserva que havia trazido e começou a treiná-lo. Passou dois dias inteiros

montando o alto cavalo amarelo de lado, para prepará-lo para Sam. O belo cavalo dourado, com crina e cauda pretas e sedosas, era indiferente a respeito de que lado Stephen o montava. Ele também passou o resto da semana ajustando as outras habilidades do cavalo. O novo cavalo castrado de Sam aprendeu rápido e estava disposto a agradar.

Depois de vários dias, Sam conseguia dar pequenos passos, usando um galho resistente como bengala. Ele mancou até onde Stephen treinava o cavalo e observou. Stephen lembrou que Sam havia admirado o cavalo quando trouxe a montaria de Barrington, mas não ficou com vontade de trocar uma montaria experiente por outra inexperiente. Após esse treinamento, o cavalo seria mais confiável.

— Ele é um animal equilibrado, mas tem muito entusiasmo — disse Stephen. — Você precisará contê-lo um pouco. — Ele fez o cavalo girar em um círculo fechado. — Como pode ver, ele sabe conduzir bem as rédeas, também.

— Parece que você o treinou bem — disse Sam. — Obrigado por prepará-lo. Você teve vários cavalos ao longo dos anos. Qual deles foi o seu favorito? O velho Rebelde?

Ao ouvir o nome, Stephen lembrou-se com carinho do primeiro cavalo que seu pai lhe deu.

— Não sei. Sempre gosto daquele em que estou cavalgando. Mas George é excepcional. Vai ser difícil outro vencê-lo.

— Este receberá o nome de Alex — declarou Sam.

— Por que Alex?

— Por causa de Hamilton, o patife que inventou aquele imposto sobre o consumo de uísque no ano passado. Ele é uma cavalgada, então pensei que seria um nome adequado.

— Você não pode dar um nome de alguém de quem não gosta à sua montaria. O cavalo é um animal nobre e você deve lhe dar o nome de alguém que respeita. Por isso dei o nome de George ao meu, por causa de Washington.

— Você entendeu errado, irmão. Um cavalo típico é um animal teimoso, não confiável e imprevisível, somente útil se for excepcionalmente bem treinado.

— Bons corcéis são o maior presente de Deus para o homem, ao lado de uma mulher, é claro. E suspeito que a maioria dos cavalos causa menos tristeza a um homem do que a maioria das mulheres — respondeu Stephen.

— O que acabou de dizer? — perguntou Jane, aparecendo quando ele mal havia terminado a frase.

— Estava explicando a Sam por que um homem deveria dar um nome à sua montaria que fosse em homenagem a alguém que ele admira — disse ele, rapidamente.

— O que ouvi foi que a maioria dos cavalos pode causar menos tristeza a um homem do que uma mulher — declarou ela, cruzando os braços.

— Foi exatamente o que ele disse — disse Sam. — Eu mesmo ouvi essas palavras.

Stephen percebeu que Sam estava sentindo os efeitos do uísque que ainda bebia para diminuir a dor e que havia aproveitado a oportunidade para lhe causar problemas.

— Eu disse “a maioria” das mulheres, isso não inclui você, Jane — disse Stephen, sentindo-se na defensiva.

— Que mulheres você quer dizer, então?

Ele engoliu em seco. Jane não iria deixá-lo se safar.

— Não quis dizer nada sobre mulher alguma. Estava falando sobre George. Não, quis dizer sobre cavalos, de uma forma geral.

— Não, você disse que George era o maior presente de Deus — insinuou Sam, claramente se divertindo.

Alex bufou, contente, e Sam riu enquanto escovava a pelagem do cavalo, brilhando agora como moedas de ouro novas.

— Você está deliberadamente tentando me causar problemas com minha esposa. Percebo que está se sentindo melhor. Partimos amanhã — disse Stephen, afastando-se com passos firmes.

Depois de caminhar apenas uma curta distância com a bengala, Sam voltou ao acampamento, ao invés de caçar com Bear, incapaz de colocar todo o seu peso no tornozelo mesmo depois de três semanas.

— Maldição, isso é irritante — disse Sam, com os dentes cerrados. Carrancudo, Sam jogou a bengala no chão e sentou-se perto de Jane.

Jane podia ver que Sam estava furioso por admitir uma fraqueza física. Era algo que um homem como ele simplesmente não fazia. Sempre foi excepcionalmente forte, capaz de percorrer grandes distâncias a pé sem se cansar.

— Não seja tão duro consigo mesmo — disse Jane. — Faz pouco tempo desde que sofreu sua lesão. Se forçar demais agora, terá um tornozelo defeituoso a vida toda, e eu me esforcei muito para fazer esse tornozelo se curar corretamente.

— Você fez um excelente trabalho com as talas. Só precisa de mais um pouco de tempo — disse Sam, parecendo mais calmo agora. — Você parece pálida. Está se sentindo bem?

Jane inalou e soltou o ar lentamente. Até o ato de respirar parecia deixá-la cansada.

— Estou apenas esgotada. Essa viagem é consideravelmente mais difícil do que eu esperava. Quase matou nós dois. Um dia, estamos com frio e molhados por causa dessas tempestades horrendas e, no dia seguinte, estamos suando debaixo de nossas roupas e a atmosfera está tão carregada que você mal consegue respirar. E sinto falta de me sentir limpa. Estou constantemente coberta de lama ou poeira, para não falar dessas irritantes picadas de insetos. — Ela fez uma pausa, longa o suficiente para coçar os tornozelos. — E ainda temos muito a percorrer. Não pretendo reclamar. Só estou cansada. — Ela acariciou o pescoço do novo cavalo de Sam, amarrado nas proximidades. Os pelos sedosos do cavalo dourado eram gostosos de sentir na palma da mão. Havia poucas coisas preciosas que pareciam suaves ao toque naquela jornada.

— Jane, não lute contra esta viagem. Você nunca poderá vencer. Retire forças dos testes pelos quais passa — disse Sam. — Essa é a diferença entre quem vence e quem não vence.

— Como? Como faço isso?

Ela esperou enquanto Sam pensava por um momento antes de responder.

— Como Alex aqui, com pelo macio e parecendo belo por fora, mas quando você o toca, também sente um músculos fortes e rijos embaixo. Quando instigado, ele reage com esse poder. Pense nesses desafios como exercícios para aumentar sua força interior, não como obstáculos para miná-la.

— Não tenho certeza se consigo. — Ela não se sentia bonita por fora ou forte por dentro. Via apenas lama e sujeira, e sentia apenas um cansaço cada vez maior.

— A natureza nunca deixa de nos desafiar. Se lutarmos contra ela, esgotamos nossas forças. Mas se a respeitarmos, tanto pelo seu poder de criar quanto de destruir, isso pode nos ajudar a ficar mais fortes.

— Você quer que eu respeite a selva? Usá-la para me fortalecer?

— Estou desafiando-a a fazer isso. Se não o fizer, começará a odiar a selva. Porém, se o fizer, encontrará a beleza nela, aprenderá a amá-la tanto como amo.

Sam estava certo. Ele era a prova de suas próprias palavras. Ela levantou o queixo e disse:

— Tudo bem, aceito o desafio.

Ela respirou fundo e marchou para encontrar Stephen. Depois, ambos iriam se banhar no belo lago próximo. De repente, a ideia elevou seu ânimo. Imaginar os músculos rígidos do corpo nu do marido já a fazia se sentir mais forte.

As semanas seguintes transcorreram sem intercorrências, exceto que Stephen notou que as crianças mudavam, de semana para semana, como era de se esperar. A pequena Mary começou a andar, mais um dente nasceu em Amy, Polly começou a ler, Martha cresceu pelo menos uma polegada, e Johnny decidiu que tinha idade suficiente para ter sua própria montaria. Ele implorou que Stephen o deixasse com o cavalo de reserva restante. Eles haviam vendido o pônei de Johnny antes de deixar Barrington, porque o animal era muito velho para fazer a viagem. O cavalo de reserva era especialmente gentil e fácil de controlar e Stephen sabia que seria

mais fácil para a montaria de John não ter a carga adicional do garoto todos os dias.

— Acho que Johnny será um ótimo cavaleiro — disse a John. — Está no sangue. Além disso, o cavalo precisa ser montado para que fique dócil.

— Então, que você o monte — retrucou John. — Johnny é apenas um menino; não precisa do corcel de um homem.

— Ele precisará se tornar um homem rapidamente na fronteira. Quanto mais cedo começar, melhor — replicou Stephen.

— Sou o pai dele e decidirei quando ele precisa se tornar um homem — respondeu John.

— John, Stephen está certo — interveio Sam. — Johnny se sentirá muito mais seguro se for um bom cavaleiro. Uma boa montaria pode salvar um homem ou um menino do desastre. Em breve ele precisará aprender a lidar com uma arma também. Está na hora de deixar o garoto começar a crescer.

John olhou para Stephen e depois para Sam.

— Tudo bem, desde que Stephen o ensine a se tornar um cavaleiro melhor.

— E vou ensiná-lo a usar uma faca — prometeu Sam.

— Há um segredo para galopar um cavalo da maneira certa — disse Stephen a Johnny, mais tarde.

— Qual segredo? — perguntou Johnny.

— Tudo se encontra nas rédeas — explicou ele. — A maioria das pessoas mantém as rédeas no mesmo local, presa no pescoço ou na sela de sua montaria.

— É assim que eu faço — disse o garoto.

— É errado. Veja bem, o cavalo move a cabeça enquanto corre. Ela se move para frente e para trás, assim como o corpo dele. Então as rédeas precisam se mover com a cabeça. Do contrário, você o empurra toda vez que ele dá um passo e é difícil para ele ficar tranquilo.

Johnny disse:

— Quero ser um bom cavaleiro, como você, tio Stephen.

— Para ser um bom cavaleiro, você precisa entender como o seu cavalo se move e, mais importante, como ele pensa.

— Como faço isso?

— Passando a maior parte do tempo sobre a sela. Quanto mais tempo você passa com ele, observando-o, aprendendo como ele pensa, mais você o entende.

Johnny, agora com seis anos, pegou o cavalo instantaneamente e os dois se tornaram inseparáveis. A cada lição que Stephen lhe dava, a habilidade do sobrinho como cavaleiro e a gratidão do menino por ele aumentavam.

Stephen suspeitava que Johnny o teria apoiado no recente debate que ele teve com Sam sobre a inspiração adequada para dar um nome a um cavalo. Johnny deu o nome de Dan ao castrado — em homenagem a seu herói Daniel Boone.

CAPÍTULO 22

Descrever o dia de hoje seria uma repetição do de ontem. Já percorremos quase quinhentos quilômetros. Somos continuamente assolados pela chuva e pelo céu cinzento. Toda tempestade faz de uma refeição um desafio. O tempo de ontem foi especialmente opressivo. Pensei que iria enlouquecer com as pancadas incessantes de gotas de chuva na cobertura da carroça. Desisti de tentar manter todos nós limpos, em vez de me concentrar na minha luta para manter as crianças aquecidas. Tivemos uma roda atolada tantas vezes que perdi a conta. Estou me esforçando para cumprir o desafio de Sam, pensar nessas tentativas como oportunidades para fortalecimento. Mas a natureza parece com vontade a testar minha determinação.

Apesar dessas dificuldades, também fomos abençoados. Ainda não contei a Stephen, mas estou grávida. Sei que nossas filhas lhe são desmedidamente preciosas, mas oro que desta vez tenhamos o filho que sei que ele deseja. Sei que estar grávida tornará essa viagem mais difícil para mim, mas as crianças chegam no tempo de Deus, não no nosso.

Jane fechou o diário, deixou de lado a tinta e a pena e depois recostou-se em um sicômoro. Uma brisa fresca flutuava sobre seu rosto, soprando mechas de cabelo soltas sobre as orelhas e o pescoço. A pequena Mary dormia ao lado do seu joelho. Uma colcha de retalhos cobria o chão úmido embaixo delas. Ela gostava de ficar apenas observando aquela belezinha dormir. Pensou em Stephen e em como ele era bonito enquanto dormia — quando suas preocupações e ambição não marcavam seu belo rosto. As faces e pescoço de Jane se aqueceram, enquanto uma vontade irresistível de beijá-lo de repente a tomou. E queria sentir os braços fortes dele em torno dela. Queria amá-lo. Mas a falta de privacidade tornava as

oportunidades amorosas raras, além de difíceis. Logo, ela prometeu a si mesma.

Ela inalou profundamente, absorvendo a suave fragrância terrestre daquele lugar tranquilo, e soltou o ar lentamente. Aqueles poucos momentos para descansar e registrar seus pensamentos eram preciosos e ela saboreava a serenidade.

Mas a paz tranquila do momento não durou muito.

Martha chegou correndo.

— Mamãe, tio Sam disse para buscá-la. O rosto de Amy está vermelho e seus olhos parecem estranhos.

Ela rapidamente pegou Mary e a colcha no braço, apanhou o diário e a tinta e correu com Martha para onde Sam estava.

Sam estava encostado em sua sela, segurando Amy, a cabeça dela encostada no ombro largo. Os dedos minúsculos de Amy brincavam, apáticos, com a franja da camisa de camurça dele.

— Ela estava vagando por aqui pouco tempo atrás e subiu no meu colo. Soube que estava doente assim que se sentou — disse Sam, preocupado.

— Querida, o que há de errado? — perguntou Jane, colocando a mão sobre a testa de Amy. Sua filha estava terrivelmente quente e manchas vermelhas cobriam suas bochechas e pescoço. Jane tentou não mostrar a Amy o medo que tomou conta de seu coração. A criança estava muito doente.

Ela subiu na carroça para deitar Mary e retornou para Amy. Colocou Amy ao lado de Mary no palete que as meninas usavam, depois pôs a cabeça para fora da traseira da carroça.

— Chame seu pai — disse a Martha, que estava com Polly por perto.

— O que há de errado? — perguntou Stephen, olhando dentro da carroça, no momento em que chegou.

— Meninas, peguem o balde e tragam um pouco de água para que eu possa fazer um caldo para Amy — disse Jane para Martha e Polly, antes de responder.

Assim que ficaram sozinhos, seus olhos ardiam pelas lágrimas que queriam cair.

— Por Deus, Stephen, Amy está queimando e tremendo de calafrios. Não sei se é por causa da exposição a todas essas

tempestades ou febre amarela. Só sei que ela está terrivelmente doente.

— Febre amarela? Isso matou milhares na Filadélfia alguns anos atrás. Não pode ser. Ela só tem um resfriado, é tudo — disse Stephen, com firmeza, descartando a ideia.

— Lembra dos sintomas de febre amarela, febre e calafrios? Exatamente o que ela tem. Matou indiscriminadamente. Alguns a pegaram, enquanto outros da mesma família, não. — Mordendo o lábio, ela voltou os olhos para a filha. Seu humor mudou bruscamente, de preocupação para raiva. — Vou fazer um chá de ervas e casca de carvalho para ela. Não sei mais o que fazer.

Stephen entrou na carroça e sentiu o rosto de Amy.

— Vou ficar aqui com Mary e Amy enquanto você encontra e mistura as ervas.

Desta vez, ela detectou a preocupação na voz dele e isso a assustou.

Rapidamente, Jane colocou um pouco de água para ferver e levou o resto para a carroça para limpar Amy. Retirou o vestido da menina e enxugou o corpo dela com o pano frio, depois o entregou para Stephen.

— Continue limpando-a, principalmente a testa — disse a Stephen. — Vou preparar o chá.

Enquanto Jane preparava o chá de ervas, Stephen ficou com Amy. Suas filhas nunca haviam estado gravemente doentes e a sombra de preocupação pairava sobre ele. Não demorou muito para que um pavor — sombrio e aterrorizante — tomasse conta dele. Tentou bani-lo, mas não conseguiu. Ele começou a rezar.

O som de cavalos trotando o retirou do refúgio da oração. Ele limpou a testa de Amy antes de sair da carroça.

— Espero que John tenha mais sorte do que nós — disse William, enquanto ele e Bear desmontavam.

— Amy está doente — disse Stephen, imediatamente.

— Está muito mal? — perguntou William.

— Não sei. Está com muita febre. John está no riacho. Diga-lhe que ele precisa cozinhar o peixe que está pescando para o jantar, para que Jane possa cuidar de Amy.

As sobrancelhas espessas de Bear se contraíram e seu rosto pareceu preocupado antes de dizer:

— Vou falar com ele e dar água a esses cavalos sedentos também.

— Posso fazer alguma coisa? — perguntou William.

— Reze — respondeu ele.

Jane trouxe o chá para as meninas e depois gritou:

— Stephen, venha aqui.

Ele não gostou do som desesperado da voz dela. Ele e William correram para a traseira da carroça e olharam para dentro.

— Mary está ficando quente também. Sinta a temperatura dela — gritou Jane, aproximando a bebê para que ele pudesse alcançá-la. — Deus, por quê?

Ele passou a palma da mão sobre a cabecinha de Mary, bem quente.

— Jane, faça o seu melhor. É tudo o que você pode fazer — disse ele, tentando acalmá-la da melhor maneira que podia, apesar do próprio pânico, que crescia cada vez mais. Ele olhou de volta para Martha e Polly, que estavam por perto. — Ajudem tio John a preparar o jantar — disse ele.

— Farei café e trarei um pouco para vocês dois — ofereceu William.

Stephen subiu de volta na carroça.

— Aqui, deixe-me segurar Mary enquanto você limpa Amy. Quando Amy foi dormir?

— Alguns minutos atrás. A febre a deixou sonolenta. O chá não ajudou — disse Jane, demonstrando pânico na voz. — E se ela não acordar?

— Dê algum tempo para fazer efeito. Ela acabou de beber. A bebê pode tomar um pouco?

— Sim. Aqui está o copo dela. Ela começou a beber nele esta semana.

Stephen lamentou não ter percebido isso. Com gentileza, ele segurou o pequeno copo de estanho nos lábios da criança. Que

menina linda. Já havia reparado nisso antes? Os cachos vermelhos de Mary estavam úmidos e amolecidos enquanto a febre aumentava. Os olhos dela examinaram o rosto dele — olhos que, de alguma forma, sabiam que ele estava tentando ajudá-la. Ela tomou um pequeno gole. Jane havia adoçado com mel e Mary pareceu gostar. Depois de tomar outro gole, ela conseguiu dar um sorriso fraco para ele. Então, embalada em seus braços, ela também adormeceu. Ele deitou Mary e a cobriu com um cobertor quente para afastar os calafrios, antes de retornar para perto dos demais.

Não queria comer, mas tentou levar comida para Jane. Ela recusou e ele voltou para perto da fogueira. John alimentou o resto do grupo com peixe fresco. Depois do jantar, Johnny, Martha e Polly se aconchegaram próximos ao fogo enquanto John lia para eles. Em questão de minutos, as três crianças dormiram profundamente e Stephen as cobriu com cobertores e as levou para dentro.

Sam, William, Bear e John decidiram alternar o serviço de sentinela para vigiar cuidadosamente o acampamento. Agora que eles estavam em um campo desconhecido, sem saber o que poderiam encontrar, pelo menos um deles deveria ficar acordado o tempo todo.

Stephen se juntou a Jane e a noite passou lentamente. O céu escuro combinava com seu desespero cada vez maior, enquanto observavam sombriamente as duas filhas morrendo lentamente. A respiração de Mary ficou lenta e superficial e a febre ardia no seu rosto.

Amy começou a tossir e, à medida que a noite avançava, a tosse piorou.

— Mamãe, mamãe — choramingou ela repetidas vezes, rasgando cada vez mais o coração dele.

Jane o olhou, triste.

— Não acredito que as duas tenham ficado tão doentes ao mesmo tempo. — Ela começou a chorar, incapaz de conter as lágrimas de preocupação por mais tempo.

A impotência o fazia se sentir infeliz. A cada hora que passava, seu senso de vulnerabilidade crescia, como um buraco negro cada vez maior e mais escuro, afastando as filhas dele.

Ele sentiu Jane lutando para manter a calma, mas enquanto ela acariciava o rosto doce de Mary com a mão gentil de uma mãe amorosa, seu rosto de repente se contraiu de medo.

— Ela mal respira — chorou Jane, segurando Mary desesperadamente contra o peito.

Ele olhou, entorpecido de medo, impotente para ajudar. Caiu de joelhos e inclinou a cabeça. Seu espírito procurou por Deus.

— Senhor, não. Por favor, não a leve. Não esta pequenina. Ela viveu apenas um ano. Se alguém deve morrer nesta viagem, que seja eu, não essas inocentes. Que seja eu quem pague pelos meus sonhos.

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ele voltou os olhos para Jane. O que ele viu no rosto dela o encheu de terror. Ele agarrou Jane, passando os braços em volta dela e de Mary, abraçando desesperadamente as duas contra o peito.

As lágrimas dos dois pais caíram sobre a filha morta.

A dor explodiu em sua mente e corpo, quase o destruindo. Mas, pelo bem de Amy, ele não deixaria que esse pesadelo o consumisse, ainda não. Ele se forçou a abafar as emoções. Precisavam encontrar uma maneira de salvar Amy. Ele ajudou Jane, que chorava continuamente, a limpar a testa de Amy com um pano frio mais vezes do que podia contar. Orou sem cessar. Segurou a mãozinha da criança de três anos, enquanto Jane falava com ela, tentando mantê-la alerta, tentando acalmar os seus medos.

— Mamãe, estou vendo... — disse Amy, mal acima de um sussurro.

— Vendo o quê, minha querida? — perguntou Jane, fitando os olhos turvos da filha.

— Olhe — disse Amy, levantando apenas um dedo para apontar. — É a bebê Mary.

O nome da irmã seria a última coisa que Amy diria. Ela morreu pouco antes do amanhecer.

Subjugado por uma dor devastadora, Stephen desceu da parte traseira da carroça, tropeçando, quase caindo no chão. Não conseguiu contar aos outros. Não precisou. Sam, John, William e Bear, já acordados e esperando nas proximidades, souberam, ao ouvir os terríveis choros de lamentação de Jane. Eles o seguraram

para impedir que caísse. Bear passou um braço em volta dos ombros dele e quase o carregou até o fogo para cozinhar. William serviu-lhe um copo de café. Ele balançou a cabeça, recusando.

Ele olhou para o fogo e entregou sua mente ao choque e horror.

Seus irmãos fizeram o possível para consolá-lo e confortar Jane. Mas não havia consolo, apenas dor — uma tristeza esmagadora, de dilacerar o coração. E nada que eles pudessem fazer mudaria isso.

Perder duas filhas na mesma noite foi mais do que brutal. Era a desgraça encarnada. Ali, em carne e osso, fazendo o seu melhor para vencê-lo. Ele sentia sua presença, arranhando, agarrando-o, querendo levar sua alma a lugares escuros e sujos. Não sabia como resistir.

E a desgraça ainda encontrou outra estratégia de tortura. Assistir Jane sofrendo. Ouvi-la chorar partia seu coração. Não suportava vê-la consumida pela tristeza. Pensou que ela poderia morrer de tanto chorar. Sentia-se desamparado, aquela foi a única vez em que não podia ser seu herói. Não sabia como ajudá-la. Não podia ajudá-la.

À medida que o sol se levantava, o mesmo acontecia com sua raiva. Desejava descontar em alguém, especialmente em si mesmo.

— Edward estava certo. Deus está me punindo. Eu não estava satisfeito com o que tinha. Edward nos avisou que isso iria acontecer. Por que não ouvi? — gritou com seus irmãos. — Por que vocês não me fizeram ouvir?

— Você não está sendo punido — disse John.

Incapaz de ouvir Jane chorar mais, e com medo de assustar as outras crianças com sua raiva e tristeza, Stephen partiu, a pé. Mas cada passo que dava para longe dela o fazia se sentir pior. Deveria estar ao lado dela, mas precisava de tempo para descobrir como ajudá-la. Como ajudar os dois.

Caminhou apressado em direção à floresta. Começou a correr. Queria ficar sozinho, completamente sozinho, fugir da tristeza, antes que ela se apossasse dele por completo. Correu o mais rápido que pôde, serpenteando através das árvores, os sentimentos assumindo o controle — sua força mental enfraquecendo a cada momento. Não

estava acostumado a perder o controle. Mas dominado pela profundidade e força de sua dor, ele perdeu o controle, mesmo de seu corpo. Caiu de joelhos, incapaz de dar outro passo.

Sua cabeça ameaçava explodir. Seu estômago se revirava dentro dele. Queria vomitar, mas não conseguiu. Queria gritar e gritou, o som de um coração dilacerado, vindo do fundo do seu ser. Arranhou a terra e bateu no chão repetidas vezes com os punhos, soluçando incontrolavelmente pela primeira vez em sua vida adulta.

— Sinto tanto, tanto, tanto — lamentou várias vezes, os punhos batendo novamente no chão. — É culpa minha. O que fiz? Amy, perdoe-me, Mary, perdoe-me — implorou, olhando, através das lágrimas, o punhado de terra que segurava em cada mão. — Desisti de vocês em troca de terra, em algum lugar distante. Era importante?

Nunca tendo se sentido tão infeliz ou sozinho, ele desabou, deitando-se de lado, cedendo à dor e à exaustão. Seus punhos ainda seguravam firmemente a terra, apenas o suficiente para enterrá-lo de culpa.

— Perdoe-me, mas acredito que Deus quer que eu converse com você — disse John, baixinho, aproximando-se atrás dele.

Ele se levantou de um salto. Seus punhos estavam cerrados ao lado do corpo, a boca se contraindo pela raiva do luto recente.

— Deixe-me — rosnou, apontando para longe. — Vá embora, agora!

— Não vou deixá-lo.

— Não quero você aqui. Vá! Vá consolar Jane, ela precisa de você mais do que eu.

— Stephen, lembre-se da história de Jó. Deus pode permitir que você sofra, mas nunca o abandonará. Mas também não pode abandoná-Lo. A única coisa que você temia aconteceu. A segurança delas era a única hesitação que tinha ao decidir vir. Sei que as palavras de Edward o assombram agora. Mas ele estava errado. Não podemos viver com medo, protegendo-nos dos perigos e evitando a vida que estamos destinados a levar. Sam está certo: o perigo faz parte da vida. A parte que torna a vida real. Você estava destinado a fazer esta viagem. Essa era a vontade de Deus. Não podemos questionar Sua sabedoria. Suas meninas foram presentes

que Ele lhe deu, mas apenas por um curto espaço de tempo. Nunca saberemos o motivo. Só Ele sabe quanto tempo cada um de nós tem nesta terra.

— Maldição, eu não deveria tê-las trazido. Elas poderiam ter ficado com Edward até que fosse seguro. Agora é tarde demais, tarde demais para mantê-las seguras.

— As meninas teriam sido infelizes sem vocês. Todos nós decidimos isso juntos, você, Jane e o resto de nós. Não assuma toda a culpa. Mesmo seus ombros largos não precisam assumir a responsabilidade de todas as nossas decisões. Todos somos parte disso... e permaneceremos juntos, atravessando quaisquer atribulações que possamos suportar.

— Não tenho forças.

— Não precisa ter — disse John —, apenas tenha fé.

John passou um braço em volta dos ombros dele e gentilmente o virou de volta para o acampamento. Stephen deixou a terra que estava em suas mãos deslizar lentamente de seus dedos.

— Fé — sussurrou Stephen, enquanto começava a longa caminhada de volta para sua esposa e... duas filhas.

CAPÍTULO 23

Naquela tarde, Jane subiu lentamente na carroça, temendo o que deveria fazer. John havia se oferecido, mas ela recusou a ajuda dele. Eram suas bebês e ela cuidaria delas.

Colocou outro vestido em Amy e depois depositou cuidadosamente cada criança sobre um pano macio. Beijou as testas delas e estudou cada um dos seus rostos uma última vez antes de forçar as mãos trêmulas a lhes cobrir a cabeça com a mortalha.

As lágrimas desciam sem parar sobre o tecido, enquanto ela, trêmula, as cobria.

— Sinto muito. Meus beijos não foram suficientes — sussurrou ela, com os lábios tremendo e o coração se partindo em dois, uma parte para cada uma das filhas que partiram.

Bear abriu uma única cova pequena para guardar as duas meninas, sob um majestoso pinheiro velho. Cobriu o fundo do túmulo com agulhas de pinheiro, fazendo uma cama macia para elas. Quando Bear terminou, Stephen virou-se para Jane.

— Está na hora — sussurrou-lhe Stephen, gentilmente.

Ele a ajudou a descer da carroça. Ela parecia prestes a desmoronar, mas ele a viu se esforçar por endireitar as costas e respirar. Ela agarrou as mãos dele como se estivesse desesperada por sua força. Precisaria da força dele naquele dia. Ele teria que ter o suficiente para os dois.

Bear carregou Amy e William carregou a bebê Mary. Atrás deles, John escoltou Stephen e Jane, seus longos braços em volta de cada um deles. Sam e as crianças os seguiram lentamente.

Stephen olhou para o túmulo vazio quando se aproximaram. Ele esperava sombriamente por suas filhas. Esperava que elas o preenchessem com duas vidas jovens — vidas tiradas dele para sempre. Foi a pior coisa que já havia visto. Odiou aquilo tudo.

Bear colocou Amy primeiro e depois William, gentilmente, colocou Mary ao lado dela.

John retirou o chapéu, assim como os outros homens.

— Dor igual a essa não tem cura, apenas um entorpecimento vindo com o passar do tempo — disse John. — Não coloquem a culpa em Deus. Ele não provoca sofrimento e aflição em inocentes. O inimigo Dele é quem os provoca. Porque ele quer nos impedir de realizar a vontade de Deus. Oro para que essa experiência apenas fortaleça nossa fé. Pois sabemos que, em tempos terríveis, Deus nunca nos deixa. Embora possamos perder membros de nossa família, nunca O perdemos. Acreditamos que é Sua vontade que sigamos para Kentucky. Nós chegaremos lá, não importa quais obstáculos se coloquem em nosso caminho ou que tristeza devemos superar. Esses dois anjos são Dele agora, não mais nossos. Ele cuidará deles e os protegerá muito melhor do que nós. Stephen e Jane, vocês estarão juntos de novo com suas filhas no Reino e no tempo Dele. Até então, que Deus as abençoe. Amém. Vamos cantar:

Louvado seja Deus, de quem todas as bênçãos fluem;

Louvado seja Ele, e todas as criaturas aqui na terra;

Louvado seja Ele acima, nas Hostes Celestiais. Louvado seja o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Stephen não pôde cantar. Tampouco Jane. Enquanto o triste grupo cantava o velho hino, ele observou sua esposa se afastar.

Quando Bear e William começaram a juntar pedras próximas, a floresta ao redor ficou estranhamente quieta, como se todas as criaturas tivessem realmente ouvido o velho hino.

Stephen só conseguiu observar.

Sam segurou as mãos das outras duas meninas, que provavelmente tinham apenas uma vaga compreensão do que acabaram de testemunhar.

— Mary e Amy estão no céu — disse Sam às crianças. — Todos aqueles que creem irão para lá. Alguns têm que ir mais cedo do que o esperado.

— Mas eu quero brincar com Amy — disse Polly, com o rosto refletindo a confusão de tristeza.

— Temos que esperar até estarmos juntos no céu — explicou Martha, gentilmente.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Martha, apesar de quão corajosa ela estava tentando ser.

Sam se inclinou sobre sua bengala e olhou diretamente para ela.

— Suas irmãzinhas amavam vocês. Elas sabiam que vocês também as amavam.

— Mas, tio Sam, não falei isso para elas antes de morrerem — chorou Martha. — E, agora, nunca mais poderei falar com elas. Nunca, nunca, nunca mais.

Stephen estava perto, ouvindo o que ela falava. A conversa partiu seu coração ainda mais.

— Fale com elas agora, querida — disse Sam.

— Mas elas não me ouvirão — lamentou ela.

— Aqueles que nos são queridos sempre podem nos ouvir, mesmo do céu. Seu amor por eles faz isso acontecer. Acredite em mim, porque sei que é verdade.

— É verdade? — choramingou Martha. — Elas podem nos ouvir no céu?

— Somente aqueles que amamos. Elas vão ouvi-la. Fale com elas, vamos esperar — disse Sam.

Sam se afastou com Johnny e Polly para dar a Martha tempo para se despedir. Ele pegou Polly no colo e ela apoiou a cabeça em seu ombro.

— As crianças também precisam se despedir — disse Sam.

Enquanto Stephen permanecia ali, o tempo parecia passar em câmera lenta. Era como se todo o seu mundo estivesse parando.

Depois de alguns longos minutos, Johnny foi para o lado de Martha e colocou o braço em volta do ombro dela. Lentamente eles se viraram, o braço dele ainda a confortando até que se juntaram a Sam.

— Vamos ver se podemos ajudar sua mãe — disse Sam. — Ela vai precisar muito da nossa ajuda por um tempo. Vocês, garotas e você, Johnny, farão isso?

— Sim, senhor — disseram, em uníssono.

Stephen observou enquanto Bear permanecia parado sobre o túmulo, olhando para baixo. Bear amara as meninas como se fossem suas. Nas proximidades, havia a pilha de pedras que haviam reunido para cobrir a terra e uma pedra grande que ele usaria para marcar a sepultura.

Bear havia passado horas naquele dia esculpindo o nome Wyllie na pedra, junto com o belo símbolo celta do amor eterno, o *Serch Bythol*. O desenho consistia de nós e duas trindades. Bear colocou as trindades lado a lado, unidas por um círculo que representava o amor eterno, significando duas pessoas unidas pela eternidade no amor eterno. Os ancestrais de Stephen e Jane eram escoceses e o adorno lhes trouxe um pouco de conforto. Stephen também acreditava que as duas meninas se uniriam ao amor eterno de Deus e isso lhe trouxe mais consolação.

Em silêncio, ele se despediu das filhas pela última vez. Poderia jurar que Sam estava certo — parecia que as duas ainda podiam ouvi-lo.

Fez um breve aceno com a cabeça para que Bear prosseguisse.

— Seria uma honra para mim fazer isso — disse Bear. — Você não precisa fazê-lo.

— Sim, preciso, definitivamente preciso — engasgou Stephen.

Bear pegou duas pás, entregando uma a Stephen. Ele começou a encher a cova com terra, forçando a mão para virar a primeira pá cheia de terra para a cova. À medida que a terra escorregava lentamente da pá, uma dor aguda cavava um buraco em seu coração. Quando terminaram, ele sentiu como se não tivesse mais coração.

Ele bateu carinhosamente na terra macia antes de apanhar a primeira pedra.

Grandes lágrimas umedeceram a terra do pequeno túmulo.

CAPÍTULO 24

Por vários dias, Jane não conseguiu falar com ninguém sobre sua tristeza, como se falar sobre ela fizesse tudo acontecer de novo. Quando tentava conversar com alguém, mesmo com Stephen, nenhuma palavra lhe chagava, apenas lágrimas. Seus sentimentos ainda eram muito recentes para que pudesse expressar.

Em vez disso, flutuava em devaneios sobre a casa da fazenda e as colinas circundantes e montanhas deslumbrantes. Foram tão felizes ali. A maternidade era alegre e calorosa, não algo congelado pela tristeza amarga da dor. Mas aquela vida maravilhosa e duas filhas adoráveis se foram. Para sempre. Nada mudaria isso. Não importava o quanto tentasse, ela não sentia nada além de desespero impotente.

Uma semana depois, Jane escreveu:

Nunca conheci tanta tristeza. Sinto como se meu coração estivesse sangrando dentro de mim. Minhas duas bebês se foram — arrancadas dos meus braços por um ladrão assassino contra o qual não pude defendê-las. Como você pode lutar contra algo que não pode ver?

Tive que deixá-las sozinhas, para trás. Odeio esse pensamento. Quase tanto quanto tê-las perdido.

Pelo menos elas têm uma à outra.

Sentei-me ao lado delas naquela última noite. Sabia que seria minha última chance de estar com elas. Os outros não souberam que eu voltei para o... — Ela quase não conseguiu escrever a palavra — ...túmulo delas, depois que todos fomos nos deitar. Bear deve ter me visto sair do acampamento. Ficou em guarda, em silêncio, durante toda a noite, a poucos metros de distância. Ele havia esculpido a lápide delas com um belo símbolo de amor eterno. Eu disse às minhas meninas, ali, ao lado do minúsculo local de descanso delas, o quanto eu sentiria falta delas. Disse-lhes para

não culpar o pai, que elas eram preciosas para ele e que sempre seriam. Disse-lhes que nada poderia separá-las dos nossos corações e do nosso amor.

Serei eternamente grata a Bear por sua vigília, por me dar paz de espírito enquanto passava aquela última noite com minhas filhas.

Não posso conversar com Stephen. Sinto que também o perdi. No começo, eu queria que ele me abraçasse. Ele tentou, e eu o empurrei. Várias vezes. Agora é tarde demais. Ele parou de tentar. É melhor assim, não quero nem falar com ele, que ele saiba o quão amarga me tornei. Não acredito no que está acontecendo comigo. Estou começando a culpá-lo, e isso está me fazendo me odiar.

Também estou com medo. Tenho medo de ter o bebê que carrego. Temo perdê-lo também se continuarmos com essa viagem difícil. Nunca deveríamos ter deixado nosso lar feliz. Se não tivéssemos deixado, eu ainda teria todos as minhas bebês e um lar para o nosso filho. Agora, não tenho nenhum.

Stephen ficava longe de todos tanto quanto possível. Normalmente lacônico, passara a semana anterior ainda mais quieto, mal falando. Sam havia tentado estabelecer contato com ele várias vezes, mas ele não queria saber disso. Sua mente permanecia atormentada pela culpa, e nada que Sam pudesse dizer mudaria o fato. Mas parecia que seu irmão mais velho não desistiria tão facilmente.

Conduzindo Alex, com um sol brilhante da manhã nas costas, Sam andou a passos largos na direção dele, enquanto Stephen selava George.

— Pelo que me lembro do que Possum Clark disse, podemos encontrar Cherokees à frente — disse Sam.

Stephen apertou a cilha, puxando-a com mais força quando então o garanhão bufou.

— Então vou manter os dois olhos bem abertos e as duas pistolas carregadas — disse ele, mais abruptamente do que pretendia. Ele afivelou a correia. — Como está o tornozelo?

— Não dói, mas ainda não consigo colocar todo o meu peso sobre ele. Já está quase bom, contudo. Dá para me arranjar.

Eles montaram seus cavalos e se acomodaram nas selas.

— Você precisa prestar mais atenção em Jane. Ela também está sofrendo. Sei que você está passando por tempos difíceis, mal consegue lidar com a própria dor, muito menos a dela também, mas precisa compartilhar seu sofrimento, para que ela possa compartilhar o dela com você. Do contrário, há uma chance real de que ela se torne ainda mais melancólica, talvez nunca supere isso.

— Ela deixou claro que quer ser ficar sozinha. Ela é forte. Ficará bem no devido tempo — disse Stephen. Ele colocou o chapéu bem firme e cavalgou, ficando bem à frente dos outros, ouvindo o som rítmico de George andando e o rangido do couro da sela. Seu coração também parecia gemer como o couro. Ele precisava fazer algo para se aproximar de Jane.

Stephen passeava com Martha a seu lado, feliz por ter concordado em caminhar com ela naquela noite. Existe algo importante em caminhar com um filho. É o tipo de coisa simples que você se lembra anos depois, quando as lembranças de eventos maiores desvanecem.

Eles decidiram colher flores para Jane, para tentar animá-la. Martha sabia que sua mãe ainda sofria muito e achou que as flores poderiam ajudar.

Ele segurou a mãozinha de Martha. Parecia tão macia e frágil. Lembrava-se claramente da primeira vez em que segurou a mão minúscula de sua primeira filha — o orgulho paternal que o tomou e a súbita necessidade de criar um futuro significativo para ela. Um filho tem um modo de fazer com que um homem queira tornar sua vida importante.

O passeio trouxe outra lembrança. Seu pai, também chamado Sam, havia feito um esforço especial para levar o filho mais novo com ele, enquanto fazia sua avaliação diária sobre a fazenda e as colinas acidentadas ao redor. Para Stephen, esse era sempre um momento especial com o pai. Algo que apenas os dois fizeram juntos. Seu pai nunca pediu que os meninos mais velhos fossem com ele. Talvez porque entendesse o quanto Stephen amava a terra

mais do que os outros. Talvez seu pai tivesse visto a paixão que Stephen sentia por seu lar enquanto cavalgava sem sela pelo pasto. Ou o homem viu a pura alegria em seus olhos quando lhe deu seu primeiro potro? Ou a admiração em seu rosto enquanto juntos observavam um bezerro nascer?

Juntos, haviam observado o bezerro recém-nascido encontrar as tetas da mãe, e o pai lhe falou da importância da terra. Stephen ainda se lembrava de suas palavras:

— Como de costume, seu irmão mais velho Sam herdará a área cultivada de nossa família. Mas você deve encontrar um lugar nesta boa terra para chamar de seu. Para cada homem, há uma mulher especial, apenas para ele. E, acredito, também há um pedaço de terra que é só seu. Você deve encontrá-lo. Pode ser que não o encontre aqui. É difícil encontrar terras e os impostos pioram a cada ano. Mas deve encontrá-la ou nunca será o homem que deve ser.

Ele nunca se esqueceu dessas palavras. Quase podia sentir a mão grande e forte de fazendeiro do pai e sentir o cheiro da boa terra nele. E as palavras do pai ficariam gravadas para sempre em sua mente. Ele tocou a bolsa de terra dentro do casaco.

Examinou a mão de Martha. Seria ela capaz de andar em sua própria terra, com seu próprio filho algum dia, e segurar a mãozinha de alguém de outra geração? Conseguiria ele mantê-la segura até lá? Teria que conseguir. Ele faria tudo que fosse necessário para lhe garantir esse futuro. Prometeu a si mesmo que não deixaria nenhum mal acontecer com ela. Nunca.

E, claro, seria bem-sucedido nessa busca por terra. A necessidade de ter uma terra não era só dele — durou três gerações. Para seu pai, para si mesmo, para seus filhos, ele teria que encontrar a terra deles.

Notou que Martha dava dois passos para cada um que ele dava, então diminuiu o passo. Não podia acreditar que havia chegado tão perto de perdê-la também para aquele demônio do Bomazeen. Emoções horríveis chegaram rapidamente à superfície de sua mente, como uma panela cheia demais prestes a transbordar. Engoliu em seco, lutando para recuperar o controle de suas emoções já instáveis.

— Algumas flores lindas estão ali, papai — disse Martha, apontando para um grupo de margaridas amarelas selvagens.

— Sim, sua mãe gostaria delas. Escolha algumas, mas preste atenção nas cobras.

Ela as colheu gentilmente, uma por uma, e formou com cuidado um grande buquê.

— Foi muito doce da sua parte pensar em fazer isso por sua mãe — disse ele, enquanto voltavam para o acampamento. À medida que a culpa aumentava em seu peito, ele abaixou a cabeça e os olhos, arrependido por não ter tentado fazer mais por Jane.

Nem sequer havia conseguido falar com ela. Mesmo olhar para ela era difícil — o brilho ardente dos olhos verdes dela estava extinto. Sempre que seus olhos se encontravam, ela o fitava com o olhar desfocado daqueles que se viam desamparados diante do terrível poder da morte.

— Ela ainda está triste — disse Martha.

— Todos estamos.

— Quando vamos deixar de ficar tristes?

— Alguns de nós se sentirão melhor em breve. Outros irão demorar mais.

— Acho que você vai demorar mais — disse ela.

Ele se ajoelhou e a abraçou, uma lágrima escorrendo dos olhos. Martha estava certa.

Stephen voltou ao acampamento irritado porque não havia tentado ajudar Jane.

— Pare de afiar a faca — retrucou para Sam. — Está afiada o suficiente a ponto de cortar rochas bem sólidas.

Só que ainda lhe escapava como poderia ajudá-la. Lembrou-se de ouvir a carroça chiando naquele dia. Os punhos dele se apertaram ao redor da borda da roda.

— Vamos consertar esta roda barulhenta — disse a John. Bear e William haviam saído para caçar a refeição da noite. — Faz um barulho estridente, que provavelmente irrita Jane. Nesse momento, preciso fazer tudo o que puder para aliviar a mente dela.

— Precisa apenas de um pouco de graxa — sugeriu John.

No momento em que pegou a caixa de suprimentos para procurar a graxa, uma flecha passou por John, batendo na tampa da caixa, não o alcançando apenas pela largura de um dedo. John agachou-se ao lado da roda e pegou seu rifle.

Outra flecha cantou no ar, prendendo o braço de Stephen ao lado da carroça. Ele uivou de dor e cerrou os dentes. Tentou puxar o braço para tirá-lo da flecha. Sua carne começou a dilacerar. Sua pele e o tecido de lã resistente da jaqueta estavam presos com firmeza.

— Jane, esconda as crianças. Índios! — gritou Stephen. Jane estava em algum lugar do outro lado da carroça e ele teria que chegar até ela logo, mas a flecha o havia prendido e exposto.

Ele se virou na direção em que as flechas haviam vindo e viu um índio puxando o arco para trás.

— Cherokees — gritou Sam, enquanto apontava seu rifle.

A flecha bateu na roda, quase alcançando a perna de Stephen.

Sam atirou e os índios guerreiros caíram.

— John, dê cobertura a mim enquanto liberto Stephen. — Sam pulou e usou a faca, cortando o centro da flecha como se fosse feita de papel. Em seguida, Sam pegou a flecha e a arrancou da madeira.

Stephen ofegou assim que o braço ficou livre e caiu no chão, o eixo da ponta da flecha ainda embutido na pele. A flecha havia perfurado a parte inferior do braço esquerdo, abaixo do bíceps. O suor se acumulava no rosto enquanto ele lutava contra a ferroadada ardente que se espalhava pelos músculos do braço como dentes de uma armadilha.

Um índio guerreiro levantou-se de seu esconderijo nas árvores.

John disparou, mas errou.

Jane admirava o buquê que Martha havia lhe dado minutos antes. Inalava o adorável perfume adocicado, saboreando a fragrância. As flores haviam suavizado a dor em seu coração, como Martha

esperara. As pétalas amarelas brilhantes a fizeram sorrir apesar de tudo.

Então, ouviu o aviso de Sam e olhou para cima.

Primeiro, notou os olhos do índio — brilhando com a expectativa ansiosa de um guerreiro prestes a matar. Podia sentir o cheiro selvagem dele — um cheiro rústico e primitivo — mais aterrorizante para ela do que a machadinha que descia sobre sua cabeça porque... ele cheirava a Bomazeen. O cheiro a paralisou.

O tempo congelou.

Ela pensou em ver Mary e Amy de novo. Quase podia vê-las entre ela e o índio. Queria estender a mão, passar o dedo pelas faces macias. Queria abraçá-las em seu peito. Seus seios doíam por sua bebê.

Então, viu William atirar a pistola nas costas do índio guerreiro e, em seguida, correr em sua direção, enquanto Bear mantinha o rifle apontado para a densa floresta.

A força de uma bala jogou o guerreiro para a frente. A cabeça dele caiu de bruços aos pés dela. Sangue escorria do buraco da bala.

Por alguma razão, as flores caíam de sua mão, espalhando-se sobre as costas do índio morto.

Ela não podia fazer nada além de olhar fixamente para as pétalas, algumas delas agora cobertas pelo sangue do guerreiro, fazendo com que as alegres pétalas amarelas assumissem a cor da morte.

De repente, Jane percebeu o que estava acontecendo. William a agarrou quando o terror a atingiu.

Stephen suspirou aliviado enquanto William carregava Jane para a traseira da carroça e quase a jogou para dentro. Ele e Bear deviam ter voltado correndo para o acampamento quando ouviram tiros.

— Quantos mais existem? — gritou William. — Acabei de matar um atrás de você. Bear e eu estamos protegidos.

— Atiramos em dois deste lado — respondeu Sam, gritando, quando ele e John terminaram de recarregar as armas. Então, Sam

pegou a flecha que estava no braço de Stephen, quebrou a ponta e puxou o eixo restante pelo outro lado do braço.

Stephen cerrou os dentes com força ao sentir a dor. Outra flecha passou zunindo. Não era hora de pensar em sua ferida. Ignorando a dor, ele pegou o rifle.

— Há pelo menos mais um — sussurrou Sam, virando o rifle na direção da floresta.

Stephen não conseguia equilibrar o rifle para mirar por causa da ferida. Em vez disso, puxou suas pistolas, mas sabia que elas só seriam eficazes a curta distância.

— Stephen, as crianças estão se lavando no riacho — gritou Jane, com desespero na voz. — Meu Deus, acabei de enviar Marta para se juntar a eles. — Ela pulou da carroça, prestes a correr na direção das crianças.

Stephen pulou e a agarrou, empurrando-a de volta para dentro.

— Não, deixe-me ir! — gritou Jane, lutando para se libertar do aperto firme dele.

— Fique com William — gritou ele. — Eu vou. — Ignorando o intenso latejar no braço, ele correu na direção das crianças, com as pistolas ainda empunhadas. Disparou uma em questão de segundos quando um Cherokee, escondido atrás de um grande aglomerado de pedras, pulou em sua direção.

Atrás dele, Stephen ouviu mais tiros, mas ainda assim correu na direção do riacho com todas as forças que pôde encontrar nas pernas. Precisava alcançar Martha e as outras crianças antes dos Cherokees. Apenas uma hora antes, enquanto caminhavam, ele havia prometido a si mesmo que a manteria segura. Cumpriria sua promessa ou morreria tentando.

Enquanto subia a colina, as crianças corriam, com Martha à frente, em sua direção. Chorando e segurando desesperadamente a boneca velha, Polly caiu. Martha correu de volta até ela e a ajudou.

Assim que alcançou as crianças, Stephen agarrou os três à sua volta e os colocou atrás dele. Tentou recarregar a pistola, mas o sangue escorria do braço, cobrindo o punho da arma, deixando-a escorregadia. Enquanto lutava para lidar com a arma, John e Bear correram, pistolas empunhadas. Os dois homens adotaram uma

postura protetora ao redor das crianças e Stephen, com as armas apontadas para as árvores.

— Sam e William ficaram com Jane — disse John. — Existem mais deles?

— Só vi aquele em quem atirei. Ele tentou se aproximar por trás de nós — respondeu Stephen, respirando com dificuldade. — Mais algum no acampamento? — Stephen examinou a floresta e o riacho em busca de mais sinais dos agressores.

— Não ouvi mais tiros — disse John. Ele colocou o braço em volta do ombro de Johnny e puxou o filho para trás de suas longas pernas.

— Talvez tenha sido um grupo de caça que toparam conosco — disse Bear.

— Mamãe está bem? — choramingou Martha.

— Sim, William a salvou — disse Bear.

Graças a Deus, pensou Stephen. Queria voltar para perto dela o mais rápido possível. Ele agarrou a mão de Martha e pegou Polly com o braço não ferido.

— Vamos nos apressar agora!

— Se foi um grupo de caçadores, não estamos longe de outros deles — alertou Bear.

— Vamos sair daqui — vociferou Stephen.

Era tarde da noite quando finalmente pararam. Escolheram um local para o acampamento que lhes dava alguma proteção por trás e boa visibilidade pela frente. Assim que se acomodaram, Stephen sentou-se sobre o baú de Jane e, à luz de uma pequena lâmpada de óleo, ela limpou o sangue endurecido do ferimento e aplicou uísque quente, pomada e curativos. Mas nenhum dos dois falou com o outro enquanto ela trabalhava. À medida que o silêncio se prolongava, ele ficava mais desconfortável. Parecia muito pior do que sua ferida.

Precisava dizer alguma coisa para aliviar a tensão cada vez maior entre eles. Mas, o quê? Estava claro que Jane o culpava pela morte das filhas. Ele não conseguiria mudar isso. Nada que pudesse

fazer ou dizer poderia mudar os acontecimentos. Mas precisava tentar.

— Jane, eu amo você. O que aconteceu nunca vai mudar isso.

A boca de Jane se abriu quando ela começou a falar, e o coração dele doeu, esperando o que ela tinha a dizer. Então, sem dizer uma palavra, um olhar vidrado de desespero se espalhou pelo rosto dela.

Sua centelha de esperança evaporou-se rapidamente.

Talvez fosse melhor deixá-la em paz, para que resolvesse seus sentimentos. Ela falaria com ele quando estivesse pronta. Pelo menos era assim que esperava. Poderia perdê-la também? Ela o deixaria? Retornaria para New Hampshire? Ele morreria por dentro se isso acontecesse.

Nos primeiros dias após a morte das meninas, ainda em choque, ele não podia nem falar — agora, não queria falar, admitiu. Tinha medo de dizer algo errado e piorar tudo. Além disso, não fazia ideia do que dizer. Não conseguia encontrar conforto para si mesmo, muito menos para ela. Ele permaneceu infeliz, desanimado e cheio de dúvidas. Certamente, não queria que ela soubesse o quanto duvidava de si mesmo. Não queria que ninguém soubesse.

Ele jogou o palete no chão com força, lembrando-se de sua ferida tarde demais. Pelo menos a dor o distrairia de sua infelicidade. Maldição, Edward estava certo.

CAPÍTULO 25

Na noite seguinte, Stephen decidiu tentar falar com Jane de novo.

O silêncio dela enquanto limpava a sua ferida o enervou. Aquilo já havia durado o suficiente. Ela se mantivera ocupada a tarde inteira. Ele imaginou que ela estava tentando fazer a parte dela porque todos dependiam muito dela, mas ele podia dizer que o coração dela não estava nas suas ocupações. É difícil se preocupar com qualquer coisa quando seu coração está partido. Ele imaginou que o que a mantinha seguindo era saber que Martha, Polly e Johnny tinham necessidade dos cuidados dela.

Agora, estava sentada, sozinha, bem longe dos outros, escrevendo à luz de uma pequena lamparina a óleo. Porém, quando ele se aproximou, ela parou de escrever. As mãos dela secaram as lágrimas com o avental.

Sua coragem afundou no peito, como uma pedra jogada em um lago, com ondas de medo deixadas atrás de si. Talvez devesse deixá-la em paz.

De qualquer modo, o que poderia dizer? Nenhuma palavra poderia melhorar a situação.

Nunca foi um homem de palavras vazias. Preferiria não dizer nada.

Mas precisava, pelo menos, tentar encontrar as palavras certas para confortá-la, confortar os dois. Parou na frente de Jane e ela o olhou com olhos vermelhos e inchados.

Ele encostou o rifle em uma árvore e se agachou lentamente ao lado dela. Quase não reconhecia a mulher diante dele. A tensão marcava o rosto dela e o medo, forte e vívido, brilhava em seus olhos. O queixo dela tremeu. Doía-lhe olhar para ela. Porém, se queria ajudá-la, precisava assumir um pouco dessa dor.

Preparou-se e orou, pedindo coragem.

— Sobre o que está escrevendo? — perguntou, gentilmente.

Jane apenas o olhou. Engoliu em seco, como se estivesse tentando conter as emoções. Parecia querer amordaçá-las. Amordaçar todas as palavras que vinha contendo desde que as

crianças os deixaram. Ele viu todos os sentimentos turbulentos e obscuros que ela havia tentado reprimir com firmeza, uma bebida venenosa fervendo logo abaixo da superfície.

Desejou que ela deixasse escapar esses sentimentos. Quanto mais ela tentava suprimi-los, mais sombrios eles se tornavam.

Precisava chegar até ela ou poderia perdê-la para sempre.

— Fale alguma coisa — implorou ele. — Por favor.

Ela o olhou. Os olhos dela se encheram de tanto desdém que ele desejou cair de joelhos de tristeza.

Então uma enxurrada de palavras amargas abriu caminho entre soluços desesperados.

— Acabei de colocar as datas de suas mortes ao lado de seus nomes na Bíblia da família. Imagina o quanto me custou? Como minhas mãos tremiam pela tristeza que isso me causou? Agora, estou escrevendo sobre como meu coração está sangrando de dor. Como tive que deixar o que era tão precioso para mim em um lugar qualquer. Nem sei onde é, exatamente. Ou se poderei encontrá-lo novamente.

A raiva presente nos olhos dela o queimava como fogo.

— Jane. — Ele falou o nome dela, implorando, esperando que isso traria de volta a mulher que ele conhecia.

Ela se levantou e se afastou dele e, em seguida, voltou-se, quando mais raiva se apoderou dela.

— Você nos trouxe para esse sofrimento. Por que colocou nossas meninas nesse perigo? Vamos perder Polly e Martha também, antes de percebermos que tudo foi um erro horrível? Quase as perdemos para aqueles Cherokees hostis. Deus não permita, e se eles as tivessem levado, no riacho? Nossas filhas nem podem lavar a terra de seus rostos com segurança. Precisamos vigiá-las a cada minuto a partir de agora. Chegamos perto demais de perder todas as nossas filhas. E Johnny. E as meninas quase perderam o pai. Mais alguns centímetros e essa flecha teria atravessado seu coração. Eu teria perdido você!

Ele estendeu a mão na direção dela, mas ela se afastou.

— E tudo o que consegue fazer é correr ainda mais para dentro desse inferno para o qual nos trouxe.

As palavras dela cortaram seu peito como uma lâmina. Um dia, ele conseguiria lidar com a agonia de perder suas filhas, mas não poderia lidar com essa situação. Essa, não.

— Jane, não faça isso — implorou ele.

— Quero sair deste inferno sem fim. Leve-me de volta — chorou ela.

— Não há como voltar atrás.

— Você é tão orgulhoso, tão teimoso que não admite que essa viagem foi um erro terrível — gritou ela.

— Não quero ouvir isso.

— Durante dias, você não falou comigo, sequer me olhou e agora se atreve a me dizer que não quer ouvir o que sinto? Quero minhas bebês de volta — gritou ela, com tanta ferocidade que ele deu um passo para trás.

— O céu as tem agora — disse ele, simplesmente.

— Maldito seja você, eu sei disso, mas ainda as quero. Eu as quero tanto que gostaria de poder me juntar a elas. Se não fosse Polly e Martha, eu me juntaria — disse ela, entre soluços desesperados.

Ele não podia acreditar no que acabara de ouvir. Estendeu a mão na direção dela mais uma vez, mas ela se afastou e virou as costas para ele.

Seu desprezo palpável preenchia o ar entre eles como um nevoeiro opressivo.

— Pare com isso. Você não está agindo normalmente. Aceito a culpa pela morte delas, mas isso não as trará de volta. — Ele era o chefe daquela família. Foi o principal responsável pela decisão. Deveria aceitar a culpa. Expôs sua família ao perigo.

Talvez tivesse subestimado os riscos porque queria desesperadamente partir. Havia usado a segurança dela como desculpa para partir? Havia usado a ameaça de Bomazeen como um bilhete para ir embora? Mas ele acreditava que era o que Deus queria. Sua fé havia falhado também?

— Você tem ambição por terras. O que fez foi nos trazer para uma viagem perigosa por causa de algum pedaço de terra — disse ela, com a voz ficando cada vez mais fria. — Você valoriza a

perspectiva de possuir terras mais do que valoriza sua família. Sua ambição é mais forte que seu amor por nós?

Ele queria dizer alguma coisa. Mas, mudo de por se sentir tão miserável, as palavras não lhe vieram à boca, apenas uma bÍlis amarga.

Afastou-se dela, com a alma despedaçada sob o peso terrÍvel da dor dela e da própria culpa.

Não havia como consertar aquilo. Olhou para a terra embaixo dele, quase oscilando de angústia. Ela estava certa? Ele havia permitido que sua fome por terras e riquezas se tornasse mais importante do que sua família?

Nunca! Sua família significava tudo. Uma sensação de força o tomou e seu desespero diminuiu. Ele se virou e a encarou.

Sem vacilar, corajosamente enfrentou os olhos dela. Ainda havia uma chance de fazê-la entender. Não desistiria.

— Não. Minha ambição não é mais forte que meu amor. — Ele balançou a cabeça decidido. — Não há nada na terra tão forte quanto o meu amor por você e pelas meninas. Também não há nada neste mundo que eu valorize mais que você. — Ele estendeu os braços para ela pela terceira vez, mas desta vez ela não se esquivou. Ele olhou diretamente nos olhos dela.

— É por isso que não posso voltar atrás. Não falharei com Martha e Polly, ou com você, voltando. Um futuro melhor está esperando por todos nós. Acredito nisso com todo meu coração, alma e mente. Algum dia, você também acreditará.

Ele estudou o rosto dela. As lágrimas haviam parado de descer, mas ela não disse nada.

Stephen a tomou nos braços e a abraçou com desespero. Ela tentou se afastar, mas ele interrompeu sua fuga e beijou o alto de sua cabeça. Então, pegou o rifle e caminhou contra o vento cada vez mais forte.

CAPÍTULO 26

Em um dia claro e brilhante, do tipo que traz esperanças ao coração, Stephen pôde ver uma carroça solitária a um quilômetro ou mais, à medida que se aproximava cada vez mais deles na Trilha Selvagem. Não viram cavaleiros montados, apenas a carroça puxada por uma parelha de cavalos.

— Gostaria de saber quem são e por que estão indo para o leste — argumentou John.

— Não é da nossa conta — disse Stephen. Ele tinha pouca necessidade ou tolerância com estranhos, ao contrário dos irmãos, que estavam sempre ansiosos por notícias ou interação com companheiros.

— Certifiquem-se de que suas armas estejam carregadas caso haja problemas. — Muitas vezes, John esquecia de carregar sua arma.

— Vou cavalgar mais à frente e conversar com eles — disse Sam.

— Por quê? — perguntou Stephen.

— Porque posso jogar uma faca mais rápido do que você pode atirar — disse Sam, com um meio sorriso. — Além disso, se são pessoas amigáveis, você pode assustá-los com essa cara feia no rosto.

— Não existe cara feia no meu rosto. Foi assim que meu criador me fez — respondeu Stephen.

— Deus devia estar de mau humor nesse dia — brincou William.

Todos os homens riram, exceto Stephen. Não conseguia nem sorrir, desde que as meninas morreram. E ele e Jane haviam trocado poucas palavras importantes por mais de duas semanas. Ele havia tentado conversar com ela e foi desastroso. Não iria passar por aquilo de novo. Esperava que ela logo se restabelecesse o suficiente para pelo menos falar com ele. Sentia falta dela, desesperadamente. Queria sua esposa — sua outra metade — de volta.

— Vou com você — disse Stephen a Sam.

Poucos minutos depois, os dois trotavam seus cavalos em direção à carroça, parando quando avistaram o rifle apontado para eles.

— Parem os seus cavalos aí ou vou atirar em vocês — gritou uma mulher, com um tom ameaçador de aviso.

Eles recuaram suas montarias um pouco, não querendo assustá-la.

— Bom dia, senhora. Não há necessidade de nos temer. Somos de New Hampshire, viajando para Kentucky; a família Wyllie e Bear McKee. Sou Sam Wyllie. A maioria só me chama de capitão Sam.

Stephen viu Sam absorvendo a espantosa visão que ela era enquanto falava. Mesmo a distância, a mulher era deslumbrante. Não o surpreendeu que Sam notasse. As maçãs do rosto altas e a mandíbula forte a faziam parecer quase nobre e refletia a força interior que ele ouvia em sua voz. Ela usava um deslumbrante vestido floral azul que parecia incongruente em uma mulher guiando uma carroça em uma área rural remota. Sua pele clara fazia seus olhos azuis escuros parecerem ainda mais intensos. A única concessão que ela parecia ter dado à praticidade em sua aparência era o cabelo. Penteados em uma longa trança grossa, seus cabelos negros caíam pelas costas.

Ela abaixou o rifle enquanto Stephen e Sam se aproximavam cautelosamente.

— Prazer em conhecê-lo, senhor — disse a Sam quando eles a alcançaram. Ela inclinou a cabeça educadamente para Stephen.

— A senhora está sozinha? — perguntou Sam.

— Sim. Salteadores mataram meu marido ontem de manhã. Havia três deles. Foi uma emboscada. — Ela engoliu em seco e respirou fundo, obviamente lutando contra as lágrimas. — Sempre soubemos que era possível que índios hostis pudessem nos atacar, embora meu marido fosse bastante habilidoso com armas e trouxéssemos bens comerciais para barganhar por nossa segurança. Mas nunca imaginei que homens brancos pudessem nos matar. Depois que o mataram, um deles tentou me atacar. Então, roubaram o cavalo e a sela do meu marido e a maioria dos meus objetos de valor.

— Como conseguiu sobreviver a essa provação terrível? — perguntou Stephen.

Ela tirou uma adaga considerável de uma bainha na cintura.

— O que me tocou ficou com a barriga cheia de furos. Presumo que os outros dois foram covardes, então fugiram. Ou talvez não suportassem matar uma mulher.

Stephen ficou furioso só de ouvir a história que ela contou. Assassinar, agredir mulheres, roubar e furtar cavalos não deveriam ser tolerados.

— Não se preocupe, a senhora está entre homens cristãos agora — disse ele, enquanto desmontava.

Ela desceu para apertar a mão estendida de Stephen. Arrancou uma luva grosseira e estendeu a mão para Sam depois que ele também desmontou.

— Capitão — disse ela. — Sou Catherine Adams.

— Como você conseguiu chegar tão longe, sozinha, Sra. Adams? — perguntou Stephen.

— Não tive escolha. Fazemos o que devemos. Antes de deixarmos Boston, nunca sonharia que poderia sobreviver um dia sozinha em território selvagem, muito menos matar um homem. Mas aprendi bastante desde então, desde atrelar uma parelha de cavalos a uma carroça até acender uma fogueira.

— Para onde está indo? — perguntou Sam.

— Não quis adentrar ainda mais em um lugar desconhecido sozinha, então dei meia volta e segui para o leste, esperando encontrar algumas pessoas respeitáveis como os senhores, antes do anoitecer.

— A senhora não está sozinha agora. Quando tiver descansado e se alimentado, pode nos contar mais sobre o que aconteceu. Eu a ajudarei a desatrelar essa parelha — ofereceu Sam.

— Leve sua parelha para mais perto do riacho lá em baixo — sugeriu Stephen. — Vamos acampar aqui.

Quando encontrou o resto do grupo, Catherine pareceu especialmente encantada por conhecer Jane. E Jane a aceitou

como se fossem amigas de longa data.

— Poder conversar com outra mulher é uma bênção — disse ela, enquanto trabalhava a massa para os biscoitos do jantar. — Não falo com outra mulher há semanas. Tenho estado tão sozinha... especialmente depois... que minhas duas meninas mais novas morreram no mês passado. — Ela lutou contra as lágrimas.

— Sinto muito — disse Catherine. — Deve ter sido horrível para você.

O silêncio pairou desconfortavelmente entre as duas. Finalmente, ela conseguiu falar sem chorar.

— Deus me ajudará a ultrapassar este vale. Ele vai me tirar daqui.

— Você parece ser uma mulher de fé excepcionalmente forte. Gostaria de poder dizer o mesmo em relação a mim mesma — disse Catherine.

— Alguém disse uma vez que, sem fé, somos muito parecidos com vitrais no escuro. Somente com a luz de Deus nossa beleza interior pode brilhar.

— Isso é muito inspirador.

— Catherine, minhas sinceras condolências pela perda de seu marido.

— Vou sentir falta dele. Ainda não acredito que ele realmente se foi.

A voz de Catherine estava estranhamente calma e não parecia a Jane que ela sofria como uma esposa normalmente se sentiria após perder o marido. Talvez fosse porque Catherine não tivesse amado o marido.

— A morte é tão difícil de aceitar — disse Jane. — Continuo pensando que deve haver algo que eu possa fazer para trazer minhas filhas de volta. Simplesmente não consigo descobrir o que é. Isso me faz me sentir culpada, mesmo sabendo que não há nada que eu possa fazer, é claro. Não faz sentido, eu sei, mas é assim que me sinto.

Martha correu e deu um abraço na mãe.

— Ela é tão linda, mamãe — disse Martha, olhando fixamente para Catherine. — Ela consegue trançar meu cabelo assim?

— É claro que consegue, mas hoje ela está muito cansada. A pobre querida precisa de um pouco de descanso, paz e sossego. Agora vá dizer aos outros que nossa refeição está quase pronta e que eles precisam se lavar.

Junto com biscoitos quentes, o grupo desfrutou de um jantar com coelhos assados e a última batata-doce que Jane havia trazido. Quando terminaram, ela sorriu, satisfeita por todos os membros do grupo tentarem fazer Catherine se sentir bem-vinda. Até Stephen a fez se sentir à vontade, embora ele não tivesse falado muito.

— Você poderia ser um vaqueiro decente se soubesse jogar uma corda — disse Sam, ao observar William praticando seu lançamento de corda depois que comeram. O laço errou seu alvo de treino e caiu, frouxo, no chão.

— Posso lançar uma corda muito bem. Conseguir que ela envolva o pescoço é o meu problema — disse William. Ele juntou a corda em voltas.

— É porque tudo que você praticou foi captura de mulheres, e a maioria delas não estava correndo muito depressa — repreendeu Sam.

— Estou prestes a treinar a captura da espécie masculina. À primeira luz do dia, irei atrás daqueles dois bastardos que assassinaram o marido da Sra. Adams. Onde vocês acham que ficaria a prisão e o juiz mais próximos? Em Cat Springs? — perguntou William.

A única que pareceu surpreendida pela declaração de William foi Catherine.

— Você não pode simplesmente ir atrás daqueles assassinos. Podem matá-lo também. Não quero que se arrisque. Por favor, não vá — implorou ela.

— Minha honra o exige, Sra. Adams. Posso não ter um título oficial agora, mas ainda sou um homem da lei e é meu dever defendê-la. Sou moralmente obrigado a ir atrás deles. Meus irmãos vão concordar.

Catherine olhou em volta.

— Nenhum de vocês o impedirá de arriscar sua vida?

— Ele está certo — disse Stephen. — Eles precisam ser encontrados ou podem nos atacar mais adiante na trilha. Eles

mataram seu marido a sangue frio e o farão de novo. Melhor irmos atrás deles do que arriscar uma emboscada mais tarde. — Ele se virou para William. — Vou com você.

O coração de Jane afundou, mas Stephen estava certo. Os assassinos precisavam ser encontrados.

— Eles têm quase dois dias de vantagem sobre vocês. Vocês não sabem para onde foram — argumentou Catherine.

— William é um excelente rastreador. Stephen também — disse Sam. — Stephen cresceu rastreando nas montanhas e colinas. Assim que encontrarem o acampamento onde vocês foram atacados, saberão para onde os assassinos foram.

— Também irei — ofereceu-se Bear.

— Não — disse Stephen. — Quero que fique aqui para ajudar a proteger minha família.

— Gostaria que você e William reconsiderassem — disse Catherine.

— Os Wyllies não permite que assassinos e ladrões escapem com seus crimes — disse Jane.

— Você ficará bem protegida. Sam, Bear e John ficarão com você e as crianças — disse Stephen a Jane. — Não vamos demorar muito para encontrar os assassinos.

Ela não lhe disse uma única palavra. Nem naquela noite.

Mas pensou nele. Sobre o que havia acontecido com a família dela. Sentia falta das suas meninas. Ansiava por um bebê para segurar e cuidar. Sentia falta da maneira como Amy puxava o seu avental, querendo colo. Queria seu feliz lar de volta.

E sentia falta de amar o marido. Sentia falta dos braços fortes dele ao seu redor. Sentia falta de suas conversas. Ansiava por estar de volta nos braços dele.

Sentia falta da vida que tinham.

Poderia perdoá-lo?

Na manhã seguinte, todos concordaram em se encontrar em Cat Springs, cerca de uma semana a oeste de sua localização atual. Na noite anterior, Catherine havia feito uma descrição detalhada dos

dois homens e seus cavalos. Ela também lhes deu a localização aproximada do ataque e uma lista dos pertences roubados, incluindo uma descrição do cavalo do marido. William leu a lista e a colocou no bolso do colete.

Os dois saíram assim que o sol levantou, os fortes raios caindo sobre suas costas.

Jane fez uma oração silenciosa ao som dos cascos dos cavalos enquanto eles galopavam para longe. Não queria que nenhum dos dois se machucasse. Stephen estava montado em seu garanhão, reto e rígido, com os ombros largos, pronto para assumir o fardo de caçar os assassinos. Ela percebeu que havia colocado um peso terrível sobre aqueles ombros.

— Como pode ficar observando-os com calma, partindo atrás de assassinos? — perguntou Catherine.

— Não estou calma. — De fato, seu estômago estava apertado de apreensão. Mas, Stephen e William estavam nas mãos de Deus, do lado da justiça, e eram Wyllies. Ela disse a si mesma para não se preocupar. Procurando se convencer e convencer Catherine, disse: — Mas não vou me preocupar. É melhor que esses ladrões assassinos comecem a se preocupar, eles sim.

— Por que não lhe contou? — perguntou Catherine, depois que soube que Jane estava grávida, o motivo de seu estômago inquieto.

— Nossas duas meninas morreram há menos de um mês. Nós dois ainda estamos sofrendo. Estamos com dificuldades para lidar com a perda delas. Queria que a dor diminuísse antes de dizer qualquer coisa sobre esse filho.

— Como sabe que é um filho?

Jane acariciou o ventre.

— Apenas sei. Por alguma razão, conheço essa criança mais do que as outras que já gerei. Ainda não sei o motivo, mas sei que ele fará algo importante na vida.

Catherine piscou para afastar as lágrimas.

— Perdi nosso primeiro bebê no ano passado, em Boston. Essa foi uma das razões pelas quais eu queria partir nesta viagem, fugir

dessa lembrança. Não sei se poderei ter outro. O médico não tinha certeza.

— Sinto muito, Catherine. Você será abençoada com outro filho, se pretende ter mais.

— Primeiro, ele terá que me abençoar com outro marido quando eu voltar a Boston. Mas, desta vez, vou me casar por amor, não por causa do meu pai. Desde os quinze anos, o Sr. Adams era o homem com quem meu pai pensava que eu deveria me casar. Quando chegou a hora, não tive escolha. Todos, inclusive eu, acreditavam que eu me casaria com ele. Ele era um homem muito amável, com muita ambição; foi por este motivo que estávamos a caminho de Kentucky. Ele queria ter muitas terras para ter um negócio de madeiras. Mas sempre faltava algo em nosso casamento. Acho que era amor. Não vou me casar de novo até ter certeza de que sou amada.

— Por que quer voltar para Boston?

— Que escolha tenho? É lá que minha família está. Espero encontrar uma família respeitável como a sua viajando para o norte, o que me permitirá viajar com eles para uma cidade na costa leste. Poderei então pegar uma diligência para casa, de lá até Boston.

— Você tem outra escolha. Pode vir conosco. Pode se juntar à nossa família.

— É generoso da sua parte. Mas não serei um fardo para ninguém e não tenho ninguém no Kentucky — protestou Catherine.

— Você não será um fardo e nos terá. Eu poderia ter a ajuda e companhia de outra mulher. Permanecer sozinha com todos esses homens e crianças é mais que um desafio. Por favor, fique conosco, Catherine. Eu ficaria profundamente decepcionada se você partisse.

— Como sabe que poderemos ser amigas? Como pode confiar em uma mulher que mal conhece, perto de seus filhos? — perguntou Catherine, com um olhar para as crianças que brincavam.

— Da mesma forma que conheço meu filho que ainda não nasceu. Apenas sei — disse Jane.

— Eu ficaria honrada em ser seu amiga.

— Talvez eu precise de você. Nunca concebi as dificuldades e perigos extremos que enfrentaríamos. Está além de qualquer coisa que eu poderia ter imaginado. Você descobriu isso também. Nós

duas perdemos entes queridos. Se eu soubesse como seria, teria ficado em minha casa. Era pequena, mas confortável. — Lembrando-se da casa aconchegante, ela mal controlou a raiva.

— Sei que você ainda está com raiva. Essa raiva amarga gerada pela morte de uma criança fazia parte dos problemas entre mim e meu falecido marido.

— Stephen nunca deveria ter nos trazido para esta viagem — continuou Jane. — Talvez eu devesse ter me recusado a vir. Mas não tive coragem de destruir o sonho dele. E ele parecia irrefreável, assim como está agora. Implorei para ele dar meia volta. Mas ele não vai voltar atrás. Pelo bem de Martha e Polly, farei o melhor possível. Por favor, fique, Catherine. Admito que preciso de você.

Catherine encheu novamente a xícara de café, esperando um momento antes de responder.

— Ficarei temporariamente, até que William e Stephen voltem. Sinto-me responsável por eles terem deixado você e tenho que ter certeza de que retornarão em segurança. Mas, antes de tomar uma decisão final, quero falar primeiro com os outros.

— De acordo. E eles voltarão em segurança. — Ela rezou para estar certa e lembrou-se das palavras de Stephen. *Nada na terra é tão forte quanto o meu amor.*

CAPÍTULO 27

Foi a primeira vez que Stephen se juntou a William em uma perseguição a infratores da lei. Havia ouvido histórias sobre os instintos estranhos de seu irmão ao rastrear criminosos. Engraçado, William parecia não conseguir rastrear um cervo ou qualquer outro animal sem a ajuda dele ou de Sam, mas seu irmão tinha um sexto sentido para a mente criminosa.

Eles demoraram até o meio dia para chegar ao local do assassinato de Adams, um trecho solitário na estrada que levava a Lancaster, entre as aldeias de Coatesville e Gap. Estudaram a área durante algum tempo. Felizmente, não havia chovido desde o assassinato e eles encontraram várias pistas valiosas. Catherine havia enterrado o marido, mas não o homem que ela matou.

— Deve ter sido difícil para ela abrir uma cova e enterrar um marido sozinha — disse William.

Eles olharam para o local deserto, coberto de rochas. Deveria haver algumas centenas de pedras no túmulo.

— Você está certo, mas ela me parece o tipo de mulher que poderia fazê-lo — disse Stephen. — Com certeza ela fez o possível para dar um enterro decente ao marido. Deve ter levado horas.

Os lobos haviam deixado pouco do outro homem, exceto suas botas, pedaços de roupas e sua arma.

— Suas iniciais estão gravadas na coronha — disse William. — D R T. Se ele tem parentesco com os outros dois, e essa é uma possibilidade concreta, o sobrenome deles começaria com um T.

— A menos que ele tivesse roubado a arma de outra pessoa — sugeriu Stephen.

— É uma possibilidade, mas acho que não. As mesmas iniciais estão gravadas nesta faca. — William colocou ambas no alforje e montou em seu cavalo. — Terminamos aqui.

— Eles não serão difíceis de rastrear — disse Stephen.

— Não, as pegadas de quatro cavalos se afastam daqui: os cavalos dos dois que perseguimos, o cavalo de Adams e a montaria do ladrão morto. E esses caras são preguiçosos. Eles ganham a

vida roubando gente decente... preguiçosos demais para qualquer coisa difícil, como subir essas colinas através da floresta para dificultar seu rastreamento. Aposto que eles apenas seguirão a estrada até a próxima vítima ou cidade.

— Espero que não haja mais vítimas — disse Stephen.

Eles cavalgaram pelo campo desolado. Concentrando-se em seguir a trilha clara dos assassinos, William mal falou uma palavra. Isso convinha a Stephen, perdido em pensamentos sobre Jane. A paisagem também combinava perfeitamente com seu humor. Vazia e solitária.

Sentia falta do amor dela. Poderia recuperá-lo?

Eles seguiram as trilhas até o anoitecer, quando acamparam perto de uma fonte natural. Depois de um jantar frio de carne seca e biscoitos velhos, eles se espreguiçaram para dormir.

— Obrigado por ter vindo — disse William na escuridão.

— Não há necessidade de agradecimentos.

— Mesmo assim, fico feliz que esteja aqui.

Stephen esperou um momento antes de responder.

— Não tenho certeza se estou feliz por estarmos aqui.

— O que quer dizer? — perguntou William.

— Não estou falando sobre perseguir esses assassinos. Isso tinha que ser feito. Estou falando dessa viagem.

— O oeste é onde estão seus sonhos, onde estão nossos futuros, todos eles... até os de Jane, embora ela possa ter se esquecido disso em sua dor.

— Você acha que ela vai me perdoar?

A pergunta ficou suspensa na escuridão por vários momentos antes de William responder.

— Não há nada a perdoar; então, não. Sonhos sempre exigem sacrifícios. O importante é não deixar que esses sacrifícios sejam por nada.

— Por Deus, não vou deixar eles sejam por nada. — Ele rolou sobre o palete e puxou o cobertor sobre as costas, sinalizando o fim da conversa.

A partir de sua dor, surgiu uma nova determinação para descobrir o que viera buscar: sua terra e o futuro deles.

Ao amanhecer, os dois homens subiram nas selas, ansiosos para seguir o caminho de suas presas mais uma vez.

— É como rastrear um rebanho de vacas — disse William depois que iniciaram seu caminho. — Não são difíceis de seguir.

Stephen se ressentiu da analogia.

— Esses bastardos são mais parecidos com gambás do que com vacas. O Sr. Adams estava seguindo um sonho de ir para o oeste, exatamente como nós. Esses filhos de uma meretriz transformaram tudo em um pesadelo. Deixaram uma esposa viúva, roubaram-lhe os bens.

No final da tarde, a estrada bifurcava no extremo oeste do vale que eles haviam acabado de atravessar. William desmontou e soltou as rédeas. Treinado para ficar parado quando as rédeas estavam no chão, o cavalo castrado aproveitou a oportunidade para mastigar algumas folhas de grama, bufando alto entre mordidas. William caminhou uma curta distância pela estrada e voltou, estudando o chão, enquanto fazia o mesmo na direção oposta.

— Eles foram para o norte — disse William, por fim.

— Então vamos para o norte.

A trilha norte, pouco usada, logo se tornou uma subida íngreme. Os cavalos se cansaram escalando os declives cobertos de rochas.

— Vamos dar um descanso às nossas montarias no próximo córrego — disse William.

— Dar um descanso a elas ou a você?

— Preciso manter minha beleza descansada. É um hábito que você devia cultivar, a julgar por essa sua cara.

— Foi boa o suficiente para nosso pai, e é boa o suficiente para mim.

— Você se parece muito com ele. Acho que é por isso que todos nós deixamos você nos guiar. Achamos que vai nos dar uma surra como ele fazia com aquela maldita correia. Tudo o que ele precisava fazer era olhar para aquela correia para que eu me endireitasse.

George passou por cima de uma grande pedra.

— Se ele estivesse falando com você agora, diria que é hora de desistir de sua vida de solteiro, sossegar, se casar e começar a

trabalhar em sua própria fazenda. E, provavelmente, lhe daria uma boa surra.

— Vou sossegar quando chegar a hora certa e não antes. Não tenho vontade de cultivar. Quero estudar a lei e usá-la para ajudar as pessoas. Sem as regras da lei, nossas liberdades duramente conquistadas não podem ser garantidas. Aqueles que violam a liberdade e os direitos de um homem devem pagar um preço. É nisso que acredito e é o que pretendo fazer da minha vida. Um lugar como o Kentucky precisará de xerifes e advogados.

— E uma esposa? Você parece gostar bastante de mulheres. Já deveria ter encontrado uma adequada, a essa altura.

— É exatamente isso. Não encontrei uma de quem gostasse. — William riu. — Todas são atraentes, de modo diferente. Reduzir para apenas uma é impossível.

— É melhor você começar logo. Não será tão atraente para sempre. Existem alguns pelos brancos saindo dessas suas orelhas grandes.

William esfregou o cabelo ao lado da orelha.

— Brancos?

— De verdade.

Vendo a diversão nos olhos de Stephen, William riu, mas seus olhos ainda pareciam preocupados.

Eles pararam junto a um riacho que descia das encostas. Águas cristalinas fluíam e borbulhavam sobre rochas e pedregulhos coloridos, formados e polidos ao longo de séculos com a infinita paciência da natureza. Depois de tomar um drinque, ele estudou as colinas desoladas ao seu redor, repletas de abetos e cedros.

— Fique de olho em ursos e em pumas. Eles caçam nas colinas mais altas como essas — disse Stephen.

— Obrigado pela informação — disse William.

— Olhe — disse Stephen, apontando para um fio de fumaça escapando pelas copas das árvores. — Deve haver uma propriedade lá em cima.

Os dois homens montaram em seus cavalos e foram em direção à cabana.

— Não pense que são amigáveis — disse William.

— A única coisa que penso é que não são.

Eles cavalgaram um pouco, subindo o caminho, e então amarraram os cavalos em uma árvore. Ambos pegaram seus rifles e verificaram a pólvora em suas pistolas. Lenta e silenciosamente, subiram a pé pelo resto da colina. Escondidos atrás de um grande pinheiro, eles estudaram a pequena casa rústica por vários minutos.

A parte de trás da cabana recostava-se confortavelmente na encosta de uma colina coberta de rochas, fornecendo isolamento natural contra ventos e neves do inverno do norte. Uma varanda em ruínas cobria uma grande porta da frente. Troncos rústicos, cortados em seções de um metro e meio, formavam as três paredes. Os únicos sons que ouviram foram os de um esquilo pulando de galho em galho atrás deles e de galinhas procurando alimentos a uma curta distância da casa.

— Aquele curral está abrigando quatro cavalos e uma mula. É muito cavalo para um lugar como este — disse Stephen.

William balançou a cabeça, em concordância.

— Aquele alazão enorme com a mancha branca na pata direita traseira corresponde à descrição do cavalo de Adams. E os outros três são da cor dos cavalos dos três assassinos que ela descreveu. Nós os encontramos.

— Aquele alazão é um belo animal. Provavelmente foi por isso que mataram Adams.

— Ouvi dizer que, no território selvagem, os cavalos são mais valiosos que os humanos. Meu palpite seria que eles planejam levá-lo a um forte ou povoamento para vendê-lo — disse William. — Está muito quieto lá dentro. O que acha que estão fazendo?

Um grito de terror e agonia atravessou o silêncio.

Stephen olhou para William por uma fração de segundo antes de ambos saírem correndo em direção à pequena cabana.

— Fique quieto. Teremos a vantagem da surpresa — disse William.

William entrou silenciosamente na varanda, as duas pistolas sacadas, e fez um gesto para Stephen ficar do outro lado da porta.

A mulher gritou novamente, parecendo aterrorizada.

William irrompeu pela porta rústica da frente, pistolas sacadas.

Stephen entrou no quarto e avistou uma jovem, amarrada à cama, e seus dois agressores, um deles lutando para penetrá-la, o outro acariciando seus seios. Ela parecia ser pouco mais que uma menina.

Naquela fração de segundo, a raiva reprimida pelas mortes das filhas inundou a mente de Stephen. A pele arranhada e ensanguentada nos tornozelos e pulsos da garota o enfureceu. A visão daqueles dois animais saqueando o pequeno corpo fez a raiva explodir de todos os seus poros.

William travou a mira da pistola no homem que estava em cima da mulher, mas não atirou. Se o irmão dele disparasse, poderia atingi-la.

Olhando através da raiva de um pai, Stephen entendeu o que precisava fazer. Não podia ajudar suas filhas agora, mas poderia ajudar aquela jovem. Engatilhou a arma. Quando aquele que acariciava os seios pequenos se levantou, surpreso, Stephen o acertou diretamente no peito.

O outro homem deu um pulo, seus olhos se estreitaram, o rosto se contorceu de fúria e ele se lançou, através da fumaça da pólvora, na direção de Stephen.

Stephen virou a pistola e usou a coronha para bater na mandíbula do homem. Então, chutou o estômago do estuprador com a bota. O golpe violento jogou o homem no chão com o rosto voltado para baixo.

— Ajude-me. Ajude-me. Ajude-me — soluçava a mulher.

O apelo patético da mulher o distraiu momentaneamente, mas ele se virou quando William disparou a pistola. O atacante caiu no chão, baleado no coração.

— Ele ia pegar a faca — disse William, cutucando o homem com a bota. — Não fará isso de novo.

Stephen ouviu soluços tristes atrás dele. O choro comovente da mulher provocou a necessidade de proteção e tocou seu coração. Se William não tivesse matado o bastardo, ele teria espancado o homem até a morte.

CAPÍTULO 28

Tudo aconteceu em um turbilhão de segundos. Levou mais tempo para encontrar um cobertor, cobrir a jovem e cortar as amarras dos pulsos e tornozelos dela do que para matar os agressores.

Quando a última de suas amarras caiu, ela agarrou os joelhos e se encolheu como uma bola, angustiada, soluçando desesperadamente. O sangue provocado pela bala que atingiu um dos atacantes havia se espalhado por seu rosto machucado e manchado de lágrimas.

Stephen e William se entreolharam sem saber o que fazer primeiro.

Stephen apontou para os homens mortos.

— Vamos tirá-los daqui e depois irei buscar um pouco de água para que ela possa se lavar.

Cada um deles pegou um homem morto e os dois os arrastaram pela porta da cabana, seus corpos deixando um caminho de sangue, torto e manchado, exatamente como as vidas que levaram.

William empurrou da varanda empoeirada o homem que Stephen atirou e voltou para ajudar a jovem.

Stephen jogou o outro corpo de bruços na terra. Depois, marchou para buscar os cavalos. Montou em George e puxou o cavalo de William atrás de si, enquanto voltava rapidamente para a cabana. Amarrou os pés dos homens com sua corda e usou George para arrastar os corpos para a floresta. A última coisa que a pobre garota precisava era ver aqueles dois de novo. Decidiu que seria melhor revistar os bolsos deles, caso houvesse algum objeto de valor da Sra. Adams. O primeiro homem não tinha nada, mas Stephen encontrou o relógio do Sr. Adams no bolso do outro. Procurou mais e encontrou uma bolsa de dinheiro. Ele prendeu os dois objetos no bolso do colete.

Depois de desamarrar a corda e remontar, olhou para os corpos e notou as calças desabotoadas penduradas nas pernas de um deles. Seus olhos endureceram.

— Vá para o inferno — praguejou.

Stephen pegou água da cisterna e levou o balde para a porta da cabana. Deu o balde para William, que entregou uma caneca cheia de água para a jovem. Ela bebeu avidamente, segurando o cobertor contra o peito. Seu choro diminuiu um pouco e ela deitou-se sobre o catre.

— Como ela está? — perguntou Stephen, baixinho.

— Ainda em choque, acho — sussurrou William. — Encontrei o que parecia um trapo e limpei o sangue do chão da melhor maneira que pude e joguei o pano na lareira, junto com os pedaços de corda que os bastardos usaram para amarrá-la.

Ela ainda chorava baixinho e isso dilacerou o coração de Stephen. Ele os mataria de novo, se pudesse.

Muito lentamente, William se abaixou no chão a vários metros da cama, com o chapéu na mão. Com gentileza, disse:

— Meu nome é William Wyllie e esse outro cara feio é meu irmão mais novo, Stephen. Acho que você poderia dizer que sou um homem da lei porque eu era o xerife da cidade onde morávamos. Estávamos caçando aquelas duas cobras por terem matado um homem chamado Adams não muito longe daqui. Eles também roubaram a Sra. Adams. Mas, felizmente, ela matou um deles com sua adaga antes que eles pudessem machucá-la. Havia três deles. Depois que ela matou um, os outros dois fugiram com o cavalo do Sr. Adams e nós os rastreamos até aqui. Agora estão mortos. Sei que você está assustada e não nos conhece, mas juro sobre aquela Bíblia em cima da mesa que está segura agora.

— Não deixaremos que ninguém mais a machuque. Apenas deite-se e descanse agora. Acabou. Eles não podem mais machucá-la — disse Stephen.

— Peguei suas roupas. Algumas estavam rasgadas, mas outras pareciam estar inteiras e eu as coloquei ali, ao pé do seu catre — explicou William.

Stephen examinou a cabana escassamente mobilada em busca de roupas limpas para ela. Várias peles estavam estendidas em prateleiras. Não encontrando muita coisa, ele decidiu que seria

melhor deixá-la em paz. Ela precisava de privacidade, de qualquer maneira. Ele fez um gesto para William sair com ele.

Quando se aproximaram da porta da frente, William olhou por cima do ombro para a jovem.

— Descanse um pouco agora. Stephen e eu vamos fazer algo para você comer. Está com fome?

Ela colocou o cobertor embaixo do queixo, mas não respondeu.

Stephen desejou poder consolá-la e tranquilizá-la mas, como acontecia com Jane, ele não sabia o que falar. O que se pode dizer a uma mulher cuja inocência acabara de ser roubada para sempre? Como um homem pode confortar uma mulher que acabou de experimentar a ganância da luxúria de um homem mau, sem qualquer amor ou calor?

Depois que William fechou a porta da frente silenciosamente atrás deles, disse:

— Esqueci de perguntar o nome dela. Provavelmente ainda não nos diria nada, mas aposto que é um nome bonito.

— Está assustada. Levará algum tempo para passar.

— Que tipo de homem faria uma coisa dessas? — perguntou William.

— Do tipo que vai para o inferno. Estão sendo bem recepcionados lá, agora.

— Quantos anos você acha que ela tem?

— Entre quinze e dezessete. Coisinha bonita. Gostaria de saber onde estão os pais dela. Ela não pode morar aqui, no meio do nada, sozinha. Pelo menos espero que não esteja morando. — Stephen começou a preparar uma fogueira para o café.

— Olhe para aqueles alforjes na varanda. Aposto que contêm os bens roubados de Catherine. — William marchou até a varanda e os abriu. — O bule de prata está aqui. Tenho certeza de que o restante pertence a Catherine também.

— Encontrei o relógio de ouro do marido em um deles. Também encontrei uma bolsa com dinheiro. Ainda não contei. Não vou enterrar aqueles dois gambás. Joguei-os na floresta por cima daquela colina. Poderão servir de jantar para os coiotes da região, no que me diz respeito.

— Provavelmente provocarão uma dor de barriga nos coiotes — disse William.

Assim que acabaram de preparar o café quente, Stephen aqueceu os bolos de milho que Jane havia mandado.

William bateu com suavidade e depois abriu devagar a porta barulhenta da cabana. Ele enfiou a cabeça e disse:

— Senhorita, a comida está pronta, se quiser comer um pouco. Ajeitamos um banquinho para você junto ao fogo, se quiser se juntar a nós. Juro que estará segura. — Ele saiu da varanda, deixando a porta aberta, e juntou-se a Stephen ao lado do fogo de cozimento.

Lentamente, como um animal assustado de olhos arregalados, ela espiou pela porta e depois emergiu gradualmente, ainda agarrando o cobertor com força junto a si.

Timidamente, considerou Stephen.

— Obrigada — disse, por fim, com voz um pouco acima de um sussurro.

Ele não sabia se ela estava agradecendo a ele por matar seus estupradores ou pela comida. Observou atentamente os olhos dela e eles lhe disseram que era a primeira opção.

— Estou feliz por estar bem e recuperada. Estávamos preocupados com você. Você se sentirá ainda melhor depois de comer e tomar café — assegurou William, usando um tom suave. — Aqui está um banquinho que encontramos na varanda. Espero que seja confortável o suficiente. — William o havia coberto com um cobertor para torná-lo mais macio.

Stephen nunca havia visto esse lado gentil de William. Normalmente, seu irmão era insensível e barulhento, mais interessado em fazer as pessoas rirem do que em atender às necessidades delas. Ele parecia querer conversar com a jovem para ajudá-la a se recuperar de um choque quase paralisante.

— Stephen é o caçula de meus quatro irmãos — disse William. — Mas é provavelmente o mais inteligente. Definitivamente o mais aventureiro, e é por isso que nossa família está indo para Kentucky. Ele parece mau mas, na verdade, não é. Tem uma linda esposa

chamada Jane e... — William se conteve antes de dizer quatro — ... duas filhas.

Foi a primeira vez que Stephen ouviu alguém falar em duas filhas. Engoliu um nó dolorido na garganta. Quando se cai finalmente na realidade, ela muitas vezes chega, como havia acontecido então, como um tapa frio e cruel. O golpe doeu. O que ele queria fazer era sumir para dentro da floresta e gritar, não estabelecer uma conversa educada com aquela jovem. Decidiu, no entanto, tentar se concentrar nos problemas da jovem, em vez de nos seus.

Ela se moveu devagar, na direção do banquinho. Olhou para os dois, parecendo analisá-los.

— Qual o seu nome? — perguntou William, quebrando o silêncio constrangedor.

A dúvida apareceu no rosto dela enquanto ela decidia se devia confiar neles, mesmo para dizer seu nome. Ela hesitou, piscando, depois olhou para William com olhos azuis violeta.

— Kelly. Kelly McGuffin.

Kelly tinha longos cabelos dourados, da cor de manteiga fresca, que chegava a uma polegada ou duas além da cintura. Seus grandes olhos deveriam ser impressionantes se não estivessem tão inchados e vermelhos de tanto chorar. Stephen achou que ela deveria ter um sorriso adorável também, mas sabia que levaria algum tempo até que eles tivessem a chance de vê-lo.

— Srta. McGuffin, tenho certeza de que gostaria de comer algo e tomar uma xícara de café quente. Minha esposa Jane fez esses bolos de milho. São deliciosos. Sente-se e nós lhe daremos alguns — disse ele, apontando novamente para o banquinho.

Ela se sentou e estremeceu, depois olhou para o chão.

Stephen sentiu sua raiva aumentar, como resposta. Olhou para William, cujos lábios se estreitaram no esforço para reprimir a raiva.

— Depois de comer algo, daremos uma pomada para esses pulsos e tornozelos. Eles devem arder — disse William. — Além de fazer bolos gostosos, Jane leva jeito para fazer pomadas curativas. Ela nos fez trazer um pouco. E você provavelmente precisará de um pouco de água morna para se lavar. Vamos aquecer um pouco de água neste fogo depois de comermos.

Com isso, os olhos dela pareceram se iluminar um pouco e aquilo aqueceu o coração de Stephen. Ficou satisfeito com a bondade que o irmão estava demonstrando para Kelly.

— Stephen, você já deu uma olhada no alazão do Sr. Adams? — perguntou William.

— Só vi daqui. Sem dúvida, é um belo animal. Daqui a pouco, vou examinar todos os cavalos.

— Eles me disseram que me dariam aquele corcel em pagamento se eu os deixasse ficar comigo um tempo. Tive medo de dizer não. Não sabia que eles... fariam aquilo comigo — choramingou ela e começou a torcer as mãos.

Stephen e William trocaram olhares, claramente revoltados.

— Se eles lhe disseram isso, então o animal deverá ser seu. Tenho certeza de que a Sra. Adams, a proprietária, não se importará, pois recuperamos seus outros objetos de valor e matamos os homens que assassinaram seu marido. Mas, se ela se importar, comprarei o cavalo para você, se ela vender — ofereceu William.

Kelly fungou, ergueu o queixo e conseguiu dar um leve sorriso.

— O senhor faria isso por mim, Sr. Wyllie?

William concordou e sorriu.

— Por favor, trate-me por William. Melhor comer agora.

Kelly devorou o bolo de milho, olhando para os pés enquanto mastigava.

— Eles não me deixaram comer no último dia, ou mais — disse ela, por fim. — Queriam a pouca comida que eu tinha para eles.

A julgar por quão magra ela estava, também não havia comido muito antes disso, observou Stephen.

— Tenho tanta vergonha do que eles fizeram comigo. — Ela abaixou a cabeça. Lágrimas escorriam por suas faces. — Não sei o que vou fazer agora. Estou arruinada?

— Não há nenhuma razão para você sentir vergonha. Aqueles dois gambás são os que deveriam sentir vergonha, mas já estão além disso agora — disse William.

— O pecado foi todo deles — acrescentou Stephen.

Ele podia ver que ela queria acreditar nele.

— Senhorita, onde está sua família? Seus pais moram por aqui?
— perguntou ele.

— Minha mãe morreu quando eu tinha catorze anos. Está enterrada logo ali — disse ela, apontando para uma lápide próxima ao lado da colina adjacente. — Meu pai está em algum lugar, vendendo suas peles. É um caçador. Monta armadilhas na floresta Hopewell ao norte daqui, nas montanhas. Eu me arranjo sozinha.

— Quando você espera que ele volte? — perguntou Stephen.

— Não sei. Já faz mais de duas semanas que partiu. Ele sempre volta. Mas nunca sei quanto tempo ele fica fora... na maioria das vezes, por várias semanas. Às vezes, vende suas peles em Harrisburg. Outras vezes, eu gostaria que ele ficasse longe. Quando volta, fica bêbado até o uísque acabar. Ele quebrou esse dedo no inverno passado. — Ela o levantou para eles verem o nó do dedo torto. — Não fez por mal. Estava bêbado demais para saber o que estava fazendo. Ele não era assim antes da morte de minha mãe. Acho que ainda está sofrendo. Já faz quatro anos.

O pai dela parecia ser um perfeito canalha. Stephen pensou em suas próprias meninas e nunca imaginou tratá-las com tanta crueldade. Nunca as machucaria. Preferia morrer.

— Não lhes agradei direito por me salvarem. Sou grata. Eles eram homens maus e desprezíveis. Minha mãe me contou sobre homens como eles. Acho que já haviam feito isso antes. Aquele chamado Grover disse ao irmão para fazer aquilo como da última vez. — Ela abaixou a cabeça. — Foi quando me amarraram. Doeu muito. O primeiro me estuprou e depois disse ao irmão que era a vez dele. O segundo havia começado quando vocês entraram e me salvaram.

Ela amassou as mãos no colo, como se tentasse se assegurar de que elas estavam mesmo livres das cordas.

Stephen olhou furioso para William, rosnou um palavrão baixinho e depois jogou o resto do jantar e o prato no chão.

Acostumado aos métodos de comunicação de Stephen, William tentou explicar.

— Meu irmão tem um temperamento marcante e o que aqueles homens fizeram com a senhorita o deixou... deixa nós dois, com raiva e enjoados. Quando ele viu aqueles homens a atacando, acho

que ele pensou nas próprias filhas. Queria evitar que a senhorita sofresse, como faria se fosse filha dele.

— Eles me machucaram de fato. Fico feliz que estejam mortos — disse Kelly, com raiva na voz pela primeira vez.

— A senhorita tem o direito de ficar com raiva. Eles mereciam morrer, pelo que fizeram ao Sr. Adams e à senhorita. Lamento que tenha testemunhado a morte deles — disse William.

— Estou feliz por ter visto. Não quero esquecer isto.

— Precisa descansar agora. Que tal eu esquentar a água agora? — ofereceu William.

— Vai escurecer logo, onde irão dormir? — perguntou ela, enquanto mordiscava nervosamente o lábio inferior.

— Não se preocupe conosco. Estamos acostumados a dormir sob as estrelas. Vamos colocar nossos sacos de dormir ao lado do fogo, se estiver bem para você — respondeu William.

Os olhos de Kelly se suavizaram, quase parecendo brilhar ao olhar para William.

Então, ela olhou para Stephen.

— Obrigada novamente por salvar minha vida. Suas filhas têm sorte em tê-lo como pai.

Essas palavras simples deram a Stephen uma sensação calorosa da qual se lembraria por um longo tempo.

Do lado de fora, William limpou as armas ao lado da pequena fogueira. Era cuidadoso em relação a isso.

Stephen escovou George, prestando tanta atenção ao garanhão quanto William à limpeza de armas e Sam ao afiar facas. O manto preto do cavalo refletia à luz do fogo de cozimento como uma lua cheia brilhando em um lago à meia-noite. Os dois homens trabalhavam em silêncio, meditando sobre os tristes eventos do dia.

Por fim, William disse:

— Não acredito que um dia mataremos alguém que mereça morrer mais do que esses homens.

— Eu só queria tê-los encontrado antes que eles a encontrassem — disse Stephen, abaixando a escova. Ele serviu o

resto do café. O que aqueles homens fizeram com Kelly deixou um gosto amargo em sua boca.

— Eram patifes do pior tipo. Roubaram a inocência de Kelly, e nada que eu possa fazer ou dizer trará isso de volta. Pelo menos, os bastardos não machucarão mais ninguém. Mas é uma pena que não puderam ser julgados por todos os seus crimes. Dado o que Kelly ouviu, não foi a primeira vez que estupraram uma mulher — disse William.

— Tiveram o que mereciam.

— O que iremos fazer com ela? — perguntou William.

— O que quer dizer? Fazer com ela, o quê?

— Não podemos simplesmente deixá-la aqui, esperando o pai bêbado voltar. E se aquele gambá a deixou com um filho? O pai dela pode pensar que ela quis e espancá-la, ou pior, matá-la — disse William.

— Você não sabe. Também não gosto, mas temos que deixá-la aqui, do modo como a encontramos. Não podemos tirá-la do pai.

— Se a mãe dela morreu quando ela tinha catorze anos e ela disse que isso foi há quatro, ela tem dezoito anos, idade suficiente para partir, se assim o desejar. Nunca deixarei aquela pobre garota aqui, sozinha, no meio do nada.

— Sei que suas intenções são honradas, mas não seria apropriado que ela viesse conosco.

— Nem ser estuprada.

Ele estava cansado de William pressioná-lo.

— Não sou o pai dela. Tenho minhas próprias filhas e, caramba, passo por muitas dificuldades para cuidar delas. Ela tem pai. Esta é a casa dela. Ela não vai querer partir.

— Você ouviu o que ela disse. Da próxima vez, o bruto pode quebrar mais do que um dedo. Não pode ser um pai muito bom, se a trata assim.

Stephen teve que concordar com o que ele falava. Pensou nas próprias filhas e amoleceu um pouco.

— Tudo bem, conversaremos com ela de manhã e veremos o que ela diz. Aposto que vai querer ficar com o pai. Mas se ela quiser, nós a levaremos para a próxima cidade.

— Às vezes, uma pessoa deve partir para fazer sua própria vida.
Talvez tenhamos sido mandados aqui para conduzi-la a fazer isso.

CAPÍTULO 29

Com o nascer do sol, uma frente fria de primavera soprou forte e começou a chover de modo constante. Kelly pediu para os dois entrarem assim que a chuva começou.

— O café já está feito, se quiserem.

Stephen ficou maravilhado com a diferença na aparência dela. Parecia muito mais iluminada e atenta do que no dia em que a encontraram. Usava um avental limpo, embora bastante gasto, e seus longos cabelos pendiam suavemente nas costas.

Quando ela estendeu a mão sobre a mesa para servir café a William, Stephen notou a terrível chaga em seus pulsos, mas ele também examinou o rosto dela. Com exceção de Jane, ele não conseguia se lembrar de ter visto uma jovem mais adorável, mesmo que seus olhos ainda estivessem inchados de tanto chorar. Não era uma beleza clássica, mas seus traços tinham um encanto agradável. Estava magra demais, suas roupas esfarrapadas se penduravam nela como um saco de grãos. Se ela estivesse fazendo uma refeição por dia, ele ficaria surpreso. Havia pouco nas prateleiras em termos de suprimentos, apenas uma pequena pilha de madeira picada para o fogo e nenhum outro conforto que ele pudesse ver. Como o pai dela poderia negligenciá-la desse modo?

— Kelly, meu irmão e eu estávamos imaginando o que você gostaria de fazer agora — disse William.

— O que quer dizer? — perguntou ela. Ela soprou o café para esfriá-lo.

— Não vamos deixá-la nessa situação, sozinha e aguardando o retorno de seu pai brutal. Aqueles homens que matamos não são os únicos rufiões mal-educados por aí. Não sei como seu pai pôde deixá-la aqui. É indecente e descabido. Sem mencionar, sempre há a ameaça dos índios — disse William.

— Meu pai suborna os índios com tabaco para que nos deixem em paz. Quanto a outros homens, acho que ele nunca pensou que eles atacariam uma garota — disse ela, olhando para os pés.

Ela ainda se considerava uma garota? perguntou-se Stephen.

— Você não é uma garota. É uma jovem graciosa e que precisa de proteção — disse, com firmeza.

— Não posso partir. Não tenho recursos nem para onde ir. Esta é minha casa, mesmo que não seja muita coisa — disse Kelly.

— Você tem algum dinheiro agora — disse Stephen. Ele enfiou a mão no bolso e colocou o saco sobre a pequena mesa. — Isso estava em um deles, e não é da Sra. Adams. Ela não teve dinheiro roubado, logo você tem direito a isso como compensação pelos danos sofridos. Ainda não contei. Não sei quanto há aqui, mas parece uma quantidade considerável.

Kelly olhou para a bolsa, espantada. Ele percebeu que, provavelmente, ela nunca teve uma moeda sua em toda a vida.

— E você pode ganhar mais dinheiro — disse William. — Acho que sabe ler, a julgar pela Bíblia e livros ao lado da sua cama. Poderia trabalhar para um jornal ou escola, ou como babá. Pode vir conosco até Cat Springs, ou até Kentucky, se quiser.

Ao ouvir isso, Stephen lançou um severo olhar de soslaio na direção de William. Não era isso que haviam combinado. Ele nunca havia dito que ela poderia acompanhá-los até Kentucky. O que William estava pensando? Kelly era uma jovem doce, mas ele não tinha intenção de ter outra pessoa para cuidar.

— Sr. Wyllie, o que acha que eu deveria fazer? — perguntou Kelly.

A chuva ficou mais forte e a água começou a gotejar com constância, em vários lugares, através do telhado. Kelly agiu rapidamente, como se já tivesse feito a mesma coisa várias vezes antes, colocando um balde ou tigela embaixo de cada goteira.

Stephen pigarreou e abriu a boca para falar, mas parou quando um trovão ressoou acima deles. Ele olhou para William e depois para Kelly e de novo para William.

— O que William diz é verdade — disse-lhe ele, por fim. — Você não está segura aqui. Acha que seu pai vai procurá-la se partir?

— Depende. É provável que não se importe enquanto estiver bêbado. Quando fica sóbrio, ele pode ficar com raiva se eu não estiver aqui para lavar suas roupas e fazer suas refeições. Simplesmente não sei.

— Seu pai sabe ler? — perguntou ele.

— Ah, sim. Ele e minha mãe tiveram boa educação na Virgínia. Ele teve algum tipo de problema e se mudou para cá.

— Que tipo de problema? — perguntou William.

— Não sei. Mamãe nunca me contou. Ela só dizia: “o passado é passado”.

— Sugiro que escreva uma mensagem para deixar aqui, para ele ler. Você poderia lhe contar sobre os homens que a atacaram. Diga-lhe que matamos seus agressores, mas que não poderíamos esperar o retorno dele nem deixá-la aqui sozinha. Diga-lhe que você foi conosco para sua proteção e que escreverá mais quando tiver a chance de enviar uma carta — disse Stephen.

— Parece um bom plano — respondeu William, parecendo aliviado. — Você tem tinta, pena e pergaminho?

— Não muito, mas o suficiente para escrever uma mensagem curta — disse ela. — Mas... — Ela abaixou a cabeça.

Stephen podia entender as emoções confusas dela. Poderia afirmar que ela não tinha certeza se deveria abandonar a casa ou o pai. Mesmo que a tratasse mal, ainda assim era o pai dela.

Kelly olhou para William e disse:

— Tenho que admitir, pensei sobre a minha vida e em deixar este lugar... simplesmente não sabia como ou quando... tudo bem, irei com vocês. Mas vou ter que levar minhas galinhas e minha vaca leiteira. Não as deixarei aqui. São tudo o que tenho e alguém tem que cuidar delas.

O coração de Stephen se apertou quando percebeu que os animais eram a única família que ela tinha.

— E teremos que levar minha velha mula, Rocky. Não podemos deixá-la. Papai diz que é velha demais para usar como mula de carga nas montanhas, mas ainda é útil se não estiver carregada demais.

William olhou para Stephen e sorriu. Ambos sabiam que Stephen teria que aceitar Kelly com toda a sua coleção de animais.

— Minha esposa Jane ficará animada em ter algumas galinhas por perto de novo, e as crianças se beneficiariam com um pouco de leite de vaca fresco. Tudo o que temos são duas novilhas jovens que ainda não estão produzindo leite. Suponho que poderíamos construir algum tipo de gaiola para as galinhas e amarrá-la naquela

mula. Mas você terá que cuidar delas. Não me dou bem com galinhas. Certifique-se de explicar ao seu pai que você levou a mula. Não quero que ele pense que fomos nós que levamos. Não vou levar o animal de outro homem.

— Vou explicar, mas ele não se importa. E cuidarei dos meus animais. E você terá os primeiros ovos que as galinhas puserem — disse Kelly.

William começou a rir.

Stephen o olhou. Ovos. Ele odiava ovos. Ele balançou a cabeça enquanto caminhava em direção à porta, murmurando baixinho:

— Que Deus nos ajude... a todos nós.

Stephen não podia acreditar no que acabara de acontecer. Não apenas havia outra mulher se juntando a eles naquela viagem, mas uma mula velha, uma vaca leiteira e galinhas também. Bem, pelo menos as galinhas fariam Jane feliz. Precisava admitir, estava feliz por estarem ajudando Kelly. Depois que o pai dela a abandonou e aqueles patifes roubaram a inocência dela, a pobre garota merecia uma chance para uma nova vida. Sabia que Jane a receberia bem. E ajudar Kelly poderia ajudar Jane a se curar também.

Ele se sentou em um barril velho na varanda e observou a chuva. Sentia falta de Jane. Sentia falta de tudo que dizia respeito a ela. Seu lindo sorriso. A suave cadência de sua voz. O brilho em seus olhos verdes. O cheiro de rosas em seus cabelos. Mas, acima de tudo, sentia falta da alegria de sentir os braços dela ao redor dele e da emoção de amá-la. Faria qualquer coisa para que isso acontecesse de novo.

Ele a faria feliz novamente. Teria que fazer. Suas meninas não morreram por nada. Morreram pelas terras deles. Não eram as terras dele — as terras deles. De alguma forma, ele faria Jane entender isso. E acreditar no quanto ele a amava.

O tempo melhorou e os três arrumaram tudo para partir. Stephen queria voltar para Jane e os demais o mais rápido possível.

William construiu um suporte e algumas caixas rústicas com tábuas desgastadas do galinheiro existente, fazendo com que se ferisse com numerosas farpas e praguejasse mais de uma vez. Carpintaria nunca foi um dos pontos fortes de William.

Kelly carregou as caixas, chamando cada galinha pelos nomes — Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio.

— Tenho mais três livros no Antigo Testamento antes de chegar ao livro de Samuel, então terei que arrumar um galo. Afinal, não pode haver uma galinha chamada Samuel — explicou ela.

Stephen apenas concordou com a cabeça. Não podia falar muito acima do barulho dos cacarejos, de qualquer forma.

William se aproximou da mula.

— Você acha que aquele velhote vai ficar contra mim, se eu colocar esta gaiola cheia de galinhas cacarejando em seu traseiro?

— Se ficar, elas terão que andar. Não colocarei galinhas em um cavalo. Seria desrespeitoso — disse Stephen, enquanto selava as montarias.

— Ele é uma mula de carga. Não se importará tanto assim — disse Kelly.

— Mesmo assim, eu ficaria agradecido se você colocasse a carga nele, Stephen — disse William.

— Por que deveria colocá-la? É a sua gaiola — perguntou Stephen.

— Você é muito melhor com animais do que eu — disse William.

— Diabos. Você apenas quer que eu seja aquele a levar um coice — respondeu Stephen.

William piscou para Kelly.

— Pensei que você respeitaria uma mula velha e teimosa por não gostar de galinhas. Meio parecida com você, não acha?

Stephen riu, surpreendendo-se por conseguir rir.

Stephen e William observaram, prontos para ajudar, se necessário, enquanto Kelly empacotava seus poucos pertences. Ela colocou a

mensagem sobre a mesa e a prendeu sob a lamparina a óleo.

— Tenho apenas mais uma coisa a fazer — disse ela.

Stephen apanhou os pertences dela e ela saiu pela porta da cabana, em direção ao túmulo da mãe. Kelly se abaixou e afastou as ervas daninhas da lápide. Stephen manteve distância, dando-lhe alguma privacidade para se despedir, mas seu coração se apertou quando ela passou os dedos por cada uma das letras do nome de sua mãe. Antes de partir, ela colheu flores silvestres próximas e as colocou sobre a pedra.

Kelly montou o cavalo que havia pertencido ao Sr. Adams e parecia pronta para partir antes de Stephen terminar de amarrar com segurança na mula os pertences dela e os dois caixotes cheios de galinhas cacarejando. Penas voavam por toda parte.

Olhando-o, ela disse:

— Sr. Wyllie, acredito que Old Rocky gosta do senhor. Normalmente, ele se movimenta muito quando meu pai coloca cargas nele. Ele está parado ali, como se o senhor estivesse escovando o manto dele ou algo assim.

— Apenas lhe disse que se ele me desse algum problema, eu meteria chumbo entre suas longas e feias orelhas de mula — disse ele, franzindo o cenho enquanto afastava uma pena de galinha do rosto.

William ria tanto que mal conseguia ficar sentado sobre o cavalo.

Para a surpresa de Stephen, Kelly sorriu abertamente enquanto ouvia William rir.

Quando foi a última vez que ela ouviu alguém rir? perguntou-se ele.

— Sempre achei que você falava palavras doces com os animais e era assim que os levava a fazer o que queria. Agora, sei que apenas ameaçava a vida deles e os ridicularizava. Esse é o seu segredo.

Stephen amarrou as guias nos outros cavalos e entregou o mais gentil para Kelly guiar, enquanto ficava com os outros dois.

— Vamos lá — disse, enquanto montava em George.

William seguiu o primeiro e Kelly o acompanhou. Ela não olhou para trás.

Stephen estalou o chicote, deixando a ponta encostar levemente na traseira da vaca para incentivá-la a avançar. Quando partiram, Stephen ponderou quanto tempo levaria até alcançarem os outros. Arrastar aquela comitiva pelas colinas cobertas de rochas seria um teste para a sua escassa paciência.

— Sr. Wyllie, o senhor parece ter habilidade com o chicote — comentou Kelly.

— Eu o vi cortar a cabeça de uma cobra com essa coisa — disse William.

— Por que desperdiçar pólvora com uma cobra? — disse ele. — Prefiro economizar munição para cobras de duas pernas, como as do tipo que deixamos lá atrás.

— Precisamos relatar o que aconteceu para o xerife na cidade mais próxima — disse William.

— Não, por favor, não — implorou Kelly. — Não quero que ninguém saiba o que aconteceu lá atrás. Já é ruim o suficiente vocês dois saberem.

— Talvez devêssemos deixar isso do jeito que está. O que acha? — perguntou William a Stephen.

— Está bom para mim. A justiça já foi feita. Não adianta mais adiar nossa marcha. Provavelmente, um xerife iria querer que ficássemos na cidade até que ele pudesse verificar os fatos e escrever um relatório. Mas teremos que contar a Jane e aos demais. Eles precisam entender por que a trouxemos.

Kelly guiou o cavalo para o lado do de Stephen.

— Por favor, mais ninguém, por favor — implorou ela, com os olhos cheios de lágrimas.

— Você não precisa se preocupar com o que lhe aconteceu, Kelly. Deixe tudo isso para trás agora — disse Stephen, com gentileza.

Kelly apenas abaixou a cabeça, e suas lágrimas caíram sobre o pito da sela. Por um longo tempo, cada passo que sua montaria dava fazia cair outra lágrima.

CAPÍTULO 30

Jane preparou o desjejum naquela manhã com a mente em outro lugar. Não conseguia deixar de pensar em Stephen. Havia dormido mal, sonhando com ele a noite inteira. Nos seus sonhos, ela tentava desesperadamente alcançá-lo, contar-lhe algo, mas, de alguma forma, toda vez que chegava perto dele, ele desaparecia. Ela acordou, sentindo-se desconfortável e perguntando-se o que estava tentando lhe dizer.

Ele havia partido levando apenas a raiva dela. Ela o deixou partir em um empreitada potencialmente perigosa, sem nem ao menos se despedir. Mas ele também não havia se despedido dela. Simplesmente partiu. Partiu com a culpa que ela, impiedosamente, havia jogado nas costas dele. Não podia negar que, de forma cruel, o havia julgado culpado e o fazia se sentir um criminoso.

Poderia retirar suas palavras amargas? Ou ambos teriam que viver com elas para sempre?

A lembrança da terrível discussão que tiveram — o desespero em sua voz, a dor em seus olhos — lhe feria profundamente. Mas naquela ocasião, ela ainda sofria de uma dor insuportável.

Mal percebeu quando Sam se aproximou. Ele se inclinou para virar, com sua faca, as fatias de carne de veado quase queimadas.

— Está pensando em Stephen, não? — perguntou ele.

— Ele partiu, possivelmente para um grave perigo, com apenas a minha amargura no coração. Eu estava com raiva. Ainda estou. Mas...

Como sempre, Sam foi direto ao ponto.

— Você o considera responsável, não?

— Sim, que Deus me ajude, considero. — Ela se esforçou para não chorar, mas seus olhos ardiam com lágrimas querendo descer.
— Também estou aterrorizada, com medo de que mais um de nós morra.

Sam tirou a panela do fogo e colocou-a em uma pedra para esfriar.

— Quando decidimos partir, parte do motivo foi Bomazeen. Ele era uma ameaça inquestionável e um dia ele iria atrás de você. E, provavelmente, de suas filhas também. Mas ele foi apenas a última razão. Deixe-me lhe contar uma discussão que Stephen teve com nossos irmãos antes de partirmos.

Ela sentou-se sobre seu baú.

— Tudo bem.

Sam continuou:

— Edward argumentou contra fazer uma viagem perigosa. Stephen achou que as recompensas potenciais superavam os possíveis riscos. William e John também. E eu concordei com eles. Éramos quatro contra um, a favor de partirmos. Stephen ficou perplexo, porque sabia em que perigos a viagem poderia colocar você e as meninas. Isso o estava despedaçando.

“Acredite ou não, foi Johnny quem ajudou Stephen a decidir. Johnny disse que também poderíamos morrer lá, assim como a mãe dele morreu, como o avô e a avó dele morreram no deslizamento da montanha. O que Johnny disse era verdade. A vida não tem garantias em lugar algum. Amy e Mary poderiam ter morrido de febre na sua casa. Você sabe que é verdade. Todos nós já vimos isso acontecer em outras famílias, muitas vezes sem explicação.

— Já vi — admitiu ela, controlando a raiva e soltando um longo suspiro.

— Por fim, Edward não teve coragem de partir. Stephen teve. Você preferia estar casada com um covarde acomodado? Com um homem que está apenas contente com o que é fácil e seguro? Ou com um homem como Stephen? Um homem com a coragem de confiar em Deus e seguir seu sonho, mesmo que isso signifique enfrentar o desconhecido. O homem com o qual escolheu se casar por essas mesmas qualidades.

Ela fechou os olhos e escondeu o rosto nas mãos.

— Querido Deus, o que fiz?

— Não foi o que fez que é importante agora, mas o que pode fazer. Perdoe-o, Jane, e perdoe-se também. Ninguém foi responsável pelas mortes delas. Ninguém poderia tê-lo evitado. Nenhum de nós conhece o futuro. Aconteceu apenas por uma razão que nunca entenderemos. Stephen a ama mais do que o sonho

dele, mais do que a terra que deseja tanto para poder proporcionar um futuro melhor para sua família. Ele quer apenas uma coisa mais do que terra — mantê-la segura. Mas se você separar o homem do sonho dele, ele não será o mesmo.

Jane assimilou as palavras de Sam. Pareciam um bálsamo caloroso para seu espírito ferido e machucado. Queria se curar, queria amar de novo. Se fosse honesta, aceitaria que sua raiva já havia desaparecido antes mesmo de conversar com Sam.

Por fim, disse:

— Obrigada, Sam.

Jane já sentia seu coração começando a se curar. Não havia dúvida de que ainda sofreria por algum tempo, mas a tristeza se devia à falta de Amy e Mary, não da raiva e ressentimento equivocados e amargos. Poderia deixar esse abismo escuro para trás agora e seguir em frente. Seguir em frente com o marido ao seu lado, olhando para frente, em direção ao oeste, em direção a um sonho compartilhado. Ela rezou para que ele voltasse e lhe desse uma chance de lhe dizer que sentia muito. E para passar o resto de sua nova vida mostrando a ele o seu amor.

Fechou os olhos, desejando que Stephen sentisse seu amor, que soubesse que ela percebeu que estava errada ao culpá-lo. Terrivelmente errada. O perdão começou a florescer em seu coração.

Foi então que sentiu o primeiro movimento suave da nova vida crescendo dentro dela.

O sol brilhava alto no céu quando Stephen e William alcançaram os outros. Bear, que estava na retaguarda, virou-se na sela enquanto os dois se aproximavam, espreitou a trilha na direção deles e acenou.

— Lá estão eles — gritou Bear, e apontou, depois galopou na direção deles.

Stephen mal podia esperar para ver as garotas, mas, acima de tudo, Jane. De alguma forma, precisava fazer as pazes. Bateu os

calcanhares nos flancos de George, pressionando o cavalo. Kelly e William seguiram logo atrás.

— Você é agora uma visão para meus olhos cansados — disse Bear, assim que os alcançou. — Vejo que você traz uma jovem visitante com você, e muito mais animais do que quando partiu.

— É também muito bom ver você, finalmente. Arrastar esta mula teimosa me fez querer cortar o braço — disse William.

— Bear, essa é Kelly McGuffin. Kelly, este é nosso irmão adotivo, Bear McKee. — Stephen desceu da sela e entregou as guias. — Pegue esses cavalos, sim, Bear?

Bear pegou os dois cavalos que Stephen havia conduzido e o cavalo que Kelly puxava atrás dela.

— Estão todos bem? — perguntou Stephen a Bear. Estava mais preocupado com Jane, preocupado que o coração dela ainda estivesse partido. Com medo de que ainda o odiasse. *Por favor, meu Deus, não permita que isso aconteça.*

— Sim. Estão bem. Porém, ouvimos falar de alguns problemas com índios não muito distante daqui. Dobramos nossa vigilância à noite — disse Bear.

— Que tipo de problema? — perguntou Stephen. Ele percebeu uma preocupação real no tom de Bear.

— Explicarei mais tarde — disse Bear, olhando para a jovem.

— Vamos alcançar os outros, então — disse Stephen, procurando por Jane e correndo na direção da carroça dela. George seguiu atrás dele.

Jane desceu rapidamente do assento e correu em sua direção. As crianças correram à sua frente. As meninas e Johnny foram os primeiros a alcançá-lo e o agarraram pelas pernas. Ele deu um abraço e um tapinha na cabeça de cada um, mas seu olhar não deixou Jane.

— Você trouxe uma mula e algumas galinhas — gritou Johnny.

— Por que você e as meninas não vão vê-los? — disse Stephen, com um sorriso.

Quando Jane se aproximou, as lágrimas brotaram em seus olhos ao vê-lo. O coração disparou quando ela jogou os braços em volta do pescoço dele e o abraçou com força.

Poderia ser esse o milagre pelo qual ele havia orado?

Como se não soubesse se ria ou chorava, ela fez as duas coisas. Ele apreciou a sensação das lágrimas dela no rosto, lavando a dor, curando a raiva. Tentou beijá-las, mas havia muitas.

Ele segurou a cintura dela e a olhou atentamente no rosto. Ela o havia perdoado? Estava ali, nos olhos dela. O amor havia substituído a amargura.

Seu coração quase explodiu de alegria. Ele a abraçou com tanta força que depois se preocupou que pudesse estar machucando-a. Afastou-se e a olhou. Ela ainda estava chorando. Mas eram lágrimas que pareciam vir da alegria, não da dor. Ele estudou o rosto dela, absorvendo todos os detalhes maravilhosos. Os olhos dela brilhavam novamente, com vida, e o sorriso o fez querer chorar, graças ao enorme alívio que sentiu.

Ela era tão importante para ele. Uma grande parte dele. Ele não era nada sem ela.

— Jane. — Foi tudo o que pôde dizer.

Ela tentou secar as lágrimas com as costas da mão.

— Stephen, eu amo você. Sinto muito. Estava tão errada.

Ele envolveu os braços em torno dela e a beijou apaixonadamente. Não se importava com quem estivesse vendo. Eram marido e mulher, reconciliados, amantes mais uma vez. Precisava sentir o gosto da boca de Jane, sentir o calor dela, mais do que nunca. Queria beijá-la para afastar toda a dor que ela sentia, levantá-la em seus braços e levá-la para um local isolado, onde poderia lhe mostrar o quanto a adorava.

Ele se forçou a recuar. No momento, o desejo de sentir a paixão dela e compartilhar a dele teria que esperar.

Depois de recuperar o fôlego e dar mais um abraço forte em Jane, ele dirigiu sua atenção para Kelly, que estava conversando com Bear e as meninas.

— Quem é aquela jovem bonita? — perguntou Jane.

— O nome dela é Kelly. Explicarei mais tarde, depois que a acomodarmos — disse ele, deixando claro em seu tom que ela não deveria fazer mais perguntas.

— Saudações, meu nome é Jane. — Ela ofereceu a mão para Kelly.

— Olá, sou Kelly McGuffin — respondeu Kelly, tímida.

Stephen suspeitava que Kelly estivesse confusa com um grupo tão barulhento de estranhos.

— São suas essas galinhas atrás da mula? E essa vaca leiteira, é sua? — perguntou Jane.

Kelly balançou a cabeça em sinal afirmativo para as duas perguntas.

Jane sorriu calorosamente, passando o braço em volta do cotovelo de Kelly.

— Por que você não vem comigo e eu lhe apresentarei a minha amiga Catherine e os outros.

Stephen viu Kelly caminhar na direção de sua nova vida.

Uma vida que, através da desventura e do destino, estava agora vinculada aos sonhos de outras pessoas.

CAPÍTULO 31

Stephen se aproximou enquanto Jane colocava as meninas e Johnny em seus paletes para dormir. Ela se alegrou ao perceber que a visão dele fazia seu coração se encher de amor novamente.

— Boa noite, meus coelhinhos, que os anjos beijem suas testas e lhes tragam o mais doce dos sonhos — disse-lhes ela. Estava ansiosa para encontrar seus próprios sonhos. E estava ainda mais ansiosa para sentir o peito rígido e os braços fortes de Stephen a envolvendo de novo.

— Mamãe, conte-nos uma história — implorou Polly. — Faz tanto tempo que você não nos conta uma. Por favor, por favor, mesmo que seja uma história curta.

— Sim, sim — implorou Martha.

— Por favor, tia Jane — disse Johnny.

Jane olhou para Stephen. Ele sorriu e balançou a cabeça, concordando, como se também gostasse de ouvir uma de suas histórias. Ele costumava dizer que ela era uma excelente contadora de histórias. Em geral, ela as inventava à medida que contava. Suas favoritas sempre foram sobre castelos e príncipes. Naquela noite, ela achava que Stephen parecia um príncipe. Ele havia se lavado, feito a barba, usava uma camisa de linho sobre os ombros largos. A luz dançante do fogo fazia brilhar seus longos cabelos negros e os olhos cor de safira pareciam mais travessos do que o habitual. Seu sorriso caloroso a fez ansiar por beijar seus lábios. E outros lugares. Ela contaria uma história curta.

— Tudo bem, mas vocês devem prometer ficar felizes com uma história pequena. Estou cansada da viagem de hoje — disse ela.

Todas as crianças exibiram sorrisos felizes e se acomodaram para ouvir a história.

— Bem, cerca de duzentos, não, trezentos anos atrás — começou ela —, vivia um pequeno grupo de fadas na terra antiga chamada

Escócia, do outro lado do grande oceano. As fadas viviam em uma floresta antiga chamada *Glen Affric*. A floresta, silenciosa, solene e escura, permaneceu inalterada por muitos séculos, e nada viveu ali, exceto fadas. Nenhum pássaro, nenhum cervo, nada vivia naquela floresta além das pequeninas fadas. Todas as noites as fadas saíam de seus abrigos nas árvores e tocavam músicas encantadoras em flautas mágicas. Essas melodias eram encantadas e existiram poucos mortais que tiveram a sorte de ouvi-las um dia.

“Uma noite, uma jovem nobre cavalgou ao longo da floresta, através de um pasto coberto de capim dourado. Ela havia se perdido enquanto cavalgava e não conseguia encontrar o caminho de volta para o castelo. O sol já estava quase se pondo e ela queria desesperadamente voltar antes do anoitecer, porque seu pai, que a amava muito, ficaria preocupado.”

Ela fez uma pausa para olhar para Stephen — seu belo príncipe. Ah, agora ela sabia para onde essa história seguia. Ela olhou para as crianças e continuou.

— No entanto, a jovem não teve medo. Os nobres de nascimento devem sempre dar o exemplo para que os outros sejam corajosos. As sombras da tarde aumentavam cada vez mais, fazendo com que todas as árvores, arbustos e pedras escurecessem a grama. Ela continuou cavalgando, mas não conseguiu encontrar o caminho que a levaria de volta ao castelo. Os tons vermelhos e dourados do pôr-do-sol a fizeram parar para admirá-los, e então ela escutou o som mais doce que já ouvira. Cavalgou entre as flores e a grama e pressionou sua montaria diretamente para os limites da floresta. Apurou os ouvidos. Havia sido apenas o vento ou um rio? Havia realmente ouvido o som maravilhoso? Sim, ela o ouviu de novo e as flautas das fadas a atraíram. Nos limites da floresta, ela desceu do cavalo, amarrou-o e caminhou lentamente por entre as árvores. Depois de um tempo, acostumou-se à escuridão, e procurou e perscrutou todas as árvores. De repente, ouviu: *‘Uma bela e sincera mulher cavalgando seu alazão, sempre seguindo o curso de seu coração. Através do campo e do vale ela o mantém, a terra que ela ama, a ama também’*. A nobre sentou-se e encostou-se em uma árvore para ouvir a encantadora melodia mágica. Fechou os olhos por apenas

um segundo e adormeceu, escutando, em seus sonhos as melodias mais doces que já ouvira.

“Enquanto seus adoráveis sonhos a mantinham extasiada, um príncipe que se encontrava nas redondezas viu a montaria dela amarrada enquanto voltava para o castelo. Entrou na floresta para ver a quem pertencia o cavalo, porque achava que o dono poderia precisar de ajuda. Ele encontrou a nobre profundamente adormecida. Seus longos cabelos dourados, espalhados pelos ombros, brilhavam mesmo na escuridão sob as árvores. Sua pele clara brilhava como a lua. Ela usava um vestido prateado, mais brilhante que a longa e larga espada dele. Era tão bela que o príncipe mal conseguia respirar enquanto a olhava. Nesse momento, seu coração se apaixonou perdidamente por ela.

“Era uma visão tão bela que ele não queria acordá-la. Mas o sol estava quase se pondo e ele deveria acordá-la antes que a escuridão caísse na floresta. Ajoelhou-se e beijou a mão dela.

“Ela acordou imediatamente e viu o amor brilhando nos olhos do belo príncipe. Enquanto olhava dentro dos olhos dele, seu coração também se encheu de amor, mas ela não disse nada ao príncipe, exceto que havia se desviado do caminho e perguntou se ele poderia ajudar a guiá-la de volta para o caminho certo.

“O príncipe decidiu acompanhá-la de volta ao castelo e pedi-la em casamento ao pai dela. É claro que o pai concordou de imediato, pois o jovem havia salvado sua filha perdida e era um príncipe forte, belo e rico que um dia seria rei.

“Para surpresa dele, quando o príncipe falou em casamento com a nobre, ela recusou.”

— Por quê? — gritou Martha.

— Porquê, você pergunta? Por que ela diria não, já que se apaixonou pelo príncipe no momento em que o viu? Ele se perguntou a mesma coisa ao partir, decepcionado.

“Ele decidiu voltar para casa pela floresta onde a havia encontrado. Cabisbaixo, mal conseguia manter a mente na cavalgada. Logo, porém, estava exatamente no mesmo local em que a havia encontrado. Decidiu ficar sentado um pouco e ver se conseguia descobrir o que deveria fazer. Sentou-se, exatamente na

mesma árvore, e fechou os olhos, lembrando-se de como ela estava linda na primeira vez em que a viu.

“As fadas o viram chegando e prepararam uma música especial apenas para seus ouvidos. *‘Em todos vales e ilhas, príncipe mais belo está por vir, mas só conquistará a nobre mulher se a fizer sorrir’*, cantaram elas. A música era encantadora e o fez se levantar de imediato. Ele procurou, procurou a origem da música e não encontrou nada. Para vocês verem, é impossível um mero mortal ver algo tão antigo e mágico como uma fada. No entanto, elas estavam lá e cantaram a mesma música de novo.”

— Mamãe, existem fadas no Kentucky? — perguntou Polly.

— Sim, de fato. Claro que existem. E um dia elas podem cantar músicas mágicas para vocês. Vocês têm que escutar atentamente e abrir seus corações do jeito certo. Agora, vamos voltar ao príncipe...

“Tudo bem, ele pensou, posso encontrar muitas maneiras de fazê-la sorrir. Então, levou até ela as flores mais lindas que pôde encontrar, mas não funcionou. Então, levou o bolo mais bonito e gostoso que seus cozinheiros podiam fazer, mas não adiantou. Depois, ordenou que o melhor poeta do reino escrevesse um poema tão perfeito que teria feito o grande guerreiro escocês Robert Bruce chorar de alegria, mas também não funcionou. Embora essas coisas tivessem agradado à nobre, não a fizeram realmente sorrir de todo o seu coração.

“Ele foi embora triste e desanimado, e ela subiu para o seu quarto, na torre, muito triste também.

“Sendo escocês, ele não desistia facilmente. Decidiu perguntar ao pai, o rei, o que deveria fazer. O que vocês acham que o rei disse?”

— O quê? — gritaram as crianças ao mesmo tempo. Até Stephen parecia não poder esperar pela resposta.

— O rei disse: *‘Você disse à moça que a ama ainda mais do que ama a Escócia?’*

“O príncipe balançou negativamente a cabeça e ficou boquiaberto ao perceber o quão sábio o rei era. Montou em seu cavalo e cavalgou o mais rápido que o animal poderia levá-lo ao castelo dela. Pediu à criada para buscá-la, mas ela não desceria da torre, pois não queria mais presentes. Então, ele ficou do lado de

fora da janela dela, espreitando, na esperança de vê-la. Com certeza, ela estava olhando para as montanhas deslumbrantes e prados verdejantes.

“*‘Minha querida’* gritou ele *‘Eu a amo mais que a Escócia, mais que seus grandes picos, lagos, ilhas e lagoas. Por mais que eu ame esta terra, eu a amo mais’*.”

“E sabem o que aconteceu?”

— O quê? — perguntaram as meninas e Stephen, em uníssono.

Ela piscou para Stephen.

— A bela nobre inclinou-se para fora da janela, os cabelos compridos caindo, e sorriu o maior sorriso que uma moça escocesa já pusera no rosto, pois soube então e só então, que ele realmente a amava.

“E assim eles se casaram e tiveram o casamento mais magnífico já celebrado na Escócia, no prado dourado ao lado de onde as fadas os divertiram. Enquanto eles pronunciavam os votos de casamento, embora ninguém mais pudesse ouvir, a não ser os dois, ambos ouviram a música de casamento mais romântica já tocada para duas pessoas. Todas as fadas cantavam juntas, o que era muito incomum para elas, e realizado apenas em ocasiões especiais. Elas cantaram *‘Ame as glórias da terra, pois a Escócia é um vislumbre do céu para você ver. Mas ame ainda mais sua amada, pois ela retribuirá seu amor enquanto viver.’*”

— Sim — disse Stephen.

Jane olhou por cima do ombro para seu belo príncipe. Seu coração se aqueceu de felicidade. Ela quase podia ouvir a doce melodia das fadas na floresta atrás dele.

CAPÍTULO 32

Depois que Jane contou sua história, as crianças dormiram rapidamente, sem dúvida sonhando com príncipes e fadas. Stephen gostou muito de ouvi-la contar a história, mas havia chegado a hora de voltar ao mundo real de homens e mulheres.

Com relutância, ele informou a todos sobre tudo o que havia acontecido desde que ele e William partiram. Jane e Catherine, ambas justamente horrorizadas, abraçaram Kelly quando souberam o que havia acontecido com ela. Ele viu Kelly lutar contra as lágrimas, mas o conforto que recebeu parecia fazê-la querer chorar mais. Logo, ela parou de tentar ser corajosa e cedeu às lágrimas. Finalmente, William sussurrou algumas palavras para ela e Kelly parou de chorar de imediato. Stephen se perguntou o que William havia dito.

Mais tarde, enquanto a fogueira do acampamento brilhava suavemente naquela noite demasiado agradável, Stephen sentiu o clima mudar de modo considerável. Todos pareciam aliviados com a provação que haviam superado. Ele também estava aliviado. Era hora de se concentrar em chegar a Kentucky e tornar seu sonho realidade. Um sonho que ele poderia compartilhar novamente com a esposa.

Ele puxou Jane para perto de si e a olhou nos olhos, brilhando agora à luz do fogo. Segurá-la novamente o deixava tonto de felicidade. Ela o perdoara e, de repente, ele queria comemorar. Ele riu de modo estridente, enquanto lutava para conter seu entusiasmo. Começou a rir, depois engasgou quando tentou parar, e isso o fez rir ainda mais. Então, quase chorou. Todas as suas emoções estavam emergindo ao mesmo tempo. Precisava fazer algo rápido ou Jane pensaria que ele havia enlouquecido.

— Acho que precisamos de uísque esta noite — propôs ele. Uma risada irrompeu de dentro dele. Ele lutou para sufocá-la, mas isso só piorou sua alegria. Então Jane começou a rir, o que tornou seu contentamento ainda maior. Toda vez que ela ria, ele também

ria. Nunca havia rido tanto em sua vida. Inferno, nem conseguia se lembrar de rir alguma vez. O que havia de errado com ele?

— Bear... você poderia... buscar um pouco de uísque na carroça? — conseguiu, por fim, perguntar.

Os outros, todos rindo ou sorrindo agora também, o encararam, espantados. Ele sempre foi o último a sugerir bebidas fortes.

— Vou pegar os copos — disse ele, ignorando os olhares questionadores e finalmente recuperando o autocontrole.

Bear abriu o jarro e serviu uma quantidade modesta para cada uma das damas e, como era habitual, uma porção mais generosa para os homens.

Stephen levantou o copo para brindar, um gesto raro para ele que até deixou Jane boquiaberta.

— Ao nosso irmão Edward, que nos deu essa bebida valiosa. Sentimos sua falta, mas espero que ele e sua família estejam bem e prosperando.

Em sua dor, Stephen havia decidido que Edward estava certo. Agora, percebia que os dois estavam certos. Se pudesse ter evitado a morte das filhas, permanecendo em New Hampshire, teria ficado lá. Mas não havia como ter certeza. Tinha certeza apenas de uma coisa. Não desistiria.

— Para Edward — repetiram todos.

Stephen tomou um grande gole e depois fez algo ainda mais incomum para ele. Sorriu para cada um, enquanto olhava devagar em volta da fogueira.

— Acho que vocês estão se perguntando em que pedra bati minha cabeça ou algo parecido. Bem, não é toda noite em que um homem se reúne com sua família — disse ele, olhando para Jane —, não apenas a salvo, mas abençoado com outro membro. Kelly decidiu se juntar a nós e seguir em direção a Kentucky. Kelly, você deve se sentir como uma irmã para nós. Nós também temos a sorte da companhia de Catherine. Jane me disse que você foi uma companhia e ajudante na minha ausência. Agradeço-a por isso, Catherine. Também é bem-vinda. Espero que possamos aliviar o fardo de ter perdido seu marido. Para Kelly e Catherine, que nossa família seja sua família.

Todos beberam de novo, exceto Kelly, que ainda não havia provado o licor.

Stephen notou que ela apenas encarava o copo, com medo nos olhos. Suspeitava que ela nunca havia provado uísque e só tinha visto os excessos de seu pai na bebida. Casualmente, ele se aproximou e ficou ao lado dela, dizendo:

— Kelly, bebida forte deve ser consumida apenas com moderação. Quando consumida em excesso, pode fazer com que homens e mulheres se comportem de forma inadequada. Uma pequena quantidade não fará muito mais do que aquecer seu interior. Mas não precisa beber, se não quiser. Você é adulta agora e a escolha é sua, de mais ninguém.

Ela balançou a cabeça afirmativamente, parecendo apreciar o conselho do irmão. Tomou um gole cauteloso e conseguiu não se engasgar com ele, depois torceu o nariz e balançou a cabeça.

Ele riu com a atitude dela.

— Leva algum tempo para se acostumar.

— Obrigada, Stephen, por seu brinde — disse Catherine. — Serei eternamente grata a você e William por encontrar os assassinos do meu marido e recuperar meus bens, especialmente o cavalo de James. — Ela omitiu que eles também haviam matado os assassinos.

— Agradeço-lhe também, Sr. Wyllie — repetiu Kelly —, e a você também, William.

— Vamos nos divertir, para variar — sugeriu William. Ele andou até a carroça para buscar o violino.

Eles passaram a noite quente conversando e contando histórias, enquanto William proporcionava um *pot-pourri* de músicas populares ao fundo. Kelly permaneceu sentada ao lado de William o tempo todo, fascinada, batendo o pé e apreciando a música imensamente. Ela lhes disse que só ouvira música uma vez antes, quando sua mãe a levou até a cidade quando era muito jovem.

John assumira o primeiro turno de vigia, enquanto Bear e Sam permaneciam perto de Catherine, que estava sentada em seu baú. Stephen e Jane assistiam, divertidos, enquanto os dois se revezavam em contar fatos e histórias exagerados, competindo claramente pelos mais heroicos ou interessantes. Um contador de

histórias quase tão habilidoso quanto Jane, Bear parecia estar ganhando nesta rodada.

— Foi a noite mais escura e quente que já passei na natureza. Sem lua e com nuvens que cobriam as poucas estrelas. O ar estava parado e abafado. Como sabe, sou peludo como um urso e, nos meses mais quentes, essas pesadas camisas de caça, feitas de camurça, são uma maldição. Decidi que talvez a melhor maneira de me refrescar seria um mergulho no rio, sem roupas. Caminhei cerca de cinquenta metros até o rio, a partir do meu acampamento. Entrei lentamente na água fria, relaxando, quando diversas índias saíram da floresta na margem oposta. Estavam brincando alegremente, como as mulheres costumam agir quando fazem as tarefas juntas. Quando me viram, gritaram “wendigo, wendigo” e apontaram para mim.

O grupo deles rugiu de tanto rir. A maioria já ouvira a história várias vezes antes, mas parecia mais divertida cada vez que Bear contava.

Bear franziu o cenho para eles, mas continuou a história.

— Você provavelmente não está ciente, Catherine, mas os índios não têm pelos no rosto e no peito. Então, para eles eu parecia mais um animal que um homem. Elas correram, histéricas, gritando enquanto voltavam para o acampamento deles. Eu pude ouvir os gritos delas por um longo tempo.

Bear fez uma pausa porque todos riam muito.

— Eu não ia esperar para ver se eles tinham coragem de caçar um *wendigo* à noite, então voltei para o acampamento, empacotei tudo e saí correndo dali.

— O que é um *wendigo*? — perguntou Catherine.

— É um nome índio para uma criatura demoníaca, não humana e sobrenatural, capaz de se transformar de um homem para uma fera, geralmente um urso. O urso caça em noites sem lua e dilacera qualquer homem ou mulher que encontrar. Mata pelo puro prazer de matar. Nenhum humano é forte o suficiente para se defender dele — explicou Bear.

— Nós ficamos mais parecidos com *wendigos* do que como homens quando lutamos — disse Sam, tornando-se sério.

— Aye, capitão. É verdade. Na batalha, somos mais animais do que homens — disse Bear, tomando um longo gole de seu segundo copo de uísque.

— Às vezes, um homem deve se tornar selvagem para sobreviver — disse Sam.

Como fizera na primeira noite em que se encontraram para discutir a possibilidade de ir para Kentucky, Stephen esperava que, quando chegasse a hora, ele e seus irmãos fossem selvagens o suficiente para sobreviver à violência da selva.

Sam tomou um gole de uísque e voltou a contar histórias.

— O animal que me deixa furioso é a pantera, e uma quase conseguiu. Ela me perseguiu por uma milha ou mais. Eu estava a pé, caçando com meus cães. Prefiro caçar a pé. Um cavalo faz muito barulho — explicou, para que Kelly e Catherine entendessem. — Bem, essa pantera ficou na direção do vento, de forma que os cães não a sentiram. Uma pantera não faz barulho quando se move, mas eu sabia que ela estava ali. De vez em quando, eu podia vê-la, os olhos amarelos como fogo, brilhando na floresta. Tentei trazê-la para meu campo de visão, mas ela se movia muito rápido. Uma pistola é uma arma insignificante contra um animal em movimento tão rápido. Eu a vi saltar do chão para um galho de árvore mais alto que uma casa de dois andares. Ela me observou de seu poleiro por um tempo, depois desceu e lentamente se arrastou atrás de mim. Perseguiu-me em silêncio por algum tempo. O tempo todo, eu sabia que ela se aproximava cada vez mais. Era apenas uma questão de tempo até que ela atacasse. Por fim, ela decidiu se dar a perceber. Primeiro, apenas me olhou com puro desdém. Nunca houve um homem que me olhasse com escárnio tão completo e desprezo total. Então, ela soltou um urro, alto e arrepiante. Todos os cães correram, exceto um. Estava claro que o velho King também não gostou do som daquela pantera, mas permaneceu do meu lado, rosnando grave e ferozmente, enquanto ela se aproximava ainda mais.

— O que aconteceu? — perguntou Catherine, fascinada.

— Quando você pode se ver nos olhos da pantera, sabe que está com problemas. O felino e eu sabíamos que íamos lutar. Uma vez, vi uma pantera derrubar um alce com mais de três vezes o seu

tamanho, então sabia que King e eu estávamos em luta por nossas vidas. Ela urrou novamente, como uma mulher sofrendo ou aterrorizada. Desta vez, foi um aviso. Um aviso de que estava prestes a matar. Quando pulou em direção a King, eu atirei, mas ela se moveu tão rápido que apenas atingi seu ombro de raspão. Um golpe com garras cruéis o atingiu em cheio, e ela pulou no pescoço dele. Ela era grande, facilmente mais que o dobro do tamanho dele. Puxei minha faca e pulei sobre ela. Ela me golpeou no rosto. É de onde veio essa cicatriz — disse Sam, apontando o queixo. — Lutamos durante algum tempo. Senti suas garras começarem a penetrar nas minhas costas, e assim que minha lâmina atingiu sua garganta, suas mandíbulas envolveram meu braço. Ela caiu de lado, com meu braço ainda na boca. King levantou a cabeça, cheirou o sangue quente dela. Ele viu que eu estava bem, deitou a cabeça e morreu.

— Pobre King — lamentou Catherine.

— Não tive outro cachorro desde então. Nunca mais poderia encontrar um que fosse tão bom. Tirei a pele daquele felino. A fera acabou sendo um belo tapete na minha velha cabana. Gosto de pensar que King apreciou cada vez que pisei nele — disse Sam, meio sorrindo com este pensamento.

As histórias continuaram por algum tempo, o uísque afrouxando as lembranças e as línguas. Após a primeira hora, Stephen agarrou a mão de Jane e rapidamente a levou para longe do acampamento, carregando as armas e o manto. Já era hora de conversar.

E, seu corpo ardia pelo toque dela.

CAPÍTULO 33

O céu noturno brilhava como um dossel de veludo cravejado dos diamantes mais perfeitos de Deus, enquanto os dois se afastavam do acampamento.

— Stephen, sei que fui cruel em minha acusação. Senti tanto a falta de Amy e Mary, que quase perdi a cabeça — disse Jane, com voz quase embargada. — Ainda sinto o cheiro delas nos seus cobertores. Toda vez que isso acontece, penso que posso encontrá-las se apenas olhar o suficiente. E então percebo que não há para onde olhar.

Ele se esforçou para não deixar a própria dor emergir.

— Sinto meu coração se partir toda vez que toco a boneca de Amy ou o copinho de Mary. Não consigo impedir esses sentimentos. Tentei. Deus sabe que tentei. — Jane parou e se virou para encará-lo. — Não queria culpá-lo, mas culpei. E, honestamente, uma parte de mim ainda o culpa. Uma pequena parte. Mas agora entendo por que você teve que empreender esta viagem. Estou me esforçando para perdoar totalmente nós dois, não apenas você. Talvez, com sua ajuda, eu consiga. Enquanto isso, prometo que quero estar ao seu lado. Seja apenas paciente comigo e, pelo amor de Deus, converse comigo.

Ele segurou a mão dela e a apertou contra o peito. Aquela promessa bastaria, por enquanto.

— Sinto muito por não conversar com você sobre tudo isso. Meu desespero, por você e por mim, foi avassalador. Você estava certa. Fui responsável. Essa viagem foi minha. Minha. De mais ninguém. Coloquei as vidas delas em perigo. Seria muito mais fácil se estivéssemos em Barrington do que aqui. — Ele percebeu que teria que se esforçar para se perdoar. — E, quando aconteceu... não pude fazer nada para impedir. Tudo isso me fez sentir que falhei com você e com elas. — A admissão o feriu, mas ele se sentiu melhor por ter confessado.

— Não, você não falhou com elas ou comigo. Como Sam me ajudou a entender, as meninas poderiam ter morrido em qualquer

lugar. A doença atinge com mais frequência as crianças, não importa onde estejam.

Ele respirou profunda e firmemente.

— Eu amo você e as crianças mais do que qualquer pedaço de terra. Você sabe o quanto desejo terras, mas quero você mais. Sem você, terras são apenas poeira. Tudo o que é belo e importante se perde. Como já lhe disse antes de partir com William, nada neste mundo é mais importante do que meu amor por você e por nossa família.

Uma lágrima deslizou pelo rosto de Jane.

— Perdemos duas de nossas meninas, mas Deus nos abençoará com mais crianças... filhos e filhas. — Uma sombra desceu sobre seu rosto. — Mas, se alguma vez enfrentarmos algo assim de novo, precisamos conversar um com o outro. Precisei de você. Precisei sentir seus braços à minha volta. Porém, em vez disso, como uma tola, eu o afastei. Afastei-me e você me deixou sozinha. Quanto mais você se distanciava, mais furiosa eu ficava. Maldição, Stephen, não podemos nos calar assim nunca mais.

— Estava tentando lhe dar tempo para se curar. Não a afastei. Mas eu me fechei. Tive medo de mostrar meus sentimentos. Você não iria gostar do que visse. Teria parado de me amar.

— Talvez eu tenha parado de amá-lo por um tempo.

— Quando parti com William, acreditei que sim. — Ele estremeceu ao se lembrar.

— Sinto muito. Estava tão cheia de raiva que não havia espaço para outros sentimentos. Mas já acabou agora. Ainda há alguma mágoa, mas não há mais ressentimento.

— A dor ainda está aqui para mim, também — disse ele, baixinho.

Ela beijou as costas da mão dele.

— Senti falta de conversar com você.

— Sei que estive sozinha.

— Sim, embora não tanto desde que Catherine está conosco — disse Jane.

— É bom que você tenha alguma companhia feminina, para variar. Quais são os planos dela, você sabe?

— Ela queria ter certeza de que vocês estão de acordo com a ideia de ela se juntar a nós. Não quer ser um fardo.

— Decidi no caminho de volta. Por alguma razão, o destino colocou essas duas mulheres em nosso caminho. Acho que estavam destinadas a se juntar a nós. O motivo, não sei. Mas seja qual for, é a coisa certa a fazer.

— Estou horrorizada com o que aconteceu com Kelly. Você acha que ela irá superar tudo? — perguntou Jane.

— Sim. Ela parece ser uma mulher de muita fé. E acho que o fato de William a tratar com tanta gentileza a ajudou.

— É uma jovem adorável, mas a pobre garota está magra como um caniço e usa roupas de mendigo. Você acha que ela se importaria se eu lhe desse um vestido? Acho que tenho um que cabe nela se ela colocar um cinto nele.

— O que ela está vestindo é pouco mais que um trapo. Não acredito que ela tenha vestido uma roupa nova desde que a mãe morreu, quatro anos atrás. Falando em vestidos, este não está ficando um pouco apertado? — perguntou ele, envolvendo a cintura dela com as duas mãos.

— Não é por comer demais. É esse grande filho seu. — Ela sorriu largamente e esfregou seu ventre ainda plano.

O coração dele deu um pulo. Ele parou abruptamente, largou seus rifles e seu manto, e gentilmente colocou as mãos em ambos os lados do rosto dela.

— Você está grávida de novo?

Jane assentiu. Seus olhos verdes cintilavam com o brilho de pura alegria, sua tristeza esquecida por um momento.

A notícia fez o coração dele dançar. Havia ansiado por um filho que perpetuasse o seu nome.

— Um filho! Mas como pode saber? Isso é impossível.

— Apenas sei. É o seu primeiro filho e ele será enorme. Acho que terá pelo menos o tamanho de Sam. Ao contrário das meninas, ele me faz desejar comida e leite, de tal forma que mal posso pensar em outra coisa. Acho que fiquei mais animada em ver as galinhas e a vaca leiteira de Kelly do que em ver você — disse ela, com o rosto abrindo um sorriso largo.

— Você contou aos outros?

— Apenas para Catherine. Ela não entendeu por que eu não havia lhe contado antes de você partir. Mas não pude lhe contar naquela ocasião. Não possuía nada para compartilhar além da raiva. Mas agora quero compartilhar a notícia com você.

Ele olhou bem dentro dos olhos dela. Eles pareciam ainda mais verdes quando ela estava grávida. Talvez fosse a magia de uma nova vida crescendo dentro dela. Ele viu uma faísca ali que renovou sua determinação.

Começou a andar de um lado para o outro enquanto sua mente acelerava.

— Precisamos nos apressar agora para chegar em Kentucky. Meu filho vai nascer em nossa terra, não em uma maldita carroça.

— Ele percebeu que a própria Jane só desejava isso. Ela gostaria de ter o filho em uma cama, na casa deles. — Prometo que construiremos uma bela casa lá... e que nosso quarto terá uma cama enorme, com espaço de sobra para fazer mais filhos. E filhas, é claro.

— Ah... então você já está pensando em nossa cama e como podemos usá-la?

Stephen sentiu um sorriso abrir os lábios, mas ignorou o sarcasmo dela. Em vez disso, beijou-a com gentileza, sentindo o gosto do uísque com mel que ela havia tomado antes. Ele a envolveu nos braços. Havia sentido falta da sensação de segurá-la. Era como envolver os braços em torno do paraíso.

Desejava amá-la, mas primeiro queria que ela soubesse que era amada. Manteve-a em seus braços, pressionando seus corações até quase baterem como um só.

Ela descansou a cabeça no ombro dele e ele acariciou-a com suavidade por algum tempo, contente por apenas segurá-la até que ela estivesse pronta para mais. A vida havia lhe mostrado seu lado feio nos últimos tempos, mas agora ele podia sentir um pouco da beleza retornando.

— Meu amor — sussurrou ele, nos cabelos dela.

Ela o olhou com os olhos brilhando de felicidade.

— Senti sua falta.

— E senti a sua, minha querida, de todo o meu coração. — Só o fato de olhá-la fazia seu sangue ferver, seu desejo aumentar, seu

coração disparar. Mas ele queria mais.

Ele mergulhou as mãos nos longos cachos grossos dela. Deixou seus dedos saborearem a sensação sedosa das madeixas e depois os deixou passear pelas curvas deliciosas das costas e quadris dela. Queria tocar cada centímetro dela. E tocaria logo. Ele parou de explorar o corpo dela e encostou a testa na dela.

— Espero que esteja certa de que é um filho — sussurrou ele —, mas quero apenas que você esteja segura e bem após o parto. É tudo o que importa para mim.

— Ainda não tive nenhum problema sério. Sou forte. Muitas gerações de meus antepassados escoceses, trazendo ao mundo bebês grandes e teimosos, nos tornaram especialmente boas em dar à luz.

— Essa não é a única coisa em que você é especialmente boa — disse ele, sorrindo e movendo as mãos para explorar as curvas das costas dela. Ela era deliciosa sob o toque dele, forte, mas suavemente feminina. As mãos dele tremiam de ansiedade.

Talvez ele pudesse amá-la bastante para ajudá-la a curar o coração partido, talvez em breve ela pudesse perdoá-lo por completo. E ele sabia que o amor dela com certeza o ajudaria a fazer com que seu coração destroçado revivesse. Juntos, poderiam se tornar inteiros mais uma vez.

— No que mais sou especialmente boa? — perguntou ela, sorrindo.

— Em contar histórias. — Ele tocou os lábios dela com o dedo. O sorriso dela iluminou a noite.

— No que mais?

— Biscoitos.

Ela riu.

— No que mais?

— Seu ensopado.

Ela gargalhou ainda mais.

A risada ruidosa dela aqueceu seu coração mais do que ele poderia ter imaginado.

Ele abaixou os lábios até os dela e a beijou total e profundamente, até sentir o corpo dela pressionando o seu, pedindo mais. E ele daria mais a ela — muito mais.

Ansiava pela cama grande que logo teriam, para poder beijar todo o corpo maravilhoso dela. Nunca se cansava de encontrar maneiras de agradá-la e, quanto mais tempo ficavam juntos, mais imaginativo ele se tornava.

Acariciando os polegares na frente do espartilho dela, ele sentiu a evidência da sua excitação através do vestido. Era hora de remover aquela barreira.

Ele começou a ajudá-la a tirar as muitas camadas de roupas — vestido, espartilho, anáguas e outros itens que não conhecia pelo nome, nem queria conhecer, e, por fim, a combinação — um processo que nunca deixou de testar sua paciência. Mas sempre era recompensado no final.

Ela ficou diante dele, com o corpo revelado, exceto pelas meias e botas brancas. Sua pele de alabastro brilhava ao luar. Os cabelos espessos pareciam não ter fim, quase atingindo a cintura. Ele olhou para a beleza dela, com admiração. Com seios fartos e pernas longas e esbeltas, ela lhe tirava o fôlego. Stephen a contemplou, extasiado, mas não pôde evitar. Não conseguia tirar os olhos dela. Fazia tanto tempo, muito tempo desde que ele a vira e tocara como marido.

Aproximou-se e descansou as mãos nas curvas dos quadris dela, depois lentamente colocou as mãos atrás dela, enchendo-as com a carne do traseiro macio. Cabia plenamente nelas. Tudo nela se encaixava nele, com perfeição. Tudo.

Jogou o manto no chão e depois tirou o casaco e o colete, enquanto as mãos dela desatavam os laços dos calções dele. Ela abaixou as mãos e o acariciou gentilmente. Sua carícia persuasiva pedia mais. Ele gemeu, enquanto seu corpo, tão sensível ao toque delicado dela, reagia. Poderia ficar ali para sempre, rendendo-se às atenções dela.

Enterrou o rosto nos cachos recém-lavados. Inalou profundamente, deleitando-se com o perfume que o fazia se lembrar da água da chuva e de rosas. A incrível cor vermelha do cabelo espelhava a personalidade de Jane — ardente e cheia de vida.

E, quando segurou as mãos dela, ela estava radiante com essa chama. Os olhos dela brilhavam, enquanto ela lambia os lábios

carnudos. Ela jogou para trás as madeixas espessas que cobriam os seios atraentes.

Os olhos dele se dilataram. Ele se viu olhando fixamente para ela mais uma vez. Ela o deixava louco de desejo. O calor primitivo emergiu entre os dois, palatável, poderoso e intenso o suficiente para incendiar aquela região selvagem.

Ela tirou a camisa dele, seguida do resto de suas roupas. Ele ficou nu diante dela e os olhos verdes de Jane brilharam de paixão. Ela deu um passo à frente e percorreu os dedos sobre os pelos do seu peito e sobre os mamilos retesados, fazendo-o tremer. Ele se rendeu completamente à sedução dela enquanto ela arrastava beijos leves sobre os músculos de seu peito. Um gemido saiu de seus lábios quando sentiu os seios dela pressionarem contra ele. Ela abraçou o pescoço dele e uma de suas pernas o envolveu enquanto ele segurava sua cintura.

Assim que ela pressionou os lábios nos dele, ele retribuiu o beijo com uma fome desesperada, assustadora. Ele já a amava antes, mas agora seus sentimentos por ela eram ainda mais fortes. Havia aprendido o que a ausência daquele amor significava. E nunca a desejou mais do que naquele momento.

Rapidamente, ele apanhou suas armas e as colocou no chão ao lado deles. Feliz por ter trazido seu manto para protegê-los do ar noturno, ele o retirou da pilha de roupas e o abriu diante dela. Um santuário temporário para o seu amor.

Ele gesticulou, galante, para o manto.

— Minha senhora. — Ele segurou a mão dela.

— Diga-me de novo, em que mais sou especialmente boa, meu príncipe? — perguntou ela, sem fôlego, enquanto se sentava no manto dele.

Quando ele deixou-se cair ao lado dela, ela se aproximou, e os olhos verdes brilhavam de intenso desejo. O calor da pele dela sobre o corpo dele era intoxicante. Sua mão deslizou pelo quadril e coxa dela enquanto pensava na resposta. Ele gostava daquele jogo.

— Em massagear meus ombros.

Ela colocou as mãos nos ombros dele, com toque suave e carinhoso, mas que provocou um desejo abrasador.

— Em que mais?

— Em beijar. — Os lábios dele desceram sobre os dela, persuasivos.

O beijo dela foi tão desafiador quanto excitante. A paixão percorreu seu corpo por inteiro, depois rodopiou ao redor dele, envolvendo os dois em chamas ardentes.

— Em que...

Ele achou melhor lhe mostrar.

CAPÍTULO 34

— Johnny, acorde — disse Stephen, sacudindo o ombro do garoto.

— O que foi, tio? Índios? — Johnny sentou-se, com os olhos arregalados.

— Não, não. Vamos caçar, você, eu e o tio Sam.

— Sêrio? — Ele levantou-se correndo para procurar suas botas e jaqueta.

— Silêncio, agora. Não acorde as meninas — sussurrou Stephen. — Elas precisam de seu sono de beleza.

— Martha precisa dormir por um mês — disse Johnny, já exibindo a sagacidade dos Wyllies.

Eles se juntaram a Sam, que estava se vestindo.

— Tem certeza de que seu tornozelo já sarou a ponto de fazer uma longa caçada? — perguntou Stephen, baixinho.

— Sim, parece quase novo, e estou mais do que pronto para testá-lo — respondeu Sam. — Sempre poderei voltar se isso vier a se tornar um problema.

Os três caçadores já estavam a caminho antes da luz do dia. Sam os conduziu pelo campo aberto e coberto pelo orvalho, em direção ao limite florestal ao norte. O ar cheirava a limpeza, como se alguém o tivesse esfregado com sabão durante a noite.

— Vamos nos afastar desses prados abertos e seguir para aquelas colinas. Deve haver veados ou javalis lá em cima — disse Sam, olhando para trás.

Ao amanhecer, eles subiam as colinas verdejantes a um ritmo constante. A sensação de se exercitar era boa para Stephen, com as pernas rígidas pela montaria. Johnny continuou a subir com certa facilidade, mas começou a respirar com mais dificuldade quando a subida ficou mais íngreme.

— Precisa de uma carona, Johnny? — perguntou Stephen. — Pule aqui nas minhas costas.

— Não, senhor, obrigado de qualquer maneira — disse Johnny, sem diminuir a velocidade.

Normalmente, o garoto gostava de andar nas costas dos tios. Mas Stephen suspeitava que seu sobrinho quisesse carregar seu próprio peso naquele dia, ser um caçador, não um garotinho.

Johnny recuperou o fôlego quando Stephen e Sam pararam para verificar a carga de seus rifles de Kentucky.

Baixinho, Sam falou com Johnny:

— Daqui em diante, não fale. Se encontrar uma caça, toque-me nas costas e aponte na direção dela. Ande apenas atrás de mim, mas não tão perto que os galhos batam em você — instruiu Sam. — E veja onde pisa... evite cobras e galhos secos... assustará qualquer coisa em que valha a pena atirar.

— Caçar com certeza tem muitas regras — disse Johnny —, mas farei o que você disse, tio Sam, especialmente a parte sobre cobras.

Ao ver o rifle de Stephen, Johnny ficou boquiaberto. Com quase um metro e meio de comprimento, sua extensão era maior que a altura do garoto.

— Isso parece não acabar mais — disse Johnny, inclinando o pescoço para ver o fim do rifle. — A faca do capitão é ainda mais assustadora. Tão longa quanto meu braço. A maior faca de todo mundo.

— Pode ser — disse Sam, piscando para Johnny.

— Este é o melhor dia da minha vida. Sem perguntas. Caçando com os dois homens mais corajosos que já viveram. Quero ser como vocês — declarou Johnny.

Stephen não sabia se ele era um dos homens mais corajosos que já viveram, mas Sam certamente era. Os dois tinham muito a ensinar ao garoto.

Sam acenou para eles. Seu irmão se movia de modo muito silencioso para um homem tão grande. Ele observou como Sam avançava. De alguma forma, antes de dar cada passo, Sam podia ver o que havia no caminho. Ao mesmo tempo, absorvia tudo à sua volta na floresta, enquanto contornava gravetos ou galhos secos.

A floresta ficou mais densa e escura ali. Árvores cobertas de trepadeiras emaranhadas e pinheiros gigantes mantinham a luz afastada. Stephen esperava que passassem logo por aquela escuridão opressiva. Era como estar em uma caverna, uma grande

caverna cheia de sombras, sabendo que não estava sozinho. Tinha certeza de que criaturas estranhas e ferozes viviam naquele lugar sombrio.

Johnny olhou para trás, provavelmente querendo ter certeza de que Stephen estava por perto. Estava. Se o sobrinho quisesse correr para trás e pular em seus braços, ele não culparia o garoto. Parecia uma floresta sem fim, enquanto Sam abria caminho em meio à escuridão.

Por fim, chegaram à luz, onde colinas rochosas subiam e desciam como ondas no mar. Caminharam até os pés de Stephen ficarem doloridos por causa das pedras, até que Sam finalmente parasse. Quando parou, Johnny ficou imóvel. Stephen também. A última coisa que queria era assustar qualquer caça que Sam tivesse visto. Em silêncio, observou Sam se ajoelhar para equilibrar sua longa espingarda em um joelho. A luz do sol refletia no cano longo e brilhante enquanto seu irmão alinhava a visão.

Stephen ouviu um pássaro cantando nas proximidades e, em seguida, o clique forte do gatilho do rifle. Olhou na direção do objetivo de Sam. Um cervo estava parado, bem dentro dos limites de outro agrupamento denso de árvores. O animal congelou por um momento — um instante que acabaria com sua vida. Viu o animal cair a distância. Ele soltou o a respiração.

— Grande corça, acho — disse Sam, olhando para Stephen.

— Posso ir lá ver? — implorou Johnny, com o rosto e os olhos brilhando de emoção.

— Tudo bem. Estaremos logo atrás de você. Tenha cuidado — disse Stephen —, não chegue muito perto até sabermos com certeza que está morto.

Johnny disparou, correndo, pedras e agulhas de pinheiro sendo esmagadas debaixo dele a cada passo.

A primeira caçada do sobrinho. Ele se lembrava de sua primeira caçada e de estar igualmente excitado.

Um tronco estava no caminho de Johnny. O garoto deu um pulo enquanto Stephen voltava-se para Sam.

— Grande tiro, Sam. Vamos mastigar carne fresca hoje à noite — disse Stephen, caminhando pela fumaça remanescente de

pólvora para ficar ao lado de seu irmão, que já estava recarregando a arma.

— E talvez saborear um pouco do bom vinho que Edward mandou — disse Sam, com prazer.

A perspectiva de uma boa refeição fez o estômago de Stephen roncar. Eles haviam saído sem tomar o desjejum.

— Vou procurar um galho para levá-la para o acampamento — disse Sam.

— Onde está Johnny? — perguntou Stephen.

Sam levantou o olhar.

— Estava ali. — Ele apontou para a corça.

Rapidamente, Stephen examinou a área arborizada, sem encontrar nada.

— Não está agora! — exclamou Stephen, começando a correr.

Sam seguiu logo atrás dele, terminando de recarregar a arma enquanto corria.

— Johnny! John! — gritou Stephen várias vezes enquanto corria.

— Fique quieto, vamos ver se podemos ouvi-lo — disse Sam, parando.

Os dois apuraram os ouvidos por vários momentos, mas a floresta estava em silêncio, guardando os seus segredos.

— Johnny, onde você está? — gritou Sam, por fim, o mais alto que pôde e os dois voltaram a correr.

— Stephen, pare! — gritou Sam, parando de imediato.

Stephen parou abruptamente.

— O que foi?

— Johnny não desapareceu. Deve ter caído em uma fenda. Tenha cuidado, disseram-me que a Virgínia está cheia de cavernas.

— E se os índios estavam nos observando e o agarraram, ou então um urso, Deus não permita? — perguntou ele, mortificado por qualquer uma dessas possibilidades.

— Teríamos ouvido um urso e não há índios aqui — respondeu Sam.

— Como sabe?

— Apenas sei. Chame isso de instinto. Chame isso de sexto sentido. Pegue um galho. Espete o chão na sua frente antes de dar um passo.

Ambos acharam galhos resistentes para usar e seguiram na direção da corça com mais cuidado, a cerca de um metro e meio de distância. Eles chamaram por Johnny enquanto avançavam lentamente, parando a cada poucos metros para ouvir qualquer som que viesse do garoto. Mas Stephen não ouviu nada; o único som na densa extensão de árvores ao seu redor era o bater do próprio coração preocupado. A floresta ali cheirava tanto à madeira podre quanto fresca, a plantas mortas e flores silvestres florescendo, misturando-se em uma miscelânea agri-doce de morte e vida.

— Já vi esse tipo de terreno antes. Uma chuva forte ou uma inundação lava o chão sobre uma caverna e cria uma armadilha natural. Reze para que não seja muito profunda — disse Sam, enquanto avançavam.

— E se for?

Sam não respondeu.

CAPÍTULO 35

Por vários minutos intermináveis, os homens procuraram sem falar, e a mente de Stephen se encheu de pavor. Repreendeu-se várias vezes por deixar algo acontecer com Johnny. O familiar veneno da culpa já o fazia sentir-se mal. Seu irmão parecia se recusar a ceder ao seu alarme, mantendo uma calma soturna. Mas a mente de Stephen começou a se encher de pânico. Ele se esforçou para acalmar os nervos.

— Ouviu alguma coisa? — perguntou Sam. Eles congelaram.

— É ele. Está chorando — respondeu Stephen. Ele se moveu cautelosamente em direção ao som triste. — Johnny — gritou o mais alto que pôde. Não sabia exatamente de onde vinha o choro.

— Estamos indo. Espere, garoto — gritou Sam.

O choro se transformou em soluços altos e eles rapidamente encontraram a abertura na terra do outro lado de uma árvore caída. Os dois homens se deitaram de bruços para espiar. A abertura não era grande, mas os lados do buraco pareciam quase retos, apontando para a completa escuridão.

— Não consigo ver nada. Você consegue? — perguntou Sam.

— Não, está muito escuro lá em baixo. Johnny, você está machucado? — gritou ele, para dentro do buraco estreito.

Os soluços diminuíram, mas o garoto não falou.

Sam tentou de novo.

— Johnny, nós dois estamos bem aqui, logo acima de você. Você não está sozinho. Vamos tirá-lo daí. Juro.

— Socorro... eu caí — conseguiu Johnny choramingar, em meio a soluços.

Os dois homens mal podiam ouvir o garoto.

Stephen perguntou de novo:

— Está ferido? Grite, Johnny, para que possamos ouvi-lo.

— Sim, meu braço... dói... muito... de verdade. Está escuro aqui. Tire-me daqui! Tire-me daqui! — implorou a criança apavorada.

— Espere. Vamos tirar você daí. Não fique assustado, Johnny. Coisas assim acontecem aos caçadores. Isso faz de você um

verdadeiro caçador agora — disse Sam.

— O que vamos fazer? Ele parece estar bem lá embaixo. Se um de nós descer para pegá-lo, como nos sairemos sem corda?

Sam pensou por um segundo.

— Vamos ver se alguma trepadeira de árvore por aqui é forte o suficiente para suportar peso. Enquanto olho, veja se consegue descobrir qual o comprimento necessário.

— Tio Sam foi procurar uma trepadeira forte para puxá-lo para fora — gritou Stephen pelo buraco. — Você consegue me ver? Tente olhar para cima.

Depois de um momento:

— Um pouco.

— Johnny, a que distância pareço estar? Se você empilhasse cavalos uns sobre os outros, quantos cavalos seriam necessários para me alcançar?

— Não sei. Não sei.

— Pense bem, Johnny, quantos seriam necessários? — pressionou Stephen.

— Três dos grandes.

Ele parecia mais fraco. Eles precisavam chegar até o garoto logo.

— Precisamos de pelo menos seis metros de trepadeira — gritou Stephen para Sam, que continuava a circular pelas bases das árvores maiores e mais próximas.

— Nada disso é forte o suficiente para aguentar seu peso sem se romper — gritou Sam. — E não vejo nenhuma maior o suficiente.

— Continue procurando — gritou Stephen.

O tempo se escoava lentamente, à medida que a busca de Sam se expandia para as árvores mais distantes, e o medo de Stephen aumentava a cada minuto que passava. O céu estava ficando mais escuro, enquanto nuvens cinzentas e pesadas chegavam. Uma tempestade se aproximava. Eles tinham que tirar Johnny logo ou ele poderia se afogar.

— Este velho olmo tem uma trepadeira que podemos usar — gritou Sam, por fim.

Segundos depois, ele ouviu o machado de Sam cortando a trepadeira na base da árvore. Então, o irmão a puxou, usando todo

o seu peso. A velha trepadeira vinha crescendo no imenso tronco por anos e se recusava a largar a árvore e seus galhos. Sam puxou com mais força. Ainda assim, ela não se mexeu. Ele viu quando Sam começou a torcer a trepadeira, puxando-a a cada torção. Ele circulou a árvore, arrastando a trepadeira em ambas as direções antes de tentar novamente. Sam se abaixou quando a trepadeira finalmente se rendeu e caiu pesadamente no chão.

Sam correu em direção a Stephen, a trepadeira seguindo atrás dele. Uma boa polegada de espessura, seria forte o suficiente, se fosse longa o bastante.

— Você desce, é menor — disse Sam. — Vamos testar primeiro o comprimento. Vou soltá-la e ver o quão próxima dele ela fica. Você precisará amarrá-lo e deixar que eu o puxe primeiro.

Sam se inclinou sobre o buraco.

— Johnny, vou abaixar esta grande trepadeira agora para ver se é longa suficiente para alcançá-lo. — Ele jogou uma ponta pela caverna. — Você consegue ver o final dela? — gritou ele.

Quando Johnny não respondeu, Stephen tentou de novo.

— Quão perto está, Johnny?

Ainda sem resposta.

— Ele desmaiou, provavelmente por causa da dor — disse Sam.

— Vou descer agora! — disse ele.

— Deixe aqui tudo o que puder, exceto sua pistola. Você precisará, se houver um roedor ou cobras.

Stephen retirou rapidamente as botas, chapéu, casaco e colete, chifre de pólvora e outros equipamentos que levava consigo.

Sam sentou-se no chão atrás do tronco. Empurrou as pernas contra o tronco da árvore caída. Ela seria usada como alavanca para permitir que ele utilizasse os braços e as pernas, e deixasse os quadris suportando a maior parte do peso. Sam balançou a cabeça, em sinal afirmativo, para Stephen ir em frente.

Stephen agarrou a trepadeira e desceu pela caverna, os pés primeiro, equilibrando-se nos lados com as pernas. Quando a trepadeira raspou a terra no alto do buraco, a terra caiu dentro da caverna, provavelmente sobre Johnny. A abertura estreita era larga apenas o suficiente para um homem adulto passar, mas mais do que suficiente para engolir um menino pequeno. Enquanto descia

lentamente, seus olhos se acostumaram à luz fraca no escuro espaço confinado.

— É melhor você estar bem perto dele, ou esta trepadeira não será longa o suficiente — gritou Sam.

— Estou. Estou aqui — respondeu Stephen, gritando, quando alcançou o lado do garoto. Ele soltou a trepadeira quando os dedos dos pés tocaram o chão, para dar um descanso de seu peso a Sam por um tempo. — Mas a trepadeira não é longa o suficiente para amarrá-la ao redor de Johnny. Você consegue encontrar uma mais longa?

— Não temos tempo, a tempestade está se aproximando e levou muito tempo para encontrar essa. Acho que posso puxar vocês dois para fora, se conseguirem se amarrar bem.

Como suspeitavam, Johnny estava inconsciente, seu braço esquerdo se projetando estranhamente para o lado. Ele se esforçou para ver além do sobrinho. Havia luz suficiente para perceber que ambos estavam à beira de uma caverna muito mais profunda. Se desse um passo, cairia pela borda.

Sem qualquer aviso, morcegos voaram ao lado dele e ele agitou freneticamente os braços em volta da cabeça. Começou a se afastar do enxame, mas conseguiu parar a tempo de ouvir pedaços de pedras caindo à sua frente nas profundezas da caverna.

— Pequenos bastardos cegos — praguejou.

Stephen respirou fundo depois que os morcegos voaram pela abertura; curvou-se com cuidado e gentilmente pegou Johnny. Depois, estendeu a mão para agarrar a trepadeira, que balançava logo acima do seu ombro.

— Eu o peguei, espere que eu me segure bem — gritou ele. Com o seu braço mais forte, o direito, ele envolveu a trepadeira com firmeza em torno do antebraço e da mão. Gostaria também de a enrolar em torno de Johnny, mas não havia o suficiente para envolvê-lo. Em vez disso, equilibrou o garoto no quadril e no braço esquerdo. — Tudo bem, puxe-nos para cima.

Ele rezou para que Sam fosse forte o suficiente para puxá-los e, pela primeira vez, ficou feliz por ser o mais baixo dos cinco irmãos e por Sam ser o mais alto e mais forte. Sentindo a tensão do próprio peso acrescido do peso de Johnny no bíceps direito, ele esperava

que todo o trabalho que fizera, tirando as pedras de sua terra, tivesse tornado seu braço forte o suficiente para continuar segurando a corda improvisada até que os dois chegassem à abertura.

Ele olhou para cima. Podia ver a luz do dia, uma visão bem-vinda na atmosfera úmida e opressiva da caverna. Manteve o olhar na luz enquanto Sam lentamente os puxava. Logo estavam chegando na abertura.

Stephen tentou encontrar um ponto onde pudesse aliviar um pouco o peso que Sam suportava. Estava preocupado que a trepadeira se rompesse, mas com Johnny no braço esquerdo e a trepadeira no direito, não teve escolha a não ser confiar que ela aguentaria o esforço.

Então, sentiu a trepadeira balançar, e pedaços de terra e madeira podre começaram a cair. Ele ouviu Sam praguejar.

Stephen balançou a cabeça, tentando tirar os detritos dos olhos. O menino estava precariamente pendurado a seu lado, enquanto Stephen lutava, aflito, para manter o controle sobre a trepadeira e Johnny.

Grandes pedaços de terra caíram sobre eles e a corda improvisada deslizou um pouco.

Ele quase perdeu o controle da trepadeira. A pele da palma da mão direita começou ficar esfolada. Ele ignorou a queimação latejante na mão. Seu ombro estava destroncando. Cerrou os dentes para suportar a dor que crescia cada vez mais, sabendo que a vida de Johnny estava em risco e talvez a dele também. Se caíssem naquele momento, provavelmente bateriam com a cabeça nas pedras antes mesmo de chegar ao fundo da caverna.

— Você está bem? — gritou Sam.

— Sim, mas apresse-se.

— Vou tirá-lo daí. Prometo.

— O que aconteceu? — gritou Stephen, tentando se distrair do extremo desconforto que sentia no braço direito. Quanto tempo seu ombro poderia suportar antes de se destroncar?

— Esta árvore podre desabou. Quase fui arrastado.

— Sam, você consegue!

Sam apenas grunhiu.

Pareceu levar uma eternidade até Stephen sentir seu ombro passar pela borda da caverna.

Como uma grande parte da terra da abertura havia caído na caverna, agora havia espaço suficiente para Stephen e Johnny passarem. Com o braço esquerdo, ele empurrou Johnny para terra firme e depois jogou uma perna por cima da abertura.

Sam manteve-se segurando firme até Stephen estar completamente do lado de fora.

Stephen ajoelhou-se ao lado de Johnny enquanto Sam caía de costas, respirando rapidamente.

— Ele está bem? — perguntou Sam, ofegante e limpando o suor do rosto.

— Espero que sim. Tudo o que vejo de errado, além de arranhões e contusões, é o braço dele. O osso não rompeu a pele. Nenhum inchaço na cabeça.

Enquanto esfregava o ombro dolorido, Stephen notou as mãos de Sam. Os dedos da mão esquerda do seu irmão estavam quase em carne viva e grandes manchas vermelhas cobriam ambas as palmas, onde a trepadeira havia raspado a pele. Sam mexeu os ombros, mas parecia estar bem.

— Coloque o braço dele no lugar antes que ele acorde — disse Sam, recuperando bastante o fôlego.

Stephen gentilmente manipulou o braço de Johnny para o lugar, enquanto Sam cortava um pedaço grosso de casca de árvore para fazer uma tala improvisada. Então Stephen usou a própria camisa para obter uma tipoia. Johnny gemeu durante o procedimento, mas não acordou.

— Você acha que conseguiremos levar a corça e Johnny de volta para o acampamento? — perguntou, envolvendo a mão em carne viva com parte de sua *cravat*, dando depois o resto para Sam envolver as mãos feridas.

— Se nos revezarmos carregando Johnny, e arrastarmos a corça atrás de nós, acho que podemos conseguir. Vamos tirar a pele dela no acampamento. Vou buscá-la. Você fica com o garoto.

Stephen olhou para o rosto sujo e manchado de lágrimas de Johnny. *Por favor, Deus, que ele não tenha mais ferimentos. Não podemos perder outra criança. Ficaríamos destruídos.*

Ele sufocou as emoções, a lembrança ainda dolorosa e recente de suas filhas. Não queria que John sentisse a angústia de perder um filho. Era uma dor que, mesmo quando enterrada profundamente, duraria para sempre.

CAPÍTULO 36

Nunca imaginei que chegaria tão longe. Sinto como se já tivéssemos cavalgado o mundo duas vezes. Mas Sam nos disse que estamos a apenas dois terços do caminho até nosso destino. Estou fatigada e anseio pela sensação e tranquilidade de uma cama de verdade. Seria tão bom dormir de novo sem o som constante de grilos, coiotes ou outras criaturas noturnas. Nunca mais considerarei como garantida a minha cama. Ou as atenções de Stephen em nossa cama.

Sonhei com elas ontem à noite. Um sonho tão real que acordei com lágrimas descendo dos olhos. Mas essas lágrimas eram diferentes, de alguma forma. Enxuguei minhas faces, mas não consegui apagar a sensação estranha em meu coração. No sonho, eu olhava para a carroça e lá estavam elas, Amy e Mary, brincando juntas. Eu as chamei, e elas olharam diretamente para mim e sorriram. Sorrisos lindos e alegres em rostos inocentes. Fiquei emocionada, no fundo do coração. Mas quando entrei na carroça, elas haviam sumido. Eu as chamei, mas elas não voltaram. Gritei, chamando-as, mas elas não voltaram. Gritei, procurando-as, mas elas não voltaram. Mas eu ainda podia ver seus sorrisos. E elas pareciam tão cheias de vida. Mal posso esperar para compartilhar com Stephen o que sei que foi uma visão.

Jane guardou o diário. *Lembre-se daqueles sorrisos abertos, disse a si mesma. Elas estavam tão felizes. Só vieram me avisar isso.*

Jane decidiu que queria que Martha e Polly aprendessem todas as habilidades que pudessem ter, especialmente aquelas que lhes permitissem se proteger e adquirir comida. Uma de suas primeiras lições, pescar, seria naquela mesma manhã.

— Essa foi a melhor truta que já comi — declarou Jane, ainda retirando os últimos pedacinhos de peixe das espinhas. — Vocês,

meninas, são excelentes pescadoras e John, um excelente professor.

— Bear me mostrou como limpá-los — disse Polly, com orgulho.

— E eu aprendi como preparar uma isca... com um gafanhoto! — declarou Martha.

— E eu tenho tanto orgulho de vocês duas — disse Jane. Ela já sabia que Bear havia mostrado às meninas como preparar o peixe para cozinhar, baseando-se nas manchas recém-feitas no vestido de Polly, mas não disse nada. Imaginou que uma ou duas manchas eram um preço baixo a ser pago em troca das habilidades que elas estavam adquirindo. Ela ignorou o vestido sujo, concentrando-se no rosto feliz da filha. Algo no rosto de Polly reacendeu a dor dentro dela. Era o sorriso da filha. Havia visto o mesmo sorriso no seu sonho. Ela fechou os olhos para a dor. Em sua mente, viu suas filhas sorrindo de novo. Estavam felizes, lembrou-se mais uma vez. Se apenas pudesse se lembrar sempre disso, acreditava que seria de muita ajuda.

— Podemos pescar novamente esta noite, tio John? — perguntou Martha.

— Não, Martha, por melhor que seja aquele local de pesca, uma tempestade está chegando. Aquelas grandes nuvens ali se formaram a manhã toda e estão se aproximando. Pelo jeito delas, pode bem ser uma tempestade — disse John, apontando para as trovoadas se multiplicando no horizonte. — Além disso, seu pai e Sam nos trarão algo saboroso para comer.

— Espero que eles também vejam a tempestade se preparando e voltem logo — disse Jane, enquanto ela e Kelly reuniam a louça do desjejum.

Catherine serviu a todos outra xícara de café.

— Não se preocupe com eles. O capitão é o melhor conhecedor de clima que conheço — disse Bear. — Pode sentir o cheiro de uma tempestade chegando com um mês de antecedência.

— Oh, Bear, você está exasperando — disse Polly.

— Você quer dizer “exagerando” — corrigiu Jane, dando um abraço carinhoso em Polly.

— Ela estava certa quando falou — disse John.

Todos riram, exceto Polly, que não entendeu o que havia dito. Obviamente irritada por estarem rindo, ela comprimiu os lábios, esticou o queixo, estreitou os olhos e colocou as mãos nos quadris. Agindo assim, ela ficava muito parecida com Stephen quando estava irritado, e todos riram ainda mais. Polly havia herdado não apenas o tom moreno do pai, mas também suas expressões faciais.

Martha, no entanto, parecia com Jane, com olhos verdes brilhantes, pele clara e cachos vermelhos indomáveis. E, à medida que Martha crescia, Jane podia ver cada vez mais sua própria personalidade refletida na filha mais velha. Ainda não conseguia acreditar no quão bravamente Martha desafiara Bomazeen. Se não fosse a maneira como ela conseguiu distrai-lo, Deus sabe como teria sido aquele dia. Ela puxou a filha para si e lhe deu um grande abraço.

— Por que isso? — perguntou Martha.

— Porque, minha doce coelhinha, eu a amo muito — disse Jane, sorrindo. — E estou tão orgulhosa de você.

— Por que me chama assim?

— Porque você é tão doce quanto o mel e fofa como um coelho.

Ela trocou uma risadinha com Martha.

— É melhor prepararmos o acampamento antes que aquelas nuvens decidam se derramar — sugeriu William.

Jane estava acostumada a se molhar. Na primavera, a chuva caía tão frequentemente quanto o sol brilhava. Mas aquelas nuvens pareciam mais ameaçadoras que o normal. O céu assumia um tom assustador de cinza-azulado e ligeiros lampejos de raios, ainda muito distantes para os trovões serem ouvidos, iluminando o céu em uma exibição contínua de luzes. Os relâmpagos tremeluzentes eram um aviso antecipado de que uma forte tempestade se aproximava.

Logo, o vento chegou do sul, provocando ondulações na superfície do rio. Os galhos de cada árvore balançavam, dançando ao ritmo irregular do vento. De repente, ela desejou que Stephen estivesse ali.

William virou-se para Bear e John, e disse aos dois:

— Estou feliz por termos uma boa chuva. Vocês estão cheirando como dois porcos selvagens.

Bear e John trocaram olhares irritados, mas ela tinha que concordar com William. Na opinião dela, os dois podiam tomar um bom banho, mas não se sentia disposta a se envolver nas brincadeiras deles.

— Não pretendo ficar aqui na chuva, para que seu nariz sensível não se ofenda — disse Bear. — Mas vou desafiá-lo para uma luta livre neste rio depois da tempestade. — A luta no rio havia se tornado a maneira preferida dos homens para se livrarem do pó da estrada e aliviar a tensão. Muito mais divertido do que simplesmente tomar banho, eles poderiam "lutar" sem se machucarem ou se cortarem. Até então, Bear era reconhecidamente o campeão, embora Stephen tivesse conquistado o segundo lugar.

— Tanto faz lutar com um urso de verdade como você — riu William. — Cheguei bem perto de vencer um. Acho que é a vez de John aceitar seu desafio.

— A não ser que Bear amarre um braço atrás das costas. Vi como você afundou da última vez — disse John.

— Bem, vejo que sabe quando está em desvantagem — disse Bear. — Se o seu nariz não ficar muito ofendido, vamos mover essas carroças para áreas mais altas e amarrá-las.

Os três homens, ajudados por Jane, Kelly e Catherine, trabalharam por quase uma hora, enquanto a tempestade fazia reluzir riscos brilhantes de raios atravessando as nuvens que se aproximavam, agora cercando-os em todas as direções.

Quando terminaram, as duas carroças, recolocadas a uma distância segura da margem do rio, estavam firmemente amarradas e estaqueadas. Eles tinham medo de amarrá-las em alguma árvore, pois esta poderia atrair um raio. Já haviam visto o que um raio podia fazer com uma árvore.

Quando terminaram, amarraram as demais coisas, colocaram grilhões nos cavalos, bois e mula; e fizeram cabrestos fortes para o touro e a vaca leiteira. Acharam que as novilhas não se afastariam do touro e as deixaram desamarradas. Kelly engaiolou suas galinhas e William empilhou as selas e os arreios em terreno alto, encostados em uma pedra pesada e cobriu-os com uma espessa camada de galhos de árvores. Eles não permaneceriam

completamente secos, mas pelo menos não estariam totalmente ao ar livre ou em águas estagnadas.

Bear empilhou um bom suprimento de madeira sob os dois vagões para que eles tivessem madeira seca para o fogo da noite. Depois de uma tempestade forte, uma boa fogueira seria tão bem-vinda quanto um céu limpo.

— Hora de fazer uma oração. Fizemos tudo o que podíamos fazer — disse John, olhando para o céu escuro.

— Do jeito que o céu está e com o vento aumentando, acho melhor que todos façamos uma oração — acrescentou William.

As primeiras gotas de chuva atingiram a terra e o rio.

— Tempestade perigosa — Jane ouviu John gritar para Bear, enquanto a chuva caía continuamente pelo que parecia uma eternidade. Os dois haviam levantado a voz para serem ouvidos acima da forte chuva. Confirmando a descrição de John, o granizo começou a bater no chão.

— *Aye* — berrou Bear, em resposta. — Estamos em uma situação difícil, mas não tão mal quanto nossos caçadores que estão por aí. Estou ficando mais preocupado com eles.

Como os homens estavam gritando, Jane podia ouvi-los claramente. Como caçador, Bear havia passado por muitas tempestades, ao ar livre, e sabia bem mais do que John ou William o que os três poderiam estar enfrentando.

Aquilo também a preocupava. Tempestades como aquela criavam ameaças difíceis de evitar — deslizamentos de lama, árvores caídas, subida das águas e doenças pela exposição às intempéries. E aquele granizo seria difícil de suportar, o tempo que fosse. Ela esperava que acabasse logo.

A alguns metros de Bear e John, Kelly se encolhia ao lado de William, embaixo da carroça de Catherine, estacionada ao lado da de Jane. Desde que o vento aumentou, ela não saiu do lado de William. Jane suspeitava que ela só se sentia segura quando William estava perto.

— Os cavalos estão ficando nervosos — gritou William para eles.

— Não são os únicos — gritou John, respondendo. — Estou preocupado com Johnny.

— Acho que devemos ir atrás deles. Eles deveriam estar de volta a essa altura — rugiu Bear.

— Concordo — gritou Jane, enquanto pegava seu manto. — Bear, ajude-me a selar minha égua.

— Dê mais um tempo para que voltem — gritou William. — Sam sabe o que está fazendo.

— Mas não posso ficar parada, sem fazer nada — gritou Jane. — Maldição. Não vou perder Stephen também.

De imediato, Jane se arrependeu de admitir sua preocupação, quando viu que Martha e Polly começaram a chorar.

Junto com o granizo, um galho pesado e fragmentos de árvores e cascas voaram, empurrados por rajadas de vento que tornariam difícil até para um homem robusto ficar de pé. Jane percebeu que seria quase impossível selar os cavalos naquelas condições.

— Não se preocupe, isso vai acabar logo — reverberou a voz potente de Bear. — Quanto pior uma tempestade, mais rápido acaba.

Mas Bear estava errado.

CAPÍTULO 37

Enquanto caminhavam, Stephen estudou as enormes nuvens quase negras que se alinhavam no horizonte. Podia ver a violência crescendo lentamente dentro delas, como um exército da natureza se preparando para combater os homens.

— Precisamos superar essa tempestade. O tempo parece terrível.

— Espero que Johnny não fique com frio até que possamos chegar ao acampamento — disse Sam. — Este balanço é capaz de fazer o braço dele doer ainda mais.

— Talvez devêssemos construir uma maca.

— Não temos tempo. Ouviu aquele trovão? O mau tempo está se aproximando. Odeio desistir dessa corça, precisamos tanto de carne fresca, mas teremos que deixá-la se não pudermos permanecer à frente da tempestade.

— A caça tem estado escassa de verdade nos últimos tempos. Precisamos dessa carne. Sei que Jane precisa dela. Ela anda faminta. Acho que ela poderia comer mais do que você ou Bear. Nunca a vi com tanta fome. Fica com fome mesmo depois de comer.

— Ela nunca carregou dentro de si um enorme garoto Wyllie antes.

O comentário fez Stephen sorrir. Tinha que admitir, esperava que Jane estivesse certa sobre ser um menino. Depois de quatro meninas, ele quase havia perdido a esperança de ter um filho.

— Do jeito que ela está ficando grande, será um homem forte e corpulento.

Os dois aceleraram o ritmo, alternando a vez de carregar Johnny, mas o retorno ainda parecia estar levando uma eternidade.

— Sempre parece demorar mais para voltar do que para ir — observou Sam.

— A tempestade está nos alcançando. Em breve estará chovendo a cântaros — disse Stephen.

Johnny gemeu e abriu os olhos um pouco.

— Está doendo — chorou ele. Seu rostinho fez uma careta de dor e ele começou a chorar de novo. — Quero meu papai.

Stephen se encheu de alívio quando Johnny acordou, mas isso significava que o garoto sentiria muita dor.

— Eu sei, Johnny. Em breve chegaremos ao acampamento. Tia Jane vai deixá-lo se sentindo melhor. — O braço quebrado pendia sobre o ombro de Stephen. Era a única maneira de carregar o sobrinho e não pressionar o ferimento.

— Johnny, o seu braço é a única coisa que dói? — perguntou Stephen.

— Não, meu estômago também dói — chorou Johnny.

— Esqueça essa corça. Vamos levá-lo de volta ao acampamento o mais rápido possível — disse a Sam.

— Tudo bem. Vou cortar o lombo e o traseiro, para ter pelo menos essas partes. — Sam puxou sua grande faca e rapidamente começou a trabalhar.

Gentilmente, Stephen deitou o Johnny no chão e o examinou novamente para ver se conseguia identificar outros ferimentos. Suspeitava que o Johnny tivesse quebrado ou fissurado uma costela, mas sabia que seus ferimentos poderiam ser ainda piores. Tentou pensar em uma maneira de aliviar o sofrimento do garoto até chegarem ao acampamento. Jane tinha um frasco de medicamento para aliviar a dor, mas ele precisava de algo agora. Pegou uma corda curta e estreita da sua sacola de ombro e cortou um pedaço. Ele a colocou ao lado da boca do menino.

— Johnny, morda isso aqui, irá aliviar um pouco da dor. É o que os caçadores de verdade fazem para parar a dor quando se machucam.

Johnny levou a corda à boca e mordeu com força os molares posteriores, pois haviam caído os dentes de leite da frente.

Stephen enxugou as lágrimas dos cantos dos olhos do garoto.

— A corda é uma boa ideia, Stephen. Sempre me ajuda quando tenho dor — disse Sam, para que o garoto se animasse. Ele terminou de cortar a corça, enxugou rapidamente a faca comprida e limpou as mãos nas folhas e na grama e depois pegou um pedaço de linho de bom tamanho da bolsa de ombro para envolver e embrulhar o cervo.

Stephen pegou Johnny no colo e eles começaram a caminhada de novo, com um vento frio parecendo persegui-los na volta ao acampamento.

A chuva começou a cair e, como Stephen previu, caiu como se fosse derramada de grandes baldes. Eles desceram as colinas rochosas que haviam subido na ida, a chuva soprando em seus rostos como bofetadas de uma mão fria. O declive e a falta de visibilidade dificultavam sua pressa.

Momentos depois, parecia um inferno congelante. O vento os açoitava nas costas com granizo do tamanho de seixos. Stephen cobriu o rosto de Johnny com seu chapéu, o que deixava seu próprio rosto exposto à chuva congelante, e puxou o garoto para o seu corpo.

Naquele momento, Johnny soluçava alto no peito de Stephen, mas continuava mordendo a corda.

Stephen pisou em uma pedra coberta de granizo, o pé deslizou para trás através das pedras molhadas e escorregadias. Ele tropeçou, ajoelhando-se, batendo com as duas rótulas nas pedras enquanto lutava desesperadamente para impedir que a cabeça e o braço de Johnny batessem no chão.

O impacto da queda fez Johnny gritar de dor.

Stephen olhou para cima procurando pelo irmão, mas Sam não ouviu o grito nem os viu cair, e não olhou para trás. Ele usou o próprio corpo para cobrir Johnny e estudou o rosto do garoto. A corda ainda pendia dos cantos da boca dele. O sobrinho estava claramente agoniado de dor, mas olhou para Stephen com tanta firmeza quanto o ferro que estava em seu sangue.

— Confie em mim. Nós o levaremos de volta — prometeu ele a Johnny.

Com cuidado, pegou o garoto e correu em direção a Sam, sentindo dor nos dois joelhos.

Mais de uma hora se passou desde que haviam cortado a carne da corça. A chuva forte caía desde então, mas, felizmente, o granizo cessou seu ataque. A água da chuva escorria pelas costas de Stephen, encharcando a jaqueta e fazendo a pele do peito nu parecer uma camada de gelo.

Enquanto desciam, uma massa quase sólida de líquido fluía ao redor deles, tornando cada passo traiçoeiro. Ele se perguntou quanto tempo poderiam continuar. Mas tinham que continuar. A água já corria rapidamente no sopé da colina. Ele não saberia dizer a profundidade da corrente.

Eles pararam e espiaram a água, para cima e para baixo, procurando um lugar melhor para atravessar, mas parecia a mesma coisa em ambas as direções, com a corrente subindo a cada minuto.

— Entregue-o para mim — gritou Sam.

Seu irmão queria Johnny, já que era mais alto, caso a água fosse profunda. Stephen entregou Johnny e pegou a carne da corça.

Stephen olhou rio acima.

— Depressa — gritou, apontando para uma parede crescente de água vindo rapidamente na direção deles.

Com os braços livres, os dois homens seguravam seus rifles no alto enquanto mergulhavam no riacho gelado, que se deslocava rapidamente. Stephen sentiu as botas altas de couro se encherem de água. O chapéu estava pesado e encharcado e o paletó de lã parecia um cobertor pesado nas costas.

Com suas pernas longas e roupas feitas de peles de animais, Sam parecia quase correr, mas Stephen lutava a cada passo. Olhou para montante, alarmado. As águas da inundação repentina se aproximavam com uma velocidade assustadora.

Ele lutou para se firmar mas, a cada passo, a corrente se tornava mais profunda e mais forte. No meio do caminho, quase perdeu o controle da carne de veado graças à corrente que se movia rapidamente contra sua mão. Usou a ponta do rifle para trazê-la de volta, puxando-a com força contra o peito e apertando a carne com mais força. Então, a veloz parede de água bateu nele como um aríete.

Instantaneamente, seus joelhos se dobraram e ele perdeu o equilíbrio, caindo inteiramente no líquido gélido e agitado. Tentou recuperar o equilíbrio, engolindo água barrenta enquanto lutava para respirar. Seus pés se debateram enquanto ele procurava o fundo da corrente. A água agitada o engoliu por completo, virou-o de cabeça para baixo e depois o fez subir de novo.

Ele deveria tentar nadar mas, para isso, teria que desistir de seu precioso rifle e da carne. Recusando-se a desistir deles, Stephen se esforçou contra a corrente cada vez maior, enquanto seus pulmões lutavam por ar. Stephen se debateu, suas pernas não conseguiam localizar o leito do rio. Precisava de ar ou seus pulmões explodiriam. Ele se concentrou para encontrar um ponto de apoio onde pudesse se empurrar para cima. Finalmente, sua bota direita sentiu o fundo da corrente e ele se levantou acima da linha da água, ofegando por ar e tossindo para expelir a lama liquefeita. Surpreendentemente, ainda segurava o rifle em uma das mãos e o pedaço de carne de veado na outra.

Stephen conseguiu recuperar o equilíbrio e se endireitar. Assim que conseguiu, relâmpagos cortaram o céu e trovões explodiram logo acima de sua cabeça, deixando suas pernas instáveis de novo. No entanto, determinado a alcançar a margem oposta, ele se arrastou pela água corrente. De repente, perguntou-se se estava na margem certa. Tendo virado de um lado para o outro e de cabeça para baixo várias vezes no vórtice selvagem e veloz, a realidade havia mudado. Nada parecia ser como momentos antes. Estava indo na direção certa? Olhou para baixo, a água estava fluindo para a esquerda, na mesma direção em que ia quando eles entraram no riacho. Pelo menos, ele estava indo na direção certa.

Ele saiu do improvisado rio lamacento. Havia perdido o chapéu nas ondas da água e estava com dificuldade para enxergar, já que a chuva caía de sua cabeça diretamente nos olhos. Tentou encontrar algum ponto de referência que lhe mostrasse qual direção seguir. Não conseguia ver Sam em lugar algum. Desorientado, ficou na beira do riacho, os dentes batendo violentamente, imaginando se a água da enchente o havia levado rio abaixo quando caiu. Para onde quer que olhasse, havia água correndo para o rio ou se acumulando em poças, cada vez mais profundas a cada minuto que passava. Parecia que o mundo inteiro havia se dissolvido em um feio líquido marrom acinzentado.

Outro raio caiu perto, explodindo uma árvore, o que o fez querer correr para se esconder. Mas a única cobertura eram as árvores, e todas estavam na água como ele.

Ele correu espalhando água, com a corrente a vários centímetros de profundidade, sabendo que tinha que encontrar seu irmão rapidamente. Depois daquela chuva torrencial, teria dificuldade em encontrar o caminho de volta sem ele. Pensou por um momento. A água deveria tê-lo levado para o sul, para longe de Sam. Mas, a que distância? Caminhando alguns metros à frente, sua ansiedade aumentou quando não viu nenhum sinal de Sam ou do garoto. Como era o correto, seu irmão estaria concentrado em levar Johnny, que estava sofrendo e congelando, de volta ao acampamento.

Com crescente sensação de isolamento, percebeu que estava sozinho. *Consigo realizar isso*, disse a si mesmo. Sentiu o vento cortante bater na frente do rosto e seu ar gélido penetrando nas roupas encharcadas. Suspeitava que a tempestade tinha vindo do norte, então ele se voltou para as rajadas, na esperança de voltar ao local por onde Sam havia atravessado. Teria que encontrar abrigo; a temperatura estava caindo a cada minuto. Perambulou pelas árvores encharcadas, todas parecendo estar flutuando na água. Repetidas vezes, escorregou nas pedras e buracos escondidos e teve que se levantar de novo e de novo. A cada vez, adquiria mais cortes e arranhões, principalmente nas mãos e no rosto. Tremendo violentamente pelo frio entorpecedor, tinha dificuldade em segurar o veado e o rifle. Apertou os dois contra o peito, mas a carne parecia um bloco de gelo em seu coração. Ele a colocou debaixo do braço.

As nuvens da tempestade faziam tudo parecer sombrio e opressivo. Ele tentou encontrar um caminho que levava para longe do riacho lamacento. Avançou, suas botas grudando na lama e, pelo que pareceram horas, procurou algum tipo de abrigo. *Apenas mais um passo*, continuou dizendo a si mesmo. Mais um passo e ele estaria mais perto de Jane, mais perto de se aquecer novamente. Sempre que desejava apenas se sentar, imaginava a sensação do corpo macio dela pressionado contra o dele. Quase podia provar seus doces lábios.

Ele cambaleou. Desistir não era uma opção. Não quando tinha Jane, alguém por quem viver. Quase havia perdido Jane duas vezes para Bomazeen e uma vez para o luto e a raiva que este gerou. Jurou que nunca mais deixaria isso acontecer. E Martha e Polly.

Havia perdido duas filhas, mas ainda tinha duas. Teria que voltar para elas.

Por fim, encontrou um denso grupo de árvores em terreno mais alto. Localizou uma enorme sempre-viva coberta com uma videira selvagem. Os enormes galhos mais baixos alcançavam o chão e se curvavam para trás, na direção do tronco da árvore, criando um dossel. Os galhos mais altos, cobertos com a espessa videira frondosa, manteriam afastada a maior parte da chuva. Exausto, caiu de joelhos e se arrastou pelo chão escorregadio da floresta até ficar debaixo da árvore. *Um pouco mais*, insistiu, enquanto se dirigia para o tronco maciço da árvore. A chuva ainda gotejava sob o dossel da árvore, mas era mais como uma chuva leve do que uma inundação forte.

Apesar de quão cansados seus olhos estavam, ardendo por espiarem através da chuva, ele desembainhou a faca e se obrigou a observar as criaturas que poderiam ter se transferido primeiro para o aconchegante abrigo. Felizmente, o abrigo estava vazio, mas o chão coberto de folhas ao lado do tronco ainda exibia as marcas e o cheiro selvagem dos habitantes anteriores. Ele esperava que o quer que fosse não voltasse em breve.

Ele pressionou as costas sobre o tronco da árvore, longe do vento uivante e, com mãos trêmulas, arrancou as botas molhadas. Arrancou a jaqueta de lã molhada e tentou usá-la como cobertor, desejando ter trazido seu grande manto. Mas a jaqueta estava tão ensopada que a água escorria de suas bordas. Ele a jogou sobre um galho grosso que estava próximo, em vez de deixar a água escoar antes de colocá-lo novamente. Pôs os pés gelados nas mãos e começou a esfregar os dedos dos pés entorpecidos, mas suas mãos estavam tão arranhadas e em carne viva que não conseguiu continuar. Colocou as mãos sob as axilas na esperança de aquecê-las um pouco, enquanto lutava para controlar os tremores constantes e o bater de dentes.

Stephen fechou os olhos que ardiam por um momento. Precisava descansar. Poderia arriscar dormir? E se um urso ou um gato da montanha o encontrasse dormindo? Ele forçou as pálpebras a permanecerem abertas, mas elas pareciam ter vontade própria, vontade mais forte que a dele.

Por trás das pálpebras, ele imaginou Johnny e se perguntou se o menino estaria bem. Era uma costela quebrada ou o menino havia sido se ferido por dentro? Se Johnny morresse, que os céus não o permitissem, Jane poderia culpá-lo novamente. Seria outra criança sacrificada por seu sonho? *Por favor, Deus, não.*

Ele tentou banir os pensamentos detestáveis, mas eles foram rapidamente substituídos por outra preocupação. Havia vagado para mais perto do acampamento ou para longe dele? Estava tarde. Em breve escureceria. Com a escuridão, um frio ainda mais forte viria. Certamente já havia experimentado o frio intenso em New Hampshire, mas não estando tão molhado e tão exausto. Seu corpo não aguentaria essas condições por muito tempo.

Bear, William e Sam viriam procurá-lo quando a chuva parasse. Se parasse um dia. Aquela não era uma tempestade comum. Se tivesse vindo do mar, poderia chover por horas. Eles saberiam onde procurar? Ele esperava não ter se desviado muito de onde havia visto Sam pela última vez. Seria impossível rastrear após esta tempestade. Talvez devesse fazer o caminho de volta, se pudesse. Encontrar o local onde haviam feito a travessia. Mas ele teria que descansar primeiro.

Fechou os olhos de novo. Abraçou as pernas e deitou-se, formando uma bola de aflição. Empurrou seu corpo para dentro da terra molhada e das agulhas de pinheiro, tentando se esconder do vento frio. Seus joelhos machucados e inchados e seu ombro tenso doíam, mas a dor era quase uma distração bem-vinda do frio congelante.

Descansaria apenas o tempo suficiente para recuperar as forças, apenas por um momento.

Algo acordou Stephen. Não pretendia dormir por muito tempo, mas sabia que havia dormido. Estava quase escuro. A chuva, mais lenta agora, ainda se infiltrava através dos galhos da árvore ao redor de seu abrigo improvisado.

O que havia ouvido? Talvez não tivesse ouvido nada. Talvez fosse apenas o vento, mas o vento havia, felizmente, diminuído. Ele

se esforçou para acalmar a respiração e a escutar acima da chuva e através da floresta. Um calafrio o percorreu. Não era frio. Ele se esforçou de novo para ouvir algo. Mas não conseguiu localizar a fonte do estranho sentimento que se arrastava dentro dele.

Em silêncio, pegou o rifle. Estaria a pólvora seca o suficiente? Ele esvaziou a caçoleta e rapidamente a encheu com pólvora nova, tentando impedir que suas mãos semicongeladas tremessem. A pólvora poderia estar úmida mesmo dentro do chifre de pólvora, normalmente à prova de água. Mas aquela chuva pela qual ele acabara de passar não era comum. Havia uma boa chance de o rifle não disparar. Ele tinha a faca e a machadinha, lembrou a si mesmo.

E tinha coragem. Fé e coragem. Precisaria de ambas. Levantou-se devagar. Sentiu dificuldade em esticar os joelhos e as pernas rígidas. Encostou-se na árvore para não cair.

O arrepio o atingiu de novo, mas desta vez percorreu toda a espinha, despertando os músculos cansados das costas. A respiração acelerou com a batida mais rápida do coração. Olhou para a semiescuridão, agradecido por, pelo menos, ter alguma luz. Não viu nada. Nenhum som, nenhum movimento. Nada.

Estava apenas cansado, com os nervos à flor da pele. Já havia passado por muitas coisas naquele dia. Nada mais aconteceria. Ou aconteceria?

O que Sam faria? Ouviria seus instintos. Ele não lançaria mão da ilusão — tentando se convencer de que nada estava errado. Encontraria sua coragem. Respirou fundo, acalmou os nervos e apelou para os sentidos. Algo rondava lá fora, algo malévolo. Ele examinou a floresta de novo — mas, desta vez, olhou mais atentamente para as árvores.

Ali.

Apenas visível por causa dos olhos amarelos, quentes e intensos, focados fortemente nele, uma enorme cabeça ameaçadora. Era imenso — todo ele músculos e pelos enormes. O maior lobo que já vira.

O lobo deu um passo à frente e rosnou, mostrando os dentes.

Mesmo sob a chuva, Stephen podia ver o seu manto negro arrepiado. Lembrou-se do que Bear havia dito que os lobos têm quarenta e dois dentes esmagadores de ossos. Mas, como um lobo

de um sonho, de repente o animal sumiu de novo, deixando-o apenas com um sentimento de pavor.

Não havia desaparecido. Stephen se sentia observado. Mais do que observado — examinado.

Pelo que pareceu uma eternidade, o lobo o espiou. Fora de vista, escondido pelos enormes galhos da árvore e pela chuva constante e incessante. Stephen decidiu que o lobo havia se revelado apenas o tempo suficiente para tentar enfraquecer sua presa pelo medo. Bem, ele não deixaria que o medo o enfraquecesse. Sentia terror até o tutano dos ossos, mas não iria ceder.

Em um piscar de olhos, o lobo poderia pular sobre ele e rasgá-lo. Os dentes do lobo esmagariam suas costelas e arrancariam seu coração — destruindo tudo o que seu coração havia sonhado por tanto tempo.

É assim que acontece. Como Sam sempre dizia. Ser corajoso não seria suficiente. A vitória está guardada para os mais bravos e mais selvagens. Ele só poderia sobreviver à selva e àquele lobo se pudesse ser tão selvagem quanto o animal era. Stephen buscou bem dentro de si mesmo e obteve as forças para a batalha.

Ainda invisível, o demônio negro rosnou de forma gutural.

O som arrepiante o fez cerrar os dentes. Uma sensação de ataque iminente o tomou, mas era mais do que isso. Era uma sensação de uma futura luta pela vida. Dele ou do lobo?

Agachado, Stephen girou em um círculo apertado, tentando encontrar a fera nas sombras. Mas o demônio não se revelou.

Ele estremeceu e ficou tentado a correr. Deu um passo à frente, testando os joelhos, depois outro. Parou. Não, o lobo poderia facilmente correr mais do que ele. Além disso, correr na chuva, com lama escorregadia e folhas lisas, com joelhos enrijecidos, só o levaria a cair e ser capturado por trás. Ele quase podia sentir as presas do lobo afundando na sua nuca. Como se o lobo estivesse realmente pulando em suas costas, ele se virou e olhou para trás.

Mas o lobo não estava pulando nas suas costas. Com porte perverso, o lobo colocou-se à vista lentamente.

Através das gotas de chuva em constante mudança, ele viu os olhos da fera se estreitarem, se aguçarem como punhais amarelos, então suas narinas alargaram e seus lábios se curvaram, expondo

dentes enormes. O lobo circulou à sua direita, com passos suaves e sem pressa.

Ele quase conseguia ler os pensamentos do lobo. Aquela era a floresta dele e ele não havia gostado da intromissão. E estava com fome.

Stephen tentou pensar, mas seu coração batia selvagememente, abafando todos os pensamentos que tinha. Obrigou-se a acalmar a respiração. Se não acalmasse, nunca seria capaz de mirar com precisão. *Mate-o, isso é tudo o que precisa fazer*, disse a si mesmo. *Apenas mate.*

Ele mirou o rifle no lobo, mas se a arma não disparasse, o que seria provável, o lobo estaria em cima dele antes que ele pudesse puxar a machadinha ou a faca. Pensou em subir na árvore, mas seus joelhos inchados impossibilitariam uma subida rápida. Seria apenas uma boa maneira de perder um pé ou uma perna.

Melhor contar com o que é certo. Ele arrancou sua faca, uma arma de bom tamanho, mas desejou que fosse do tamanho da lâmina de Sam. Envolveu os dedos, dormentes de frio, e a palma da mão em carne viva ao redor do cabo da faca. Com a outra mão, pegou a machadinha, que estava com o cabo molhado escorregadio.

Ele apertou as duas armas quando outro manto brilhante emergiu do outro lado de seu abrigo.

CAPÍTULO 38

— Olhe — gritou Bear, cujos olhos de caçador foram os primeiros a ver Sam. — Sam está trazendo Johnny.

Bear, John e William deixaram o abrigo dos vagões e correram na direção dos dois. Tiveram que segurar os chapéus para impedir que o vento os soprasse para longe. Ansiosa por ver Stephen, Jane seguiu logo atrás, sua pesada saia molhada arrastando-se na lama. Estava bastante tentada a trocar seu vestido por um par de calções e camisa de Stephen.

— Ajude-o — gritou Sam acima do vento e da chuva.

— O que aconteceu? — gritou John, enquanto corria na direção dos dois.

— Ele caiu em uma fenda escondida, quebrou o braço — respondeu Sam.

— Papai — gritou Johnny, estendendo o braço bom para o pai. Seu pequeno punho agarrava o pedaço de corda.

John levantou o filho cuidadosamente do ombro de Sam.

Jane ficou aliviada ao ver Johnny e Sam, mas não viu Stephen em lugar algum.

— Onde está Stephen? — Ela quase exigiu.

— Eu o perdi algum tempo atrás. Atravessamos um riacho de águas que subiam muito e acho que ele não atravessou.

Jane quis desmaiar. Iria perder Stephen tão cedo após terem se acertado de novo? Não, não deixaria isso acontecer. Prendeu a respiração enquanto Sam continuava.

— Voltei para procurá-lo, mas com Johnny sofrendo tanto, não o procurei por muito tempo. Além disso, não conseguia enxergar além de alguns metros. Nós o acharemos depois que a chuva acabar.

— Não, temos que ir agora! — gritou Jane. — Ele pode estar machucado.

Sam balançou a cabeça.

— Acabaríamos com mais de nós perdidos ou machucados. Não se preocupe, partiremos assim que pudermos.

— Não me diga para não me preocupar — gritou ela. — É o meu marido que está por aí! — Seus nervos estavam levando a melhor. Ela precisava se controlar. — Desculpe-me, Sam, estou tão nervosa por causa de Stephen que não consigo pensar com clareza. Vamos ver Johnny. William, leve as meninas da minha carroça para a de Catherine. John, coloque Johnny na minha.

Jane se virou e marchou de volta, perguntando-se se os últimos pensamentos de Stephen se concentrariam na lembrança de que ela ainda não o perdoara totalmente. Ela havia lhe dito que, embora entendesse por que ele tinha que fazer a viagem, uma pequena parte dela ainda o culpava pela morte das meninas, e que ela se esforçaria para se perdoar também, e não apenas ele.

Ela o perdoou naquele momento, totalmente.

Deus, permita apenas que volte, para que eu possa lhe dizer isso.

Ela levantou as saias ensopadas de chuva, sacudiu a maior parte da lama e subiu na carroça, com o coração doendo por ele, pelo que ele poderia estar passando.

William e John, que carregava seu filho, rapidamente seguiram Jane de volta às carroças, enquanto ventos fortes lançavam cachoeiras de chuva sobre eles. Bear ficou com Sam, que só poderia prosseguir em um ritmo mais lento.

— Parece que você está quase morto — disse Bear.

— Então pareço exatamente como me sinto — rosnou Sam. O granizo que caía queimava seu rosto como se ele tivesse se barbeado demais. Seu gorro de castor, emaranhado e encharcado, parecia um animal morto e molhado em sua cabeça. A pele esfolada das palmas das mãos ardia demasiado, e as costas e o tornozelo recentemente curados doíam por carregar o peso de Johnny.

— O pequeno está muito mal? — perguntou Bear, preocupado.

— O braço está quebrado. Talvez haja uma costela quebrada também. Espero que o resto esteja bem. Ele caiu em uma caverna. Abaixei Stephen para pegá-lo e arrastei os dois para fora. Usei uma

trepadeira longa como corda — explicou Sam, erguendo a voz acima da tempestade. — Está todo mundo bem aqui?

— Aye. Colocamos as carroças em terreno mais alto e tudo estava amarrado quando a tempestade começou. Foi bom termos feito isso, esse rio está subindo rápido. O vento sopra com fúria poderosa — disse Bear, olhando em volta. — Eu me preocupo em ficar esperando para procurar Stephen.

— Eu também — disse Sam —, mas acho que não temos escolha.

— Você deve ficar, está pior pelo cansaço. William e eu iremos.

— Mas eu sei onde o vi pela última vez — ressaltou Sam, cuspidando chuva pela boca enquanto se arrastava sob um dos vagões, seguido por Bear.

— Tudo bem então, leve-nos até lá, e então poderá voltar. Posso procurar em direção ao norte do ponto em que você o viu pela última vez e William pode procurar indo para o sul.

— Bear, você só poderá ver dois metros à sua frente. Está ficando escuro. O vento ainda está forte e a chuva continua a cair.

— Meus olhos são mais penetrantes à noite. A chuva certamente diminuirá em breve e teremos um pouco de lua quando clarear. Vou dizer a William para selar o cavalo dele e George, e eu vou selar Camelo e Alex enquanto você descansa. Stephen vai precisar de nós. — De quatro, Bear desajeitadamente rastejou para fora do espaço apertado, seguindo sob uma cortina de água que fluía do lado da carroça.

Sam tinha que admirar a persistência de Bear. Ele estava certo — Stephen poderia estar com problemas e talvez não sobrevivesse àquela noite. Se pensasse com a cabeça em vez de com o corpo exausto, teria dito a mesma coisa. Seu irmão precisava da ajuda deles naquele momento.

Ele hesitava em deixar o acampamento com apenas John para guardá-lo, mas precisava de Bear e William para ajudar na busca. Teriam muito terreno para percorrer, tentando encontrar Stephen.

Sam descansou a cabeça sobre a roda enquanto comia o pedaço de carne seca e biscoitos frios que Catherine lhe dava, antes que ela voltasse para dentro da carroça.

— John, este é um remédio forte. Estou familiarizada com a dose adequada de láudano para um adulto, mas Johnny é a primeira criança para quem dou o remédio. Nem estou certa se você pode dar ópio a uma criança. Apenas não tenho certeza. E, com o desaparecimento de Stephen, não consigo pensar claramente. O que quer que eu faça? — perguntou Jane, com o coração preocupado e ansioso.

Ela torcia as mãos, quase em estado de pânico por causa de Stephen e com raiva de si mesma por nunca ter aprendido qual deveria ser a dose para uma criança. Antes de partirem, Sam encomendou o analgésico a Edward como parte de sua longa lista de suprimentos. Stephen pediu que ela revisasse a lista, mas nunca lhe ocorreu perguntar sobre o láudano.

John olhou para o filho, a compaixão de um pai enchendo seus olhos.

Sofrendo terrivelmente, Johnny choramingava de forma deplorável. Exausto pela excitação do dia e sofrendo fortes dores, parecia que ele não tinha forças para chorar.

Jane tocou o rosto e os pés de Johnny. Estavam frios como gelo. Ela cobriu o garoto trêmulo com um cobertor de lã, enquanto John tirava as botas e as meias dele, ambas ensopadas. John esfregou vigorosamente os dedos dos pés do filho, tentando aquecê-los enquanto ela pensava no que fazer.

— Você daria a uma de suas meninas se elas estivessem sofrendo? — perguntou John.

Ela se lembrou do sofrimento de suas duas meninas antes de morrerem.

— A decisão é sua, John — disse ela, baixinho.

— Dê o remédio. Não suporto vê-lo sofrer assim.

A chuva continuava batendo com constância na cobertura da carroça.

Jane se virou para que Johnny não pudesse ouvi-la e sussurrou:

— Ainda não tenho certeza. Se ele tomar uma dose alta demais, pode matá-lo.

John pegou a mãozinha do lado não machucado de Johnny e a beijou.

As lágrimas de dor brilhavam então nos olhos vermelhos do menino.

— Quanto você me daria? — perguntou John. — Ele pesa cerca de um quarto do que eu peso. Divida uma dose adulta por quatro.

— Tem certeza?

— Apenas o faça, agora!

Ainda apreensiva, ela respirou fundo, mediu cuidadosamente a dose e deu a droga a Johnny.

— Deus, permita que essa seja a quantidade certa — sussurrou para si mesma.

— Papai, o tio Sam disse que sou um verdadeiro caçador agora — disse Johnny, com voz fraca. O garoto logo fechou os olhos.

John e Jane prenderam a respiração até vê-lo respirando regularmente. Em segundos, ele dormia profundamente, sua mãozinha ainda segurando a pequena corda que havia distraído sua dor.

— Sim, filho, você é um caçador de verdade agora — disse John, parecendo aliviado pelo sofrimento do filho ter terminado pelo menos por um momento. — Vou ficar com ele e tirá-lo dessas roupas molhadas. Você fez tudo o que pode. Ele poderá dormir agora.

— As roupas de reserva dele estão nesta sacola. Vou fazer uma tala e uma tipoia mais adequadas assim que o tempo melhorar e as colocarei nele amanhã de manhã.

— Obrigado, Jane. Eu e a mãe de Johnny somos gratos por sua ajuda.

— É melhor eu ver como estão Martha e Polly. Tenho certeza de que ambas estão preocupadas com Johnny e o pai delas.

Ela também estava. Algo lhe dizia que Stephen estava em sérios apuros.

— Jane — disse John. — Eles o encontrarão.

CAPÍTULO 39

Jane saiu da carroça e procurou pelos irmãos de Stephen, aliviada ao ver que seus cavalos haviam partido. Eles haviam levado o cavalo de Stephen também.

Ela começou a andar de um lado para o outro na chuva. Seu cabelo pesava nas costas. Suas botas enlameadas pareciam chumbo. As árvores tombavam seus galhos pesados. E seu coração murchava sob o peso das preocupações.

Ela olhou para a escuridão sombria. Onde ele estava?

Por um momento, contemplou selar a égua e segui-los, mas depois se lembrou de que Johnny ainda poderia precisar dela. Ele poderia ter outros ferimentos e ela queria estar ali quando ele acordasse. Também não queria deixar suas filhas.

Só teria que confiar em Sam e nos outros.

Eles encontrariam Stephen e ele ficaria bem. Tinha que ficar. *Isso é tudo*, decidiu, como se sua força de vontade fosse suficiente para salvá-lo de quaisquer perigos que ele viesse a enfrentar.

Com alguma dificuldade, Sam os levou próximo do local onde haviam cruzado as águas em ascensão.

Não havia sinal de Stephen.

A água corria mais e mais alto agora. As águas barrentas e agitadas passavam por eles com uma força incrível, carregando galhos e outros detritos. Seria difícil, se não impossível, passar para o outro lado.

Os homens permaneceram juntos. As condições eram inseguras demais para que se separassem. Seguiram a margem oeste em direção ao norte, esperando que Stephen tivesse atravessado para a margem correta e que o aumento da água não o tivesse prendido em algum lugar rio abaixo.

Sam teorizou que a massa de água que eles viam descendo teria levado o irmão para o sul. Mas Stephen teria percebido e se

dirigido para o norte, para tentar voltar para o lugar onde havia entrado na água. Sem pontos de referência, porém, seria fácil para Stephen se confundir.

Sam e os outros incitaram os cavalos, que estavam descontentes com as condições, para que continuassem a caminhar penosamente pela água parada. Cada um pressionava os calcanhares repetidas vezes nas laterais das montarias.

Era difícil seguir um percurso reto, pois sempre encontravam áreas intransponíveis onde o riacho ultrapassava as margens. Sam guiou os demais por aquelas áreas pantanosas e liderou o caminho por entre árvores grossas e vegetação rasteira emaranhada.

Era difícil se apressar. Somente a preocupação em relação Stephen os mantinha avançando.

Quando enfim conseguiram, eles se espalharam a uma distância de cerca de dez metros para cobrir uma área mais ampla de procura. Tentaram chamar o nome de Stephen, mas mal podiam se fazer ouvir acima do barulho da chuva e rapidamente desistiram do esforço.

Em vez disso, concentraram-se em tentar encontrar alguma pista de que Stephen havia passado por aquele caminho. Do contrário, o irmão poderia estar enfrentando sérios problemas porque não o encontrariam naquela noite. Se as condições piorassem, também poderiam ficar com problemas. O cavalgar penoso pela lama e pela água estava fazendo os cavalos se cansarem. Em breve, suas montarias não teriam forças para continuar.

Mas Stephen precisava de ajuda, então Sam pressionou Alex e o grupo ainda mais.

Depois de algum tempo, o dilúvio pesado finalmente cessou, e as águas que corriam rapidamente começaram a diminuir e retroceder. Eles ainda cavalgavam por uma névoa fina que parecia uma brisa líquida.

Bear acenou para Sam e William. Ele apontou para um galho arrancado.

— A tempestade pode tê-lo quebrado — disse Sam.

De repente, Camelo empinou — o que não era uma tarefa fácil para um cavalo que carregava um homem do tamanho de Bear.

Sam olhou para baixo. Um serpente cabeça-de-cobre, com listras transversais escuras em forma de ampulheta, deslizava por entre as patas de Camelo, contornando a superfície da água rasa. Bear conseguiu permanecer na sela, mas agora todos os quatro cavalos assustados bufaram e bateram com as patas no chão, afastando-se um do outro, em pânico.

A montaria de William virou abruptamente para a direita, enquanto o cavalo de Stephen, guiado por William, puxou para a esquerda. William acabou deitado de bruços sobre a água barrenta de cerca de cinco centímetros de altura, encarando os olhos elípticos amarelos da cobra, agora enrolada perto da cabeça de William, sobre um pedaço de madeira podre.

— Filho de uma... — sibilou William.

— Não se mexa — avisou Sam. — Sei que você quer fugir, mas não fuja.

William congelou, sem ao menos respirar, e manteve os olhos arregalados pousados na cobra.

Todos eles sabiam o que significava uma mordida de uma cabeça-de-cobre. Embora raramente letal, a picada fazia com que uma grande área da pele e do músculo ficassem enegrecidos por apodrecimento. Com frequência, a parte putrefata tinha que ser cortada, causando grande dor e desfiguração. Além disso, a vítima experimentava rapidamente dor extrema, formigamento, latejamento, inchaço e náusea intensa.

Ameaçadoramente, a cabeça-de-cobre estendeu repetidas vezes uma longa língua bifurcada e depois se enrolava mais, preparando-se para atingir o rosto de William. Uma mordida na cabeça poderia ser fatal.

Sam desembainhou a faca, mirou cuidadosamente através da chuva e jogou, mas com as mãos molhadas e em carne viva, errou. Ele saltou rapidamente do cavalo, distraído a cobra, ainda enrolada, de William.

Teria que ser rápido. Mais rápido que a cobra, o que era muito. E não poderia errar de novo. Sam deu um passo em direção à cobra segurando a machadinha. A outra mão alcançou o fim do pedaço de madeira que sustentava a cobra. A cobra abriu as mandíbulas para atacar. Com um uivo alto e velocidade sobrenatural, Sam atacou,

fatando a cabeça da cobra e cortando a madeira em duas partes. Pedacos de casca e cobra voaram em duas direções diferentes.

William soltou um suspiro lento ao ver a cabeça decepada da víbora e seu corpo se contorcendo. Com as mãos trêmulas, puxou a faca de Sam da água barrenta e a devolveu.

— Obrigado, devo uma a você.

Sam colocou o corpo de um metro da cobra em um saco e o enfiou em seu alforje. Era comida, e comida era algo que ele nunca desperdiçava.

— Pare de brincar com essa cobra. Vamos continuar — disse Bear, retornando com três montarias. Alex havia se juntado rapidamente aos cavalos de Stephen e William.

— Até onde você acha que Stephen poderia ter ido? — perguntou William, montando no seu cavalo e ainda parecendo um pouco abalado. — A água poderia tê-lo levado rio abaixo no ponto em que você atravessou?

Sam espreitou o córrego de água barrenta, agora menor, à sua direita, quase invisível à luz do entardecer. Stephen deveria ter procurado abrigo. Também poderia ter tentado encontrar o seu acampamento. Ou, se Stephen tivesse se virado e atravessado para a margem errada, poderia estar em qualquer lugar agora. Eles poderiam estar se afastando dele a cada passo que os cavalos davam. No entanto, seus instintos o direcionavam para o norte e o galho quebrado lhe deu uma pequena esperança de que estivesse certo.

— Sam? — perguntou William mais uma vez.

— Fique quieto, comece a ouvir e pare de falar — disse Sam, severo, o cansaço se apoderando dele.

Os três cavalgaram em silêncio até Sam parar. Ele desmontou e fez um gesto para os outros dois fazerem o mesmo e depois começou a andar, guiando o cavalo. Imediatamente, sem o rangido do couro da sela abaixo do seu peso, tudo ficou mais silencioso.

Após andar cerca de quinhentos metros em direção ao norte, Sam amarrou Alex. Fez um gesto para Bear e William fazerem o mesmo e depois disse:

— Vamos caminhar a partir daqui. Será mais difícil para nós, mas pelo menos poderemos ouvir. Não consigo ouvir nada com

quatro cavalos agitando e respingando essa lama.

Eles se afastaram algum tempo em silêncio, os pés começando a congelar na água fria. Até então, Sam havia lutado com sucesso contra o frio, mas, àquela altura, seus dentes começaram a bater. Estava molhado e sob uma tempestade por horas. Cada passo era cansativo, mas ele se forçou a colocar um pé na frente do outro. O céu limpo e uma réstia de lua permitiram que ele fixasse o olhar para a escuridão melancólica à sua frente.

Sam ouviu um lobo uivar. Sentiu a pele da nuca formigar. Então, um segundo lobo uivou.

— Depressa — gritou ele, disparando em uma corrida.

Por vários minutos, os três agitaram e espalharam a água parada, e então William escorregou e caiu de joelhos. Sam e Bear continuaram.

— Stephen — gritou Sam a plenos pulmões.

— Stephen — rugiu Bear, ainda mais alto.

Sam correu à frente com apenas seus instintos para guiá-lo sobre a origem dos uivos do lobo.

William os alcançou.

— Você o ouviu? — gritou ele.

— Apenas continue em frente — gritou Sam, esforçando-se agora para continuar correndo. Ele diminuiu a corrida um pouco, mas fez um sinal para os outros dois continuarem. Sentia que Stephen estava à frente e que seu irmão precisava deles.

Bear aumentou a velocidade e avançou através das árvores, parecendo a Sam um verdadeiro urso em fuga. William seguiu bem atrás dele.

Sam ouviu um rifle sendo disparado, provavelmente o de Bear. Geralmente, Bear conseguia manter a pólvora seca. Durante as tempestades, ele e Bear mantinham os rifles e a pólvora envolvidos firmemente dentro de uma pele de veado. Mas mesmo com essa precaução, em um tempo como aquele, ter pólvora seca era um pequeno milagre.

Em instantes, ele viu Bear em pé sobre um grande lobo morto, os pelos negros e prateados do animal tremulando na brisa forte. O sangue escorria de um buraco no lado onde a bala de Bear entrou.

— Continue, há outro! — gritou Sam.

Os homens correram mais alguns metros e o encontraram. O lobo parecia que mal podia correr, arrastando uma das patas traseiras. Seus olhos amarelos e desafiantes brilhavam com crueldade, mesmo sob a luz fraca da lua. O monstro preto ferido rosnou para eles mostrando uma boca ensanguentada e dentes manchados de vermelho.

— Maldição — disse Sam diante a visão.

CAPÍTULO 40

Sam puxou a faca, desta vez atingindo o alvo que rosnavava.

Todos ouviram o som da lâmina batendo no peito forte do lobo, seguido pelo lamento do animal moribundo.

Rapidamente, Sam pegou a faca e eles continuaram procurando. Não demorou muito.

Stephen estava deitado perto de um dossel da árvore, com a faca em uma das mãos e a machadinha na outra. Ambas estavam ensanguentadas. Sua garganta estava rasgada, o sangue se acumulava na base do pescoço.

Sam congelou por um momento, a mente negando o que os olhos lhe diziam. Então, correu até Stephen enquanto Bear e William também corriam para o lado do seu irmão. O rosto e as mãos de Stephen estavam quase azuis por causa do frio e da perda de sangue. Sam deu uma rápida olhada no ferimento no pescoço e fez um gesto para Bear pressionar a mão sobre o rasgo para impedir o sangramento. A laceração não parecia profunda, mas o corte irregular tinha cerca de cinco centímetros de comprimento. William tirou sua *cravat*, dobrou-a o melhor que pôde para fazer um curativo e depois a amarrou no pescoço de Stephen.

Stephen mal estava consciente, mas Sam suspeitava que fosse principalmente por fadiga e exposição. Ele verificou o pulso do irmão. Batia devagar, mas firme. Sentiu-se agradecido por isso. Rapidamente, procurou outras feridas graves. Um arranhão percorria seu peito e marcas de mordida perfuravam os dois braços. Jane precisaria limpar as feridas com uísque e costurá-las. O sangue escorria para dentro de um dos olhos do irmão, vindo de uma pequena ferida no couro cabeludo, mas, de resto, ele estava intacto.

Em todo lugar que Sam tocava, Stephen estava gelado.

Os três calçaram as botas em Stephen mais uma vez e depois o casaco.

— Onde está a camisa dele? — perguntou William.

— Ele a usou como tipoia para o braço de Johnny — explicou Sam. — Temos que aquecê-lo agora, ou ele não voltará ao acampamento.

— Mas como? — perguntou William. — Não há modo de se fazer uma fogueira, com tudo tão encharcado, incluindo nós mesmos.

— Vou me apressar para pegar os cavalos. Então você pode colocá-lo na minha sela, na minha frente. Meu corpo irá esquentá-lo — disse Bear. Ele disparou, espirrando água para todos os lados, mesmo antes de terminar a frase.

Stephen precisava de ajuda naquele momento. Bear estava tão frio e úmido quanto os demais e até seu grande corpo peludo proporcionaria pouco calor.

— Arraste aquele maldito lobo até aqui — disse Sam a William, com urgência na voz. — Depois vá buscar o outro.

William havia trazido um lobo e rapidamente foi atrás do maior dos dois.

Sam virou o irmão de lado e empurrou o animal ainda quente até suas costas, e assim que William trouxe o segundo, ele o empurrou até seu peito. Então Sam colocou o pescoço do lobo da frente sobre o pescoço de Stephen.

Ele notou que os dois lobos tinham cortes e lacerações profundas em quase todas as patas e uma pata do demônio negro maior estava praticamente decepada. O estômago do outro tinha um corte profundo, evidentemente aberto pelo machado de Stephen. Ele ficou maravilhado com a coragem que seu irmão encontrou para sobreviver ao ataque.

Ele cortou as caudas dos dois lobos, e as envolveu e amarrou nas mãos de Stephen. O ar pesado continha o cheiro de mofo dos animais selvagens e a apreensão compartilhada pelos dois homens.

Sam finalmente se levantou.

William parecia preocupado.

— Será que ele vai conseguir?

— Difícil dizer — sussurrou Sam.

— Se voltar a si logo, irá se recuperar logo. Do contrário, ficará completamente gelado. Seu coração pode ficar muito frio para fazer o sangue fluir novamente — disse Sam.

William se ajoelhou, pressionou a carcaça mais próxima dele no peito de Stephen e a segurou ali com as mãos.

Após vários minutos intermináveis, Stephen começou a se mexer e finalmente abriu os olhos. Eles brilhavam de modo anormal no escuro.

Stephen gritou quando seus olhos se abriram. O lobo estava bem ao lado dele! Horrorizado, empurrou a fera e se levantou. Agitando os braços em um frenesi selvagem, ele pegou a machadinha. Sem compreender que os lobos estavam imóveis, ou que Sam e William estavam por perto, ele bateu a machadinha no pescoço do lobo.

Ele parou, oscilando e olhando para os lobos. Não estavam se mexendo. Estavam mortos?

— Stephen — gritou Sam. — Estão mortos. Os lobos estão mortos!

Quando ele parou e olhou para cima, Sam pegou o machado e o entregou a William.

Seus irmãos estavam ali? Pareciam estar tentando lhe dizer algo, mas ele mal podia ouvi-los. Não conseguia pensar. Mas lembrou-se que acabara de travar uma batalha por sua vida, todo o seu ser consumido na tentativa de permanecer vivo. Ele balançou a cabeça, tentando entender o que havia acontecido e o que estava acontecendo.

— Ele está delirando de raiva e fadiga — ouviu Sam dizer.

— Estamos aqui, Stephen. Nós o encontramos. Vamos ajudá-lo — disse William. — Bear está trazendo nossas montarias.

— O estado de fúria selvagem não é algo facilmente superado — disse Sam. — Permita-lhe alguns minutos.

Lentamente, Stephen se acalmou e sua respiração começou a desacelerar um pouco. Olhou diretamente para Sam, depois para William. Por fim, a constatação chegou-lhe à mente.

— Será que... os matei? — gaguejou, com o sangue pingando de suas mãos trêmulas.

— Defender-se de um ataque de dois lobos é um feito notável. Ambos estavam morrendo e começaram a fugir quando nos ouviram

chegar. Nós apenas terminamos o serviço para você — explicou Sam.

— Se fugiam, por que estavam perto de mim?

— Colocamos aqueles animais perto de você para aquecê-lo — explicou Sam.

A julgar pelo calor que voltava ao seu corpo, o plano de Sam havia funcionado, embora ele não tivesse gostado de acordar ao lado dos demônios.

— Acalme-se, você está sangrando muito rápido para se movimentar — disse William.

William aplicou pressão no ferimento no pescoço de Stephen, enquanto Sam o ajudava a apoiar o irmão no tronco da árvore.

— Sam, eles quase me pegaram — ofegou Stephen. — Quando aquele grande monstro preto rasgou meu pescoço, pensei que estava prestes a ser comido vivo. Mas não desisti. Continuei lutando como sabia que você faria.

— Você se saiu bem — disse Sam. — Muito bem.

— Jane? Jane está bem? — perguntou Stephen, ainda tremendo um pouco.

— Sim, e as meninas também. John está com elas — disse William. — No entanto, ela está morrendo de preocupação. Precisamos levá-lo logo, ou ela mesma virá procurar você.

— Johnny? — Stephen quase implorou ao fazer a pergunta.

— Jane está cuidando dele. Está com muita dor, mas deve ficar bem. Vai ser um bom caçador um dia desses — disse Sam.

— E um bom homem — disse ele, sentindo-se fraco, mas voltando a se sentir como sempre foi. Deslizou pelo tronco da árvore para se sentar e, depois de alguns minutos, sua respiração se acalmou e o sangue parou de pingar de seu pescoço.

— Sinto muito por você ter se perdido — disse Sam. — Tentei procurá-lo, mas a chuva estava tão forte que não pude ver nada, e precisava obter ajuda para Johnny.

— Já estou feliz por ter me encontrado neste momento.

— Eu também — disseram Sam e William ao mesmo tempo.

Bear chegou com os cavalos e, logo que viu seu dono, George se afastou dos outros e galopou até Stephen, bufando e batendo as patas. O garanhão agia como se soubesse que algo estava errado.

— Calma, agora — acalmou Stephen. — Estou bem agora. — Ele estendeu a mão e, com os dedos ainda frios, acariciou o nariz molhado de George. O garanhão se acalmou e ficou parado, deixando a rédea cair no colo de Stephen.

Depois de amarrar os outros três cavalos, Bear ajudou Sam a tirar a pele dos lobos. Melhor do que cobertores e impermeáveis, Sam queria usar as peles para manter Stephen quente até que chegassem ao acampamento. Agora os dois lobos ajudariam a salvar sua vida, não a tirariam dele.

Enquanto isso, William tirou um pano de seu alforje, umedeceu-o com água nas folhas e começou a limpar o máximo de sangue e sujeira do rosto e pescoço de Stephen.

— Seu rosto está machucado e sujo — disse William enquanto começava a limpar —, mas por incrível que pareça, só está cortado em alguns lugares.

— Ótimo, eu não gostaria que você fosse o único bonito da família — disse Stephen, sentindo-se voltar ao seu natural.

A cada minuto que passava, Stephen parecia ganhar força. Havia sobrevivido. Assim que pudesse ter Jane nos braços, tudo ficaria bem mais uma vez.

— Ainda tenho a carne — disse, apontando para o embrulho que estava pendurado no alto na árvore.

— Sabia que teria — disse Sam.

CAPÍTULO 41

Agradecido por estar vivo, mais do que tudo que já havia sentido, Stephen e o grupo voltaram lentamente para o acampamento, através da floresta escura e úmida. Mal podia esperar para ver Jane de novo. Havia estado tão perto de torná-la viúva. Agora, só queria estar nos braços dela mais uma vez.

O vento e a chuva terrivelmente frios avançaram mais para o sul e todos começaram a esquentar. Com a ajuda do couro dos lobos presos nele, o calor voltou a tomar conta de seu corpo. O ar úmido cheirava a terra e folhas molhadas. Toda árvore encharcada e galhos caídos deixavam pingar as últimas gotas da violenta tempestade.

Em pouco tempo, a cada passo de seu cavalo, as gotas pareciam ficar mais pesadas, como uma ameaça. A floresta parecia estranhamente quieta. Por instinto, ele sabia que algo estava errado. Também percebeu Sam ficar cada vez mais apreensivo a cada minuto que passava. Os sentidos de seu irmão, aperfeiçoados por anos em contato com a natureza, pareciam estar em alerta máximo. Stephen observou Sam examinar a floresta em torno repetidas vezes. Aquilo era algo além de uma vigilância comum.

Agora, sentiu sua pele se arrepiar. No entanto, não conseguia descobrir o que estava deixando os dois tão desconfortáveis.

Olhou para Bear e William. Eles pareciam sentir o perigo também.

A ameaça desconhecida fez o grupo desacelerar o ritmo à medida que se aproximavam de seu acampamento.

Stephen guiou George para o lado de Sam e perguntou:

— Algo está errado?

— É possível — sussurrou Sam. — Espere aqui.

— Não, irei com você — disse Stephen, e seu tom de voz não deixou espaço para discussões.

— Diga aos outros para esperar aqui. Diga-lhes para ficarem calados e recarregar suas armas. Então, siga-me.

Naquele momento, Stephen estava seriamente preocupado. Os instintos de Sam nunca erravam.

Stephen avançou em silêncio, seguindo atrás de Sam, e o único som que ouvia vinha da floresta com água pingando das folhas e das agulhas de pinheiro. Sentia-se inquieto com as especulações sombrias.

Em questão de minutos, escondidos nos arbustos densos, eles estudaram o acampamento. Usando a madeira seca que armazenavam sob os vagões durante uma tempestade, o grupo havia conseguido acender uma grande fogueira. A luz do fogo fazia brilhar as gotas de umidade nos galhos ao redor de sua cabeça e o deixava ver o acampamento claramente.

Então seu estômago saltou com a intensidade de seu horror. Piscou com força, esperando que o cansaço o estivesse fazendo ver uma miragem. Mas não era miragem — era o próprio Chefe Wanalancet e quatro índios guerreiros musculosos. Ele reconheceu o Chefe, pois vira Wanalancet uma vez antes, quando Sam ajudou a mediar um pacto de paz entre várias tribos e os colonos.

— Maldição — murmurou Stephen, baixinho.

Além de um arco, cada índio Pennacook carregava um rifle e facas. Seus cabelos escuros e molhados e a pele exposta pareciam, à luz do fogo, ter sido polidos. Exceto pela lama nas patas de seus cavalos, amarrados nas proximidades, eles não pareciam afetados pela tempestade.

Jane estava de pé, junto à lareira, enquanto Wanalancet circulava, estudando-a. Seu cabelo comprido parecia úmido e ainda mais selvagem do que o normal. Seus olhos brilhantes disparavam punhais de raiva para Wanalancet e seguiam os movimentos do homem. Ele rezou para que o temperamento de Jane não a matasse e esperava poder, ele mesmo, controlar sua raiva crescente.

John estava imóvel nas proximidades, no chão, com as mãos e os pés amarrados. Além de um rosto ensanguentado, parecia ileso. As crianças estavam amarradas a uma árvore, as duas garotas

chorando baixinho enquanto Johnny, com dor óbvia, choramingava lamentavelmente. Stephen sentiu o peito inchar de raiva e rangeu os dentes.

Dois índios guerreiros seguravam Catherine e dois seguravam Kelly. As duas mulheres pareciam despenteadas e muito agitadas, como se tivessem lutado muito, mas finalmente desistiram de lutar. Os quatro bravos pareciam aguardar instruções de Wanalancet, enquanto olhavam, boquiabertos, para as duas mulheres, ansiosos e desejosos. Stephen suspeitava que não demoraria muito para que Wanalancet desse a seus guerreiros o que eles queriam.

Ele olhou para Sam. Poderia dizer que o irmão que estava ansioso para puxar a faca, mas que pensaria com a cabeça e não apenas com os instintos. Homens que não raciocinavam acabavam mortos.

Sam virou-se, em silêncio, e eles rapidamente voltaram para William e Bear.

Sua mente corria mais rápido do que ele andava. O índio que havia escapado quando ele matou Bomazeen devia ter contado a Wanalancet sobre Jane ter escapado e, sem dúvida, confirmado que ela era tão bonita quanto Bomazeen alegou que fosse. Quanto mais notável fosse a mulher, mais Bomazeen teria conseguido por ela. Como todos suspeitavam, Bomazeen havia escolhido Jane para o Chefe por sua beleza e cabelos ruivos. O Chefe também teria descoberto que sua família estava seguindo Grande Caminho Indígena de Guerra. Wanalancet deveria estar familiarizado com a trilha, usada por séculos pelas tribos do norte e do sul para o comércio e para a guerra. Para o Chefe, seria apenas uma questão de ficar fora da vista de outros viajantes até alcançar Jane.

Assim que já não podiam ser ouvidos do acampamento, ele perguntou para Sam, em voz baixa:

— Por que aquele bastardo nos seguiu durante tanto tempo até a floresta? E como os mataremos?

— O Chefe deve ter feito um pacto de casamento com o Grande Espírito — sussurrou Sam. — Na mente de Wanalancet, ele já estava casado com Jane. Ouvi pactos similares com espíritos quando eles escolheram esposas de tribos vizinhas. Wanalancet sofreu a humilhação de perder Jane duas vezes e deve ter decidido

que o Grande Espírito exigia que ele a reivindicasse. Qualquer que seja sua motivação, Wanalancet está obcecado em ter Jane. Se não reagirmos corretamente, todos poderemos morrer.

— Comece a pensar como um capitão de novo. Precisamos de uma estratégia — insistiu Stephen, recusando-se a ceder ao pânico. — Vou fazer o mesmo.

Ele começou a voltar para onde os outros estavam. Quando chegaram a William e Bear, um plano surgiu em sua mente. Era arriscado, mas havia uma chance.

Em circunstâncias normais, não teria dúvidas. No entanto, havia acabado de passar pelo inferno e estavam prestes a ir até lá de novo. Mas ele se sentia consideravelmente mais forte e quente, e seus ferimentos haviam parado de sangrar. Poderia realizar o plano. Ele o realizaria. Por Jane. Por suas filhas.

Bear e William estavam juntos, carregando suas armas com balas e pólvora, com a pouca chance de que a pólvora estivesse seca o suficiente para disparar.

— Todos no acampamento parecem ilesos. Mas... — ele hesitou, ainda incapaz de acreditar — Wanalancet e quatro índios guerreiros estão mantendo todos em cativeiro.

— Wanalancet! — exclamou Bear. — O Chefe Pennacook?

— Falem baixo e ouçam com atenção — alertou Sam. — Wanalancet veio buscar Jane. Na sua cabeça, eles já estão casados.

— Ela é minha esposa! — praguejou Stephen. Suas mãos se contraíram. Queria estrangular o bastardo.

— Isso não é importante para ele. Os índios guerreiros vão querer as outras duas mulheres também. Stephen, você está cansado, com frio e machucado, mas preciso que aja de modo mais forte do que sente.

— Sinto-me bem — cuspiu Stephen.

— Ótimo. A garoa da chuva lavou o sangue restante que estava em você. Você deve parecer destemido e forte. O couro dos lobos nos seus ombros impressionará Wanalancet. As tribos algonquianas reverenciam o espírito do lobo e acreditam que a pele do animal pode torná-lo forte, selvagem e astuto. Acredite em si mesmo.

Stephen acreditava nisso.

— Eu ficaria feliz em me tornar um desses malditos lobos se isso impedisse o bastardo de levar Jane — praguejou ele. Com o sangue quente devido à ira, ele ficou mais ereto e cerrou os punhos.

— Ótimo. Wanalancet perceberá isso — disse Sam. — Quais são suas ideias, Stephen?

— Nós o intimidamos, o faremos perceber que matei Bomazeen e que também o matarei. Mostraremos a ele nossa força — disse Stephen. — Então apelamos à sua honra. Faremos com que entenda que roubar a esposa de um homem é desonroso e mau. Que tenho a capacidade de matar homens maus. Se funcionar, temos a chance de fazê-lo mudar de ideia sobre o roubo de Jane.

— Como? — perguntou William. — Ele não será facilmente intimidado.

— Bear, você tem a força dos ursos no corpo e no seu colar, deixe Wanalancet perceber isso também. William, você tem um dos seus velhos emblemas da lei no seu casaco? — perguntou Stephen.

— Sim, bem aqui — disse William, enfiando a mão no colete. — Guardei um para dar sorte.

— Bom, poderíamos ter um pouco de sorte. Coloque-o. Ele pode saber o que isso significa e acreditar que você é um guerreiro por causa dele. Com ou sem o distintivo, você é um guerreiro, então comporte-se como tal. Wanalancet vai saber a respeito de Sam e sua faca. Sam é intimidador apenas parado ali. Nós quatro devemos entrar naquele acampamento como se não tivéssemos medo e eles não nos preocupassem.

— Concordo — disse Sam. — Mantenha suas cabeças erguidas e deixem a força aparecer em seus rostos. Mantenham suas armas prontas, mas não as use até que eu use. Compreendido?

— Se ele machucar Jane ou pisar na sombra dela, estarei usando minha arma. E vou matá-lo — prometeu Stephen.

— Ele não veio de tão longe para machucá-la. Está claro que é obcecado por ela. Além disso, ela não lhe serve se estiver morta ou ferida. Ele vai querer matá-lo. Provavelmente, é o que está esperando — disse Sam. — Você deve fazê-lo perceber que seu espírito é forte e que também reivindica Jane.

— Vai funcionar? — perguntou William.

— Talvez — disse Bear. — Do contrário, nós os mataremos.

— Com certeza. Mas nosso objetivo é que ninguém morra. Nem nós, nem eles. Jane só estará segura se finalmente convenceremos Wanalancet de que ele não pode tê-la — disse Sam — e fazê-lo retornar para as Montanhas Brancas. Não importa o que Wanalancet diga, tenha cuidado com o que você diz. Mantenha o olhar firme e deixe-o falar por você. Se um dia já confiou em mim, confie agora. Se formos forçados a usar nossas armas, matarei o Chefe. Bear, use o machado no índio mais próximo de você. William e Stephen, espalhem-se um pouco e preparem-se para atirar nos índios mais próximos de cada um de vocês. Então, vocês dois disparam sua segunda pistola nos índios restantes. Com toda essa umidade, suas armas podem não disparar; portanto, estejam preparados para se mover rapidamente e usar suas facas ou machadinhas. Compreenderam?

— E John? — perguntou Bear.

— Está amarrado e sangrando um pouco. Eles amarraram as crianças ao redor de uma árvore. As três mulheres estão com as mãos atadas. Wanalancet está apenas esperando por nós — explicou Sam.

— Vamos acabar logo com isso — disse Stephen, puxando as pistolas. — Eles já levaram Jane uma vez. Não permitirei que isso aconteça de novo.

Deixando seus cavalos amarrados, o grupo seguiu para o acampamento. Como Stephen suspeitava, Wanalancet os ouviu chegando.

— Cuidado! — gritou Jane.

— Viemos conversar — disse Sam calmamente, na língua algonquiana.

Quando entraram na clareira, quatro arcos apontaram flechas para cada um deles, mas Wanalancet impediu os índios com um movimento do braço. Stephen supôs que Wanalancet gostaria de ver seus inimigos antes de ordenar que os matassem e, como o Chefe mantinha as mulheres, ele tinha a vantagem e sabia disso. Não poderiam atacar o Pennacook sem arriscar a vida das mulheres.

Eles se aproximaram devagar e com cautela, Sam segurando a faca comprida em um punho fechado, Bear segurando seu machado

grande e uma pistola. Stephen e William seguravam duas pistolas cada um. Todos os quatro caminharam com firmeza em direção à fogueira de cozimento. Stephen olhou para Sam e viu o guerreiro em seu irmão — sua mandíbula desafiadora, lábios apertados e olhos duros, intensos. Bear parecia quase tão ameaçador quanto Sam, e as feições de William eram sombrias e ameaçadoras.

Então ele voltou a olhar para frente e seus olhos encontraram os de Jane. Seu coração disparou. Ela precisava dele. Suas meninas e Johnny precisavam dele. Sua família precisava dele.

Ele também seria um guerreiro, por Deus.

CAPÍTULO 42

Jane ofegou ao ver Stephen. Ficou muito feliz ao vê-lo vivo, mas a aparência selvagem e assustadora dele a chocou. Uma barba negra por fazer cobria seu rosto como uma sombra escura e intimidadora. Seus cabelos, que haviam crescido até os ombros durante a viagem, estavam escuros e molhados, emoldurando o rosto pálido e arranhado. Ele parecia extremamente poderoso, o peito largo claramente visível sem a camisa. O que parecia ser o couro de dois lobos, pendia de seus ombros, fazendo-o parecer um guerreiro bárbaro assustador e os olhos cor de cobalto exibiam um ar enigmático que ela nunca havia visto antes.

A visão dele renovou sua força. Mas o perigo que ele estava prestes a enfrentar a enchia de pressentimento e apreensão.

Os quatro pararam, com William e Bear flanqueando Stephen e Sam. Agora ela podia ver seus rostos claramente. Os quatro mostravam-se com raiva, dispostos a brigar, como se quisessem despedaçar aqueles índios e quebrar todas as flechas em suas aljavas! Ela não podia acreditar no quão ameaçadores e ferozes todos pareciam. Até o rosto bonito de William se contraía com um sorriso malicioso. E Bear, o gentil gigante, não podia parecer mais arrepiante, mesmo que fosse um urso de verdade. Em Sam, ela viu mais do que uma aparência assustadora. Ele exalava bravura e ousadia. Foi o que ela viu irradiar dos olhos de Stephen! Bravura. Olhou novamente para o marido e a coragem dele encheu seu coração.

Por um momento, ninguém falou ou se mexeu.

Então Sam disse:

— Chefe Wanalancet. — E balançou a cabeça, em reconhecimento.

Wanalancet! Então este era o Chefe que enviou Bomazeen para roubá-la. Inferno! A situação era pior do que pensava. Uma constatação aterrorizante tomou conta dela. Aquele homem estava atrás dela.

Jane manteve os olhos fixos em Wanalancet. Os reflexos do fogo incidiam nos muitos cordões de belas pérolas no peito largo do homem. Seus olhos de ébano inteligentes, sinistros e ameaçadores, brilhavam na luz do fogo. Era mais alto do que a maioria dos nativos que havia visto e seus braços poderosos demonstravam uma grande força.

Rapidamente, decidiu que o Chefe e os outros quatro índios ameaçadores, que também pareciam musculosos e guerreiros, seriam oponentes formidáveis para Stephen, Sam, William e Bear. Ela teria que ajudar. Isso igualaria as probabilidades. Faria algo, qualquer coisa para ajudar. Poderia puxar um tronco ardente do fogo e jogá-lo na cara do Chefe. Provavelmente morreria tentando, mas se salvasse a vida de Stephen, valeria a pena.

Seu coração batia tão rápido que ela mal conseguia respirar. Agarrou a saia com os punhos para esconder as mãos trêmulas. Forçou-se a permanecer ereta. Os músculos das costas estavam rígidos de ansiedade enquanto seu olhar se alternava constantemente entre Wanalancet e Stephen.

Uma tensão palpável girava em torno de todos os presentes, o ar quase escorrendo hostilidade e atrito. Ela podia sentir a raiva mal controlada que fervia no corpo de Stephen.

Ele encontraria uma maneira de sair disso. Teria que encontrar.

Stephen observou Wanalancet estudando cada um dos quatro homens. O Chefe espreitou os olhos de cada homem e os sustentou por vários e longos momentos.

Ele sentiu Wanalancet ler sua alma e sabia que o Chefe havia visto a parte com raiva que estava nele.

O Chefe virou-se e ficou de frente para Sam.

— Você é Mão Sangrenta — disse Wanalancet.

— Alguns me chamam assim — respondeu Sam.

O Chefe virou-se para Bear.

— Você é o Matador de Ursos, o gigante — disse Wanalancet a Bear.

Sam traduziu. Bear rangeu os dentes e rosnou.

Apenas olhando para William, mas notando claramente o distintivo, Wanalancet voltou sua atenção para Stephen.

Stephen devolveu o olhar, corajosamente, com queixo desafiador. Pistolas nas duas mãos e peles dos lobos contribuíram para seu sentimento de força selvagem. Ele precisaria dessa força. Provavelmente seria uma batalha.

— Você é um homem-lobo? — perguntou-lhe Wanalancet.

Sam disse:

— Sim, ele é um homem-lobo. Lobos e homens o temem. Você seria sábio em temê-lo também.

Stephen podia ouvir a raiva contida na voz de Sam.

Wanalancet virou-se para Jane.

— A qual homem você pertence?

Sam continuou a traduzir e Jane apontou para Stephen.

Stephen fixou um olhar frio no Chefe.

— Então ele é quem devo matar. Os espíritos dos lobos nas suas costas lhe dão poder — disse Wanalancet —, mas meus poderes são os de um Chefe e vêm do Grande Espírito nas estrelas. Vocês, homens, devem largar suas armas. Depois que eu matar o homem-lobo, levaremos as três mulheres e três cavalos. Se não nos seguirem, o resto pode viver e manter seus pequenos. Se começarem a nos seguir, mandarei dois índios de volta para matar as crianças quando ninguém estiver olhando. Agora, coloquem as armas na terra. Então, o homem-lobo morre.

Sam traduziu lentamente, mantendo a voz baixa, para que as crianças não pudessem ouvir.

Stephen considerou a ameaça de Wanalancet. Pesou as habilidades de luta dos índios. Aquilo poderia não terminar bem se eles lutassem. Mas se não brigassem, as três mulheres poderiam ser estupradas alguns minutos depois que ele fosse morto e os outros homens estariam amarrados. Catherine e Kelly seriam estupradas duas vezes e provavelmente muitas vezes mais antes que a noite terminasse. A possibilidade o fez se sentir enjoado. Wanalancet encontraria o uísque em sua carroça e se sentiria encorajado por ele. Duvidava que o Chefe cumpriria sua promessa de deixar os outros viverem.

— Se quer que essas duas mulheres fiquem vivas, dê um passo à frente agora, homem-lobo, e largue suas armas inúteis. Elas não vão atirar, neste mundo molhado. Por respeito a essa mulher — disse ele, apontando para Jane —, tornarei sua morte rápida.

De repente, John sentou-se.

— Por favor, seja razoável, ele é um irmão querido para mim. Foi pego na tempestade. Estava apenas caçando comida. Não quer lhe fazer mal. Nem nós queremos. Eu imploro, não o machuque.

Um canto da boca de Sam se levantou em um meio sorriso e ele traduziu o que John disse, mas da seguinte forma:

— Você nunca será capaz de matar um homem tão forte quanto o homem-lobo. Seu Grande Espírito lhe deu grandes poderes sobre o mal. Aqueles que carregam o mal em seus corações devem sempre temê-lo. É por isso que seu cruel amigo Bomazeen está morto agora. E por que você também irá morrer se fizer esse ato cruel.

— O homem-lobo matou Bomazeen? — perguntou Wanalancet, parecendo impressionado.

— Sim — disse Sam —, no mundo dos mortos, nem mesmo os espíritos malignos puderam reconhecer Bomazeen. Sangue escuro e maligno cobria sua cabeça quando meu irmão, o homem-lobo, acabou com ele.

— Nós o chamamos de Demônio Errante. Agora, Bomazeen vagará para sempre, sem ser reconhecido por ninguém — disse Wanalancet. — Mas o assassino do Demônio Errante também deve morrer. Não quero que essa mulher deseje voltar para ele. Se ele estiver morto, ela não o desejará.

Jane se virou para Sam e, com autoridade e força na voz, disse:

— Diga-lhe que irei com ele de bom grado e agirei como sua esposa, mas apenas se ele deixar todos vocês viverem.

— Com os diabos — praguejou Stephen.

Ignorando a explosão de Stephen, Sam traduziu calmamente a declaração de Jane.

Stephen lutou para manter a boca fechada. As pistolas em suas mãos tremiam levemente por causa de sua raiva. Estava atingindo o ponto de ebulição.

Sam o olhou e, com sutileza, colocou um dedo sobre a boca. Uma palavra errada e aquilo tudo poderia acabar em uma tragédia para todos.

Stephen apertou ainda mais a mandíbula e abaixou ligeiramente as pistolas. Somente a flecha do índio guerreiro apontando diretamente para ele o impedia de pular em Wanalancet, mas ele não seria capaz de se segurar por muito mais tempo.

Wanalancet segurou o queixo de Jane na mão e olhou de modo penetrante para o rosto dela. Olhando além do verde dos olhos dela, o Chefe parecia estar estudando seu coração.

— Seu amor é tão profundo assim? — perguntou, por fim, e Sam traduziu.

— Eu morreria por cada um desses homens, meus irmãos, e morreria mil vezes por meu marido — respondeu Jane.

— Você morreria por eles, mas eu peço que viva por mim. Vir comigo não é morte. É a vida. Eu cantarei a canção sagrada das estrelas para você. Eu a honrarei com muitos escravos e presentes. Você vai governar nosso povo comigo. Sua beleza é digna de um Chefe. Você é alta para uma mulher e seu espírito é forte. Será a mãe de todo o nosso povo.

No momento, Stephen continuaria dando a Jane a chance de enfrentar o Chefe. A coragem que ela demonstrou o impressionou, e ela escolheu suas palavras sabiamente. Ele rezou para que continuasse, porque não apenas as palavras dela precisavam atingir Wanalancet, como também poderiam evitar a explosão da raiva do Chefe.

— Já sou mãe — declarou Jane, apontando para os três filhos —, e já ouvi a música das estrelas e a tenho escrito no meu coração. O meu Deus permite que apenas um homem cante a preciosa canção de amor para uma mulher. Deixar aquele homem significa morte espiritual e desonra para mim. Mas se você deixar todos vivos e soltar as outras duas mulheres, não vou mais seguir meu marido e irei com você. Serei voluntariamente uma esposa para você em todos os aspectos. Com Deus por testemunha, eu falo a verdade.

— Nunca! — rosnou Stephen.

— Diga-lhe — Jane ordenou Sam que traduzisse.

Depois que Sam traduziu, o Chefe endireitou as costas largas.

— Você não está em posição de barganhar. Você irá comigo, depois que eu matar o homem-lobo, ou matarei todos, se precisar — disse Wanalancet, com voz rouca e olhos ameaçadores.

— Então, nunca vou parar de lutar contra você — disse Jane, com os olhos brilhando de repente —, especialmente quando quiser se deitar comigo.

Stephen notou Sam observando cada respiração de Wanalancet e estudando todos os músculos do rosto orgulhoso do Chefe. O menor lampejo de hostilidade nos olhos do homem liberaria a faca de sua mão, porque essa fração de segundo seria a única vantagem que eles teriam. Se Sam agisse no momento certo, poderia matar o Chefe. O machado de Bear afundaria nos índios mais próximos dele e ele esperava que as armas que ele e William seguravam disparassem e atingissem seus alvos. E Wanalancet seria um homem morto. Ele garantiria isso.

Mas Wanalancet provavelmente havia trazido seus melhores índios guerreiros com ele e eles poderiam ser igualmente letais. Rápidos como uma cobra. Com as mãos e os pés amarrados, John estaria morto em um instante. Vários deles definitivamente morreriam, que os céus não permitissem, até as crianças. Teria que impedir que isso acontecesse. No entanto, não deixaria Jane fazer esse terrível sacrifício, mesmo que Wanalancet concordasse. Não podia trair a confiança que ela depositava nele.

Perplexo, não conseguiu decidir o que fazer ou dizer a seguir.

Wanalancet virou-se de Jane para Sam.

— Mão Sangrenta, devo matar o homem-lobo. Diga para ele se preparar.

CAPÍTULO 43

Antes mesmo de Sam traduzir, Stephen entendeu o que estava prestes a acontecer. Seu coração martelava com fúria. Naquele momento, estavam entre a vida e a morte. O que aconteceria a seguir determinaria se iriam viver. Ele não recuaria. Estava mais do que pronto para morrer, se necessário. Nunca deixaria Wanalancet levar Jane.

Ela levava o seu coração. Ela levava o seu filho.

Stephen teria que convencer o Chefe de que Jane era dele. Ele se virou para Wanalancet e disse:

— Tentar me matar seria um erro. Eu destruo o mal. Tem tanta certeza assim de que seu coração não guarda o mal? Se guardar, vencerei. Meu espírito tem a coragem do bem, não do mal. Sem medo da floresta, vim de longe e viajei ainda mais apenas para criar uma nova vida e um lar melhor para minha família. Eu o respeito, grande Chefe, e não tenho desejo de tirar sua vida nem a de seus guerreiros. Mas minha honra não permitirá que roube minha esposa. Roubá-la seria um ato de maldade.

Wanalancet pareceu considerar o que Sam traduziu e respondeu:

— Também viajei muito para reivindicar minha nova esposa e começar uma nova vida com ela. Vim porque meu espírito se uniu ao dela através da fumaça do meu cachimbo sagrado. Eu já amo o espírito dela. — O Chefe puxou Jane para ficar ao lado dele. — E amarei o corpo dela em breve.

Jane não conseguiu evitar que seu rosto irradiasse raiva.

Rapidamente, Stephen caminhou na direção de Wanalancet, com os dentes à mostra, o próprio rosto queimando de ira. Ignorou a flecha apontada pelos índios guerreiros seguindo de perto seus movimentos. Era hora de acabar com aquilo, de um jeito ou de outro.

— Sam, diga-lhe exatamente o que vou falar. Exatamente. — Stephen se forçou a falar devagar. — Podemos lutar agora por qual vida e qual espírito vencerá, o seu ou o meu, mas alguns de vocês

morrerão e alguns de nós morrerão. — Ele esperou que Sam traduzisse, depois continuou. — Aqueles de nós que sobreviverem os caçarão até matá-los e traremos essas mulheres de volta para nós. Essa mulher já é minha esposa e, por tudo que é sagrado, sempre será. Tomar a esposa de outro homem é maldade. E devo lutar contra o mal onde o encontrar.

— Meu coração não é mau — disse Wanalancet, com firmeza.

— Será mau para sempre. Se levar minha esposa. — Seu olhar sobre Wanalancet permaneceu firme.

Sam traduziu e acrescentou:

— Também viajei de longe, para deixar para trás guerras sangrentas nas quais lutei com índios e homens brancos. Somos inimigos há muitos anos. Você, seus índios guerreiros e outras tribos lutaram contra nós com grande coragem. E os homens brancos lutaram bravamente. Mas chegou a hora de vivermos no mesmo mundo e deixar o mesmo sol nos iluminar. Todos nós precisamos de terra para cultivar comida e de animais para caçar. As tribos algonquianas devem ter seu mundo e suas vidas. E devemos ter o nosso. Há terra suficiente para vocês e para nós.

Então, Stephen continuou:

— Não é corajoso ou honroso você roubar nossas mulheres. Embora não sejam tantas, a dor que vocês causam é grande. Se pararem, será mais fácil para o homem branco respeitá-los e chamá-los de sábios. Uma alma sábia entende que o bem e o mal existem em qualquer tribo e nação. Mas os homens bons sempre serão maiores em número do que os maus. Você e eu não devemos deixar que os homens maus determinem como nos tratamos. Meu irmão não quer que sua mão fique vermelha devido ao sangue índio, especialmente o sangue de um grande chefe. Mas a faca dele é selvagem quando precisa ser. Nós o mataremos, mas somente se você prejudicar nossa família ou roubar essas mulheres. Nós podemos ser irmãos ou podemos ser inimigos. Você deve decidir. Agora.

— A faca dele é selvagem, mas também é uma lâmina nobre — disse Wanalancet —, diferente da lâmina de Bomazeen. Ele foi um dos homens maus dos quais você fala. Lamento agora por ele ter às vezes agido por mim porque não sou um desses homens maus.

Vejo a verdade na lâmina da faca grande, porque o coração dele é verdadeiro. Seu espírito, homem-lobo, é o mais forte que já conheci entre os homens brancos. Mas vim de longe para buscar esta mulher. Devo considerar o que fazer e o que o Grande Espírito me diz.

O imponente índio circundou Jane, parecendo estudar o corpo e a alma dela. A cada círculo, com movimentos quase graciosos e autoconfiança inconfundível, Wanalancet se aproximava mais dela. Cada volta que o Chefe dava em torno de Jane diminuía o autocontrole de Stephen. Logo ele não teria nenhum. Esquecendo o plano deles, decidiu que ele mesmo mataria o homem.

Então, Wanalancet se abaixou e, pelo que pareceu uma eternidade, estudou o fogo. Stephen se perguntou se as chamas ligavam a alma do Chefe aos meios dos espíritos antigos. Os olhos de Wanalancet logo brilharam, como se alguma força vital desconhecida falasse apenas com o Chefe. Ele esperava que fossem palavras de sabedoria e paz.

Stephen mal respirava, mas suas mãos agarraram as armas com força. As folhas que pingavam ao redor deles pareciam mil batidas de relógios. Sam e os outros permaneceram calados. Stephen se preparou para matar, se necessário.

Finalmente, Wanalancet se levantou, seus longos cabelos negros ondulando na brisa e falou de novo.

— Bomazeen estava certo. Essa mulher seria boa mãe para o meu povo. Vejo grande força em seus olhos e em seu corpo. Mas não quero uma mulher cujo espírito morrerá. Sua beleza murcharia como folhas de inverno. Foi assim com outras pessoas que levamos. Talvez, como você diz, seja desleal continuarmos roubando escravos. Não é meu desejo fazer o mal. Vamos deixá-los agora, com suas vidas e mulheres. Vamos viajar para as tribos do sul e negociar mulheres lá.

Wanalancet fez sinal para que seus guerreiros guardassem as armas e eles obedeceram imediatamente.

Stephen abaixou as armas um pouco e finalmente respirou, mas impediu que o alívio aparecesse em seu rosto.

Bear, que entendia a língua algonquiana melhor do que podia falá-la, guardou a machadinha e avançou lentamente. Removeu seu

colar e o apresentou solenemente ao Chefe.

Stephen sabia o grande sacrifício que Bear estava fazendo para selar o acordo com o Chefe. Também viu nos olhos de Bear um novo respeito pelo homem que Wanalancet era e suspeitava que ele não achava mais que o Chefe era apenas um selvagem.

Os olhos de Wanalancet se arregalaram de surpresa e prazer óbvio enquanto estudava o cordão de garras e dentes de urso.

Stephen removeu uma das peles de lobo de seu ombro e lentamente a levou ao Chefe.

Os olhos de Wanalancet, brilhantes com o reflexo do fogo, consideraram Stephen por alguns instantes antes de estender a mão para a pele escura.

— Este símbolo do espírito do lobo é um presente caro. Uma pele de lobo vale mais de quarenta peles de castor e dar uma pele de lobo como presente é um ato de reconciliação. Aceito este presente e, com ele, seu gesto de paz.

Depois que Sam traduziu, Stephen disse:

— Vou manter uma pele comigo e você, a outra. Como esses lobos estavam unidos pela força e aliança na vida, assim estaremos.

Wanalancet se moveu para o lado do seu cavalo, que se afastava, inquieto com o cheiro da pele recém-cortada do lobo, agora pendurada no antebraço musculoso do Chefe. Ele enfiou a mão em uma bolsa de pele de veado e retirou seu *calumet*, embainhado no pescoço de um mergulhão. Depois de encher o recipiente de pedra vermelha do cachimbo com tabaco e acendê-lo com um graveto do fogo, ele fumou o cachimbo da paz por alguns momentos antes de oferecê-lo a Stephen.

— Meu espírito devolve para você o espírito desta mulher — disse Wanalancet.

Com respeito, Stephen pegou o cachimbo e fumou várias baforadas antes de devolvê-lo ao Chefe. Wanalancet passou solenemente para cada um dos outros homens antes de dar uma última tragada no longo cachimbo decorado com penas de pássaros e mechas de cabelo humano.

Com o cachimbo embalado nos braços cruzados sobre o peito, Wanalancet disse:

— Peça-lhe apenas uma coisa.

— O quê? — perguntou Sam, com cautela.

— Que use sua lâmina nobre para cortar um pedaço do cabelo dessa mulher — disse Wanalancet, apontando para Jane.

Inquieto, Sam olhou para Stephen e depois traduziu.

Stephen hesitou um momento, mas depois concordou com um movimento de cabeça e fez sinal para Sam lhe dar a faca. Se tivesse que ser feito, ele mesmo o faria. Ele pegou a faca e cortou um pedaço do cabelo de Jane, enquanto ela permanecia imóvel, o rosto impassível. Ele ofereceu os cachos ao Chefe.

Wanalancet sentou-se ao lado do fogo e usou uma das tiras de couro penduradas no cachimbo para prender cuidadosamente os cabelos de Jane no eixo. Em silêncio, todos se concentraram nos brilhantes cachos cor de cobre que agora adornavam o cachimbo sagrado do Chefe.

Stephen sentou-se ao lado do Chefe.

— Agora, peço apenas uma coisa a você, grande Chefe.

Wanalancet o estudou enquanto Sam traduzia.

— Você limparia seu coração do mal de Bomazeen, devolvendo a garota de cabelos amarelos de volta ao seu povo? Acredito que o nome cristão dela seja Lucy — perguntou Stephen.

Wanalancet olhou novamente para as chamas e fumaça, com rosto impassível.

— Peço que faça essa coisa boa — disse Stephen. — Se o fizer, e levá-la de volta para onde Bomazeen a roubou, todos agradeceremos ao nosso Deus por sua sabedoria e pediremos suas bênçãos por muitas gerações, para você e sua tribo.

— Será feito — disse Wanalancet, por fim. Ele se levantou abruptamente, removeu um dos muitos cordões de pérolas do peito e o colocou em volta do pescoço de Jane.

O rosto de Jane permaneceu impassível, mas seus olhos, cheios de gratidão, encontraram os de Wanalancet.

— Que a graça de Deus desça sobre você — disse ela, com dignidade.

Sam traduziu e Wanalancet assentiu e se virou.

Momentos depois, o Chefe e seus guerreiros desapareciam na floresta.

Stephen virou-se para a esposa. A sua esposa.

Jane, chorando de alegria e alívio, arrancou a pele de lobo dos ombros de Stephen e a jogou para o lado antes de abraçá-lo com força. Desejava nunca deixá-lo ir. Desejava que ele ficasse ao seu lado, em todos os momentos, pelo resto de sua vida. Para amá-lo para todo o sempre.

Ele a beijou como se fosse o primeiro beijo deles — a princípio, gentil, e depois com uma paixão tão selvagem quanto a própria floresta. Então os dois correram em direção às crianças. Stephen desamarrou e pegou as duas garotas, abraçando-as contra o peito enquanto ela repetidamente beijava seus rostos. Bear ajudou Jane a desamarrear Johnny e levou o menino até John, enquanto ela corria para buscar o analgésico de que a criança precisaria. Sam e Catherine ajudaram John. William desamarrou Kelly e, abraçando-a pelos ombros ainda trêmulos, guiou-a para um assento junto ao fogo.

Quando voltou com o remédio, Jane observou sua família, e seu coração se encheu de gratidão por todos estarem ilesos. Depois de acomodar Johnny e as meninas novamente, ela passou os braços pela cintura de Stephen. Subitamente dominada pelo tormento das últimas horas, ela sufocou um soluço, encostando a cabeça no peito dele.

Ele respirou fundo e estremeceu. Com carinho, passou a mão sobre o local onde acabara de cortar o cabelo dela.

— Sinto muito.

— Eu também — disse Jane —, mas não por causa do cabelo. Por um dia ter duvidado de você. Por ter lhe causado mágoa. Por mesmo uma pequena parte de mim não ter lhe perdoado. Fitando os olhos do marido, transmitindo toda a ternura e compaixão que sentia, ela o perdoou, e a si mesma, verdadeira e completamente.

Um grito de alívio saiu de seus lábios.

— Eu amo você — sussurrou ele.

Não haveria mais mágoas. Apenas amor. Ela se rendeu aos soluços que a sacudiam e chorou de alegria, rodeada pelos braços fortes dele. Ela o tinha de volta e nunca o deixaria ir.

Naquela noite não haveria sombras em seu coração. Apenas a luz do amor.

Com um sorriso fraco e os olhos cansados brilhando, Stephen presenteou-lhe com a carne que havia lutado tanto para manter.

— Para você — disse ele —, sempre para você.

Eles caíram no chão, juntos, abraçando-se e chorando, o sal de suas lágrimas curativas temperando a carne fresca.

Enquanto ele a segurava nos braços, uma incrível sensação de plenitude o preencheu. Agora, sentia-se seguro de si mesmo e de seu lugar de direito — ao lado de sua esposa, na Trilha Selvagem. Uma trilha que os levaria até uma vida inteira de paixão e amor.

EPÍLOGO

1797, estrada da Trilha Selvagem, Kentucky

Johnny, que estava sentado no colo empoeirado de John, perguntou:

— O que a palavra Kentucky significa, tio Sam?

Sam olhou para a roda sobre a qual descansava as costas.

— É uma palavra de origem indígena, Ken-ta-ke, que tem mais de um significado. Meu significado favorito é “Terra do Amanhã”.

— É poético e bonito — disse Catherine.

— Qual é o outro significado? — perguntaram William e Kelly.

— “Chão Escuro e Sangrento” — respondeu Sam.

— Prefiro muito mais o primeiro significado — declarou Jane, voltando o brilho de esmeraldas de seus olhos para Stephen.

— Aye — concordou Bear.

Stephen olhou para sua amada esposa e segurou a mão dela, acariciando a parte superior com o polegar. Seus olhos calorosos estavam cheios de amor.

— De fato — concordou Stephen. — Será a nossa terra do amanhã.

O olhar que Jane lhe deu era tão confiante que o fez estremecer. Ele faria tudo ao seu alcance para manter a confiança dela. Como sempre, a proximidade dela despertou sensações abrasadoras nele. Ele ansiava por tocá-la e puxá-la para perto, cobrir seu corpo de beijos, mas estava na hora de partir novamente. Os animais haviam descansado e bebido água por tempo suficiente.

Quanto mais viajavam para Kentucky, mais Stephen o considerava um local de extraordinária beleza — prados que pareciam intermináveis, fartamente cobertos com grandes trechos de trevos e uma grama alta e densa, quase azul, incomparável a qualquer coisa que já haviam visto antes, em termos de cor e beleza. Numerosos riachos cintilantes fluíam continuamente, muitas vezes culminando em cachoeiras pitorescas. Em outras áreas, havia piscinas claras e frias, abrandadas por antigos leitos de calcário rodeando fontes sombreadas por enormes sicômoros.

Cervos ou búfalos pastavam pacificamente em quase todos os lugares para onde ele olhava. No terceiro dia em Kentucky, ele viu várias centenas de búfalos. Martha e Polly ficaram encantadas ao ver os bezerros brincando e pulando como crianças. Era bom ver suas garotas felizes.

Apesar de todas as dificuldades em sua viagem, o coração de Stephen permanecia forte. Encontraria o que viera buscar. Olhou para o jovem touro e duas novilhas, que fielmente se arrastaram ao lado deles por mais de mil e quinhentos quilômetros. Haviam crescido bastante naquela longa jornada, próximos da maturidade necessária para se tornarem a base de seu novo rebanho. Ele também havia amadurecido. Estava mais sábio agora e mais forte. E amava Jane ainda mais.

— Você acha que encontraremos o que procura em Boonesborough? — perguntou ela na manhã seguinte, enquanto todos tomavam café juntos, perto de um prado verde azulado. — Ou teremos que prosseguir? — Ela estudou o rosto dele enquanto esperava que ele respondesse.

Ele reconheceu que Jane estava mais do que cansada de viajar e ele queria encontrar um lar para ela em breve. Com sinceridade, esperava que a chegada a Boonesborough fosse o fim de sua viagem.

— O que está procurando? — perguntou Johnny antes que Stephen pudesse responder.

Todos os olhos estavam focados nele. Todos os ouvidos esperavam por sua resposta. Eles haviam chegado tão longe juntos, sofrido e perdido tanto. Ele enfiou a mão dentro do bolso do colete e retirou o saco com terra que havia colocado ali antes de deixarem New Hampshire. Fazia muito tempo que o solo da encosta da montanha que abrigava o túmulo do pai o acompanhava, de lá até onde estavam agora. Mas a viagem havia tomado muito mais do que o tempo deles.

Ele olhou para a bolsa que guardava o solo precioso, lembrando o amor pela terra que havia aprendido com o pai, como pais e filhos haviam aprendido por gerações que já haviam passado. Esperava que as gerações futuras de sua família, cujo tempo ainda estava por vir, honrassem esse passado, ao aprenderem a amar a terra

também. Quando fosse a vez deles de viver e amar, ele já teria partido. A chance deles de um futuro melhor permaneceria.

Stephen devolveu a sacola ao bolso e olhou para Jane, que estava ao seu lado. Segurou a mão dela. Por mais que amasse a terra, ele a amava muito mais e, finalmente, ela acreditava nisso.

Seu amor, testado pela tragédia e forjado pelo perdão naquela difícil jornada, emergia mais forte e mais profundo do que nunca.

No futuro, o casamento deles seria medido por mais do que apenas anos — seria medido pela vida, pelo riso e por um sonho que os dois compartilhavam.

Ele engoliu o nó que se formava em sua garganta. Pronto naquele momento para responder à pergunta do garoto, ele olhou para Johnny.

— Os pastos de Deus, filho, estou procurando os pastos de Deus.

— Ele vai compartilhar com a gente? — perguntou Martha.

Stephen sorriu para a filha mais velha, mais feliz do que jamais esteve.

— Sim. Vai. Olhe para a grama do Kentucky — maravilhou-se ele. — Com boas chuvas, criaremos uma vaca leiteira em um hectare de grama como essa. Teremos um grande rebanho em pouco tempo. Certo, Jane? — Ele a puxou para seus braços. A proximidade dela lhe deu conforto.

— Certo, meu marido.

Com gentileza, ele segurou o rosto dela nas mãos, enquanto olhava nos lindos olhos dela — a mesma cor deslumbrante dos prados que se estendiam à sua frente.

— Prometo a você e às meninas um futuro melhor, aqui, no Kentucky — disse Stephen e, em seguida, selou sua promessa com um beijo terno, um beijo tão leve e quente quanto a brisa do verão em seu rosto.

Ele respirou fundo. Os prados tinham um perfume glorioso, como a pele de Jane depois do banho, inebriante e fresca.

E, como Jane, a visão de seu futuro fez seu coração bater mais forte.

FIM

NOTA DA AUTORA

Obrigada por escolher meu romance e espero que tenha gostado de ler o primeiro livro da série América Indomada, **OS SELVAGENS CAMINHOS DO AMOR**.

A série continua no Livro II,

NOVA FRONTEIRA DO AMOR

A história de Sam e Catherine

Se você gostou de ler **OS SELVAGENS CAMINHOS DO AMOR**, eu me sentiria honrada se compartilhasse sua opinião com seus amigos. Quer você esteja lendo versões impressas ou eletrônicas, ou ouvindo o audiolivro, ficaria extremamente grata se publicasse um breve comentário em sua livraria digital. Os comentários são muito úteis para autores e leitores. Basta digitar **OS SELVAGENS CAMINHOS DO AMOR** no campo de busca e você será direcionado para a página correta.

Visite www.dorothywiley.com, para saber a data de lançamento de novos livros e para se inscrever na minha newsletter. Obrigada por seu apoio!

Tudo de bom,
Dorothy

SOBRE A AUTORA

A romancista de sucesso Dorothy Wiley é autora premiada de duas séries, a aclamada série ***América Indomada*** e a série ***Wilderness Hearts*** (ainda sem tradução em português). Wiley combina emocionantes aventuras cheias de ação com comoventes histórias de amor para criar páginas extremamente envolventes. Ao mesmo tempo que revelam com habilidade uma história atraente, os livros de Wiley incluem ricos elementos históricos, criando um vívido cenário colonial. Seus romances são apreciados mundialmente por leitores de romances históricos e *westerns* americanos.

Assim como os atraentes heróis de Wiley, que desde o início deixam claro que não fracassarão apesar das adversidades que enfrentam, esta autora também está destinada ao sucesso. Nos últimos três anos, seus romances ganharam inúmeros prêmios, entre os quais um *RONE Award Finalist*, um *Laramie Award Finalist*, um *Chatelaine Finalist for Romantic Fiction*, um *Readers' Favorite Gold Medal*, um *USA Best Book Awards Finalist*, e um *Historical Novel Society Editor's Choice*. Seus livros continuam a receber classificações de cinco estrelas dos leitores e elogios dos revisores, incluindo um *Crowned Heart* da *InD'Tale Magazine*.

Os extraordinários romances históricos de Wiley, inspirados pela história, estão repletos de ação e extrema tensão. Os personagens complexos da autora ganham vida e, à medida que desenrola habilmente uma interessante história, Wiley inclui ricos elementos históricos para criar um vívido mundo colonial que celebra a herança histórica da fronteira.

Wiley frequentou a Universidade do Texas e se graduou com distinção, recebendo um bacharelado em jornalismo. Os ancestrais corajosos de seu marido foram a inspiração para seus romances. Após uma carreira notável em marketing corporativo e relações públicas, Wiley está vivendo seu sonho — escrever romances que tocam o coração dos leitores. Para mais informações, visite o site dorothywiley.com.

VOCÊ ESTÁ CONVIDADO A SE CONECTAR COM A AUTORA

YouTube – Assista a belos *teasers* para cada livro. Digite *Dorothy Wiley* na busca do YouTube ou vá até:

<https://www.youtube.com/channel/UCE7DLH6XkByxWPJewaud45Q>

Site da autora:

<https://www.dorothywiley.com>

Facebook:

<https://www.facebook.com/authordorothywiley>

e

<https://www.facebook.com/DorothyMayWiley>

Twitter:

<https://twitter.com/WileyDorothy>

Goodreads:

https://www.goodreads.com/author/show/8441725.Dorothy_Wiley

BookBub:

<https://www.bookbub.com/authors/dorothy-wiley>

Pinterest:

<https://www.pinterest.com/dorothymwiley/?etslf=8021&eq=Dor>

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à primeira onda de ousados e corajosos pioneiros da América. Suas incríveis viagens pelos territórios selvagens não diziam respeito apenas a um pedaço de terra. Diziam respeito a Deus, fé e coragem diante de um futuro incerto, mas promissor.

Sou especialmente grata aos ancestrais de meu marido, cujas bravas histórias inspiraram este romance. As pesquisas indicam que os Wyllies, na verdade, vieram de Nova York, e não de New Hampshire (lugar onde escolhi para situar a abertura deste romance). Eles atravessaram o Kentucky, seguindo para a Louisiana e, em 1818, chegando ao Texas mexicano, o que os colocou entre as primeiras dezenas de famílias a se instalar no que se tornaria o Texas. Como pode imaginar, ainda há muitas histórias para contar sobre essas incríveis viagens.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer ao meu marido, que pacientemente leu os meus rascunhos e também me serviu como inspiração divertida. Sou muito grata à minha querida irmã, que (sorte minha) é uma editora profissional e me ajudou tanto na revisão quanto na diagramação. Agradeço também aos vários amigos que leram as primeiras versões deste manuscrito (algumas quando eram apenas um esqueleto de sua forma atual). Obrigada por sua contribuição valiosa; porém, o mais importante, obrigada por seu encorajamento e fé em mim.

Também quero agradecer aos meus parceiros de crítica, os autores de romances históricos B. J. Scott e Deborah Gafford, ambos escritores talentosos, que forneceram muitas e ótimas sugestões.

E meus agradecimentos à designer de capa Erin Dameron-Hill, cujo incrível talento criativo transformou minha visão da capa em uma bela realidade.

E o mais importante, meus sinceros agradecimentos aos meus leitores. Espero que você goste do segundo livro da série América Indomada, **NOVA FRONTEIRA DO AMOR**, um romance histórico

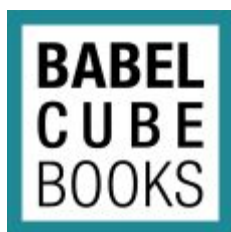
emocionante, que combina ação, heroísmo e humor com a terna história de amor de Sam e Catherine.

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com

[1] Bear, o apelido do irmão adotivo de Stephen, significa “Urso”, devido à sua aparência. (N.T.)

[2] Em português, Grande Caminho Indígena de Guerra. Era a parte da rede de trilhas no leste da América do Norte desenvolvida e usada pelos nativos americanos que atravessavam o Grande Vale dos Apalaches (fonte: Wikipedia). (N.T.)

[3] A Batalha de *Fallen Timbers*, em 20 de agosto de 1794, foi a luta final da Guerra Indígena do Noroeste, um conflito armado entre os índios e o governo dos Estados Unidos da América pelo controle do território do noroeste americano (uma área delimitada ao sul pelo Rio Ohio, a oeste pelo Rio Mississippi e ao nordeste pelos Grandes Lagos) (fonte: Wikipedia) (N.T.)

[4] O rifle longo, também conhecido como rifle do Kentucky, rifle da Pensilvânia ou americano, foi um dos primeiros rifles comumente usados para caça e guerra. É caracterizado por um cano muito longo, algo incomum em rifles europeus do mesmo período (fonte: Wikipedia) (N.T.)

[5] Johnnycake é um pão sírio de fubá. Um alimento básico americano, preparado na costa atlântica da Terra Nova à Jamaica. A comida é originária dos povos indígenas da América do Norte (fonte: Wikipedia) (N.T.)